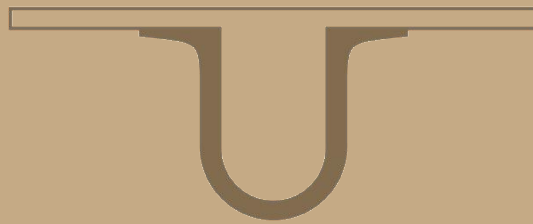




UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Margarida Marques de Simões Rodrigues

**DA PENÍNSULA ITÁLICA À PENÍNSULA IBÉRICA: ENTRE
OBJETOS E (POSSÍVEIS) IDEIAS
(SÉCULOS XIV-VIII A.C.)**

Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, orientada pela Professora Doutora Raquel Vilaça, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2022

FACULDADE DE LETRAS

DA PENÍNSULA ITÁLICA À PENÍNSULA IBÉRICA: ENTRE OBJETOS E (POSSÍVEIS) IDEIAS (SÉCULOS XIV-VIII A.C.)

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	Da Península Itálica à Península Ibérica: entre objetos e (possíveis) ideias (séculos XIV-VIII a.C.)
Autora	Margarida Marques de Simões Rodrigues
Orientadora	Raquel Maria da Rosa Vilaça
Júri	Presidente: Doutor Ricardo Jorge Costeira da Silva Vogais: 1. Doutor Carlo Emanuele Bottaini 2. Doutora Raquel Maria da Rosa Vilaça
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arqueologia e Território
Área científica	Estudo do Passado Humano (Arqueologia)
Especialidade	Arqueologia Proto-Histórica
Data da defesa	31-10-2022
Classificação	19 valores



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Agradecimentos

Uma dissertação de mestrado nunca se faz só; por trás de cada autor existe toda uma rede de pessoas que ajudam a manter o sonho e o trabalho vivos, que merecem todos os agradecimentos possíveis.

À Professora Doutora Raquel Vilaça, por todo o seu apoio, atenção e disponibilidade, antes e durante a realização deste mestrado e desta dissertação; por me ter convidado para as suas escavações e me ter feito apaixonar pela Proto-História; por me ter sugerido um tema maravilhoso que nunca pensei que fosse possível estudar; pela gentileza com que recebeu todos os meus *e-mails* e atualizações; pela paciência com um trabalho que se revelou bem mais longo do que deveria ter sido.

A todos os professores que tive ao longo dos anos, da professora de História do ensino básico e secundário aos docentes desta universidade e faculdade, passando pelos do Erasmus, por aqueles que nunca na vida se relacionaram com História ou Arqueologia e por aqueles que fazem parte da minha árvore genealógica. Os seres humanos são feitos de conhecimento e, graças a todos vós, eu sou um pouco “mais”.

A tutti gli italiani che mi hanno aiutato con questa dissertazione, con le loro parole gentile, interesse, amicizia, disponibilità, con i loro PDF (grazie, Alessandro!), la loro pazienza con questa portoghese e la sua dissertazione che non mai finiva (un ringraziamento speciale a Rebecca, e scusa); questo lavoro non sarebbe lo stesso senza voi. E anche un sentito ringraziamento al progetto “Vulci 3000” diretto dal Professore Maurizio Forte della Duke University, e a tutti quelli che lo fanno vivere (Alessandra, Alessandro, Elisa, Enrico, Laura, Nevio); ho appreso da voi cose sui materiali e l’archeologia etrusca (e italiana) che nessun libro potrebbe mai insegnarmi.

A todos os meus amigos que, não tendo nada a ver com isto, lá aturaram desabafos e impropérios a todos os deuses do Universo durante a realização deste trabalho; em particular, à Inês Cardoso, por todas as conversas “arqueológicas” que iam ajudando a libertar o vapor das nossas panelas de pressão internas, e à Ana Amor Santos, por todos os conselhos e ajuda. Um muito obrigada e um pedido de desculpas bem sentido.

À minha família, em especial aos meus pais e irmão, por tudo. Tudo. Tudo.

RESUMO

Da Península Itálica à Península Ibérica: entre objetos e (possíveis) ideias (séculos XIV-VIII a.C.)

Esta dissertação propõe-se a analisar os contactos (não necessariamente diretos) que poderão ter existido entre a Península Itálica e a Península Ibérica, durante o final da Idade do Bronze desta última região (séculos XIV-VIII a.C.). Em particular, pretende-se analisar o possível “modo de chegada” de objetos (importações) e ideias (“influências”, observadas em objetos ibéricos) de origem itálica peninsular aos atuais Portugal e Espanha. Um tema sobre o qual, até à data, escasseia a bibliografia, sendo frequentemente um “subcapítulo” em estudos sobre outras temáticas, e para o qual pretendemos contribuir.

Para tal, reunimos o máximo possível de vestígios materiais arqueológicos com plausíveis origens ou elementos (morfologias, principalmente) itálicos encontrados em solo ibérico, posteriormente detalhados em anexo e analisados no texto principal; esta recolha e análise baseou-se somente em bibliografia, não nos tendo sido possível ver em pessoa a maior parte dos objetos tratados. Este conjunto de peças é extremamente variado, mas possui um claro foco em objetos com um certo prestígio (fíbulas e armas), e exhibe, infelizmente, diversos problemas, principalmente ao nível das suas datações e contextos (ou, melhor dizendo, da sua falta). Estas dificuldades, que não poderão nunca ser ignoradas, foram sendo abordadas ao longo deste estudo. De uma forma menos detalhada, foram também tratados alguns elementos menos fidedignos, como representações iconográficas em estelas e petróglifos e certas decorações cerâmicas.

A análise destes materiais, aliada à contextualização destes territórios e dos contactos mais bem estudados que tiveram, nestes séculos, com o “exterior”, permitiu-nos retirar várias conclusões e esboçar, sempre com as devidas reservas, uma linha cronológica, dividida em fases, para estes relacionamentos, que seriam muito variados e tocariam vários territórios e “povos”.

Palavras-chave: Bronze Final ibérico; Contactos; Materiais arqueológicos; Península Ibérica; Península Itálica

ABSTRACT

From the Italian Peninsula to the Iberian Peninsula: Between objects and (possible) ideas (14th-8th centuries BC)

The aim of this dissertation is to analyse the (not necessarily direct) contacts that might have existed between the Italian and Iberian Peninsulas during the Late Bronze Age of the latter (14th-8th centuries BC). In particular, we intend to examine the possible “mode of arrival” of Italic objects (imports) and ideas (“influences”, observed in Iberian objects) in current Portugal and Spain. To date, this is a topic with scarce bibliography, frequently a mere “subchapter” in studies about other subjects, to which we aim to contribute.

Thus, we have gathered as many archaeological materials as possible with Italic origin or elements (mostly morphologies) found in Iberian soil, which were later detailed in the annexes and analysed in the main text; this research and analysis were only based on bibliography, since it was not possible to see in person most of the objects studied. This material assemblage is extremely diverse, having nonetheless a clear focus on prestige items (fibulae and weapons), and unfortunately displays many problems, mostly regarding its dating and contexts (or rather, the lack thereof). These difficulties, which can never be ignored, were addressed throughout this study. In a less detailed way, less reliable elements were also considered, such as iconographic representations in stelae and petroglyphs and certain ceramic decorations.

The analysis of these materials, combined with the contextualization of the territories and the better-known contacts they had with the “outside world” throughout these centuries, allowed us to draw several conclusions and make a timeline of relations that would have been incredibly varied and would have “touched” several territories and “peoples”.

Keywords: Iberian Late Bronze Age; Contacts; Archaeological materials; Iberian Peninsula; Italian Peninsula

ÍNDICE

Agradecimentos	I
Resumo	II
Abstract	III
1. Introdução	1
1.1. Estado da Arte.....	2
2. Contextualização	4
2.1. A Península Ibérica durante o Bronze Final	4
2.2. A Península Itálica do século XIV a.C. ao VIII a.C.....	20
2.3. Contactos entre estes territórios e o exterior	42
2.3.1. Contactos terrestres	53
2.3.2. Contactos marítimos	63
3. Os materiais	81
3.1. Possíveis importações itálicas na Península Ibérica.....	83
3.1.1. Fíbulas de tipo “Ponte 01 b”, i.e., fíbulas de arco multicurvilíneo, em cotovelo, com mola unilateral desenvolvida	84
3.1.2. Fíbulas de tipo “Ponte 06”, i.e., “fíbulas de arco pouco engrossado com descanso em disco”	86
3.1.3. Fíbula de tipo “Ponte 05”, i.e., “fíbula de arco roliço ou de arco pleno”; em particular, fíbula de tipo “Ponte 05 b”, i.e., com “arco rebaixado ou abatido”.....	87
3.1.4. Cerâmicas villanovianas de Huelva.....	88
3.1.5. Fíbulas de tipo “Ponte 04”, i.e., “fíbulas de arco em sanguessuga”	89
3.1.6. Possíveis importações itálicas na Península Ibérica mais incertas	91
3.1.6.1. Espada de tipo “Terontola”	91
3.1.6.2. Faca de La Peneda.....	92

3.1.6.3. “Capacete” de Caudete de las Fuentes.....	93
3.2. Materiais ibéricos com possíveis influências itálicas.....	95
3.2.1. Espadas possivelmente inspiradas nas de “tipo Monza / Rixheim-Monza”	95
3.2.2. “Espada-punhal” da Gruta de la Font Major.....	97
3.2.3. Punhais de tipo “Porto de Mós”	100
3.2.4. Machados de “enmangue directo” com possíveis inspirações itálicas.....	103
3.2.5. Fíbula de tipo “Ponte 01 b” de Areias-Guincho (Cascais)	105
3.2.6. Os Carros de Baiões.....	105
3.2.7. Fíbulas de tipo “Ponte 02”, i.e., fíbulas sem mola	109
3.2.8. Materiais com possíveis influências originárias da Península Itálica (ainda) mais incertas	113
3.2.8.1. Certos elementos decorativos em cerâmicas.....	113
3.2.8.2. Representações em estelas e/ou petróglifos	115
3.2.8.3 Espada(s) do depósito do Montijo (Badajoz).....	121
3.2.8.4. Fíbulas de tipo “Ponte 03 a”, i.e., fíbulas de dupla mola com arco simples	122
3.3. Materiais ibéricos na Península Itálica	124
4. Os possíveis contactos entre as Penínsulas Ibérica e Itálica	131
4.1. Possíveis contactos indirectos terrestres.....	136
4.2. Possíveis contactos indirectos marítimos	139
4.3. Possíveis contactos directos	146
5. Conclusões	154
Bibliografia consultada.....	157
Websites consultados	196
Anexos	198
Anexo I – Catálogo dos materiais	199
1. Possíveis importações itálicas na Península Ibérica.....	199
1.1. Fíbulas de tipo “Ponte 01 b”, i.e., fíbulas de arco multicurvilíneo, em cotovelo, com mola unilateral desenvolvida	199

1.2. Fíbulas de tipo “Ponte 06”, i. e., “fíbulas de arco pouco engrossado com descanso em disco”	207
1.3. Fíbula de tipo “Ponte 05”, i.e., “fíbula de arco roliço ou de arco pleno”; em particular, fíbula de tipo “Ponte 05 b”, i.e., com “arco rebaixado ou abatido”	215
1.4. Cerâmicas villanovianas de Huelva.....	223
1.5. Fíbulas de tipo “Ponte 04”, i.e., fíbulas de arco em sanguessuga.....	228
1.6. Possíveis importações itálicas na Península Ibérica mais incertas	237
1.6.1. Espada de tipo “Terontola”	237
1.6.2. Faca de La Peneda	242
1.6.3. “Capacete” de prata de Caudete de las Fuentes	245
2. Materiais com possíveis influências originárias da Península Itálica.....	251
2.1. Espadas possivelmente inspiradas nas de “tipo Monza / Rixheim-Monza”	251
2.2. “Espada-punhal” da Gruta de la Font Major.....	259
2.3. Punhais de tipo “Porto de Mós”	272
2.4. Machados de “enmangue directo” com possíveis inspirações itálicas	284
2.5. Carros de Baiões	291
2.6. Fíbulas de tipo “Ponte 02”, i.e., fíbulas sem mola	298
2.8. Materiais com possíveis influências originárias da Península Itálica (ainda) mais incertas	308
2.8.1. Espada(s) do depósito do Montijo (Badajoz).....	308
2.8.2. Fíbulas de tipo “Ponte 03 a”, i.e., fíbulas de dupla mola com arco simples	313
Anexo II – Imagens referentes aos materiais não catalogados no Anexo I	326
1. Certos elementos decorativos em cerâmicas	326
2. Representações em estelas e/ou petróglifos.....	329
2.1. Representações de “espelhos” em estelas e petróglifos	329
2.2. Representações de “calcofones” em estelas.....	333
2.3. Representações de carros de Los Buitres.....	335
2.4. Representações de couraças/protetores peitorais em estelas	337

1. Introdução

Nesta dissertação de Mestrado, propomo-nos a estudar os possíveis “contactos” entre as Penínsulas Ibérica e Itálica durante o Bronze Final (ibérico; c. séculos XIV a.C. a VIII a.C.). Por “contacto”, palavra abundantemente utilizada durante este nosso trabalho, pretendemos, à semelhança da definição do dicionário ¹, referir-nos a um “toque”, nem sempre prolongado, nem sempre intenso, que resulta na transferência de algo (arqueologicamente, refletir-se-á nos materiais); no nosso caso, poderá até ser indireto, apenas o impacto de um “toque”, o resultado de um “empurrão”, como num grupo de pessoas numa fila. Utilizando palavras mais precisas e tendo em conta o nosso foco em Portugal e Espanha (fruto de limitações geográficas, bibliográficas e inerentes à produção de uma “pequena” dissertação), poderemos dizer que pretendemos analisar o “modo de chegada” de possíveis importações (i.e., peças fabricadas fora da Península Ibérica) e “influências” (i.e., “ideias”, que se podem refletir em produções locais) de origem itálica peninsular, e que, em teoria, não tenham sido já “importadas” através das colónias fenícias (algo, no entanto, impossível de garantir para alguns objetos com datações mais recentes), à Península Ibérica e supor se tal se terá refletido em relacionamentos mais “humanos”. Para tal, pretendemos recolher o máximo de informações possíveis, acerca destes territórios e, principalmente, destes objetos (que catalogámos, em conjunto com os seus possíveis paralelos italianos, em anexo), de modo a podermos retirar as nossas conclusões. Conclusões essas que, aliadas à realização da síntese mencionada na frase anterior, foram um dos nossos principais objetivos e que, esperemos, possam acrescentar novas informações a esta temática.

Que, sendo um tema muito pouco trabalhado (veja-se, em diante, o “Estado da Arte”), provavelmente devido às noções ainda prevalentes de que estes dois territórios principalmente “receberiam” elementos exógenos e não “exportariam” tanto os seus, pareceu-nos bastante interessante e relevante que fosse estudado, ainda que nos tenhamos deparado com diversas dificuldades. Particularmente, na aquisição de dados acerca dos vestígios materiais, não sintetizados ou catalogados em conjunto (até agora) e dispersos por várias obras, que nem sempre (ou muito raramente, até) aprofundam a vertente itálica. Aliás, ter-nos-ão “escapado” certamente várias peças ou tipologias que poderiam ter sido úteis para esta dissertação; por exemplo, apenas durante a defesa da mesma tomámos conhecimento de uma lâmina de barbear, encontrada talvez na região de Beja e datada quiçá dos séculos VIII-VII a.C., que se

¹ “1. Situação em que dois ou mais corpos, objetos, etc., se tocam; toque (...)” (Porto Editora).

poderá associar a tipos villanovianos (Vilaça, 2009:501-503; Vilaça, 2013 c:19, 21-22). Mas também a obtenção de bibliografia sobre a Proto-História e materiais italianos, escassa em Portugal, não foi tão simples como poderia ter sido em momentos pré-pandémicos (não conseguimos consultar, por exemplo, os catálogos de espadas, punhais e lâminas de barbear realizados por Vera Bianco Peroni).

Ainda assim, foi-nos possível realizar esta nossa dissertação, que organizámos da seguinte forma: iniciaremos com a contextualização destas duas penínsulas e dos seus contactos “internacionais” (com as principais áreas que definimos como “intermédias”, isto é, a Sardenha, Sicília e França) neste período cronológico (pois sem estas informações histórico-arqueológicas não será possível realizar qualquer tipo de análise); seguir-se-á a exposição e comentário dos materiais (cujas características serão ainda mais aprofundadas no catálogo anexo), as nossas principais “evidências”, que organizámos de forma cronológica (ou seja, os que serão, em princípio, mais antigos surgirão primeiro), dentro dos constrangimentos que muitos materiais oferecem; e terminaremos com o balanço destes relacionamentos e das suas distintas fases.

Atendendo ao nosso extenso (ao nível do número de peças) conjunto de materiais, espalhados por variadíssimos pontos de Portugal e Espanha, não será de surpreender que a nossa metodologia tenha assentado especialmente na pesquisa bibliográfica, sem acesso direto aos objetos. Portanto, também a nossa definição do que “é ou não é itálico”, no que se refere a plausíveis paralelos, se baseia maioritariamente nesta bibliografia e na opinião dos seus diversos autores (ainda que não tenha faltado, neste estudo, a nossa perspetiva pessoal). De futuro, será bastante interessante continuar esta recolha, de uma forma quiçá mais presencial, comparando com os vários catálogos tipológicos italianos.

1.1. Estado da Arte

Como referimos, este tema específico, envolvendo a Península Ibérica e a Península Itálica durante o Bronze Final, não foi, até à data, estudado com muito pormenor. Apenas alguns autores, como Joachim Neumaier (2006, por exemplo), Raimon Graells i Fabregat (2014 e 2022, por exemplo, ainda que seja necessário referir que este investigador se foca principalmente em momentos cronológicos posteriores) e Jesus Alberto Arenas-Esteban (2014, por exemplo), abordam, de formas muito distintas (e nem sempre muito ortodoxas, na nossa opinião), estas questões. Estas temáticas, de um ponto de vista distinto e menos

científico, foram também abordadas na primeira metade do século passado: diversos estudiosos chegaram a pensar que foram os Etruscos, ou os seus supostos “antepassados originários da Ásia Menor”, que fundaram a “mítica civilização” de Tartessos (fundação essa que, cronologicamente, se teria de situar no período que aqui temos em mãos) ou outras “colónias” em território espanhol; mas, obviamente, essas teorias estão já desatualizadas e não existem quaisquer dados concretos que as suportem (Foresti, 2002:63-65; Torres Ortiz, 2002:28). A situação é bastante distinta para a Idade do Ferro ibérica, sobre a qual existem diversos trabalhos acerca da presença e chegada de materiais etruscos à atual Espanha (destacamos, de entre várias opções, a vasta obra de 1991, *La presencia de material etrusco en la Península Ibérica*, coordenada por José Remesal e Olimpio Musso), mas, voltamos a frisar, no período cronológico que aqui mais nos interessa as obras são bastante raras, o que acrescenta igualmente algumas dificuldades ao nosso trabalho.

Existem, no entanto, alguns investigadores, como, entre vários outros, Fulvia Lo Schiavo (2008:431, por exemplo), Claudio Giardino (1995), Giovanna Fundoni (2013:250-262, por exemplo), Massimo Botto (como, entre vários outros, no artigo que escreveu com Jaime Vives-Ferrándiz, em 2006) e André Coffyn (nomeadamente, no seu artigo de 1993, realizado em conjunto com Hubert Sion), que abordam levemente os contactos entre estas duas penínsulas, ao tratarem de ligações com outras regiões (com a Sardenha, no caso de Lo Schiavo e Fundoni; com o Mediterrâneo Central no geral, no caso de Giardino; com os fenícios, no caso de Botto; com a atual França, no caso de Coffyn).

Assim, apoiando-nos sem qualquer dúvida nestes estudos, bastante úteis apesar da sua “raridade”, a nossa obra pretenderá aprofundar estes tópicos e questões.

2. Contextualização

2.1. A Península Ibérica durante o Bronze Final



Figura 01 – Mapa topográfico da Península Ibérica (sem escala). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS e Paint, com recurso a ficheiros *raster* da base de dados *online* da Agência Europeia do Ambiente (<https://www.eea.europa.eu/data-and-maps/figures/elevation-map-of-europe/europeelevation.eps>), que infelizmente não possuem uma escala correta no programa de SIG.)

Como referido, esta dissertação focar-se-á, a nível cronológico, no final da Idade do Bronze. Este período terá perdurado, aproximadamente, do século XIV/XIII a.C. ao século IX ou VIII a.C. (Vilaça, 2012 a:178), mas esta hipótese não é aceite por todos os investigadores. Por exemplo, André Coffyn (1985:121) e Ruiz-Galvez Priego (1982:541) afirmam que o Bronze Final se iniciou em 1200 a.C. (século XII a.C., portanto), enquanto Alfredo Mederos Martín (1997 a:78) aponta antes para o ano de 1625 a.C. (século XVII a.C.). Também as datas que marcam o seu fim são bastante discutidas. Até um momento bastante recente, diversos autores chegavam a apontar o século VII a.C. como o início da Idade do Ferro (Gómez-

Paccard *et al.*, 2019), mas, atualmente (porque obviamente as cronologias propostas sofreram grandes alterações com o decorrer dos tempos), a maior parte dos investigadores parece alternar entre o século IX a.C. (veja-se como exemplo o artigo de Soares e Arruda, 2016:255) e o século VIII a.C., normalmente com base na região que estudam.

Este fator regional é, aliás, importantíssimo. Afinal, a Península Ibérica é um vasto e variado território. Os seus quase 583.000 km² incluem elementos naturais muito distintos e abrigaram, desde tempos muito anteriores ao momento aqui estudado, “culturas” muito particulares e diferentes umas das outras. Tal sucede também, como não poderia deixar de ser, neste período do Bronze Final.

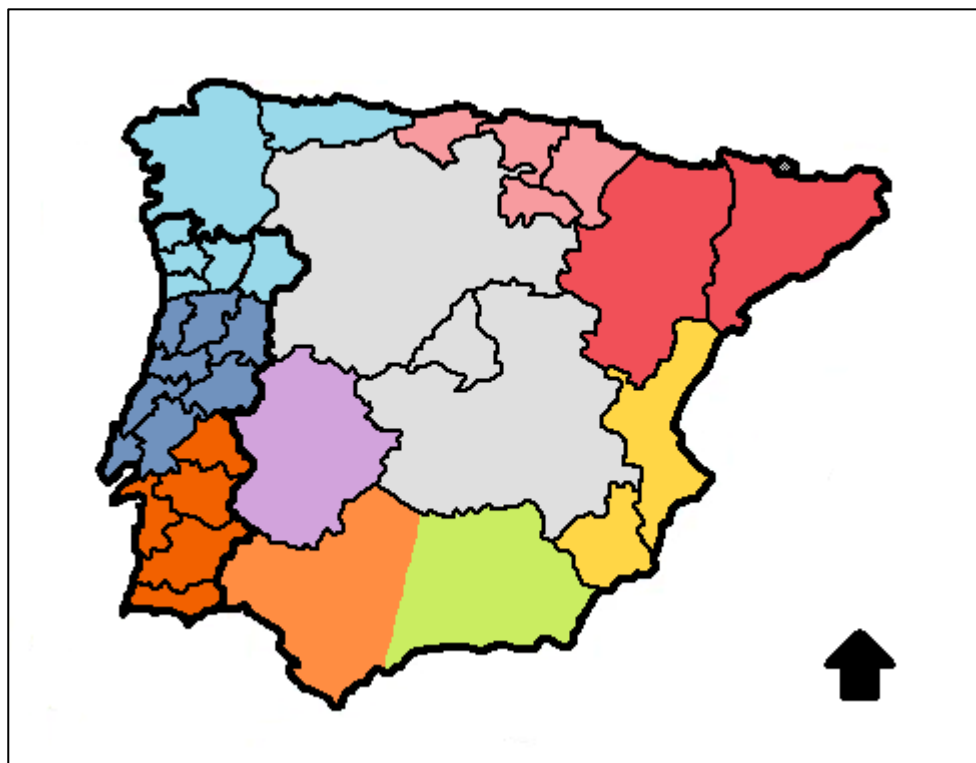


Figura 02 – Mapa das regiões peninsulares contextualizadas nesta dissertação. A vermelho e cor-de-rosa temos o Nordeste (sendo que a área a vermelho foi analisada ao pormenor e a rosa não o foi); a amarelo, o Levante; a verde, o Sudeste (Andaluzia Oriental); a laranja, o Sudoeste (laranja-claro – Andaluzia Ocidental, laranja-escuro – Sul de Portugal); a roxo, a Extremadura espanhola; a cinzento, a Meseta; a azul, as áreas mais atlânticas, divididas em Centro de Portugal (azul-escuro) e Noroeste (azul-claro). (Mapa realizado pela autora, no programa Paint, com recurso a uma imagem retirada do *site* da “KimiPharma” (<https://www.kimipharma.eu/HomePage/>).)

No **Nordeste peninsular**, nas regiões da Catalunha e Aragão, o final da Idade do Bronze, datado pela maior parte dos autores dos séculos XIII a.C. a VIII a.C. (c. 1300 a.C. a

700 a.C. (Capuzzo e López Cachero, 2016:193)), é caracterizado frequentemente (mas não por todos os investigadores) pela chegada (e permanência) de elementos associáveis à “cultura” centro-europeia dos Campos de Urnas (especialmente, por razões óbvias, à sua versão mais ocidental, presente no Sul de França). Como o próprio nome indica, esta cultura caracteriza-se pelo seu ritual de enterramento muito próprio, que consistia na incineração do corpo e deposição das suas cinzas em urnas, que eram depois enterradas no solo, formando necrópoles, muitas vezes com uma extensão considerável. Esta e outras “inovações” centro-europeias (como as cerâmicas “acanaladas” e certas morfologias de objetos metálicos (López Cachero, 2007:100)) ter-se-ão difundido graças à chegada e presença de grupos humanos exógenos, cujo verdadeiro impacto nesta região, no entanto, é discutido por diversos autores (López Cachero, 2007:104) e, dada a disseminação das incinerações (que se tornam muito mais comuns, bastante rapidamente, apesar das inumações não desaparecerem completamente (Capuzzo e López Cachero, 2016:201)), será sempre muito difícil provar (López Cachero, 2007:116). Esta influência, aliás, não é observável com a mesma intensidade em todas as áreas, e este território está longe de ser homogêneo no período aqui estudado, em vários aspetos. Por exemplo, ao nível do povoamento, as regiões mais interiores e as mais litorais apresentam, no geral (mas sempre com algumas exceções), bastantes diferenças: no interior, os povoados são normalmente de altura, com casas inteiramente feitas de pedra (López Cachero, 2007:101) ou adobe (Ruiz Zapatero, 2004:307), que, nos “Campos de Urnas Recentes” (1000 a.C. a 700 a.C., por oposição aos “Antigos”, de 1300 a.C. a 1000 a.C. (Jover Maestre *et al.*, 2016:88)), apresentam já um certo proto-urbanismo (Ruiz Zapatero, 2004:305) e boas fortificações (López Cachero, 2007:116); no litoral, o povoamento é mais disperso, apresentando aldeias ou “quintas” de cariz familiar, com cabanas de materiais perecíveis (López Cachero, 2007:101), que, com a complexificação da sociedade e das trocas, certamente se terão tornado mais elaboradas. Sem surpresas, as necrópoles destas distintas áreas também apresentam a mesma “complexidade” ou “simplicidade” que as dos respetivos povoados aqui descritos (López Cachero, 2008:163). Em ambos os territórios, porém, a economia assenta essencialmente na agricultura e pecuária (com diferentes modelos de exploração, consoante o tipo de povoamento), a que se acrescentam as trocas “comerciais” que, com o avançar do tempo e especialmente nas áreas costeiras, se tornam extremamente importantes, ligando a atual Catalunha ao restante Mediterrâneo (López Cachero, 2007:101; López Cachero, 2008:163). A nível social, e numa perspetiva mais geral, é possível alegar que as sociedades apresentavam inicialmente uma (aparente) maior igualdade social, que se começa a esbater durante os “Campos de Urnas Recentes”; só na Primeira Idade do Ferro, no entanto, é que as

diferenças sociais se tornam perfeitamente visíveis no registo arqueológico de algumas destas zonas (Ruiz Zapatero, 2004:327; López Cachero, 2007:117). Este novo período, para além destes diferentes elementos de cariz social, é também caracterizado por uma maior abertura ao exterior (López Cachero, 2008:163) e pela implantação, num momento mais avançado, de colónias gregas e cartaginesas, o que o distingue do Bronze Final aqui analisado (apesar de ainda existirem grandes dificuldades em precisar o momento exato de fim e de início de cada um (Gómez-Paccard *et al.*, 2019)).

As restantes áreas do Nordeste (**País Basco, La Rioja, Navarra, Cantábria**), no entanto, apresentam características distintas. No País Basco, por exemplo, uma das poucas regiões europeias onde, ainda hoje em dia, se mantém uma língua pré-indo-europeia, a ocupação habitacional de grutas foi bastante comum até relativamente tarde (Fernández Castro, 1988:37, 210) e os cromeleques foram locais de enterramento habituais durante o Bronze Final e, até, a Idade do Ferro (Barroso *et al.*, 2007:16). Estes territórios, porém, não serão relevantes para esta dissertação, pelo que não os iremos abordar ao pormenor. Ainda assim, podemos (e devemos) aqui deixar algumas notas de cariz cronológico: graças ao elevado conservadorismo desta área e à escassez de informações essenciais, é bastante difícil definir com precisão o início deste período terminal da Idade do Bronze, mas, com base nas regiões em volta, poderemos apontar talvez para o século XIII a.C.; o seu final sofre dos mesmos problemas, mas, de uma forma muito incerta e baseada em evidências insuficientes, poder-se-á considerar quiçá o século VIII a.C. (Olaetxea *et al.*, 1990; Zapata Peña, 2002:169-171).

Na área da **Meseta espanhola**, a região mais central de toda a península, o Bronze Final é representado pela cultura de Cogotas I, datada geralmente (mas não por todos os autores) dos séculos XIV a.C. a VIII a.C. (Blasco Bosqued e Lucas Pellicer, 2001:222). Esta cultura, cujo nome provém do sítio arqueológico homónimo (em Cardeñosa, na província de Ávila), é caracterizada pela sua cerâmica muito própria, adornada “(...) con motivos incisos, impresos, excisos y de boquique, rellenos a su vez de una pasta, preferentemente de color blanco, que provoca un vivo contraste entre la zona decorada y el fondo de la pieza, generalmente oscuro y bruñido (...)” (Abarquero Moras, 1997:73), que se espalhou por vastas áreas da península (Fernández Castro, 1988:20). Mantêm-se ainda algumas peças mais toscas provenientes da tradição anterior (“Protocogotas”, do Bronze Médio), mas a maior parte dos objetos cerâmicos são já mais refinados, apresentando um maior cuidado e morfologias novas, algumas das quais inspiradas por modelos exógenos, nomeadamente do Sul e Levante

peninsulares e dos Campos de Urnas europeus (Blasco Bosqued e Lucas Pellicer, 2001:224-225). Ainda relativamente à sua cultura material, Cogotas I possui indústrias ósseas e líticas pouco inovadoras e, por oposição, uma metalurgia do bronze bastante notável, exibindo ligas binárias e ternárias, fornos já mais desenvolvidos do que os do período anterior e alguns objetos de matriz mediterrânica e atlântica (Blasco Bosqued e Lucas Pellicer, 2001:226). Ao nível dos povoados, estes surgem em locais muito distintos, como em áreas de baixa altitude e junto a cursos de água (o mais comum), em altura (sem, porém, que isso indique um qualquer nível de superioridade hierárquica face aos restantes povoados) e até em escarpas (Blasco Bosqued e Lucas Pellicer, 2001:222-223). Estas formas de povoamento, algumas provenientes de momentos anteriores, foram acompanhadas de um grande impacto humano na paisagem, traduzido na desflorestação do território e na criação de campos de cultivo e pastagens (Blasco Bosqued e Lucas Pellicer, 2001:223-224), possuindo esta região, neste período, uma enorme riqueza pecuária (Fernández Castro, 1988:19). A nível social, algo sempre tão difícil de apreender através do registo arqueológico, vários investigadores supõem, com reservas, que se trataria de uma sociedade não igualitária, organizada provavelmente em chefaturas (Abarquero Moras, 1997:85), quiçá de cariz familiar (Blasco Bosqued e Lucas Pellicer, 2001:223). Outros, porém, afirmam que se tratariam antes de sociedades bastante equitativas, sem qualquer vestígio de hierarquização (pelo menos, nos seus momentos mais iniciais), não existindo ainda um consenso no mundo académico (Blanco González, 2018:308). No entanto, através de estudos baseados na Antropologia Dentária (Velasco Vázquez e Esparza Arroyo, 2015), é observável, com base nas respetivas alimentações, algumas possíveis diferenças sociais (quiçá de género (Velasco Vázquez e Esparza Arroyo, 2015:54)) e uma certa hierarquia, não necessariamente de cariz económico. Por fim, no mundo funerário, para além de se manterem inumações semelhantes às do Bronze Médio (habitualmente, individuais em fossas (Blasco Bosqued e Lucas Pellicer, 2001:222-223)), existiram também enterramentos em antigos dólmenes (Abarquero Moras, 1997:83), alguns sepulcros de incineração com semelhanças aos dos Campos de Urnas (Almagro-Gorbea, 1986:33-34) e até rituais de exposição dos corpos ao ar livre, algo que seria provavelmente mais comum do que o registo arqueológico deixa transparecer (Esparza Arroyo *et al.*, 2012; Esparza Arroyo *et al.*, 2018). Com a chegada da Idade do Ferro, que aqui não se poderá datar com base em colónias fenícias (que não existem neste território), a aparente homogeneidade ou unidade da Meseta desvanece-se, começando a surgir culturas mais distintas entre si (Blasco Bosqued e Lucas Pellicer, 2001:227). Para além dessas novas culturas, que não surgem imediatamente, este novo período poderá também diferenciar-se do Bronze Final aqui estudado por vários fatores:

“(…) crecimiento demográfico y agregación poblacional, fijación definitiva del asentamiento, adopción de innovaciones tecnológicas y agrarias, intensificación de la producción y acumulación de excedente, creciente diferenciación social y mayor integración política (…).” (Blanco González, 2018:309).

Na região do **Levante** (que se entende aqui como as atuais Comunidade Valenciana e Região de Múrcia espanholas), onde o Bronze Final é muito mal conhecido, este período caracteriza-se, inicialmente, por um abandono de vários povoados de altura ocupados na fase anterior, bem fortificados e seguindo uma tradição já antiga; abandono esse acompanhado por uma preferência pela edificação de povoações, agora em menor número e tamanho, em planícies e junto à costa (Jover Maestre *et al.*, 2016:92, 94). Tal estará ligado, claramente, a uma intensificação do comércio marítimo com o Mediterrâneo, especialmente no período do Bronze Final II (que Jover Maestre *et al.* (2016) datam de 1000-850 a.C.; para estes investigadores, o Bronze Final I equivale ao período de 1300/1250-1000 a.C. e o III a 850-725 a.C.). Neste momento, começam a surgir também peças e, na área mais a Norte desta região, enterramentos claramente associados aos Campos de Urnas da região do Nordeste peninsular (Jover Maestre *et al.*, 2016:93), contrastando com a cultura material da época anterior (que inclui apenas cerâmicas de tipo Cogotas I e outras, locais, que dificilmente se conseguem distinguir das do Bronze Médio (Jover Maestre *et al.*, 2016:92-93)). No século IX a.C. começam a surgir também povoados com uma maior complexidade arquitetónica e um excelente controlo da paisagem e das pequenas povoações à sua volta (Jover Maestre *et al.*, 2016:96-97), sinal claro de uma maior hierarquização do território (e, provavelmente, da sociedade, que estará já afastada de uma economia exclusivamente de subsistência, comum no Bronze Médio (Fernández Castro, 1988:19)). Por fim, na segunda metade do século VIII a.C., surge então a primeira fundação fenícia desta área (La Fonteta, no concelho de Guardamar del Segura) (Jover Maestre *et al.*, 2016:98) e, ainda neste século, os primeiros indícios de fundição do ferro em povoados indígenas, na zona de Múrcia (Almagro-Gorbea, 1993:87).

Na **Andaluzia Oriental** (que será, neste trabalho, o “Sudeste peninsular”), o Bronze Final ter-se-á iniciado por volta de 1300 a.C. (Jover Maestre *et al.*, 2016:88). Alguns autores, porém, incluem a fase do Bronze Tardio, vista tradicionalmente como um momento de transição entre a Cultura Argárica do Bronze Pleno e este novo período (Lorrio Alvarado, 2009-2010) ou um momento ainda de forte influência argárica (Pellicer Catalán, 1986:449), neste Bronze Final, como é o caso de Alfredo Mederos Martín (1997 a; justificando-se assim

a recuada data de início, acima referida, que este investigador atribui a esta época da Proto-História). Aqui, porém, consideraremos o século XIII a.C. como o ponto de início deste período. Assim, numa primeira fase (que Manuel Pellicer Catalán (1986:450) afirma terminar no século X a.C.), esta região é marcada pelo desaparecimento (total ou parcial) de importantes características da fase e cultura anteriores, como os povoados de altura fortificados já relativamente urbanizados, as habitações de planta retangular, as necrópoles de inumação com espólio considerável e os materiais típicos dessa época, levando alguns investigadores a pensar tratar-se de um período de crise e movimento de populações, talvez por razões climáticas (Pellicer Catalán, 1992:104). Observa-se até, ao nível, por exemplo, das cerâmicas, um “(...) cierto renacimiento del viejo sustrato calcolítico (...)” (Pellicer Catalán, 1992:104), provavelmente nunca verdadeiramente desaparecido, mas apenas ofuscado pela vistosa Cultura Argárica. Os povoados localizam-se agora em zonas mais baixas, mas perto de vias de comunicação, e consistem geralmente em conjuntos não organizados de cabanas circulares dispersas, com paredes de taipa e adobe sobre bases de pedra (Contreras Cortés, 1982:320; Pellicer Catalán, 1986:450). Ao nível dos materiais, é observável uma escassez da produção metalúrgica, que apresenta neste momento modelos formais atlânticos e centro-europeus, e, para além das produções locais, o surgimento de cerâmicas de tipo Cogotas I (Pellicer Catalán, 1986:450-451). Os enterramentos são mais escassos (arqueologicamente falando), o cavalo torna-se predominante no campo da criação de gado (podendo, talvez, estar ligado aos movimentos populacionais anteriormente mencionados) e a sociedade não aparenta ser fortemente hierarquizada (Pellicer Catalán, 1986:451; Lorrio Alvarado, 2009-2010:120). Na segunda e última fase, este panorama altera-se: os povoados multiplicam-se, aumentam de tamanho (fruto de um crescimento populacional) e complexificam-se, assim como as habitações (Pellicer Catalán, 1986:451; Lorrio Alvarado, 2009-2010:120); a metalurgia do bronze continua a apresentar arquétipos exógenos, mas aperfeiçoa-se e torna-se mais comum, e, ao nível das cerâmicas, tornam-se frequentes as referências originárias da Andaluzia Ocidental (Pellicer Catalán, 1986:451); o mundo funerário diversifica-se, surgindo no registo arqueológico necrópoles de incineração e de inumação, assim como o reaproveitamento de monumentos megalíticos e de grutas utilizadas anteriormente, sendo o seu espólio relativamente homogéneo, mas mais ostensivo do que no período anterior (Lorrio Alvarado, 2009-2010); os bovídeos e ovídeos substituem o cavalo como principais espécies animais exploradas (Pellicer Catalán, 1986:451). As comunidades, porém, continuam a não apresentar sinais claros de marcadas diferenças sociais (Lorrio Alvarado, 2009-2010:120). Por fim, o Bronze Final terá terminado no século IX a.C. ou VIII

a.C. (Jover Maestre *et al.*, 2016:88), podendo-se, quiçá, fazer uma distinção entre as áreas mais interiores (onde poderemos considerar o século VIII a.C.) e as mais costeiras (onde, por razões evidentes, as influências orientalizantes são observáveis mais cedo). É também de referir que, nesta região, as colónias fenícias mais antigas poderão datar-se do século VIII a.C. (como Sexi, em Almuñecar, província de Granada (Pellicer Catalán, 2007:72)). Num ponto de transição entre ambas as regiões andaluzas, será também de mencionar a colónia de La Rebanadilla, na foz do rio Guadalhorce, em Málaga, que datará da segunda metade do século IX a.C. (Suárez Padilla *et al.*, 2020:71).

A **Andaluzia Ocidental** (inserida no “Sudoeste”), por seu lado, apresenta características distintas. Antes de mais, dado o elevado desconhecimento do Bronze Médio (que é, aliás, em conjunto com o Bronze Inicial, o período da Pré-História deste território que menos datações de Carbono 14 possui (Mederos Martín, 1996:70)), tem sido difícil aos investigadores definir um momento preciso de início do Bronze Final. Para alguns autores (como Juan Martín de la Cruz (1984-1985:213-214)), esta época ter-se-á iniciado no século XIII a.C., momento em que se começam a observar alguns novos aspetos, e dever-se-á dividir em duas fases (uma primeira até ao século XI a.C. e uma segunda a partir daí); para outros (como Mariano Torres Ortiz (2002:15-19)), só se deverá considerar como verdadeiro Bronze Final o período já tartéssico, a partir do século XI a.C., que se sucede a um “Bronze Tardio”. Na nossa opinião, tendo em conta os dados atuais, parece-nos mais correto preferir antes uma abordagem mais cautelosa e tratar aqui este período a partir do século XIII a.C.. Assim, com base nas (relativamente escassas) evidências existentes, a “primeira fase” poder-se-á caracterizar por, a nível material, o surgimento de cerâmicas de tipo Cogotas I (Martín de la Cruz, 1984-1985; Pellicer Catalán, 1992:104) e de materiais associáveis ao mundo atlântico (Torres Ortiz, 2002:66-67), por, tal como na região abordada anteriormente, um certo ressurgimento de elementos e decorações de tradição calcolítica (Pellicer Catalán, 1992:104) e por, igualmente, um desaparecimento das influências argáricas que aqui se faziam sentir (Amores Carredano e Rodríguez Hidalgo, 1984-1985:82). Apesar do que se julgou durante bastante tempo (por exemplo, em Belén Deamus e Escacena Carrasco, 1995), não existiu nenhum “hiato populacional” (talvez apenas uma diminuição da população), continuando este território ocupado por “(...) una sociedad compleja y dinámica en la cual se ha roto con el determinismo del medio natural anterior, ha diversificado su economía con una mayor explotación y control de sus recursos minero-metalúrgicos entre otros [como os agropecuários], y se ha integrado en unos circuitos económicos de amplio radio.” (Gómez

Toscano, 2002:154). Estas sociedades, de cariz tribal e socialmente hierarquizadas, mas com um diminuto nível de organização sociopolítica (Torres Ortiz, 2002:75), habitariam em cabanas circulares construídas com elementos vegetais, em povoados de diversos tamanhos (Gómez Toscano, 2002:153). Porém, com base na investigação atual, não nos é possível apresentar uma descrição mais pormenorizada deste momento. A partir do século XI a.C., no entanto, o panorama altera-se e as informações são mais numerosas. A cultura tartéssica esteve desde muito cedo envolta em lendas, mas atualmente já nos é possível ter uma visão realista e científica da mesma. Como já referimos anteriormente, até se chegou a pensar que Tartessos estaria de alguma forma ligada aos etruscos (Foresti, 2002:63-65) ou aos seus supostos antepassados da Ásia Menor (Torres Ortiz, 2002:28), mas os dados atuais permitem-nos concluir que se tratava de uma cultura autóctone, que evoluiu naturalmente no seu próprio território (sendo provavelmente originária da província de Huelva, espalhando-se depois), contactando sempre com o exterior, e que seria já relativamente complexa aquando da chegada dos fenícios (Gómez Toscano, 2002:153-154). Assim, e apesar de uma inevitável heterogeneidade entre áreas distintas, é-nos possível sintetizar algumas das principais características desta cultura: o seu território encontra-se organizado de forma hierárquica, com pequenos povoados de cabanas dispersas dependentes de grandes povoados proto-urbanos (Torres Ortiz, 2002:275), e quiçá também relativamente organizado de forma funcional (por exemplo, o povoado de Aznalcóllar talvez se focasse no controlo da extração mineira, o de Niebla controlaria as principais rotas que ligariam as minas ao litoral e Huelva seria o principal porto da região (Gómez Toscano *et al.*, 2014:141)); as sociedades mantêm o seu carácter familiar, tribal e relativamente hierarquizado, mas é agora bastante notável a ligação entre o “poder” e as atividades guerreiras, a idade dos indivíduos (os mais velhos seriam mais poderosos) e o controlo das trocas comerciais e do gado (mas não da terra (Torres Ortiz, 2002:378-379)); a sua economia continua a assentar essencialmente nas atividades agropecuárias, mas, como referido acima, a exploração dos recursos mineiro-metalúrgicos é também bastante importante (ainda que mais esporádica e em menor escala do que na Idade do Ferro), assim como as atividades de cariz “comercial” (Torres Ortiz, 2002:97); ao nível da produção cerâmica, destacam-se as peças de retícula brunida, as de tipo Carambolo (caracterizadas pelas suas decorações pintadas a vermelho) e as decoradas com incrustações metálicas (Torres Ortiz, 2002:125, 135); relativamente ao mundo religioso, pouco se conhece, mas será de destacar os prováveis cultos dos antepassados (Torres Ortiz, 2002:379), as deposições de armas em meio aquático e a existência de alguns (poucos) possíveis lugares de culto, nomeadamente o do Carambolo (Torres Ortiz, 2002:329-332); especificamente sobre a

vertente funerária do mundo religioso, teremos de referir a existência de inumações e incinerações observáveis no registo arqueológico (Torres Ortiz, 2002:352-354, 358-359). Por fim, poderemos apontar o término deste período para os finais do século IX a.C. no litoral (momento em que, com base nos vestígios arqueológicos (e não nos mitos, que colocam a fundação de *Gadir* no século XII a.C. (Ruiz Mata, 1998:61; Ruiz Mata e Gómez Toscano, 2008:328)), os fenícios se começam a fixar neste território) e para meados do VIII a.C. para o interior (quando começam aí a surgir também cerâmicas a torno fenícias (Belén Deamus, 1994:04)).

Também incluído no vasto termo de “Sudoeste peninsular”, encontra-se o **Sul de Portugal** (correspondente aqui aos distritos de Faro, Beja, Setúbal, Évora e Portalegre), onde o Bronze Final, que se sucede ao “Bronze do Sudoeste” (cultura bem definida dos momentos anteriores da Idade do Bronze), se inicia em meados do século XIII a.C. (Cardoso, 2012 a:64). Numa perspetiva mais geral, esta região pode caracterizar-se por uma certa organização territorial, com povoados de altura, por vezes fortificados, de maior dimensão, com uma maior variedade de atividades económicas e com um bom controlo da paisagem, dominantes sobre pequenos povoados, ocasionalmente com estruturas de defesa e de cariz agrícola, e sobre, no geral, o território e os seus recursos (Calado *et al.*, 1999:18-19; Soares, 2005:136; Silva e Soares, 2006:43; Barros, 2012:220-223). Nos primeiros, em especial nos fortificados, viveriam as elites destas sociedades já hierarquizadas, cujo poder se ligaria com atividades guerreiras de carácter simbólico (com base na sua representação em estelas e na abundância de armas encontradas, sendo escassos, porém, os vestígios de verdadeiros conflitos armados (Cardoso, 2001:40)) e com o controlo da exploração e troca de recursos (incluindo os mineiro-metalúrgicos) e do comércio de bens de luxo (dos quais usufruíam), de filiação atlântica e mediterrânica (Silva e Soares, 2006:43; Berrocal-Rangel *et al.*, 2012:180). A existência de materiais típicos de ambas estas áreas é, aliás, mais um significativo elemento deste território, que possui um importante papel no contacto entre elas. Porém, as peças mais características (mas também observáveis noutros territórios) são as cerâmicas de ornatos brunidos, semelhantes às cerâmicas andaluzas acima referidas, mas decoradas, no exterior (e não no interior), com elementos brunidos distintos (Soares, 2005:134). Estas teriam provavelmente significações simbólicas (Cardoso, 1998:31), mas encontram-se tanto em contextos habitacionais, como em contextos fúnebres e em grutas (Almeida, 2014:130-131). O tipo decorativo “Lapa do Fumo” poderá ser oriundo desta região, mais especificamente da Península de Setúbal (Soares, 2005:134). Ao nível do mundo funerário, uma incógnita em

muitas áreas do território aqui tratado, predomina, com base nas evidências observadas arqueologicamente, o ritual da inumação, observável, por exemplo, em cistas (Barros, 2012:221), *tumuli* (Arruda, 2001:274), monumentos calcólicos reutilizados (Cardoso e Gradim, 2006:161-162; Barros, 2012:221) e quiçá grutas (Cardoso, 2000 b:73; Almeida, 2014:131), para além do conhecido monumento da Roça do Casal do Meio (Vilaça e Cunha, 2005). As incinerações são escassas (podemos apontar como exemplo as da Abrunheira, no concelho de Portalegre (Belén *et al.*, 1991:240)) e geralmente incertas a nível arqueológico. Por fim, ao panorama geral aqui descrito, podemos acrescentar ainda algumas características regionais: a área da Península de Setúbal, não surpreendentemente, encontra-se bastante ligada à de Lisboa (aqui separadas por se ter considerado o Tejo como fronteira entre o “Sul” e o “Centro” de Portugal); as regiões mais a Sul, em especial junto ao Guadiana e no Algarve, possuem afinidades com a área tartéssica, ainda que, neste momento, e tendo em conta o registo arqueológico, só possam ser consideradas parte da sua “periferia” (Torres Ortiz, 2002:14). O final do período aqui estudado, com base nos dados mais recentes (datações por Carbono 14 de contextos com materiais já orientalizantes), poder-se-á situar no século IX a.C. (Soares e Arruda, 2016), mas a primeira feitoria fenícia conhecida até à data, a de Abul (no concelho de Alcácer do Sal), terá sido apenas construída no século VII a.C. (Mayet e Silva, 2000:82).

Por sua vez, a região da **Extremadura espanhola**, onde, tal como nalgumas das áreas acima tratadas, o Bronze Médio é ainda mal conhecido, poderemos datar o início do Bronze Final do século XIII a.C.. O seu território encontra-se ocupado por, maioritariamente, povoados de altura (em pontos elevados das serras ou, simplesmente, em locais destacados da paisagem, mas sempre com um excelente controlo da mesma e frequentemente com boas condições de defesa e um elevado valor estratégico (Martín Bravo e Galán, 1998:307)) e, em menor número, alguns povoados em planícies (Martín Bravo e Galán, 1998:308; Vilaça *et al.*, 2012). Existem, porém, claras diferenças entre as regiões mais a Norte, onde será mais difícil falar de uma hierarquização do povoamento (Martín Bravo e Galán, 1998:307), e as mais Sul, especialmente ao longo da bacia do Guadiana, onde surgem os referidos povoados em planície e onde a organização do espaço é mais semelhante à do Sudoeste peninsular (Martín Bravo e Galán, 1998:308). Posteriormente, ainda no Bronze Final, mas num momento mais tardio, esta área mais meridional entrará na esfera de influência de Tartessos, chegando alguns autores a afirmar que foi efetivamente “colonizada” por essa cultura (Torres Ortiz, 2002:14). Ao nível das atividades produtivas, Celestino Pérez, Enríquez Navasdués e Rodríguez Díaz

afirmam (1992:314) que “Parece lógico atribuirles [às sociedades que povoam esta Extremadura] una economía agropecuaria y una cierta actividad metalúrgica y comercial, las cuales implicarían el control de las principales vías de comunicación.”, controlo esse que seria efetuado a partir dos mencionados povoados de altura situados em locais estratégicos. A organização social destas comunidades é, voltamos a repetir, sempre bastante difícil de apreender através do registo arqueológico, mas pode-se afirmar, com um grau de confiança elevado, que existiriam elites, muito provavelmente de carácter guerreiro, que controlariam as vias de comunicação e as trocas de bens de luxo, dos quais, obviamente, usufruiriam (Sayago Redondo, 2012, capítulo 9.). Estas informações são essencialmente retiradas das “estelas de tipo *extremeño*” (Vilaça, 2012 b), importantíssimos elementos materiais desta região (ainda que também se encontrem noutras, como na Beira Interior (Santos, Vilaça e Marques, 2011), área com a qual este território tem importantes conexões, e no Sul português). Com recurso frequente à gravura, representam principalmente armas e outras componentes guerreiras, mas também objetos, de cariz atlântico ou mediterrânico, ligados, por exemplo, aos cuidados do corpo ou à música (Vilaça, 2012 b), podendo ser divididas em “estelas de guerreiro” e “estelas diademadas ou femininas” (Sayago Redondo, 2012, capítulo 9.), conforme o que retratam. As suas funções poderão ser muito variadas, não existindo ainda um consenso dentro da comunidade científica, sendo possível que, por exemplo, se encontrem associadas ao mundo funerário (Sayago Redondo, 2012, capítulo 9.) – mundo esse ainda bastante desconhecido, no que se refere ao período cronológico aqui tratado. Existem alguns vestígios de inumações em cista (prática que provém do Bronze Médio), assim como de escassas incinerações, mas é possível que se tenham difundido práticas fúnebres que não deixaram restos arqueológicos visíveis (Sayago Redondo, 2012, capítulo 9.), ainda que, obviamente, tal seja bastante difícil de confirmar. No que se refere aos materiais, uma das principais características a mencionar será a concentração de influências exógenas bastante diversas – das regiões atlânticas (especialmente ao nível dos objetos metálicos) e mediterrânicas (observável, por exemplo, nas cerâmicas com decorações brunidas e em certas tipologias de fíbulas), da Meseta e até, de uma forma mais indireta, da área dos Campos de Urnas peninsulares (Celestino Pérez *et al.*, 1992:312). Por fim, poderemos situar o término deste Bronze Final extremeño em meados do século VIII a.C. (Martín Bravo e Galán, 1998:317).

Relativamente ao **centro do território português** (nesta dissertação, os distritos de Lisboa, Santarém, Leiria, Castelo Branco, Coimbra, Aveiro, Viseu e Guarda), uma região de

cariz mais “atlântico”, também aqui nos é possível considerar o século XIII a.C. como o momento inicial deste período do Bronze Final (Vilaça, 2012 a:178). Ao nível do povoamento, nesta região destacam-se os povoados de altura, de maior ou menor dimensão, mais ou menos visíveis, com vestígios de elementos defensivos ou não, mas sempre com um excelente controlo da paisagem e dos seus componentes mais significativos (Cardoso, 1999-2000:373-381; Senna-Martínez, 2013 a:175-176; Vilaça, 2013 a:196-198; Cardoso e Sousa, 2014:371-372; Vilaça e Cardoso, 2017:241-245). São acompanhados, em certas regiões, por povoados, geralmente com uma menor área, localizados em zonas mais baixas (em planícies, encostas, pequenas colinas ou junto a cursos de água (Senna-Martínez, 2013 a:175; Vilaça e Cardoso, 2017:245, 262)), o que indicará uma hierarquização do espaço, com os habitats de altura numa posição (geograficamente e não só) dominante. Porém, como referimos, isto só ocorre nalgumas regiões – por exemplo, na Beira Interior não existem, até à data, vestígios de povoações em quotas mais baixas (Vilaça, 2013 a; Vilaça e Cardoso, 2017:241-245) ou de uma forte hierarquia entre povoados (Vilaça, 1998:209-211), assemelhando-se assim, portanto, à situação existente no Norte da Extremadura espanhola. As sociedades, no entanto, encontrar-se-iam hierarquizadas por todo este território, contrastando com o momento histórico anterior. As suas elites (dentro das quais também poderia haver algumas diferenças de estatuto e poder (Vilaça e Cardoso, 2017:271)) viveriam nos (principais) povoados de altura, controlariam a produção e troca dos bens mais notáveis (nomeadamente, os metalúrgicos e os produtos de luxo forâneos) e exibiriam o seu domínio através do usufruto de bens de prestígio e através de importantes rituais que envolveriam, por exemplo, banquetes, que também serviriam para manter a ordem social (Senna-Martínez, 1996; Vilaça, 1998; Senna-Martínez, 2013 a; Vilaça e Cardoso, 2017:264, 270, 275). Estes indivíduos encontrar-se-iam no topo de comunidades essencialmente agropastoris e, principalmente nas zonas mais interiores (onde se concentram principalmente essas matérias-primas), metalurgistas, que também se dedicariam, como não poderia deixar de ser, a outro tipo de atividades artesanais (Vilaça, 1998:208; Vilaça e Cardoso, 2017:262). Aqui se inclui, por exemplo, a produção cerâmica, sendo que poderemos destacar as peças de “tipo Baiões/Santa Luzia” (caracterizadas pela sua decoração incisa pós-cozedura muito própria (Vilaça, 2012 c:95)) e as com elementos decorativos brunidos (inclusive “tipo Lapa do Fumo”). A estas e a outras produções locais, juntar-se-iam também peças características e, ou, importadas de outras áreas, como os tipos cerâmicos “Carambolo” e “Cogotas I” (Vilaça e Cardoso, 2017:262), peças de ferro (Vilaça, 2006 a) ou outros materiais exteriores ao espaço peninsular, tanto mediterrânicos, como atlânticos e continentais (Vilaça, 1998:208; Kalb, 1998:162-163; Melo,

Cardoso e Giumlia-Mair, 2017). Estes produtos exógenos seriam certamente acompanhados de bens perecíveis, como o poderá provar a Oliveira do Mouchão (concelho de Abrantes), recentemente datada de um momento ligeiramente anterior ao que aqui tratamos (terá 3350 anos, portanto será de finais do século XIV a.C. (Lousada, 2016)). No que se refere às práticas funerárias, são visíveis inumações (nomeadamente, em grutas e reutilizando antigos monumentos megalíticos) e incinerações (muito heterogêneas, no que se refere ao espólio e espaços utilizados, mas sempre com recurso a recipientes cerâmicos), e são invisíveis, mas prováveis, rituais muito distintos, ligados ao provável (pois não existem, como é óbvio, evidências) “insepultamento” dos corpos ou a processos pré-deposicionais, como a exposição dos cadáveres ou a desarticulação dos seus ossos (Vilaça, 2015). A incineração e ritos semelhantes relacionados com o fogo também surgem desligados do mundo funerário, aparecendo associados a cerimónias de cariz religioso, com recurso a animais (caso do depósito votivo da Moita da Ladra 02, concelho de Vila Franca de Xira (Cardoso, 2013:55-57)). O início da Idade do Ferro ter-se-á dado no século VIII a.C. (Soares e Arruda, 2016:245; com base em datações de Carbono 14 de Santarém e Vila Franca de Xira), podendo ter-se dado um pouco depois (no século VII a.C.) nas regiões mais interiores. A presença fenícia encontra-se atestada diretamente em Santa Olaia (concelho da Figueira da Foz), povoado que provavelmente fundaram no século VII a.C. (Soares e Arruda, 2016:246), e em várias localidades indígenas, nomeadamente em Lisboa e Santarém (Arruda, 2012 a:158); indiretamente, é possível comprovar a existência de materiais associados a este povo oriental igualmente em territórios mais interiores.

Por fim, no **Noroeste peninsular** (nesta dissertação, os distritos portugueses do Porto, Braga, Vila Real, Bragança e Viana do Castelo e as comunidades autónomas espanholas da Galiza e do Principado das Astúrias), território que é “ainda mais atlântico” que o anterior (isto é, onde as “influências atlânticas” são ainda mais notáveis, principalmente ao nível da metalurgia, e as mediterrânicas e continentais menos assinaláveis; mas não inexistentes), o Bronze Final ter-se-á iniciado igualmente no século XIII a.C. (Vilaça, 2012 a:178), apesar de tal não ser incontestável. O seu final, porém, é ainda mais problemático e bastante discutido. Os investigadores apontam datas bastante distintas, do século VIII a.C. ao IV a.C. (Martins e Jorge, 1992:363; Bettencourt, 2005:28; Villa Valdés, 2007:32; Rodríguez Corral, 2015:160) – Ana Bettencourt, por exemplo (2005:31-32; 2013 a:37), focando-se no Noroeste português, considera que o Bronze Final propriamente dito terá terminado no século VII/VI a.C., seguindo-se um período de transição de alguns séculos, com a Idade do Ferro a iniciar-se nos

princípios do século IV a.C. (ou finais do V a.C.). Poderemos, então, seguir a perspetiva desta investigadora e considerar o século VII a.C. como o final mais exato da época aqui estudada. Nestes cerca de 600 anos, esta região foi ocupada, como muitas das anteriores, por povoados em zonas mais altas (sempre destacados na paisagem, nomeadamente, em esporões e planaltos com alguma altitude (Bettencourt, 2013 b:159-160)), por vezes fortificados e sempre com uma boa visibilidade do espaço em volta (especialmente das suas vias de comunicação), e povoados em áreas mais baixas (como pequenas colinas), mas com um maior potencial agrícola (Bettencourt, 2013 b:159). O tamanho de ambos os tipos de povoado é bastante variável, existindo pequenos e grandes povoados de maior altitude e pequenos e grandes povoados de baixa altitude (Bettencourt, 2013 a:32), mas a organização interna de cada povoado é, essa sim, diversa e dependente do seu tipo (por exemplo, os povoados em zonas mais baixas e férteis apresentam frequentemente fossas, o que não sucede com os restantes (Bettencourt, 2013 a:32)). Os investigadores supõem que existiria uma certa hierarquização do território, no qual “(...) os povoados de altitude seriam os principais referentes (...) e os restantes corresponderiam a lugares para onde as populações se deslocariam, em determinadas fases do ano, num desdobramento e complementaridade das suas atividades (...)” (Bettencourt, 2013 a:33). Nos finais do período aqui estudado, mais especificamente a partir do século IX a.C. (Carballo Arceo e Fábregas Valcarce, 1991:262), começam a surgir por todo o Noroeste povoados fortificados que posteriormente evoluirão para os famosos castros da Idade do Ferro e chegarão inclusive à Época Romana (Carballo Arceo e Fábregas Valcarce, 1991; Villa Valdés, 2007:27-31). A estes locais de função residencial acrescentam-se também espaços de cariz cerimonial ou “religioso”, por vezes nos próprios povoados (como a área da “acrópole” do Castro de Chao Samartín (concelho de Grandas de Salime, Principado das Astúrias), onde se localizava uma “grande cabana”, à porta da qual se encontrava um pequeno depósito funerário (que consistia apenas em parte do crânio de uma mulher jovem) e no interior da qual se encontraram depositados materiais de carácter cerimonial (Villa Valdés e Cabo Pérez, 2003; Villa Valdés, 2007:28-29)). Também os depósitos metálicos são bastante significativos desta região (e, aliás, de todas as áreas atlânticas (Coombs, 1998:151), assim como da Extremadura espanhola), encontrados em meios distintos (aquáticos ou terrestres) e com funções variadas e ainda muito debatidas, onde se englobam (entre outras) as “rituais” ou “votivas” (Cuevillas, 1955; Acuña Castroviejo e Meijide Cameselle, 1985:182; Bettencourt, 2013 b:166). E igualmente fora dos povoados se encontram outros vestígios do lado mais “religioso” destas comunidades, em áreas específicas criadas com objetivos cerimoniais (como a curiosa estrutura circular nas imediações do Castro de Ventosiños

(concelho de Lugo, Galiza), onde se encontraram muitos materiais de “tipo cultural” (Piay Augusto *et al.*, 2015:74)) e, de certa forma, nos próprios territórios, quando abrangidos pelas estátuas-menir características deste momento (Bettencourt, 2013 b:166-167; Rodríguez-Corral, 2015) e por gravuras rupestres (Bettencourt, 2013 b:167). Relativamente às questões funerárias, predominam, no registo arqueológico, as inumações, sendo possível associar localizações específicas a tipos de enterramento específicos: as sepulturas em grutas são características das áreas mais orientais deste território (veja-se o exemplo de Fuentenegroso, nas Astúrias (Barroso *et al.*, 2007)); as necrópoles de cistas, fossas e, ou, enterros simples encontram-se principalmente nas regiões mais férteis, próximas ou no interior dos próprios povoados; as inumações sob pequenos *tumuli* localizam-se em áreas mais montanhosas e visíveis, afastadas dos povoados e quiçá ligadas a comunidades mais pastoris; a reutilização de antigos monumentos megalíticos é comum a todo o Noroeste (Bettencourt, 2010:158-159). Também existiriam incinerações e práticas ligadas à manipulação dos cadáveres (Bettencourt, 2010:161). A nível “económico”, seriam sociedades essencialmente agro-pastoris, que cultivariam várias espécies vegetais (nomeadamente, distintos tipos de cereais e leguminosas) e criariam diversos animais (gado bovino, suíno, caprino e ovídeo, assim como cavalos e cães), acompanhando estas práticas com atividades piscatórias e recolectoras (Barroso Bermejo *et al.*, 2008:182; Bettencourt, 2013 b:162). Também se dedicariam à extração e processamento de minérios, criando com eles múltiplos objetos metálicos, geralmente com recurso a produções de pequena escala, observáveis em vários povoados (Bettencourt, 2013 b:162-163), que, no entanto, em muito superam as produções dos momentos anteriores da Idade do Bronze (Comendador Rey, 1999). Também aqui se poderá supor sociedades levemente hierarquizada, que teriam certos grupos no “topo” (provavelmente aqueles que controlariam as questões metalúrgicas) e mecanismos próprios de manutenção do seu poderio, como certas celebrações ou, se se considerar que representam indivíduos reais, as referidas estátuas-menir (Bettencourt, 2013 b:166-167).

Em resumo, apesar das inúmeras diferenças regionais que aqui apresentámos, o Bronze Final é um momento de complexificação, face aos períodos anteriores – complexificação das sociedades, dos territórios, da produção e gestão de recursos e bens, dos contactos com o exterior (próximo e distante). Isto, sem nunca romper completamente com o passado. É neste mundo conservador e inovador, nestes tempos que, consoante a região, vão do século XIV a.C. ao VII a.C., que se irão inserir os objetos e contactos estudados nesta dissertação. Porém, dada a “colonização” fenícia no Sul da Península (que, como vimos, se inicia nos finais do

século IX a.C. e se acentua no VIII a.C. (Delgado Hervás, 2008:69-70)), facto que alterou significativamente a forma como os povos ibéricos contactavam com o Mediterrâneo (e, conseqüentemente, com a Península Itálica ou, pelo menos, com as suas regiões mais meridionais), decidimos seguir um caminho mais “seguro” e não iremos apresentar nesta dissertação materiais itálicos ou influenciados por peças itálicas com datações posteriores ao século VIII a.C..

2.2. A Península Itálica do século XIV a.C. ao VIII a.C.

Sobre o segundo território que iremos abordar a fundo nesta tese, podemos começar por dizer que utilizaremos o termo “Península Itálica” na sua vertente mais corrente (como sinónimo de “Itália Continental”, termo que também empregaremos) e não com um sentido estritamente geográfico, pois a separação entre a península e o continente, que vai aproximadamente da foz do rio Magra (concelho de Ameglia, província de La Spezia, Ligúria) à foz do rio Marecchia (concelho e província de Rimini, Emília-Romanha), não faz sentido de um ponto de vista arqueológico, separando várias comunidades pertencentes a uma mesma cultura (por exemplo, a villanoviana). Assim, iremos abordar todo o território atualmente italiano, dos Alpes ao extremo Sul da península.

Este território, com pouco mais de 131 000 km² e uma forma muito peculiar, que lembra uma “bota”, inclui atualmente três países; Itália, como referimos, e os microestados de San Marino e da Cidade do Vaticano. Tal como a Península Ibérica, e apesar da sua área mais diminuta, também apresenta, durante o período que aqui estudamos e durante a sua restante História, muitas culturas e povos distintos. Por exemplo, não surpreendentemente, as culturas que surgem em torno dos Alpes apresentam elementos bastante distintos das culturas que surgem na área mediterrânica.



Figura 03 - Mapa topográfico da Península Itálica (sem escala). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS e Paint, com recurso a ficheiros *raster* da base de dados *online* da Agência Europeia do Ambiente (<https://www.eea.europa.eu/data-and-maps/figures/elevation-map-of-europe/europeelevation.eps>), que infelizmente não possuem uma escala correta no programa de SIG.)

Outra semelhança entre ambos os territórios que aqui estudamos é a existência de importantes recursos metálicos. No caso italiano, estes concentram-se principalmente na Etrúria, que corresponde ao território entre os rios Arno e Tibre, entre os Apeninos e a costa, nas atuais regiões da Toscana, Lazio e Úmbria (Giardino, 1995:109-133), e área alpina, mas também existem alguns depósitos menores na Calábria (Bietti Sestieri, 2018:46, 173, 351). Estas jazidas permitiam a exploração de, entre outros recursos, chumbo, prata, cobre, ferro e o tão procurado estanho, este último apenas na área etrusca de Populonia (Giardino, 1995:109-133, 124-127). Noutras regiões, como a Campânia, observa-se, porém, uma ausência de depósitos metalíferos (Giardino, 1995:122).

Passando então à contextualização deste território italiano, é importante começar por dizer que a mesma se baseará fortemente no livro de Anna Maria Bietti Sestieri, *L'Italia*

nell'età del bronzo e del ferro. Dalle palafitte a Romolo (2200-700 a.C.) (2018; 2.^a edição, com anexos *online*). Principalmente por ser uma obra relativamente recente e bastante completa, que aborda toda a cronologia que aqui tratamos e se foca mais em noções arqueológicas (cultura material, povoados, práticas fúnebres, etc.) e não “étnicas” (“povos”, suas origens, etc.). Assim, também a divisão das regiões abordadas segue a visão desta investigadora (nomeadamente, a sua identificação recorrendo a regiões e, ocasionalmente, províncias atuais; algo que faz sentido, por facilitar a transmissão do conhecimento, e que já utilizámos para a Península Ibérica, com os distritos portugueses e as comunidades autónomas e províncias espanholas).

Igualmente importante é também referir que, apesar de abordarmos o mesmo intervalo de tempo (séculos XIV a.C. a VIII a.C., c. 1400 a.C. a 700 a.C.) para ambas as penínsulas, em Itália o mesmo corresponde a três ou quatro etapas distintas, no geral muito bem definidas cronologicamente, mas algumas das quais com subdivisões ou pequenas diferenças locais. Porém, esta “boa definição” não implica as mesmas datas para todo o território italiano.

Como muito bem sintetiza a acima referida Bietti Sestieri (nos anexos *online* (“Teorie, metodi e tecniche”) da sua obra de 2018, páginas 120 a 122), existe uma cronologia “tradicional”, baseada certamente nos achados arqueológicos, e uma “nova”, baseada em métodos de datação absoluta (Carbono 14 e dendrocronologia). As diferenças prendem-se essencialmente com a transição Bronze Final – Idade do Ferro.

Resumimos estas cronologias, de uma forma sintética, na tabela seguinte:

Períodos	Cronologia “tradicional”	Cronologia “nova”
Bronze Recente	1300 – 1200 a.C.	1350 – 1200 a.C.
Bronze Final	1200 – 900 a.C.	1200 – 1020 a.C.
(I) Idade do Ferro	900 – 720/700 a.C.	1020 – 780/750 a.C.
Continuação da I Idade do Ferro ou Período Orientalizante	720/700 a.C. –	780/750 a.C. –

Tabela 01 – Distintas cronologias utilizadas frequentemente no estudo da Proto-história continental italiana. (Tabela baseada em Bietti Sestieri, anexos “Teorie, metodi e tecniche”, 2018:122.)

Como refere essa autora (páginas 121 e 122), a associação entre dados absolutos e etapas (proto) históricas é válida principalmente para as regiões setentrionais; porém, apesar disso, a maior parte dos estudiosos que abordam essas áreas a Norte (inclusive a Emília-Romanha) parecem utilizar as cronologias tradicionais (algo visível, por exemplo, no trabalho de Silvia Caglio (n.d.:08) e nas várias obras de Raffaele De Marinis), enquanto vários investigadores focados no Centro e Sul (como Claudio Giardino (1995)) empregam antes as “novas” datações. Não falta, ainda assim, quem use as ideias “tradicionais” para áreas mais meridionais (como Gilda Bartoloni (2012:83-84), para a Etrúria, e a própria Anna Maria Bietti Sestieri (2018:270-280), quando, por exemplo, aborda o Lazio). Como a maior parte dos autores não explica o porquê por trás das suas escolhas, não nos é possível afirmar claramente se essas distinções geográficas têm, efetivamente, uma razão de ser visível arqueologicamente (talvez ligada aos contactos das comunidades do Centro e Sul com o restante Mediterrâneo?). O único dado que nos parece claro é a “origine della nazione etrusca” nos séculos XI a.C. ou X a.C. (portanto, Bronze Final ou Idade do Ferro, consoante os investigadores), com base em relatos posteriores dos próprios etruscos que parecem alinhar-se com os dados arqueológicos (Bartoloni, 2012 a:83); isso, porém, não responde às nossas questões cronológicas.

Assim sendo, baseando-nos nas nossas leituras e na falta de dados absolutamente concretos, deixaremos a questão em aberto, indicando limites cronológicos mais precisos quando necessário (ou possível). Admitimos, no entanto, uma certa tendência (provavelmente simplificada e imprecisa) para a “cronologia tradicional” para o Norte (até às fronteiras setentrionais das atuais Toscana e Marche) e a “nova” para o Centro (até às fronteiras meridionais das atuais regiões do Lazio e Molise) e Sul.

2.2.1. O Bronze Recente (Séculos XIV – XII a.C.)

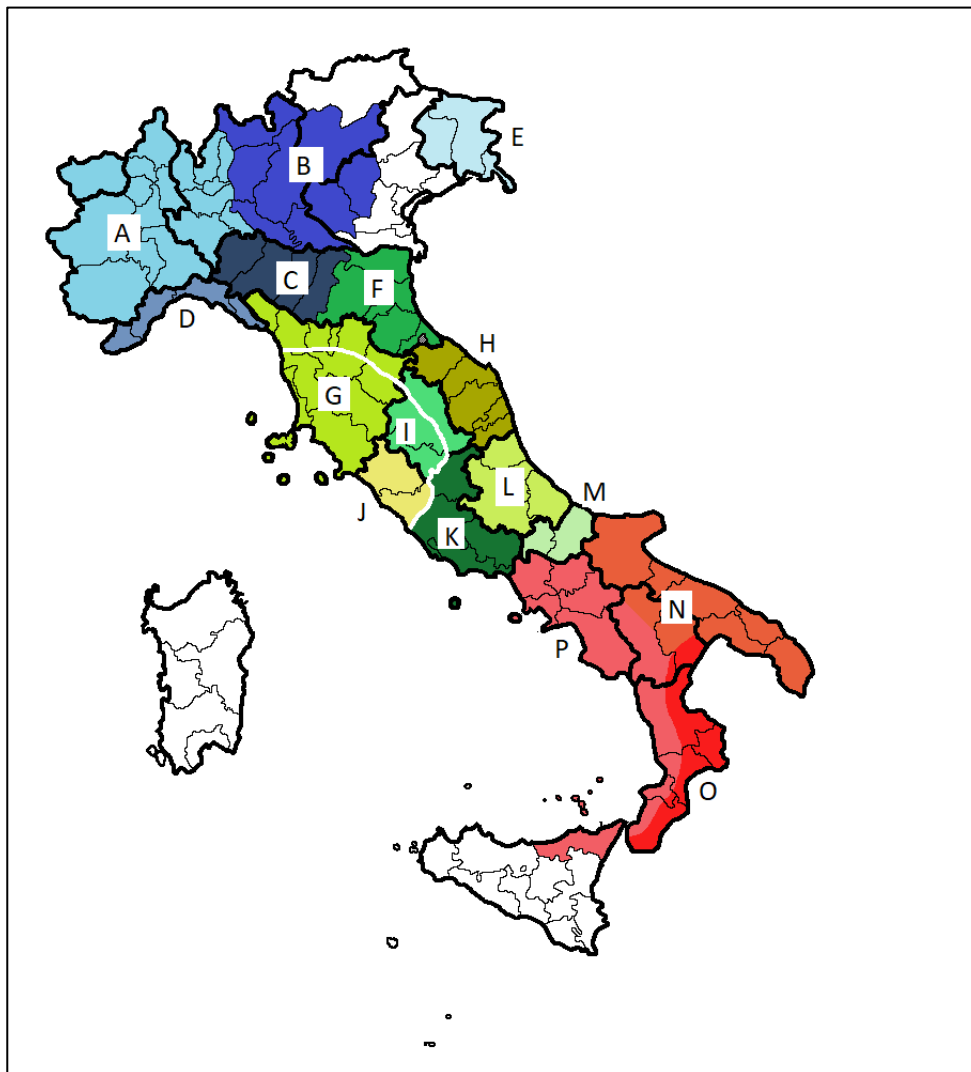


Figura 04 – Mapa das regiões peninsulares contextualizadas nesta dissertação, durante o Bronze Recente. As áreas a branco não foram tratadas neste estudo. A azul, o Norte: A – Noroeste (regiões do Valle d'Aosta, Piemonte e Lombardia Ocidental); B – Centro-norte (regiões da Lombardia Oriental, Veneto Ocidental e província autónoma de Trento); C – Área das “terramare” (províncias de Piacenza, Parma, Reggio Emilia e Modena, na região da Emília-Romanha); D – Ligúria; E – Nordeste (região de Friuli-Venezia Giulia). A verde, o Centro: F – restante Emília-Romanha; G – Toscana; H – Marche; I – Úmbria; J – Etrúria (a linha branca representa a futura área desta região); K – Lazio; L – Abruzzo; M – Molise. A vermelho e tons semelhantes, o Sul: N – Sudoeste (regiões da Puglia e Basilicata Ocidental); O – Restante costa jónica (parte meridional das regiões da Calábria e Basilicata); P – Área meridional tirrénica (regiões da Campânia e, parcialmente, da Calábria e Basilicata). (Mapa realizado pela autora, no programa Paint, com recurso a uma imagem retirada do *site* da “Wikimedia” (<https://www.wikimedia.org/>).)

Os vestígios relativos ao Bronze Recente são muito mais abundantes a Norte (na área não peninsular) do que nas regiões centro-meridionais. Aliás, é também desta região que provém a maior parte das inspirações ou objetos itálicos observáveis na Península Ibérica durante o segundo milénio a.C.. Esta área específica, porém, é extremamente variada e não poderá ser considerada como um todo homogéneo.

De uma forma bastante resumida, o Noroeste (Fig. 04, A) caracteriza-se pela sua versão própria da cultura dos Campos de Urnas (a cultura de “Canegrate”) (Bietti Sestieri, 2018:41-43, 59, 175, 183; Simone, 1986); e da região mais central (Fig. 04, B) (inserível, inicialmente, na “*facies delle palafitte e degli abitati arginati*”, caracterizada pelos tipos de povoados homónimos, e em outras fases posteriores), poderemos destacar a sua importante e rica metalurgia, de tipo “Peschiera”, que se espalhou por toda a península (e até pelo exterior) e que se baseia em tipologias e modelos locais e exógenos (principalmente da Europa Central) (Bietti Sestieri, 2018:47-59, 77). As “Terramare” (Fig. 04, C) constituem uma das regiões mais interessantes deste momento, por apresentarem “(...) un livello di complessità economica e organizzativa senza confronti sul territorio dell’Italia continentale [neste período da Proto-história].” (Bietti Sestieri, 2018:73), pelos seus característicos povoados de habitações sobre estacas (mas raramente em meio húmido), planeados e organizados de origem, e pelo seu súbito desaparecimento no final desta fase histórica (que poderá ter-se devido a um crescimento demográfico excessivo, a uma diminuição do nível das águas do Po, a uma crise climática e, ou, a outras razões, nomeadamente as ligadas à exploração desmoderada do território), tendo esta região permanecido praticamente desabitada durante vários séculos (Bietti Sestieri, 2018:63-66, 71-77). A Ligúria (Fig. 04, D) consiste, neste período, numa área pobre em recursos e com baixa intensidade de povoamento, que, apesar de contactar e partilhar algumas características (principalmente materiais) com as regiões em seu redor (em particular, o Noroeste e o Sul de França), não parece modificar-se drasticamente face ao Bronze Médio (Bietti Sestieri, 2018:43-46; Sparacello *et al.*, 2020:13-14). Por fim, o Nordeste (Fig. 04, E) insere-se na cultura “dei Castellieri” (que continua nos Balcãs, nas atuais Eslovénia e Croácia), caracterizada pelos seus particulares povoados homónimos e pela permanência do uso funerário da inumação, e destaca-se pelo seu importante papel de “ponto de ligação” entre a planície padana setentrional e o Sudoeste da Europa (Bietti Sestieri, 2018:60-63).

Em comum, todas estas regiões têm o facto de possuírem culturas materiais (principalmente cerâmicas) muito próprias e de, excetuando a última área e quiçá a Ligúria

(onde estes elementos são difíceis de apreender e as comunidades aparentam ainda igualitárias), se encontrarem numa fase de transição ao nível do ritual funerário, passando a predominar a incineração, acompanhada de um curioso, mas certamente explicável de um ponto de vista da agora maior complexificação social, desaparecimento de armas da maior parte das sepulturas (passando assim a surgir apenas em túmulos muito específicos, provavelmente ligados a indivíduos com um estatuto mais elevado nas respetivas sociedades).

Por seu lado, as regiões centro-meridionais da Itália Continental são, comparativamente, muito mais homogêneas, especialmente ao nível da cultura material. Tal poderá dever-se, segundo defendem vários investigadores, à cordilheira dos Apeninos, uma espécie de coluna vertebral da Península Itálica, e à prática, ainda bastante comum neste momento, da transumância, que levaria as populações a “subirem” e “encontrarem-se” nas montanhas nos meses mais quentes (Bietti Sestieri, 2018:128). Os Apeninos, assim, não são vistos como uma barreira, mas sim como um local de encontro. E, como começámos por referir, tal é particularmente visível no que se refere aos materiais. Não só ao nível das suas cerâmicas, inseríveis na *facies* “subappenninica” (Giardino, 1995:07), como também no que se refere à, agora muito mais comum, metalurgia (que, apesar de assentar em produções locais e, conseqüentemente, apresentar regionalismos marcados, se baseia fortemente em tipologias maioritariamente setentrionais) (Bietti Sestieri, 2018:149, 151, 153).

No Centro, as várias regiões (Fig. 04) individualizam-se principalmente pelos seus diversos tipos de povoados e de organização dos territórios (Bietti Sestieri, 2018:132-141, 167-168; Bartoloni, 2012 a:84-85) e pelas distintas influências exógenas (por exemplo, as balcânicas, na área adriática (Bietti Sestieri, 2018:160-161)) que inspiram os seus elementos materiais. No entanto, possuem igualmente em comum, especialmente nas áreas tirrénicas e interiores, o surgimento da incineração (sendo que os vestígios mais antigos encontrados até à data se localizam no Lazio), ainda que esta não se torne imediatamente predominante, mantendo-se diversos enterramentos em grutas naturais (por exemplo, na Toscana) e sob *tumuli* ou estruturas líticas (por exemplo, na Etrúria) (Bietti Sestieri, 2018:153-154). De entre estas áreas, poderemos destacar a Etrúria (meridional) (Fig. 04, J), a única onde existem já vestígios, ainda que muito escassos e incipientes, da formação de elites de carácter familiar, e onde a produção metalúrgica e redes de trocas a longa distância aparentam melhor “controladas” pelas comunidades (Bietti Sestieri, 2018:169), o que indicará um maior grau de organização.

Apesar de, no geral, ser o Norte, neste período, a zona que melhor se conhece, é no Sul que se encontra a região mais bem estudada, o Sudeste (Fig. 04, N) (Bietti Sestieri, 2018:139-140). Esta área caracteriza-se por possuir já, de uma forma bastante precoce para o território geograficamente peninsular, uma organização hierárquica territorial, a provável existência de elites familiares que baseiam o seu estatuto na sua componente guerreira e uma elevada organização da produção, em especial nos centros com uma maior presença micénica (Bietti Sestieri, 2018:59, 169), tendo-se iniciado a prática funerária da incineração já no Bronze Médio (Bietti Sestieri, 2018:154-155; Pacciarelli, 2012:226). Como a restante costa jónica (Fig. 04, O) (muito menos conhecida), destaca-se também pelos seus contactos intensos com o Egeu e pela acima mencionada presença micénica nos seus povoados (que não deverá ser confundida com uma colonização e que, ainda assim, apresenta um menor nível de integração do que aquele existente na Sicília e Ilhas Eólias (Bietti Sestieri, 2018:163, 166)); esta presença traduziu-se em importantes influências ao nível da cultura material e na introdução de vários elementos (culturas agrícolas, técnicas artesanais, quiçá certas noções sociais, etc.), depois plausivelmente difundidos por estas regiões para outras partes de Itália (Bietti Sestieri, 2018:130, 145-147, 163, 166).

Por fim, o Sudoeste (Fig. 04, P) distingue-se principalmente pelos seus contactos com a Sicília (Nordeste, em particular) e Ilhas Eólias: durante o Bronze Médio, estas regiões insulares protagonizaram diversos ataques às costas desta área, algo que terá influenciado o povoamento da mesma ainda durante este Bronze Recente (a maior parte dos seus povoados já não se encontra, ou afasta-se, do litoral); na fase que aqui contextualizamos, com base em vestígios de destruições e mudanças de cultura material nessas ilhas e até em relatos de autores antigos, supõe-se que os habitantes peninsulares tenham “retaliado” (Bietti Sestieri, 2018:137-139, 167-168). Também ao nível do mundo funerário se observam algumas semelhanças entre ambas as áreas (nomeadamente, no que se refere às inumações em grandes contentores cerâmicos), sendo que a incineração é igualmente conhecida, neste Sudoeste, desde o Bronze Médio (ainda que seja difícil perceber se algum destes rituais seria predominante) (Bietti Sestieri, 2018:155-156; Pacciarelli, 2012:225-226).

2.2.2. O Bronze Final (Séculos XII – XI/IX a.C.)

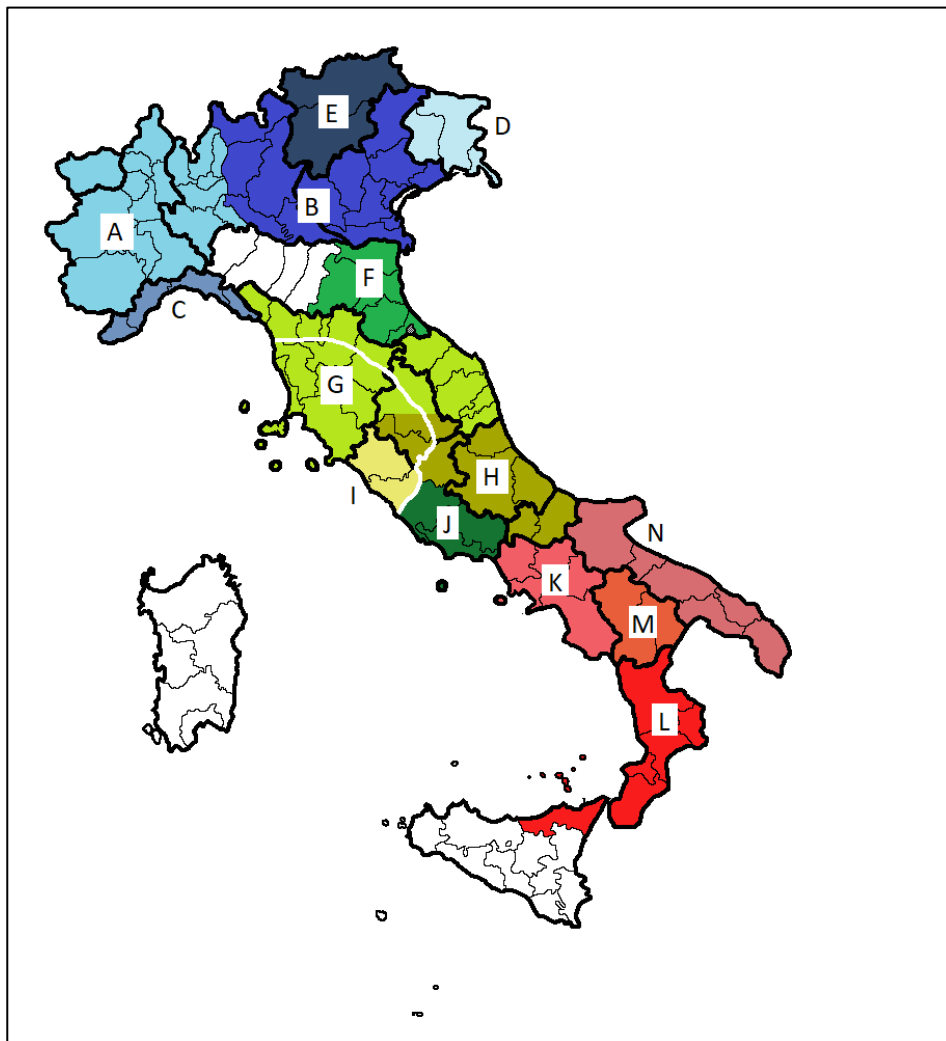


Figura 05 – Mapa das regiões peninsulares contextualizadas nesta dissertação, durante o Bronze Final. As áreas a branco não foram tratadas neste estudo. A azul, o Norte: A – Noroeste (regiões do Valle d'Aosta, Piemonte e Lombardia Ocidental); B – Centro-norte (regiões da Lombardia Oriental e Veneto Ocidental); C – Ligúria; D – Nordeste (região de Friuli-Venezia Giulia); E – Trentino-Alto Adige. A verde, o Centro: F – Emília-Romanha; G – Marche, Úmbria setentrional e Toscana; H – Abruzzo, Úmbria meridional, Molise e província *laziale* de Rieti; I – Etrúria meridional (a linha branca representa a futura área desta região); J – Lazio Antigo. A vermelho e tons semelhantes, o Sul: K – Campânia; L – Calábria (e áreas sicilianas que com ela partilham a cultura material); M – Basilicata; N – Puglia. (Mapa realizado pela autora, no programa Paint, com recurso a uma imagem retirada do *site* da “Wikimedia” (<https://www.wikimedia.org/>).)

O Bronze Final, que durante muito tempo foi visto como um período homogéneo ao longo de toda a península, é agora considerado um momento de grande variedade regional; o

termo “protovillanoviano”, que se utilizava para a cultura que se julgava “dominante”, é agora utilizado apenas para a Etrúria (Bietti Sestieri, 2018:171). Ainda assim, ao nível dos materiais observa-se efetivamente a presença de alguns elementos comuns a toda a Itália Continental: vasos cerâmicos com formas bicónicas (frequentemente urnas) e ovoides, carenas, decorações muito variadas, relativamente às técnicas (sulcos, incisões, a pente, etc.; também se observam decorações plásticas, mas são mais raras) e motivos (semicírculos, “zigue-zague”, “barcas solares”, triângulos, etc.), entre outros componentes cerâmicos; relativamente à metalurgia, são bastante comuns, entre muitas outras tipologias, os machados “ad alette”, as fibulas de arco de violino, simples ou “serpeggiante”, as pontas de lança “a cannone”, as espadas “a lingua da presa” (Bietti Sestieri, 2018:171-172). No geral, pode igualmente observar-se um aumento de importância da atividade metalúrgica (menos notável a Norte, onde já era bastante importante); a produção é agora ainda mais abundante, com níveis técnicos e estéticos elevados, e os objetos metálicos são fundamentais a todos os tipos de tarefas (Bietti Sestieri, 2018:172). E, a nível funerário, a incineração é também bastante comum em todas as áreas.

Relativamente aos objetos que iremos apresentar, muito poucos se poderão ligar a equivalentes tipologias deste período da Proto-história italiana e, quando o fazem, não costumam associar-se a todo o período (mas apenas ao seu início, ligando-se ao Bronze Recente, ou final, ligando-se à Idade do Ferro), com uma única exceção, muito incerta. Ainda assim, tal não será razão para não contextualizarmos esta fase e, sendo as diferenças entre regiões abundantes, uma veloz e resumida abordagem regional será sempre benéfica.

Começando novamente pelo Norte, o Noroeste (Fig. 05, A) caracteriza-se, de uma forma geral, pela *facies* “protogolasecchiana” (que surge neste período, no seguimento da de Canegrate), que, como o nome indica, é a precursora da mais conhecida cultura de Golasecca da Idade do Ferro; as suas sepulturas (ainda com base na cultura anterior) são agora um pouco mais originais e próprias, as sociedades apresentam já uma “organizzazione politica centralizzata” (Bietti Sestieri, 2018:177-178) e uma ligeira (mas não excessiva) hierarquia e as informações sobre o povoamento permanecem escassas (Bietti Sestieri, 2018:175-183).

A região mais Centro-Norte (Fig. 05, B), agora com distintas fronteiras, tornou-se uma das áreas mais dinâmicas da Península Itálica, possuindo já sociedades hierarquizadas (que muitos investigadores afirmam tratar-se já de “chefaturas”) e um território organizado, com as populações concentradas em grandes povoados (Bietti Sestieri, 2018:187-198, 225, 239). De entre estes, temos de destacar o de Frattesina (concelho de Fratta Polesine, Veneto), “(...) un nodo di produzione e di scambio su scala interregionale e internazionale (...)” (Bietti

Sestieri, 2018:187), que parece ser o, ou um dos principais; aqui se constata evidências materiais de contactos com as regiões centro-italianas (principalmente com a Etrúria, de onde proviria a maior parte dos metais trabalhados nesta área (Bietti Sestieri, 2018:186, 190)) e com outras regiões europeias (Sardenha, Egeu, Grécia, Chipre, Balcãs, Suíça, Sudeste francês, quiçá já Fenícia; alguns materiais típicos desta região surgem também na Ucrânia (Bietti Sestieri, 2018:196-197)), e de produções locais muito ricas e provavelmente especializadas (inclusive de vidro) (Bietti Sestieri, 2018:189-193). Apesar de, até ao momento, se tratar de um achado excepcional que não se poderá alargar sem critérios a toda esta área, é sem dúvida uma interessante prova da intensificação das comunicações inter-regionais e dos avanços a nível produtivo que se deram neste Bronze Final.

A Ligúria (Fig. 05, C) não se alterou significativamente neste período e continuou as tendências do Bronze Recente; poderemos destacar, no entanto, uma predominância, agora clara, da incineração e uma intensificação dos contactos inter-regionais, por terra e por mar, dentro e fora da Península Itálica (destacando-se, não surpreendentemente, as comunicações e trocas com o Sul de França) (Bietti Sestieri, 2018:183-185). No Nordeste (Fig. 05, D), mantém-se a “Cultura dei Castellieri”, apesar de algumas alterações e novidades (o povoamento passa a concentrar-se em povoados específicos, geralmente em locais estratégicos; intensificam-se os contactos com o exterior, constituindo um importante “nó” da rede que ligaria Frattesina à Europa Central e adotando dessa região algumas influências ao nível dos materiais; terá sido um período marcado por uma transição da inumação para a incineração e de uma sociedade mais igualitária para uma mais hierarquizada) (Bietti Sestieri, 2018:204-207). Por fim, o Trentino-Alto Adige (Fig. 05, E), que deixou de estar na esfera de influência do Centro-norte, caracteriza-se neste Bronze Final pela cultura de “Luco-Meluno”, em particular pela sua fase “Luco A”, que se define pelas suas cerâmicas muito próprias; é uma região que contactaria bastante com aquelas em seu redor (italianas e não só), onde predominam os povoados de altura e o ritual funerário da incineração, não existindo ainda indícios claros de alguma diferenciação social (Bietti Sestieri, 2018:201-204).

Focando-nos agora no Centro da península, poderemos dizer que a Emília-Romanha (isto é, nas áreas que não ficaram efetivamente desabitadas após o fim das “*terramare*”) (Fig. 05, F) define-se principalmente pelos seus povoados agora exclusivamente de altura (os sítios em altitudes mais baixas foram abandonados) e pelos seus materiais, semelhantes e influenciados pelos das regiões à sua volta (Bietti Sestieri, 2018:132, 208-210); os dados relativos a este período são, no entanto, escassíssimos, em parte talvez por se observar uma

“quebra” do Bronze Recente para o Bronze Final e uma outra do Bronze Final para a Idade do Ferro (a introdução da cultura villanoviana, bastante “vistosa”, é geralmente considerada, com base nos vestígios arqueológicos, uma introdução ou “colonização” de origem etrusca (Bartoloni, 2012 a:94; Bietti Sestieri, 2018:210)). As Marche, Úmbria setentrional e Toscana (inclusive a Etrúria toscana) (Fig. 05, G) destacam-se essencialmente pela sua cultura material (“*facies* Chiusi-Cetona”), que, não sendo particularmente única a nível morfológico (as suas formas são iguais às da Etrúria meridional), se evidencia em especial pelas suas decorações, muito semelhantes às da desaparecida cultura das “*terramare*” (tal poderá ser fruto dos contactos em momentos anteriores ou, como se defende frequentemente para a nova dinâmica do Centro-norte, estar ligado a migrações populacionais (Bietti Sestieri, 2018:225-226)); o povoamento não é ainda muito complexo, mas as sociedades seriam já de tipo tribal, com uma certa centralização do poder político (Bietti Sestieri, 2018:225-231, 238). No final deste período, as diferenças regionais dentro deste vasto território tornam-se mais evidentes, com a Etrúria toscana a aproximar-se da sua homónima meridional e, por exemplo, o resto da Toscana a associar-se mais à Ligúria e regiões norte-ocidentais (Bietti Sestieri, 2018:231).

O atual Abruzzo, Úmbria meridional, província *laziale* de Rieti (a “Sabina”) e, de certa forma, o Molise (Fig. 05, H) caracterizam-se essencialmente, apesar da carência de dados, pelos seus rituais funerários (apesar de existirem algumas necrópoles de incineração, as suas sepulturas de inumação rodeadas por círculos e, ou, *tumuli* de pedras, algumas das quais já marcadas por filas de estelas, são muito mais particulares e em maior número) e pela sua cultura material (que se distingue pela sua falta de elementos distinguíveis – muitos elementos diagnósticos, como decorações, são muito menos frequentes e as formas seguem modelos originários das regiões à sua volta; nos finais deste período, começam a surgir alguns elementos mais próprios, que marcarão a fase seguinte); esta zona possuirá já uma certa hierarquização social, mas não territorial (e tal não sucederá até ao período Orientalizante) (Bietti Sestieri, 2018:286-298).

A Etrúria meridional (Fig. 05, I), não possuindo ainda o dinamismo que terá durante a Idade do Ferro e ulteriormente, complexifica-se também grandemente neste período, ao nível do povoamento (os povoados já não aparentam ligar-se a rotas de transumância, multiplicam-se e inserem-se em redes mais organizadas, destacando-se alguns sítios maiores), da economia (assente agora em atividades mais sedentárias e “desenvolvidas”) e da sociedade (começa a observar-se uma certa hierarquização, com, provavelmente, alguns indivíduos ou famílias a chefiarem as suas comunidades) (Bietti Sestieri, 2018:231-241; Bartoloni, 2012 a).

Teremos de destacar, porém, o seu mundo funerário, muito próprio e evidenciando já tendências que serão típicas da cultura etrusca até à época romana: a associação entre as urnas cinerárias e as casas, num momento inicial através de urnas (principalmente, bicónicas, ou ovoides) com decorações e, ou, tampas que as fazem assemelhar a habitações e, mais tarde, através de urnas com uma verdadeira forma de cabana; esta associação é intensificada pela presença, nalgumas destas sepulturas (provavelmente associadas a um número diminuto e exclusivo de indivíduos) de miniaturas cerâmicas (Bietti Sestieri, 2018:238; Pietrangeli e Feruglio, 1965; Sabatini, 2007:123, 152, 154; Cristofani, 1999:59; Bartoloni, 2012 b; Camporeale, 2015:171; Pallottino, 2016:187-188).

No *Latium Vetus* (Fig. 05, J), os momentos iniciais do Bronze Final (até ao século XI a.C.), apesar de algumas diferenças (os povoados em planaltos não são tão comuns, a agricultura não é ainda tão desenvolvida e mantém-se a transumância, as comunidades não aparentam tão hierarquizadas), são praticamente “indistinguíveis” da situação da Etrúria meridional acima exposta, especialmente no que se refere à cultura material, mundo funerário e organização territorial (Bietti Sestieri, 2018:270-271). A partir desse momento, porém, esta região afasta-se culturalmente dos seus vizinhos a Norte do Tibre: apesar de o essencial do ritual fúnebre se manter (a associação urna-casa, a incineração), regressa nesta fase a deposição de armas nas sepulturas (algo que, como vimos, é bastante raro nas culturas italianas onde predomina a cremação) e passa a haver uma miniaturização de todo o espólio, das cerâmicas aos ornamentos e “espadinhas” (excluindo-se aqui a urna, claro) (Bietti Sestieri, 2018:273-274; Segara Crespo, 2014); observa-se também uma mudança ao nível dos contactos inter-regionais (as comunidades do Lazio viram-se agora para Sul, para a atual região da Campânia) e ao nível da organização territorial (o centro e foco do povoamento muda-se das planícies costeiras, que facilmente comunicariam com a Etrúria, para a área dos Colli Albani, no interior e muito mais central) (Bietti Sestieri, 2018:272). Tal poderá dever-se, segundo defendem alguns investigadores, a uma estratégia propositada e consciente dos “novos” (ou, pelo menos, mais bem visíveis a nível arqueológico) líderes destas comunidades, com o objetivo de reforçar a identidade cultural local (Bietti Sestieri, 2018:275).

Por fim, passando ao Sul, poderemos começar por dizer que a Campânia (Fig. 05, K), onde o “mundo dos vivos” (quicá já ligeiramente hierarquizado) e o povoamento (que aparenta revitalizar-se no litoral) são ainda bastante desconhecidos, apresenta uma interessante mistura de elementos locais (como a manutenção da inumação, com enterramentos em fossas) e exógenos (como as urnas cinerárias com influências do Lazio) ao

nível do ritual funerário (Bietti Sestieri, 2018:301-307). A Calábria (Fig. 05, L), onde os povoados também são mal conhecidos, mas a ocupação do seu litoral tirrénico igualmente “renasce”, destaca-se por continuar a exercer uma enorme influência sobre as Ilhas Eólias e Sicília Oriental, bastante visível ao nível da cultura material (ilhas estas que, na perspetiva mais “tradicional”, eram até incluídas na “cultura protovillanoviana peninsular”), e pelo grande desenvolvimento quantitativo da sua metalurgia (certamente fruto de uma exploração mais intensiva dos seus recursos locais), que passa a apresentar características e modelos muito próprios e bem definidos; durante a maior parte deste Bronze Final, predomina a cremação, mas, com o seu desfecho, volta a destacar-se antes a inumação (Bietti Sestieri, 2018:320-329).

A Basilicata (Fig. 05, M) é, por sua vez, um pouco mais distinta das restantes regiões: não só o seu povoamento é devidamente conhecido, como a ocupação do seu território (ou, pelo menos, de partes dele) é complexa e organizada, lembrando a alguns investigadores a área de Frattesina e a Etrúria meridional; a incineração terá sido sempre predominante e esta área possuirá já “elites” e sociedades hierarquizadas (Bietti Sestieri, 2018:320, 332-338).

A Puglia (Fig. 05, N) poderá distinguir-se por já apresentar os primeiros vestígios de trabalho do ferro e por ter mantido os contactos com e até uma certa presença nalguns povoados de indivíduos da Grécia continental pós-micénica e Egeu; a organização e ocupação do seu território não são ainda bem conhecidos (devido essencialmente ao seu tamanho e vastas diferenças regionais), mas poderá supor-se uma continuação da complexidade do Bronze Recente, e, a nível fúnebre, mantêm-se as incinerações e as inumações, com raras armas e frequentes esculturas (mais geométricas ou mais antropomórficas) nos espólios (Bietti Sestieri, 2018:338-348; Jung e Mehofer, 2013:185).

Todas as regiões meridionais que tiveram alguma ocupação ou fortes influências micénicas apresentam nesta fase um interessante conjunto de cerâmicas (grandes “*doli cordonati*”, produzidos a torno, e cerâmicas pintadas num estilo proto geométrico, feitas à mão (Bietti Sestieri, 2018:320)), que são geralmente consideradas uma herança dos contactos com esta desaparecida cultura.

No geral, teremos também de referir que os contactos com o exterior (dentro e fora de Itália) se intensificam um pouco por toda a península, com as áreas mais próximas e não só.

2.2.3. A Idade do Ferro (Séculos XI/IX – VIII a.C.)

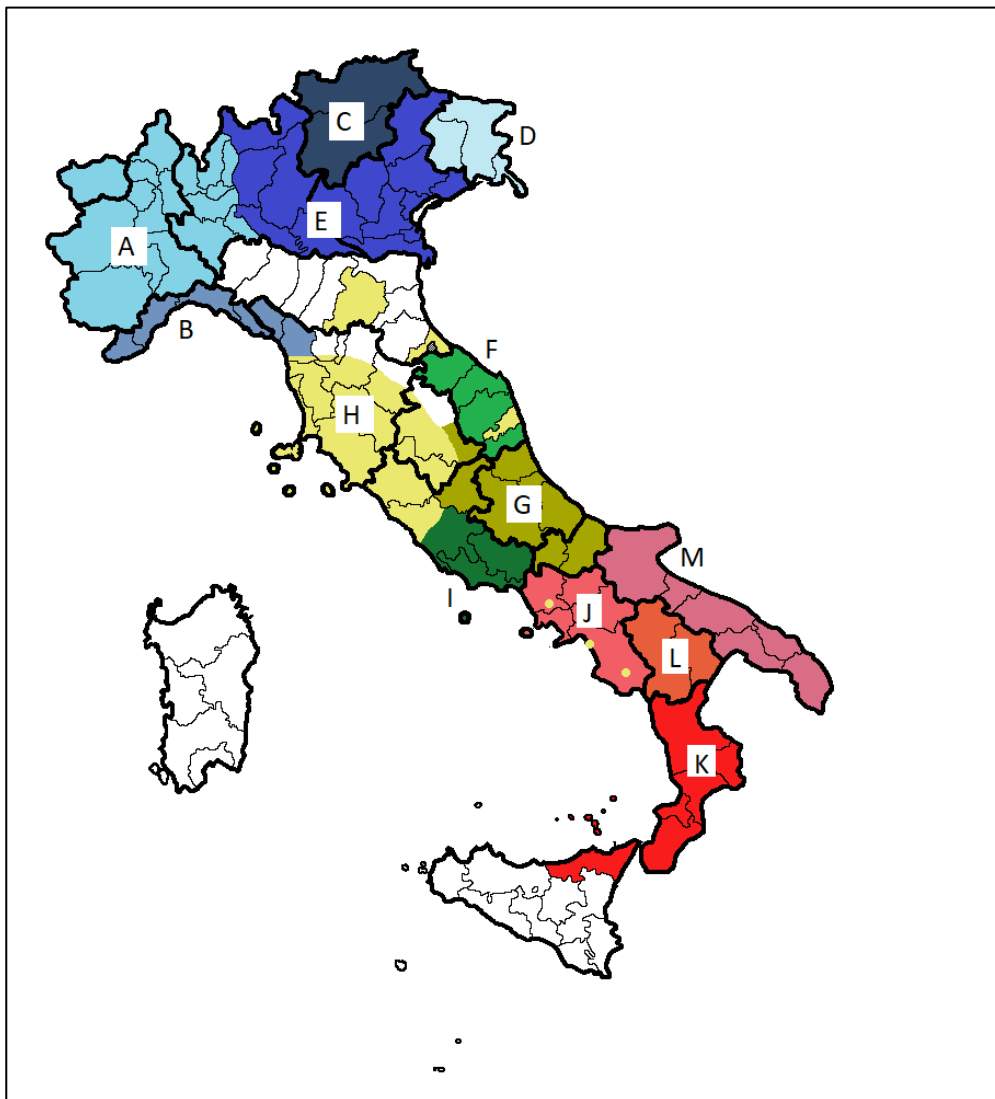


Figura 06 – Mapa das regiões peninsulares contextualizadas nesta dissertação, durante a (I) Idade do Ferro. As áreas a branco não foram tratadas neste estudo. A azul, o Norte: A – Noroeste (regiões do Valle d’Aosta, Piemonte e Lombardia Ocidental); B – Ligúria; C – Nordeste (região de Friuli-Venezia Giulia); D – Trentino-Alto Adige; E – Centro-norte (regiões da Lombardia Oriental e Veneto Ocidental). A verde, o Centro: F – Marche; G – Abruzzo, Úmbria meridional, Molise e província *laziale* de Rieti; H – Áreas villanovianas; I – Lazio Antigo. A vermelho e tons semelhantes, o Sul: J – Campânia; K – Calábria (e áreas sicilianas que com ela partilham a cultura material); L – Basilicata; M – Puglia. (Mapa realizado pela autora, no programa Paint, com recurso a uma imagem retirada do *site* da “Wikimedia” (<https://www.wikimedia.org/>).)

Na Idade do Ferro ou, dependendo da região e tendo em conta o período cronológico que aqui estudamos, especificamente na I Idade do Ferro, desenvolvem-se e acentuam-se

(mas, por enquanto, ainda não radicalmente) as diferenças regionais que dão ou darão origem aos famosos “povos” de época romana (como os etruscos, de língua pré-indo-europeia, ou os vénetos e latinos, de língua indo-europeia (Guerra, 2015)). Não será o nosso objetivo, porém, focarmo-nos nas diferenças étnicas e linguísticas que caracterizarão esses grupos populacionais, apenas nos propomos a expor as suas principais características neste período. Dadas estas maiores diferenças, porém, não nos é possível apontar alguns elementos específicos comuns a todas estas regiões (para além, claro, da sua inserção geográfica na atual Itália).

Os materiais ou “influências” desta época observados na Península Ibérica possuem origens muito variadas, um pouco por toda a Itália Continental, mas com uma certa predominância das áreas mais centrais e meridionais.

O Norte será, de certa forma, a área que menos se modifica. O Noroeste (Fig. 06, A) é marcado, como já mencionámos brevemente, pela cultura de Golasecca; porém, o momento que aqui apresentamos, correspondente apenas à fase Golasecca IA, não é ainda radicalmente diferente daquele que lhe precedeu: as principais diferenças prendem-se com um aparente aumento populacional, com a observação de importantes influências a nível material de novas regiões (como a Etrúria) e com a emergência, no final desta fase, de uma aristocracia guerreira (Bietti Sestieri, 2018:176-183). A Ligúria e uma pequena parte da Toscana (Fig. 06, B) encontram-se numa situação semelhante, no entanto, com alterações mais bem visíveis, nomeadamente ao nível do território (que já aparenta organizado, existindo uma forte concentração populacional em poucos, mas significativos, povoados), da metalurgia (que se baseia essencialmente em modelos ocidentais (franceses), setentrionais e villanovianos), do ritual funerário (coexistindo agora, de novo, a inumação e incineração, por oposição ao restante Norte, onde se mantém a predominância da incineração) e das sociedades (já mais complexas); é também observável, a quase todos os níveis, um desenvolvimento geral de uma identidade cultural regional (Bietti Sestieri, 2018:184-186). No Trentino-Alto Adige (Fig. 06, C) mantém-se a cultura de “Luco-Meluno”, agora na sua fase “Luco B” (que se distingue da anterior graças a algumas alterações às suas produções cerâmicas, principalmente no que se refere às suas decorações); permanecendo a mesma cultura, permanecem também, sem surpresas, os seus principais aspetos (inclusive, a nível funerário e social), mas é agora observável uma diminuição geral do número de povoados, uma certa organização político-territorial das pequenas “aldeias” autónomas que povoariam esta área e que provavelmente corresponderiam a agrupamentos de tipo tribal, e “novas” influências a nível metalúrgico (das

culturas villanoviana, de Golasecca e de Hallstatt) (Bietti Sestieri, 2018:202-204). Na atual região do Friuli-Veneza Giulia (Fig. 06, D) continua igualmente a “cultura dei Castellieri”, mas o povoamento desenvolve-se e renasce a ocupação das planícies; os contactos com o exterior também se terão intensificado (inclusive com as áreas villanovianas e toda a costa adriática, mas igualmente fora de Itália) (Bietti Sestieri, 2018:204-207).

A região setentrional que mais se modifica neste período terá sido o Centro-norte (Fig. 06, E), agora caracterizada pela *facies* “paleoveneta” (que, a nível material, é marcada por alterações às produções cerâmicas, ainda que se mantenham muitas produções do Bronze Final): antes de mais, Frattesina perde o seu papel de “nó principal” das trocas inter-regionais na área setentrional, sendo “substituída” pela Bolonha villanoviana, cujos modelos passam a dominar a produção metalúrgica desta região; o espólio fúnebre (e, portanto, a sociedade) apresenta, até meados do século VIII a.C., poucos indícios de hierarquização, mas nos finais desse século surgem já os primeiros vestígios de “aristocracias”; a ocupação do território sofre uma crise (mais uma vez, provavelmente por razões climáticas) e a maior parte (mas não completamente) dos povoados existentes no período anterior é abandonada (Bietti Sestieri, 2018:198-200).

O Centro, por seu lado, ganha dinamismo. Nas Marche (Fig. 06, F), a Idade do Ferro (até à época romana, aliás) é caracterizada pela cultura “picena”; os elementos mais característicos desta famosa cultura (como as suas estátuas), porém, ainda não são claramente visíveis nos séculos que aqui tratamos. Nesta fase, caracteriza-se antes pela predominância da inumação, pelo surgimento, num momento avançado, de uma certa hierarquia social (que, porém, só se consolida devidamente a partir do século VII a.C.) e pela sua característica cultura material (que, neste momento, conjuga elementos locais, tipologias balcânicas (particularmente nas cerâmicas) e villanovianas (nas produções metalúrgicas e peças de âmbar)); o povoamento não é ainda muito bem conhecido (Bietti Sestieri, 2018:244-250).

As atuais regiões do Abruzzo, Úmbria meridional, Molise (em parte, pois os dados são ainda mais escassos do que nas restantes áreas) e a antiga “Sabina” (Fig. 06, G) continuam a partilhar vários atributos neste novo momento, principalmente ao nível dos materiais (as cerâmicas mantêm as suas características bastante homogêneas e locais, mas a metalurgia baseia-se em modelos exógenos; a utilização do ferro, no entanto, aparenta relativamente precoce e será, por exemplo, mais antiga do que na Etrúria) e, excluindo-se a Sabina, dos rituais funerários (continuando as tendências do Bronze Final, passa a predominar a inumação; a Sabina partilha os costumes fúnebres com o restante Lazio); o povoamento pouco se altera,

mas passam a preponderar povoados mais junto à costa (provavelmente devido a um novo foco “comercial” adriático) (Bietti Sestieri, 2018:286-298).

Neste período, a Etrúria (agora na sua totalidade) é marcada pela “cultura villanoviana”, que, apesar do seu nome (derivado da necrópole de Villanova, em Castenaso, nas proximidades de Bolonha), terá surgido nesta região, espalhando-se depois para fora dela (Fig. 06, H) (Bartoloni, 2012 a:93). Como o seu nome indica, trata-se de uma continuação “natural” da anterior cultura “protovillanoviana”, seguindo as suas tendências, principalmente ao nível do mundo funerário (com pequenas alterações relativamente às urnas; a inumação também começa a reaparecer, mas, nesta fase, ainda só em dois povoados) e ao nível dos materiais (surgindo, no entanto, artesãos especializados, alguns dos quais focados em imitações de cerâmicas gregas e, ou, já ligadas ao consumo de vinho, e aumentado em número as produções metálicas) (Bietti Sestieri, 2018:259-263, 313; Bartoloni, 2012 a:99; Delpino, 2012:194; Delpino, 1997:193). Porém, as diferenças para com a fase precedente não deixam de ser significativas: o povoamento concentra-se e surgem grandes centros “proto-urbanos”, geralmente em vastos planaltos, que controlam o território em sua volta (e que darão origem, posteriormente, às conhecidas cidade-estado etruscas, como Vulci, Tarquínia e Cerveteri) (Giardino, 1995:109-129; Bartoloni, 2012 a); até ao século VIII a.C., as sociedades permanecem pouco hierarquizadas e pouco distintas das do Bronze Final, mas existirá já, nesta fase, uma maior complexificação ao nível do governo e organização destas sociedades, um organismo político capaz de impor certas decisões (Bartoloni, 2012 a); começam a observar-se algumas distinções de povoado para povoado, de território para território, nomeadamente ao nível das tipologias dos túmulos (Bietti Sestieri, 2018:262-263).

Fora da Etrúria, esta cultura villanoviana é também observável na Emília-Romanha (principalmente em torno de Bolonha e Verucchio), Marche (área de Ascoli Piceno e Fermo) e Campânia (na zona de Capua e em vários locais da província de Salerno, principalmente em torno de Pontecagnano Faiano e Sala Consilina) (Fig. 06, H) (Bartoloni, 2012 a:94; Bietti Sestieri, 2018:243, 252). Estas áreas distinguem-se entre elas (isto é, para além das suas diversas localizações geográficas, que, porém, são todas bastante férteis) pelos seus tipos de povoados (inevitavelmente dependentes dos territórios), pelos seus focos produtivos (por exemplo, Bolonha possui uma importantíssima indústria metalúrgica e Verucchio é conhecido pelo seu trabalho do vidro e do âmbar), pelas suas distintas associações a áreas ou povoados etruscos (nomeadamente, Fermo parece ligar-se especificamente com o povoado etrusco de Chiusi, na Etrúria toscana, e Pontecagnano com o de Tarquínia, na Etrúria meridional) e, claro,

por pequenas diferenças regionais (por exemplo, na Emília-Romanha depositam-se armas fragmentadas nas sepulturas e na Campânia conhecem-se (raras) urnas vazias, possíveis cenotáfios) (Bietti Sestieri, 2018:209-222, 244, 251-252, 311-315).

É também neste momento que, no Sul da Etrúria, nas áreas dos atuais concelhos de Capena (área metropolitana de Roma), Calcata e Civita Castellana (província de Viterbo), se começa a observar alguns elementos distintos (não o suficiente para, nesta fase, ser considerada uma cultura arqueológica à parte da villanoviana) que darão origem à cultura falisca, caracterizada pelas suas afinidades com o Antigo Lazio e Sabina, nomeadamente ao nível da língua (indo-europeia, da mesma família do latim) e quiçá etnicidade (Bietti Sestieri, 2018:256). Nesta I Idade do Ferro, distingue-se, ao nível do território, pelo facto de os seus grandes povoados não terem qualquer continuidade com os do período anterior (são “fundados” neste momento) e de, mesmo naqueles que seriam importantes, não se constatarem vestígios de “proto-urbanismo” (Bietti Sestieri, 2018:256).

A Idade do Ferro no Antigo Lazio (Fig. 06, I) conhece-se relativamente bem e é possível dividi-la em duas fases bastante distintas, correspondentes ao II (c. séculos X-IX a.C.) e III (c. IX-VIII a.C.) períodos *laziali*. Na primeira fase, as diferenças face ao Bronze Final não são ainda bastante significativas, sendo que poderemos destacar, entre outras, o retorno do espólio não miniaturizado (as armas, porém, continuam a ser diminutas) e das inumações, o surgimento de novos sítios habitacionais (como Gabii ou Tivoli) e maiores diferenças organizativas no interior dos povoados e suas necrópoles (Bietti Sestieri, 2018:276-279). A segunda fase, porém, apresenta transformações “radicais”, a todos os níveis. Esta região “vira-se” novamente para a Etrúria, inserindo-se claramente na rede de trocas que daí partem rumo à Campânia, e, quiçá por causa disso, o centro do povoamento desloca-se dos Colli Albani para Roma; passa a predominar a inumação e as armas de tamanho real retornam aos túmulos; observa-se já uma forma embrionária do “sistema gentilizio-clientelare” que marcará esta região até à Época Romana; sem surpresas, os materiais associam-se a tipologias villanovianas, mas também já se constata a introdução de elementos (como as decorações geométricas de inspiração grega) e técnicas (utilização do torno) orientalizantes (Bietti Sestieri, 2018:280-284).

Passando ao Sul, teremos de começar por dizer que a principal característica, comum a toda esta área e que marca este momento, é o retorno do predomínio (nalguns casos, até exclusividade) do ritual funerário da inumação.

Na Campânia não villanoviana (Fig. 06, J), destacam-se duas culturas arqueológicas distintas, a das “tombe a fossa” e a de “Oliveto-Cairano”. Apesar do que os seus nomes possam dar a entender, estas *facies* não se distinguem pelos seus rituais funerários, mas sim pelas suas culturas materiais: a primeira (visível por toda a Campânia, ainda que o seu povoamento continue bastante desconhecido) possui fortes afinidades com o Lazio e a Calábria, principalmente ao nível da sua produção metalúrgica (sendo uma região onde não existem quaisquer recursos metalíferos, não é surpreendente que adquira os modelos formais das áreas de onde os importa), apresenta já algumas tipologias morfológicas gregas e o seu espólio fúnebre espelha os interessantes contactos marítimos de longa distância em que os “vivos” estariam envolvidos (foram encontrados, por exemplo, bronzes cipriotas e *scarabei* egípcios) (Bietti Sestieri, 2018:304-309); os materiais da (menos conhecida) cultura de “Oliveto-Cairano”, por seu lado, associam-se antes à área adriática (Puglia e Balcãs), ainda que não faltem influências de outras regiões (nomeadamente sicilianas/calabresas) (Bietti Sestieri, 2018:310).

Na Calábria (Fig. 06, K), a cultura material permanece essencialmente local ao nível das peças metálicas, mas as suas cerâmicas passam a ligar-se às da cultura campana das “tombe a fossa” e às do Lazio, conhecendo-se também muitas influências, imitações ou importações com origens no Mediterrâneo central e oriental e noutras partes de Itália (como a Basilicata) (Bietti Sestieri, 2018:325-331). Observa-se também a existência de uma sociedade complexa e hierarquizada, um claro aumento populacional e uma consolidação de uma organização hierárquica do território, com grandes povoados em planaltos a dominar as áreas em seu redor (Bietti Sestieri, 2018:323).

A situação na Basilicata (Fig. 06, L) é semelhante, ainda que com particularidades próprias: o espólio fúnebre empobrece e começa a escassear no final desta fase; os materiais (cerâmicos e metalúrgicos), apesar das suas várias características locais (muitas delas oriundas do Bronze Final), testemunham intensos contactos com a Campânia e Calábria e, de uma forma menos intensa, com os Balcãs; os povoados apresentam tipologias distintas e próprias (Bietti Sestieri, 2018:332-338).

Por fim, na Puglia (Fig. 06, M), o povoamento não se altera drasticamente face ao Bronze Final (aliás, a maior parte dos povoados continuam a ocupação desse período), e constata-se, a nível material, vários objetos influenciados, imitados ou importados dos Balcãs, Egeu, Sicília e restantes áreas meridionais da Península Itálica (Bietti Sestieri, 2018:340-348).

Apesar do “regresso” da inumação, as armas continuam praticamente ausentes das sepulturas, e o seu espólio vai-se tornando mais rico com o avançar do tempo (Bietti Sestieri, 2018:345).

2.2.4. O Período Orientalizante (Etrúria, Lazio Antigo, Sul) (Século VIII a.C. –)

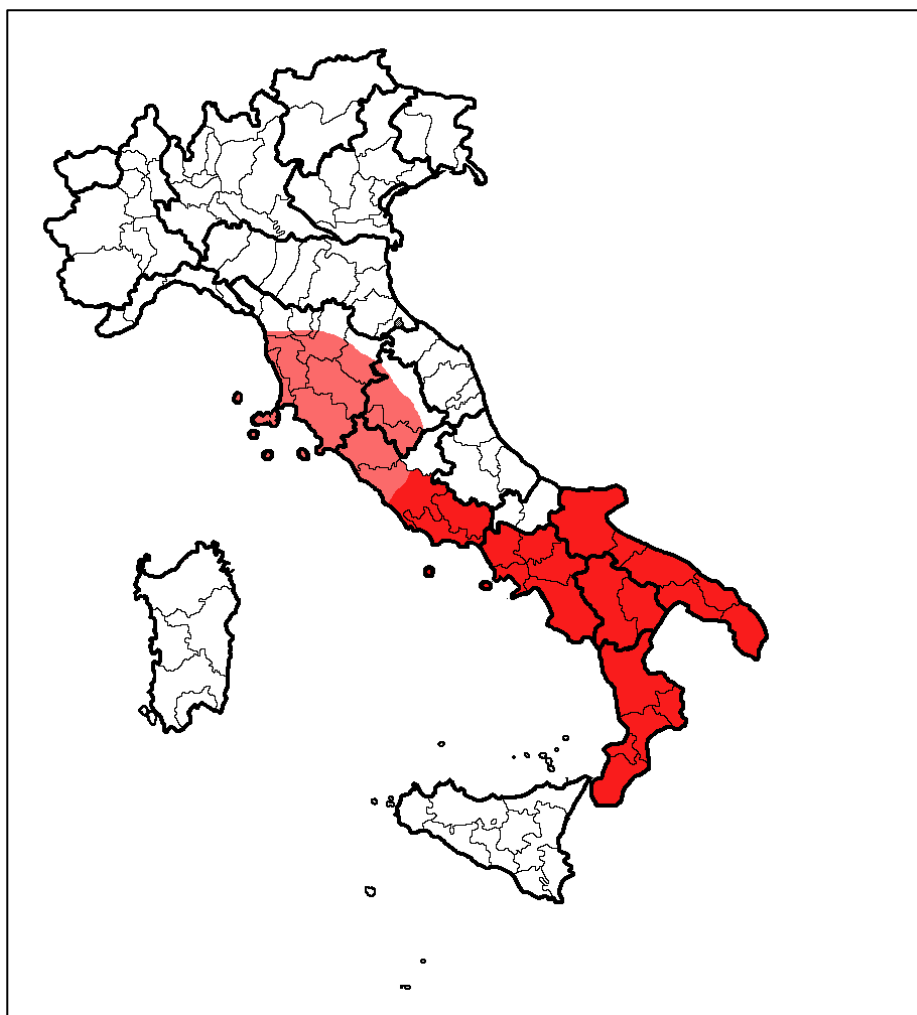


Figura 07 – Mapa das regiões peninsulares contextualizadas nesta dissertação, durante o Período Orientalizante do século VIII a.C. (a vermelho; a Etrúria apresenta um vermelho mais claro/rosa, por as suas fronteiras não corresponderem às de regiões ou províncias atuais). As áreas a branco não foram tratadas neste estudo. (Mapa realizado pela autora, no programa Paint, com recurso a uma imagem retirada do *site* da “Wikimedia” (<https://www.wikimedia.org/>).)

O momento que aqui estudamos também inclui parte do Período Orientalizante (c. 780/750/720/700 a.C. a 580 a.C.) que tocou várias regiões italianas. Tratando-se apenas de

algumas décadas, não seremos excessivamente pomenorizadas, mas gostaríamos de deixar, ainda assim, algumas notas.

Antes de mais, será importante explicar o que é este Período Orientalizante italiano: como na Península Ibérica, trata-se de uma nova fase, bastante distinta da anterior (mas na continuação da mesma), durante a qual se observa a adoção de elementos, materiais e não só (aqui podem inserir-se novos costumes, como os “banquetes rituais”, o alfabeto, etc.), originários do Mediterrâneo Oriental, graças principalmente à intensificação dos contactos com povos dessa região (fenícios, gregos). É também uma fase em que as sociedades locais, em parte (mas nunca totalmente) devido a esses elementos e povos orientais, se tornam mais complexas e hierarquizadas. Num panorama mais geral, poderá considerar-se parte da “Idade do Ferro” (que, tecnicamente, só terminará com a conquista romana), ainda que seja preciso distingui-la do momento anterior (uma “I Idade do Ferro” mais endógena) e da Idade do Ferro mais continental das regiões italianas setentrionais.

Será igualmente importante referir que, apesar de todas as regiões italianas centrais e meridionais apresentarem uma clara fase orientalizante, nem todas o fazem no período que aqui estudamos. Nas Marche, Abruzzo, Úmbria meridional e Sabina este novo momento só se iniciará nitidamente, segundo a maior parte dos autores, no século VII a.C. (Bietti Sestieri, 2018:245, 297). Nas restantes regiões (Fig. 07), elementos tipicamente orientalizantes manifestam-se já durante o século VIII a.C.; no entanto, isto não quer dizer que, nas oito a duas décadas que aqui nos cabem, se observem todas as importantes transformações que este período traz consigo.

São já evidentes o aumento dos contactos e materiais “orientalizantes” (importados ou fortemente influenciados pelos orientais, principalmente gregos), a transição, na Etrúria, de uma produção metalúrgica com base em modelos formais centro-europeus para uma baseada em modelos orientais (Iaia, 2006:270), a presença de artesãos “estrangeiros” em território peninsular (Botto, 2013:206), a eclosão das colónias gregas a Sul (as mais antigas, localizadas na Campânia, surgem já em inícios/meados do século VIII a.C. (Bietti Sestieri, 2018:315, 332)) e o advento e utilização do alfabeto (particularmente na área etrusca, que o adapta à sua língua) (Campoereale, 2015:XIII); mas é muito mais difícil precisar no tempo: o surgimento de sociedades *gentilizie*, com componentes aristocráticas e, ou, principescas, profundamente hierarquizadas e organizadas; a formação de verdadeiras cidades; a introdução de fortes influências orientais, ao nível, por exemplo, da religião; a “aceleração das dinâmicas produtivas” (Cerchiai, 2012:127-134, 142; Bietti Sestieri, 2018). O mais provável é que esses

fenómenos se tenham iniciado ou intensificado nos anos que nos cabem, mas só apresentem claros “resultados” posteriormente. Outros elementos, por seu lado, serão claramente posteriores ao momento que nos interessa (por exemplo, os primeiros túmulos monumentais de Cerveteri (na necrópole della Banditaccia), provavelmente ligados ao surgimento das elites que mencionámos, remontam ao século VII a.C.).

2.3. Contactos entre estes territórios e o exterior

Neste subcapítulo, apresentados os territórios que nos interessam, o nosso objetivo será expor, de forma resumida, a forma como as comunidades da Península Ibérica e Península Itálica contactavam com outras regiões exteriores às mesmas, abordando também outros elementos que serão relevantes para a posterior análise dos possíveis contactos entre elas.

Península Ibérica

Os territórios ibéricos desde muito cedo contactaram com o exterior, mas observa-se no Bronze Final uma maior intensificação dessas relações, em especial com o Mediterrâneo. Para além de contactos e trocas com os fenícios, frequentemente mencionados anteriormente, também se encontram bem documentadas várias ligações, diretas ou indiretas (ou extremamente indiretas), com maiores ou menores certezas, a outras culturas e regiões: Ilhas Britânicas, França, Europa Central, Báltico, Norte de África, Sardenha, Sicília, Egeu e Grécia, Chipre, Levante não fenício, Egipto.

Com base em estudos já realizados sobre os contactos com essas áreas, é-nos possível retirar algumas importantes conclusões, relevantes para o nosso objeto de estudo.

Porém, antes de mais, é necessário afirmar que inúmeras questões em torno destes “contactos” são ainda bastante incertas. É frequentemente fácil distinguir o que é forâneo a uma certa sociedade ou cultura, e por vezes (mas não sempre) é igualmente acessível perceber a origem desse elemento exógeno; no entanto, é muito mais difícil conseguir apreender outro tipo de informações (Vilaça, 2008:376), de cariz não material, como o modo de chegada das peças (através de “quem”, de que rotas, de que barcos, etc.), os relacionamentos entre “locais” e “estrangeiros” ou a possível existência de outras trocas “imateriais”. Assim, surgem inúmeros modelos e teorias diferentes, alguns bastante antagónicos, todos com os seus méritos e deméritos (Gomá Rodríguez, 2017:522), mas dificilmente comprováveis até ao surgimento

de mais “provas”. Poderemos referir, a título de exemplo, algumas das distintas perspetivas relativamente às cerâmicas micénicas encontradas no Sul da Península Ibérica (as de Llanete de los Moros (Montoro, província de Córdova), por exemplo, já foram analisadas e confirmadas a sua origem na Argólida (Fundoni, 2013:327; Martín de la Cruz, 2008:292-293; Escacena Carrasco, 2008:317, Fig. 12)): Giovanna Fundoni (2013) defende uma frequência micénica da Península; Marisa Ruiz-Gálvez Priego (2009), por seu lado, afirma que não existiram contactos diretos entre Micenas e a Península Ibérica, sendo as cerâmicas acima mencionadas, que sustenta terem uma cronologia posterior à da queda do sistema palaciano micénico (c. 1200 a.C.), fruto de viagens de vários “povos” do Mediterrâneo Oriental, como os cipriotas. Com isto pretendemos apenas dizer que as informações que apresentaremos de seguida, de uma forma objetiva e sintética, são muito mais complexas e indefinidas do que poderão parecer.

Existem então diversas razões e motivações para estes contactos extra Península Ibérica durante a fase final da Idade do Bronze. Do lado dos “visitantes”, apesar de numa fase inicial se poder tratar de viagens de exploração (por simples “curiosidade” ou pela procura de novos recursos, por exemplo (Ruiz-Gálvez Priego, 1995:143)), não há dúvidas de que as riquezas metalíferas da Península foram um grande fator de atração. Este território possui cobre (existente “(...) um pouco por toda a Península Ibérica (...)” (Senna-Martínez, 2013 b:09)), estanho (“(...) largamente confinado a Norte-ocidente do Maciço Central, Beira Baixa, Norte da Estremadura Espanhola (...) e Nordeste Alentejano.” (Senna-Martínez, 2013 b:09)) e diversos metais preciosos (como a prata da região de Tartessos, muito desejada pelos fenícios (Torres Ortiz, 2002:59; Fundoni, 2013:372), e o ouro (Gomá Rodríguez, 2018:376; Perea e Armbruster, 2008)). Destes, poderemos destacar o estanho, geralmente apontado como um dos principais atrativos peninsulares para os povos mediterrânicos (Ruiz-Gálvez Priego, 1993:64; Gomá Rodríguez, 2019:104-105), devido à sua raridade nessa região (apesar de obviamente ser possível obter estanho de outros territórios (Ilhas Britânicas, Europa Central, Médio Oriente e, claro, o que aqui tratamos), a área mediterrânica em si só possui, em época antiga, pequenos depósitos na Etrúria (Sabatini e Lo Schiavo, 2020:08)). Este metal poderia não ser explorado de forma particularmente intensiva (Senna-Martínez, 2013b:10), mas o conhecimento da sua existência poderia ser suficientemente sugestivo. No entanto, apesar desta predominância dos metais, não se deverá esquecer a possibilidade de que outros recursos materiais também fossem desejados (secundariamente) por estes indivíduos alóctones, como o gado, sal (Ruiz-Gálvez Priego, 1993:64) ou, pelo menos para o “mundo

atlântico”, a madeira (Gomá Rodríguez, 2018:376). E, claro, é igualmente importante ter em conta outro tipo de fatores, intrínsecos e próprios das sociedades em questão, que poderão ser mais complicados de captar (como as questões agrícolas e territoriais frequentemente apontadas como algumas das causas das colonizações fenícias (Jiménez Ávila, 2012:221-223; Fundoni, 2013:381)); afinal, o querer mais recursos não chega, é necessário haver as condições (tecnológicas, sociais, psicológicas, “históricas”, etc.) necessárias para satisfazer (e até ter, em primeiro lugar) esse querer. Por fim, há que acrescentar que também poderão ter existido contactos de cariz não “comercial”, isto é, contactos em que a troca de materiais não seria o principal objetivo. Obviamente, serão muito mais difíceis de conhecer através do registo arqueológico, mas é-nos ao menos possível dizer que, tendo-se realmente dado uma migração de povos da cultura dos Campos de Urnas para a Península Ibérica (algo que, como vimos anteriormente, não é aceite por todos os investigadores), as suas motivações seriam certamente de outra natureza.

Por seu lado, os indígenas ibéricos são geralmente estudados através de uma perspetiva “passiva” (são quem “recebe” os contactos, em especial os mediterrânicos, não quem os vai procurar ativamente), pelo que são habitualmente vistos como “aceitadores” destas relações, talvez inicialmente por questões de hospitalidade, mas depois certamente por apreciarem os produtos que lhes eram dados à troca, vistos como luxuosos e bastante proveitosos para as elites que começavam a emergir (ajudando com a “criação” do seu próprio estatuto ou com a manutenção das diferenças sociais (González-Ruibal, 2004:313)). Aliás, é importante referir que, no geral, estas comunidades apresentam a capacidade de selecionar o que lhes interessa, assimilando ou rejeitando novos objetos ou ideias conforme lhes era apropriado (Vilaça, 2013 b:409); e as suas questões internas, como não poderia deixar de ser, também determinam a sua maior ou menor integração nas redes de trocas existentes (Arruda, 2008:367). Nos casos em que a iniciativa poderá partir destes povos (como no que se refere às relações com o noroeste africano estudadas por Georges Souville no seu artigo de 1998), também se poderão apontar como razões a procura de recursos, especificamente de recursos inexistentes na Península (ovos de avestruz e marfim, por exemplo (Souville, 1998:174)). Não se conhecem grandes evidências que apoiem a existência de movimentações populacionais da Ibéria para o exterior (tal poderá ter ocorrido durante os contactos com o noroeste francês ², mas é difícil

² “(...) maternal genetic affinities highlighted with Bronze Age groups from Great Britain and the Iberian Peninsula regions tends to support the idea that the continuous cultural exchanges documented archaeologically

localizar essas viagens precisamente no Bronze Final); porém, ocorrendo, as suas motivações, quase impossíveis de identificar atualmente, também não terão estado ligadas aos materiais (mas quiçá, talvez e entre muitas outras alternativas, a práticas de exogamia e troca de mulheres entre as diversas sociedades; algo já referido em estudos intra Península (Vilaça, 2013 a:200-201), mas não muito aprofundado em investigações que envolvam o exterior (Fundoni, 2013:81)).

Passando então às conclusões que mencionámos anteriormente, gostaríamos de iniciá-las com alguns aspetos mais gerais:

- Apesar de os objetos poderem ser, como vimos, a principal motivação destes contactos, não são os únicos elementos a ser trocados. Nomeadamente, também se partilharam:
 - Ideias, crenças, expectativas, valores, símbolos (Coombs, 1998:150; González-Ruibal, 2004:313; Celestino Pérez, 2008; Vilaça, 2008:380; Gomá Rodríguez, 2017:532, :534), inclusivamente ao nível da exibição de poder (Fundoni, 2013:92).
 - Práticas fúnebres (como a incineração, que poderá ter sido introduzida em várias áreas ibéricas através da Europa Central, Mediterrâneo ou Atlântico (Pellicer Catalán, 2007:24-25; Pellicer Catalán, 2008)) e quiçá crenças ou cultos de cariz “religioso” (Fundoni, 2013:92; Gomá Rodríguez, 2017:404).
 - Técnicas ao nível da produção e, ou, decoração de objetos (Gomá Rodríguez, 2017:515-516; Mullen e Ruiz Darasse, 2019:04), como por exemplo a da cera perdida (Vilaça, 2008:392; Botto, 2013:200-201).
 - Sobre isto, há que dizer que a transmissão de tais conhecimentos, frequentemente bastante precisos, implica um contacto estável com ou a presença estável de indivíduos que conheçam tais técnicas (Botto, 2013:200), pois dificilmente conseguiriam ser apreendidas à distância, através do resultado final das mesmas (o objeto), sem qualquer interação com quem já as conhecesse.

across the Channel and along the Atlantic coast (during and after the Bronze Age period) were accompanied by significant gene flow.” (Fischer *et al.*, 2018:01).

- Quiçá, sistemas relativos aos pesos, que acompanhariam os objetos homónimos (Ruiz-Gálvez Priego, 2008:37-39; Armada Pita *et al.*, 2008:505-506; Mederos, 2009:295-296).
- Conhecimentos sobre rotas e percursos (Ruiz-Gálvez Priego, 1993:64; González-Ruibal, 2004:291).
- Modelos estéticos (Arruda, 2008:367; Vilaça, 2008:381; Vilaça, 2013 b:408), tanto ao nível do vestuário como ao nível do tratamento do corpo, que acompanhariam alguns objetos específicos, como as pinças e as fíbulas (Arruda, 2008:367; Vilaça, 2008:390; Fundoni, 2013:93; Gomá Rodríguez, 2019:103).
- Modelos arquitetónicos (Gomá Rodríguez, 2017:532).
- Possivelmente palavras (a famosa Escrita do Sudoeste, geralmente vista como um bom exemplo de introduções forâneas ao nível da linguagem, é posterior ao período aqui tratado (Mederos Martín e Ruiz Cabrero, 2001), mas é muito possível que, antes disso, novas palavras tenham sido introduzidas nos vocabulários ibéricos locais, talvez as utilizadas para nomear objetos ou recursos trazidos do exterior), ou até línguas (Ruiz-Gálvez Priego, 1990:95-96).
- Quiçá substâncias alucinogénias (Gomá Rodríguez, 2017:406).
- Produtos alimentares (como o azeite e o vinho, este último geralmente com funções rituais (Botto, 2004-2005:13; Fundoni, 2013:303; Gomá Rodríguez, 2017:399-400, :406)).
- Culturas agrícolas (nomeadamente, a oliveira e a vinha (Botto, 2004-2005:17; Botto, 2015:188)).
- Formas de comer (como a prática do banquete ou o consumo social de bebidas alcoólicas (Fundoni, 2013:92)).
- Talvez até “receitas” (antes de mais, qualquer uma das diferentes “combinações” de ingredientes acrescentadas ao vinho (Fundoni, 2013:304-305) poderá ter sido introduzida na Península, mas também o poderão ter sido inovações ao nível das práticas culinárias, como os assados de carne (Gomá Rodríguez, 2017:399-400). A cozinha de uma sociedade é frequentemente uma parte importante da sua identidade, mas tal não invalida completamente a adoção de influências exógenas (Marín Aguilera, 2016:54-55)).

- Obviamente, há que mencionar que estes elementos não foram todos adotados pelas várias sociedades ou, pelo menos, não o foram com a mesma intensidade. Mesmo no interior de cada comunidade, não são adotados da mesma forma pelas suas diversas “classes” (por exemplo, Raquel Vilaça (2008:380) refere que, no centro do território português, apenas as elites apresentam claros, mas residuais, indícios de terem apadrinhado certas noções de origem mediterrânica). O mesmo, claro, também se poderá dizer para os materiais mais “físicos” (Vilaça, 2008:397, 400).
- Mesmo no que se refere aos objetos propriamente ditos, é importante relembrar que nem sempre se terão trocado materiais observáveis a nível arqueológico. Por exemplo, provavelmente terão chegado à Península Ibérica tecidos, talvez com padrões geométricos que poderão ter inspirado algumas cerâmicas locais (Ruiz-Gálvez Priego, 1995:140; Cáceres Gutiérrez, 1997:136; Vilaça, 2008:390), e vidro (Vilaça, 2008:393). De uma outra forma, também a “sucata”, possivelmente comerciada pelo valor do seu metal (Armada Pita *et al.*, 2008:507; Gómez Toscano e Fundoni, Giovanna, 2010-2011:41), não é facilmente distinguível de objetos de outro tipo, apesar de poder ser encontrada em diversos contextos arqueológicos.
 - Opostamente, também será possível que certas peças arqueologicamente visíveis, através de representações em estelas, por exemplo, não tenham chegado a existir real e fisicamente neste território (Vilaça, 2008:399). Tal poderá ser o caso dos espelhos, ainda que não existam certezas.
- Também as “inspirações” forâneas em peças indígenas nem sempre são fáceis de identificar ou compreender. É frequentemente difícil perceber o que inspirou uma certa peça ou tipologia e, ainda mais, como é que essa influência se transmitiu. Além disso, é possível encontrar num mesmo objeto, ou categoria de objetos, influências de várias áreas (por exemplo, as peças de banquete ibéricas apresentam elementos característicos de diversas regiões atlânticas, europeias e mediterrânicas (Gomá Rodríguez, 2017:397-398)), o que complica ainda mais a questão. Analogamente, as importações e imitações de objetos estrangeiros também levantam vários problemas, nomeadamente,

em certos casos, a distinção entre ambas as categorias. Aprofundaremos melhor este assunto no ponto 3.

- Ainda dentro desta temática, podemos citar Paolo Bernardini (2016:23), que aborda muito bem estas questões em torno das “limitações da Arqueologia”: “L’archeologia non può naturalmente cogliere gli aspetti comportamentali e psicologici, i rituali dell’accoglienza che sono fondamentali nelle fasi iniziali del contatto; lo scambio cerimoniale dei doni, la curiosità e l’interesse che nascono dal confronto di modi diversi di fare le cose, il possesso di tecniche e di tecnologie che diventano anch’esse dono e scambio, l’alleanza ritualizzata attraverso la concessione delle donne e degli spazi, la scoperta di divinità e leggende comuni o comunque non troppo diverse.”
- Existem “formas de trocar” ou, aliás, “formas de contactar” distintas, inclusive no interior de uma mesma região (González-Ruibal (2004:313), por exemplo, apresenta algumas diferenças entre as comunidades do Norte e do Sul, do interior e do litoral do Noroeste peninsular). E é igualmente importante mencionar que, quando envolvem objetos físicos e palpáveis, nem sempre se trata de trocas num sentido mais “comercial” ou “mercantil”. Por vezes, as peças não constituíam bens a trocar, mas sim dotes ou oferendas, possivelmente ligados ao estabelecimento de contactos entre os vários “povos” (Ruiz-Gálvez Priego, 1995:144; Vilaça, 2008:380; Armada Pita *et al.*, 2008:491; Botto, 2013:202; Fundoni, 2013:80-81).
 - Quando duas culturas distintas contactam, é frequente deixarem vestígios, materiais e não só, uma na outra, mas não nos podemos esquecer de que esses vestígios nem sempre terão chegado até nós (os próprios objetos que atualmente encontramos no registo arqueológico serão apenas uma pequena parte do total). Portanto, também as várias “formas de contacto”, que se transformariam e evoluiriam ao longo do tempo (Fundoni, 2013:81), nos surgem incompletas. Por exemplo, não sabemos como ou, sequer, se terão sido interrompidos certos relacionamentos (algo que provavelmente ocorreria (Fundoni, 2013:81)).
 - Podemos ainda acrescentar, dadas as suas características próprias, que, ao serem utilizados guias e intérpretes locais nas viagens para regiões desconhecidas (Medas, 2008:167-168), e sendo muito provável que as

tripulações incluíssem indivíduos de várias “nacionalidades” (Vilaça, 2008:376), tal daria origem a um tipo de contactos muito próprio (possivelmente, poderiam contactar as pessoas, individualmente, sem contactarem imperiosamente as suas diversas sociedades).

- Também se obtêm do exterior materiais ou recursos já existentes na Península Ibérica, por diversas razões (talvez por não se conhecerem ou explorarem os depósitos locais, caso do âmbar na Meseta (Cerdeño *et al.*, 2012:383), por não dominarem ainda esse recurso (como o ferro) ou pelo seu valor como bem de prestígio).
- As peças nem sempre têm no destino a mesma função que tinham no local de origem (veja-se como exemplo a pátera de Berzocana, tipologia associada no Oriente a nobres varões, mas aqui ligada a joias femininas (Ruiz-Gálvez Priego, 1995:146)); apesar de o material ser adotado por uma nova sociedade, o seu significado ou simbologia nem sempre o é.
- Em teoria, as características das peças (serem mais “fiéis” ao original) e o seu elevado número poderão ser indícios de contactos diretos entre duas áreas (ainda que não se focando na Península Ibérica, Sabatini e Lo Schiavo (2020:12) abordam este tema no seu artigo).
- Em muitos casos, porém, os objetos passavam por diversas mãos antes de chegarem à Península Ibérica, em especial se viessem de áreas mais longínquas e particularmente quando transportados por terra. Aliás, é preciso dizer que a chegada de materiais de uma certa região à Península, apesar de sem dúvida implicar certos contactos com a mesma, não pressupõe necessariamente qualquer tipo de relacionamento entre ambas as populações ou, sequer, algum conhecimento mútuo. Contactos indiretos seriam bastante comuns, e os materiais nem sempre percorreriam o caminho mais reto. Sobre este tema, podemos apresentar como exemplo algumas peças possivelmente egípcias descobertas em território peninsular, sem que existam quaisquer evidências concretas de contactos diretos entre ambos os territórios (Almagro-Gorbea, 1993:91; Correia, 2006:332-333; Ruiz-Gálvez Priego, 2009:98); ou o âmbar báltico, que poderia chegar à Península tanto através do Atlântico, como do Egeu ou da Europa Central (Rovira i Port, 1994; Ruiz-Gálvez Priego, 1995:143; Mederos, 2009:296-297).

- Dentro deste mesmo tema, também não será de mais lembrar que as peças estrangeiras aqui chegadas são igualmente difundidas pelas comunidades indígenas ibéricas, sem haver necessariamente uma influência forânea na sua distribuição intra peninsular (Ruiz-Gálvez, 1982:514-515; Coffyn, 1983:188; Sánchez Moreno, 1997:649; Ponte, 1999:20; Vilaça, 2008:400; Senna-Martínez, 2013 b:10). Ou seja, por exemplo, um objeto de origem fenícia encontrado numa região bastante interior não implica a presença ou passagem de indivíduos fenícios por essa mesma região.
- Os fenícios inserem-se em redes de trocas já organizadas e funcionais, e os indígenas (da Península Ibérica e não só) têm um papel principal, especialmente neste período pré-colonial que aqui tratamos (Bernardini, 2016:08, 13). Estas redes de trocas do Bronze Final, apesar de ainda serem relativamente obscuras (não se conhece, por exemplo, como funcionariam diversos mercados indígenas (Gómez Toscano e Fundoni, 2010-2011:41)), apresentam modelos de relações completamente diferentes dos da Idade do Ferro (Ruiz-Gálvez Priego, 1993:64), pelo que não é possível extrapolar a maior parte das informações do período mais recente para o mais antigo. As rotas talvez possam ser tidas em conta, principalmente as terrestres (menos suscetíveis, mas não completamente (Catachio, 1976:26), a alterações devidas a, por exemplo, avanços tecnológicos), mas tudo o resto poderá ser problemático.

Península Itálica

As dificuldades e notas mais gerais que apresentámos em cima também se aplicam, claro está, à Itália Continental. No entanto, dada a natureza desta nossa dissertação, será relevante apresentar igualmente várias observações ligadas especificamente à saída de objetos deste território.

Antes de mais, porém, convém lembrarmos que, como a Península Ibérica, também esta região é frequentemente vista como uma área que principalmente “recebe”, o que, juntando ao género de problemas que expusemos em cima, dificulta um pouco o nosso trabalho. Ainda assim, quando uma sociedade recebe algo, geralmente também dá algo (Marín Aguilera, 2016:280), e estudos sobre esses temas obviamente existem.

Aproveitamos também para lembrar que, como expusemos levemente no ponto 2.2., este território contactou igualmente, de forma direta ou indireta, com muitos outros (Sardenha, Sicília, Córsega, atuais França e Suíça, outras áreas da Europa continental (central, leste e norte, incluindo, por exemplo, o Báltico) e insular (Ilhas Britânicas), Balcãs, Grécia continental e Egeu, Chipre, Levante não fenício, Fenícia, Egipto, restante Norte de África) e apresenta importantes depósitos metálicos, em principal nos Alpes (a Norte e na Ligúria), Etrúria (única região com estanho) e, em menor número, Calábria. Dadas estas características, não será surpreendente que, também aqui, os metais sejam um dos principais atrativos para diversos povos “de fora”, principalmente mediterrânicos (Botto, 2010:152; Botto, 2011:162; Iaia, 2017:811; Bietti Sestieri, 2018:267, 338), ou, aliás, sejam igualmente uma das principais razões para os vários contactos intra peninsulares que fomos apresentando anteriormente. Portanto, é possível e, nalguns casos, provável que diversos elementos que “saem” desta península sejam matérias-primas metalúrgicas, nem sempre de fácil identificação (as análises arqueométricas não são ainda suficientemente comuns, mas, por exemplo, foram descobertos na Eubeia “(...) residui di lavorazione del ferro, e l'analisi mineralogica ha dimostrato la provenienza toscana del minerale.” (Macnamara, 1982:23)).

Porém, não nos poderemos esquecer dos “outros tipos” de bens que também sairiam deste território. Sem repetir os tópicos anteriores, deixamos aqui uma pequena lista focada em aspetos italianos:

- Produtos perecíveis (lãs, tecidos, que poderiam acompanhar as fíbulas, bens alimentares, outros produtos de primeira necessidade, etc.) (Milletti, 2012:223, 242; García Alfonso, 2014:835; Rendeli, 2020:44).
- Produtos com uma menor sobrevivência no registo arqueológico (como os vidros, que poderiam ter sido trabalhados, quiçá, num centro como Frattesina ou Verucchio).
- Produtos não originários na Península Itálica, mas que por aí transitariam e, ou, seriam transformados (caso do âmbar, principalmente de origem báltica, mas que, por exemplo, chegou sob a forma de contas dos tipos “Tirinto” e “Tolfa-Allumiere” a vários pontos da Europa, em especial à Sardenha e Grécia (Negroni Catacchio, 1976; Pare, 2008:94; Lo Schiavo, Falchi, Milletti, 2013:399; Negroni Catacchio, 2014:04), ou o marfim, que poderia igualmente ser exógeno e que, transformado, por exemplo, em pentes, chegou ao Chipre (Pearce, 2018:347-348)).

- “*Servitù di passaggio*”, que poderemos traduzir para “direitos de passagem/circulação” (Milletti, 2012:223).
- Vários tipos de ideias (obviamente bastante difíceis de estudar, mas certamente transmitidas através de relacionamentos mais diretos):
 - Por exemplo, será possível (ainda que debatível e extremamente incerto) que as “urnas-casa” do Norte da Europa tenham uma origem ideológica villanoviana (Sabatini, 2007:155-157), ainda que seja muito complicado perceber o possível “como” desta transferência (talvez se possa supor, sempre com muitas reservas, contactos no âmbito das rotas do âmbar, percorridas com uma grande intensidade durante a Idade do Ferro (Catacchio, 1976:31)).
 - Ideias de cariz tecnológico (relativas a técnicas, modelos formais, etc.) terão também “saído” da Península Itálica, principalmente para a restante Europa Continental (central, norte) (Camporeale, 2004 b:113; Iaia, 2017:817), mas algumas terão sido igualmente adotadas pelos gregos (Marín Aguilera, 2016:280-282).
 - Apesar de não inserível na cronologia aqui tratada, será interessante mencionar o uso da telha (introduzido na Etrúria quiçá pelos gregos) em contextos domésticos, uma invenção etrusca que foi depois transmitida à Grécia (e não só) (Marín Aguilera, 2016:280-282).
- Objetos físicos que, pela forma como seriam “adquiridos”, se inserem em categorias excepcionais, como a de “espólio/saque de guerra” (uma questão ainda em aberto e bastante discutida, mas esta hipótese é apontada como provável para alguns objetos de cariz bélico originários do Sul de Itália que foram encontrados em santuários gregos (Iaia, 2017:824; Cristofani, 1983:242)). E também aqui seriam comuns as oferenda e “dotes” (Cristofani, 1983:242; Milcent, 2006:343, 349-350; Camporeale, 2010:14; Iaia, 2017:824) acima abordados, particularmente importantes no estabelecimento de relações entre elites e, conseqüentemente, respetivas culturas.
- Por fim, os próprios indivíduos de origem itálica poderão ter-se deslocado para fora desta península:
 - Poderiam ser participantes em embarcações multiétnicas (Milletti, 2012:228-233);

- Poderiam ter agido como mercenários em conflitos forâneos ou como “instrutores” em questões bélicas (ao nível, por exemplo, do ensinamento de certas táticas) (Martinelli, 2004:271, 273-274; Jung e Mehofer, 2013:184);
- Poderiam instalar-se noutras regiões (na Europa Central, por exemplo) como artesãos (Camporeale, 2004 b:113);
- Poderiam movimentar-se ao longo das rotas do âmbar que levariam ao Norte da Europa (remetemos aqui para a questão das “urnas-casas” norte europeias acima mencionadas, mas também para o artigo de Cristiano Iaia (2017:817), que aborda brevemente as possíveis trocas de técnicas e modelos formais entre estas áreas);
- Poderiam deslocar-se para depositar em santuários (pelo menos, gregos, mas quiçá não só) oferendas votivas (Iaia, 2017:824);
- Poderiam, talvez, movimentar-se no âmbito de práticas de exogamia (Milletti, 2012:228-233).

Não pretendemos, com esta lista, ser exaustivas ou, sequer, afirmar que todo este tipo de elementos itálicos poderá ter chegado à Península Ibérica; apenas expor alguns interessantes elementos que deverão ser tidos em conta e que poderão enriquecer a análise que nos propomos a realizar nesta dissertação. Como também referido anteriormente, existem muitas questões ainda (e, nalguns casos, talvez eternamente) em aberto, especialmente aquelas que dificilmente se poderão apoiar nos vestígios materiais, mas, por isso mesmo, não poderemos deixar de tê-las em conta.

2.3.1. Contactos terrestres

Terminadas estas notas mais gerais, avançaremos então para uma exposição mais pormenorizada dos contactos em si, principiando pelos terrestres.

Península Ibérica

Antes de mais, podemos começar por dizer que estas deslocações se poderiam realizar a pé, de cavalo ou recorrendo a outros animais, e, possivelmente, de “carro”. A questão dos carros, porém, é ainda hoje bastante problemática, dada a falta de provas físicas, concretas e indubitáveis. A maior parte das informações, aliás, relacionam-se com os “carros

cerimoniais”, vistos como elementos de estatuto, mas existem alguns dados, mais escassos, que comprovam a existência de “carros” com funções práticas de transporte, como as gravuras de Peñas de los Buitres, em Peñalsordo (província de Badajoz) (Celestino Pérez, 1985:50-51; algumas imagens em Fernández Castro, 1988:524, fig. 622). Segundo vários autores, estes terão sido introduzidos na Península Ibérica no século XI a.C. (Schattner, 2011-2012:288), tendo em conta vestígios de Fuente Álamo (Cuevas del Almanzora, província de Almería), mas nem todos os investigadores concordam, defendendo alguns que tal não terá sucedido até à Idade do Ferro (Schattner, 2011-2012:288, notas 174 e 175; Milcent, 2015:36). Também não é ainda decifrável a origem e modo de chegada destes veículos à Península. A representação de carros em estelas, arte rupestre e cerâmicas (“mailhacienses”), nas quais estes “(...) se representa[n] siempre visto[s] desde arriba, mientras que las ruedas aparecen junto a (...) [ellos] como desplegadas (...)” (Schattner, 2011-2012:287), segue modelos claramente indo-europeus ou, mais especificamente, não mediterrânicos (Schattner, 2011-2012:287). No Mediterrâneo, os carros são sempre representados de perfil, vistos de lado (é possível observar-se vários exemplos no artigo de 2008 de Alfredo Mederos Martín). Esta distinção parece-nos bastante relevante, ainda que, por si só, não possa obviamente apoiar a perspetiva que defende a chegada dos carros físicos e reais à Península por uma via continental (embora tal faça um certo sentido, dada a natureza terrestre destes itens). Aliás, vários autores continuam a defender uma origem mediterrânea (por exemplo, Mederos Martín (2008), que sustenta que os carros das estelas são especificamente micénicos), mas as evidências, no geral, também não são particularmente convincentes, especialmente quando baseadas nestas representações iconográficas, que não deixam de ser bastante esquemáticas. No entanto, é importante referir que estes veículos “apenas” facilitariam e favoreceriam estas movimentações; desde que os indivíduos não possuíssem problemas a nível motor, seria sempre possível deslocarem-se por terra, tecnologicamente falando.

Dentro deste tema, ainda que não se possa considerar exatamente “terrestre”, temos também de incluir as deslocações envolvendo vias fluviais, efetuadas recorrendo a embarcações (ou, quando possível, por exemplo para atravessar alguns rios em certas áreas com menor caudal, também a pé ou com animais), que seriam igualmente necessárias ou úteis a estas viagens não marítimas. Estas embarcações são, porém, ainda bastante desconhecidas (mais do que os carros) em território ibérico (Ruiz-Gálvez Priego, 1982:515; Baptista, 2019:15). Com base em paralelos europeus e em fontes escritas de época clássica, podemos supor a utilização de barcos de couro ou pele, pirogas, jangadas (Baptista, 2019:15), ou seja,

embarcações construídas com materiais perecíveis, não exclusivamente em madeira, e possivelmente de pequena dimensão, dependendo do curso de água a ser navegado ou atravessado.

Se estas questões de teor tecnológico já apresentam várias dificuldades, as de foro social ou cultural, as que envolvem “quem?”, “como?” (no sentido extra tecnológico) e até, por vezes, “porquê?” ainda mais complicadas serão de responder. Não sabemos, por exemplo, quem exatamente se envolveria nestas viagens terrestres e contactaria com diversos povos forâneos à Península. Podemos supor, dada a transmissão de certas técnicas artesanais e de certos objetos, a deslocação de artesãos e de “mercadores”. Também, como já mencionámos, as mulheres se poderiam movimentar para o exterior, no seio de práticas de exogamia. Mas quem mais? E iriam sozinhos, ou sozinhas, com as suas famílias, em grupo? Seriam deslocações temporárias, ou permanentes (constituindo, portanto, pequenas migrações)? Quem se poderia ou “estaria autorizado” a movimentar assim? Que limitações de origem humana, social ou “política” existiriam, antes, durante e após a viagem? Poderiam existir deslocações que não tenham deixado vestígios arqueológicos visíveis, e de que tipo seriam? Apesar de todos os elementos que limitam este tipo de estudo, a resposta a estas e a muitas outras questões de teor semelhante dependerá sempre, antes de mais, das regiões estudadas.

Para nós e para o nosso objeto de estudo, interessam-nos os contactos com o Sul de França (principalmente com as atuais regiões da Occitânia e Provença-Alpes-Costa Azul) e igualmente com o seu Ocidente. Isto, dado o seu possível papel (já relativamente confirmado para a Idade do Ferro (Graells i Fabregat, 2013)) de ligação com a Itália Continental. Porém, estes contactos, infelizmente, ainda não se encontram estudados ao pormenor, o que dificulta um pouco o nosso trabalho.

Contactos com a França Meridional

Não obstante, podemos começar por mencionar que, com as regiões que confinam com a Península (por exemplo, entre o Languedoque, parte da Occitânia, e a Catalunha), os contactos poderiam e provavelmente seriam diretos (tal como o seriam entre regiões limítrofes intra peninsulares; as fronteiras atuais não podem definir questões antigas). É verdade que os Pirenéus são uma barreira (Ruiz-Gálvez Priego, 1982:504), mas não impediriam completamente a circulação, e existiriam várias rotas para os atravessar (Rafel *et al.*, 2008:270; Botto, 2013:198, fig. 01). Aliás, como também refere M. Ruiz-Gálvez Priego

(1982:514), estas comunicações, já desde o Bronze Médio e com uma especial transcendência no Bronze Final, “(...) anima[n] ambas vertientes de los Pirineos (...)”. Porém, como estes contactos continuam os que já vêm de trás (ver, por exemplo, Rovira e Ambert, 2002:103), tornam-se um pouco mais difíceis de apreender olhando apenas para o momento que aqui estudamos, sendo até muito complicado precisar o momento em que se “iniciam”.

Ainda assim, as evidências destes “animados” relacionamentos durante o Bronze Final são variadas: observam-se algumas transferências de técnicas e práticas artesanais (Mullen e Ruiz Darasse, 2019:04); semelhanças ao nível das cerâmicas ou, pelo menos, das suas decorações (Neumaier, 2006), ao nível das necrópoles (Arnáiz Alonso e Montero Gutiérrez, 2004) e, no geral, ao nível dos elementos mais ou menos característicos dos Campos de Urnas que ambas as áreas, o Sudoeste francês e o Nordeste ibérico, partilham. Estas semelhanças e transferências ocorreriam em ambas as direções. Estas provas, independentemente, não nos ajudam a responder a inúmeras questões e, repetimos, é necessário um estudo mais aprofundado e completo do assunto, mas, pelo menos, confirmam a existência destas relações mais imediatas. E poderão ajudar a confirmar as afirmações que enunciámos em cima, relativamente aos artesãos e às pessoas que transportariam os objetos. Também alguns tipos de contactos ligados à manutenção de boas relações, através de dotes e afins, poderiam existir. As possíveis migrações humanas no âmbito dos Campos de Urnas, de que já falámos várias vezes, são igualmente um fator a considerar.

Contactos com áreas mais distantes seriam, com grande probabilidade, mais indiretos, como abordámos anteriormente. Não nos alongando muito, pois tal daria uma dissertação por si só, podemos referir que existiriam “linhas” de comunicação que ligariam o Sudeste francês ao Nordeste ibérico (Graells i Fabregat, 2013:733), e que, em teoria, seria possível aos indígenas, peninsulares e não só, percorrê-las. Porém, é improvável (mas, claro, não impossível, com base nas evidências atuais) que um qualquer indivíduo, mesmo sendo um “mercador”, percorresse todas esses quilómetros pessoalmente.

No entanto, há mais um elemento a ter em conta: estes contactos não ocorreriam todos necessariamente por terra; também se poderiam dar por mar, inseridos em rotas mais internacionais e extensas (como a rota setentrional que ligaria a Sardenha à Península Ibérica (Fundoni, 2013:115; Lo Schiavo, 2008:420)) ou, talvez, em viagens mais “indígenas”, locais e breves. Para alguns autores, até constituiriam a maioria das comunicações (Ruiz-Gálvez, 1982:504; Guilaine e Verger, 2008:229; Camporeale, 2010:11), principalmente a partir de meados do II milénio a.C. (Rafel et al., 2008:270). Obviamente, não substituiriam

completamente a circulação terrestre (quanto mais não fosse, os contactos exclusivamente marítimos seriam impossíveis para as áreas mais interiores), mas acrescentam uma nova categoria a ser tida em conta nos estudos que envolvem estas regiões.

Contactos com a França Ocidental

Tal como no caso anterior, é possível que estes contactos se realizassem maioritariamente por mar, provavelmente de forma indireta e através de rotas de cabotagem, ao longo da costa (Ruiz-Gálvez Priego, 1982:510). Porém, dado, teoreticamente, poderem ser realizados por terra (já que nenhuma destas regiões é uma ilha), decidimos incluí-los neste ponto; até porque, por exemplo, as vias fluviais também seriam bastante importantes (Coffyn, 1998:173, Fig. 06) e, nas regiões limítrofes (ambos os Países Bascos), as relações seriam certamente diretas e terrestres (ao ponto de partilharem, entre outros aspetos, as estruturas e rituais funerários (Barroso *et al.*, 2007:15-16, 24)).

Estes relacionamentos entre a Península Ibérica e a França Ocidental (do País Basco francês à Bretanha) já terão existido desde muito cedo (Ruiz-Gálvez Priego, 1982:509), mas terá sido durante meados do II milénio a.C. que se começaram a desenvolver nos moldes que aqui apresentaremos (Bettencourt, 1995:112). Inicialmente, ter-se-ão tratado de viagens esporádicas de prospeção, com o objetivo de conhecer, criar pactos e “abrir vias de intercâmbio”; é geralmente aceite que terão sido os habitantes da atual França os principiadores destas viagens, na sua procura por metais (nomeadamente ouro) e, talvez, madeira (Bettencourt, 1995:112; Burgess e O’Connor, 2008:41; Gomá Rodríguez, 2018:376). Os contactos (tecnológicos, culturais, comerciais) intensificaram-se a partir, aproximadamente, do século XI a.C. (Milcent, 2015:24, 32; Burgess e O’Connor, 2008:41, 43; Perez, 2014:240), e seriam particularmente visíveis a Norte da península, em especial nas áreas associáveis ao “Bronze Atlântico” ibérico, onde se encontram muitos elementos (importações, modelos morfológicos, em especial ao nível da metalurgia, vários tipos de ideias) originários desta área francesa (Ruiz-Gálvez Priego, 1982:510; Alarcão *et al.*, 1996:199; Bettencourt, 1998:26; Coffyn, 1998:171-172; Canha, Valério e Araújo, 2007:166; Burgess e O’Connor, 2008:47, 54; Sampaio, 2014: 35, 39, 55; Milcent, 2015:37).

No entanto, sem surpresas, encontram-se igualmente diversos e variados elementos ibéricos na França Ocidental (Alarcão *et al.*, 1996:189; Vilaça, 2007:138; Burgess e O’Connor, 2008:57; Milcent, 2015:34; Gomá Rodríguez, 2018:376-377), como os machados

de talão com dois anéis (que parecem concentrar-se ao longo de rios, em particular o Garona e o Loire) (Cuevillas, 1955:237; Coffyn, 1998:172-173). Alguns autores até chegam a defender que a “metalurgia a que llamamos «Vénat»”, baseada no importante depósito homónimo francês (Saint-Yrieix-sur-Charente, região da Nova Aquitânia), poderá ter uma origem ibérica (Ruiz-Gálvez Priego, 1995:150).

Mais difícil, novamente, será apreender os “comos” destes contactos. Poderão ter sido diretos (não só entre áreas adjacentes, mas também a longa distância, por mar) ou, como vimos, principalmente indiretos (sendo que aqui não há dúvidas de que todos os possíveis intermediários e intervenientes seriam “indígenas”). E será verossímil que a troca de ideias, especialmente ao nível de técnicas e tecnologias metalúrgicas, tenha sido mais importante que a troca de objetos físicos de uma forma “comercial” (Ruiz-Gálvez Priego, 1982:510); tal poderá, portanto, supor tipos de relacionamentos muito distintos (movimentações de artesãos, por exemplo).

Apesar de todas as questões que ainda se encontram em aberto, não haverá dúvidas, porém, de que esta será uma via bastante viável, ainda que, à primeira vista, invulgar, de chegada de elementos itálicos à Península Ibérica.

Península Itálica

Mais uma vez, muitas das dificuldades e questões mais gerais acima expostas também se aplicam a este território, ainda que, obviamente, tal não invalide problemáticas mais próprias.

Começando pelo tema das tecnologias que permitiriam estes contactos por via terrestre, podemos referir que o cavalo é já conhecido em território italiano desde pelo menos o Eneolítico (com base em vestígios do Lazio, datados de c. 2400-2300 a.C.; a sua introdução será provavelmente mais antiga nas regiões setentrionais) (Martinelli, 2004:163), difunde-se fortemente durante o Bronze Antigo (principalmente a Norte) e, durante o Bronze Médio, poderá ser já utilizado com funções bélicas (Martinelli, 2004:164-165); a partir do Bronze Recente, é um animal que se torna mais usual, mas só durante a Idade do Ferro se torna verdadeiramente mais comum como “animale da sella”, desenvolvendo-se a “arte equestre” (Martinelli, 2004:165). Porém, no geral, não será o “animal de transporte” mais disseminado em território italiano (os bovinos, que também poderiam servir para transportar indivíduos e mercadorias (Bietti Sestieri, 2018:207), seriam mais habituais), devido às maiores

dificuldades em criá-lo, ao facto de dificilmente poder transportar pesadas mercadorias ou “carri da carico”, e devido igualmente ao próprio terreno, bastante montanhoso e irregular em diversas regiões (uma dificuldade que, no entanto, os cavalos conseguiriam plausivelmente ultrapassar); seria, portanto, principalmente um símbolo de estatuto e riqueza, ainda que fosse sem dúvida o animal mais rápido a transportar um único ser humano (Martinelli, 2004:165, 168, 169, 171-172). Porém, será igualmente importante lembrar que, comparativamente, os bovinos (e os carros que transportariam), além de serem mais lentos, provavelmente precisariam, mais do que os cavalos, de vias mais bem delimitadas e compostas, algo que poderia limitar, principalmente nos momentos mais iniciais que aqui tratamos, o seu aproveitamento. Ainda assim, resumindo, poderemos afirmar que seriam utilizados diversos tipos de animais, certamente consoante as diversas circunstâncias.

Relativamente aos “carros”, a sua cronologia também é semelhante à dos cavalos: os vestígios mais antigos destes meios de transporte encontram-se nas incisões rupestres de Val Camonica (província de Brescia, Lombardia Oriental), datadas do Calcolítico (carros de quatro rodas puxados por bovinos) e da Idade do Bronze (carros de quatro rodas puxados por equinos) (Martinelli, 2004:183); carros de duas rodas, tradicionalmente ligados a questões mais cerimoniais e, ou, bélicas, são também observáveis na mesma região a partir do Bronze Médio-Recente, séculos XVI-XIII a.C. (Martinelli, 2004:183). Ao nível de evidências físicas, poderemos apresentar as rodas de madeira encontradas em Mercurago (província de Novara, Piemonte), em meio húmido, pertencentes a carros de quatro e duas rodas e datadas provavelmente dos séculos XIV-XIII a.C. (Gruppo Archeologico Torinese, 2014). A importância deste meio para o transporte de mercadorias e para as trocas comerciais foi elevadíssima (Martinelli, 2004:183). Obviamente, será debatível até que ponto seriam utilizados estes “veículos” e que tipo de limitações teriam (nomeadamente, no que se refere às questões territoriais e ligadas com as estradas acima apontadas (Martinelli, 2004:168)), mas não há dúvidas de que eram conhecidos, existiriam e poderiam certamente ser utilizados. Os carros de duas rodas (um relevante símbolo de estatuto) não seriam tão relevantes para o tipo de contactos que aqui tratamos, mas, ainda assim, teriam a sua importância (“Si può dire che senza il carro veloce a due ruote non sarebbe stata possibile la formazione, da parte delle grandi agglomerazioni villanoviane, di un agro adeguatamente esteso.” (Martinelli, 2004:198)), especialmente a partir do Período Orientalizante (Martinelli, 2004:187, 192, 196, 198).

As informações sobre os meios utilizados para as deslocações fluviais são mais escassas. Em certos troços, poderiam certamente ser realizadas a pé e, ou, com os animais e carros, mas em muitas ocasiões tal não seria possível. Em tom de curiosidade, poderemos informar que a ponte mais antiga que se conhece no *Latium Vetus* (a Ponte Sublício, em Roma) datará, segundo a tradição, de meados do século VII a.C. (Martinelli, 2004:192). No Parco Naturale dei Lagoni di Mercurago foram igualmente encontradas duas pirogas escavadas em troncos de madeira, provavelmente com uma cronologia semelhante à das rodas, com as quais foram encontradas (Gruppo Archeologico Torinese, 2014), que nos poderão oferecer algumas respostas a esse respeito. Outro tipo de canoas e pequenas embarcações também seriam certamente utilizadas, provavelmente adequando a sua morfologia à área em questão. Barcos de maiores dimensões (que analisaremos melhor ao tratarmos dos contactos marítimos) poderiam igualmente percorrer certos rios, como o Tibre, mas não encontramos informações que o possam confirmar sem qualquer dúvida.

Tal como para a Península Ibérica, muitos dos aspetos mais “sociais” e práticos destes possíveis contactos por via terrestre nos escapam. Não querendo repetir as questões anteriores, podemos, ainda assim, apresentar algumas problemáticas que serão mais relevantes para a Itália Continental: as “servitù di passaggio”, que os villanovianos cobriam aos sardos (Milletti, 2012:223), também seriam cobradas noutras ocasiões? Como se terá dado a possível migração que deu (ou possíveis migrações que deram) origem a distinções linguísticas (línguas não indo-europeias *versus* línguas indo-europeias de origem itálica *versus* línguas indo-europeias com afinidades balcânicas (Macnamara, 1982:22)) em território italiano? Como se terão dado os contactos “não amigáveis” (que claramente terão ocorrido, por exemplo entre a Etrúria e o Lazio Antigo: situações essas que, além de podermos supor por certos registos arqueológicos, perduraram nas lendas e historiografia romanas)?

Contactos com a França Meridional e Ocidental

Passando às ligações com uma das regiões que poderá fazer de “ponte” para a Península Ibérica, o Sul de França, começamos por dizer que, apesar das sempre presentes dificuldades arqueológicas, é possível acreditar que estes contactos seriam intensos e constantes no tempo, desde, pelo menos, o período Campaniforme (Neolítico/Calcolítico), mas provavelmente já anteriormente (Guilaine e Verger, 2008:219). Apesar de inevitáveis aproximações e afastamentos ao longo dos tempos, as culturas materiais do Sul de França e

do Norte e área tirrénica italianos apresentam várias semelhanças desde o Bronze Antigo, partilhando tipologias que, por exemplo, não surgem na Península Ibérica ou nas ilhas do Mediterrâneo Central (Córsega, Sardenha, Sicília) (Guilaine e Verger, 2008:219), o que será um bom indício de contactos relativamente diretos ou de proximidade (pelo menos, nas zonas de fronteira). Durante o final do Bronze Médio, constata-se uma aproximação do Sul de França (Provença e Languedoque, principalmente) à área das “Terramare” e, durante o Bronze Final, esta maior ligação ao Norte italiano (agora, particularmente à área alpina) e a escassez ou menor visibilidade das evidências italianas peninsulares tornam-se ainda mais notáveis (Guilaine e Verger, 2008:220-221). Durante este período, difundem-se também em território francês, em grande quantidade, as produções originárias do povoado de Frattesina (Guilaine e Verger, 2008:222). Por seu lado, os materiais tirrénicos (etruscos) só voltarão a tornar-se extremamente visíveis a partir do século VII a.C. (Foresti, 2002:65; Guilaine e Verger, 2008:219), ainda que, repetimos, não sejam inexistentes nos momentos anteriores; neste século tornar-se-ão também regulares as frequentações etruscas e gregas deste Sul francês (Guilaine e Verger, 2008:230). E igualmente importante será salientarmos que, nas regiões de fronteira (Valle d’Aosta, Piemonte, Ligúria), observam-se semelhanças para além da cultura material, nomeadamente ao nível dos costumes funerários (Bietti Sestieri, 2018:175, 185), sinal dos referidos contactos mais diretos.

“(…) Les contacts étaient plus maritimes que terrestres” (Guilaine e Verger, 2008:229), principalmente, sem surpresas, entre as regiões mais litorais, mas as conexões por terra seriam também relevantes; aliás, a área dos Alpes franceses é considerada uma importante zona de ligação, intermediária (Guilaine e Verger, 2008:225), e tal poderá comprovar-se observando o registo arqueológico (por exemplo, através de um pequeno carro de “tipo Veio-Caere” encontrado em Lezoux (no departamento de Puy-de-Dôme, região administrativa de Auvérnia-Ródano-Alpes) e datado da segunda metade do século VIII a.C. (Melandri, n.d.:499), ou de diversos objetos descobertos em Larnaud (no departamento de Jura, região administrativa de Borgonha-Franco-Condado), de entre eles uma fíbula que poderá atestar a presença de um indivíduo originário da planície do Po nesta zona francesa (Guilaine e Verger, 2008:225)). As possíveis rotas são ainda relativamente desconhecidas, mas não se poderá negar uma grande importância do rio Ródano (que atualmente vai do cantão suíço de Valais ao Mediterrâneo (Golfo de Lion), e que poderia ligar, nos momentos que aqui tratamos, muitos territórios entre ambos estes pontos) e dos vários percursos que serviriam para atravessar os Alpes.

Estes contactos terrestres, sempre mais indiretos (Guilaine e Verger, 2008:226), seriam igualmente necessários para difundir objetos de origem itálica por outras regiões europeias e francesas. Para esta dissertação interessa-nos apenas a França Ocidental, que, como vimos, também contactaria com a Península Ibérica (provavelmente, por mar). São várias as peças itálicas nesta região francesa (veja-se a Fig. 1 do artigo de Pierre-Yves Milcent (2006:320)), mas poderemos destacar, pela sua indubitável inserção na cronologia que nos interessa e pela sua tipologia de clara origem peninsular (e não, por exemplo, siciliana), uma espada de antenas villanoviana de “tipo Tarquinia” encontrada em Amboise (no departamento de Indre-et-Loire, região administrativa de Centro-Vale do Loire), no leito do rio Loire, e datada do século IX a.C. ou primeira metade do VIII a.C. (Milcent, 2006:332). Para estes contactos, a principal área intermediária seria o Languedoque (Milcent, 2006:349-350), onde estes objetos poderiam chegar por mar e, ou, por terra (observam-se, nomeadamente, algumas influências alpinas na área (Guilaine e Verger, 2008:237)). Depois, as peças (provavelmente acompanhadas por indivíduos locais, e não italianos, e passando “de mão em mão”) atravessariam a França, seguindo principalmente os rios Aude e Garona, até à região de Bordéus e, por terra ou mar, chegariam posteriormente a outras áreas mais a Norte (Milcent, 2006:339; Hawkes, 1952:92, Fig. 02). Também será possível, porém, que chegassem a estas regiões ocidentais através de percursos ao longo dos rios Ródano e Loire (Milcent, 2006:339), excluindo-se assim o Languedoque.

Como temos referido, estes contactos serão maioritariamente indiretos, mas será possível supor comunicações diretas nalgumas ocasiões. Para além daquelas que já referimos, fruto da proximidade, e de situações mais excecionais e difíceis de apreender (como, quiçá, reconhecimentos terrestres por pequenos grupos ou indivíduos), serão igualmente viáveis breves relacionamentos diretos, por mar, inseríveis talvez em viagens de exploração. No entanto, também por mar será possível a intermediação de outros povos: um lingote com forma de “pele de boi” encontrado no Sul de França (ao largo de Sète, no Languedoque) poderá indiciar a presença de sardos ou mesmo de cipriotas nesta região em torno dos séculos XIII-XI a.C. (Guilaine e Verger, 2008:223); algumas “découvertes recentes”, por seu lado, poderão atestar uma presença euboica neste Sul de França já no século VIII a.C. (Guilaine e Verger, 2008:237). Porém, será importante referir que, até ao século VII a.C., não foram descobertas “manifestations du luxe oriental” nesta região (Guilaine e Verger, 2008:227), e que existem ainda muitas dúvidas em torno de peças gregas “do” século VIII a.C. ou anteriores (Guilaine e Verger, 2008:231).

Estas trocas de materiais que temos exposto dar-se-iam, como não poderia deixar de ser, em ambos os sentidos e seriam provavelmente acompanhadas de todos ou parte dos elementos imateriais que referimos anteriormente. E teriam variadíssimas razões de ser. Já abordámos estas questões, mas, ainda assim, será relevante mencionar que os contactos mais intensos com os Alpes estariam ligados, quiçá só em parte, aos depósitos metalúrgicos desta região; por exemplo, os lingotes de cobre de tipo “*pani a piccone*”, que seriam originários desta área, encontram-se em diversos sítios franceses (Guilaine e Verger, 2008:225). A difusão de peças itálicas na França Ocidental, por seu lado, não estará tão associada a “comércio” ou ao desejo de matérias-primas (italianas ou não; que, ainda assim, poderiam acompanhar estes objetos) e estará antes ligada a “relations entre élites”, parcialmente por razões “religiosas” (nalguns casos, quiçá oferendas rituais ou “ex-votos” associados a questões de hospitalidade – e talvez se pudesse inserir aqui a espada villanoviana acima referida?) (Milcent, 2006:349). Será importante mencionar, porém, que os vestígios destas épocas mais antigas que aqui tratamos não são geralmente considerados “bens de prestígio”, dada a sua pequena dimensão e a ausência de elementos excepcionais ao nível dos seus materiais e técnicas de fabrico (Milcent, 2006:343); ainda assim, talvez a sua proveniência exógena lhes pudesse conferir algum “estatuto”. E, não conferindo, tal poderia simplesmente não ser relevante para as funções que lhes caberiam.

Tal como para a Península Ibérica, poderemos terminar estas notas dizendo que, apesar de todas estas informações, ainda há muito que não se conhece e muito trabalho a ser feito.

2.3.2. Contactos marítimos

Terminada a nossa breve exposição dos contactos que se dariam por terra, passamos então àqueles que se dariam por mar e que seriam, aliás, provavelmente mais comuns (Camporeale, 2010:11) e mais relevantes para o nosso objeto de estudo. Antes de passarmos às questões tecnológicas e às análises das possíveis regiões de contacto (com um particular destaque para a Sardenha e Sicília), gostaríamos de abordar as “três fases” dos relacionamentos com o Mediterrâneo (Aubert, 1992:18; Torres Ortíz, 2008:85), que se aplicam a ambos os territórios que aqui tratamos.

Num primeiro momento, do século XIV a.C. à queda do sistema palaciano micénico (datada pela maior parte dos autores de c. 1200 a.C.; portanto, esta fase só abarca cerca de um século, século e meio, da nossa cronologia), o comércio internacional mediterrânico terá sido

dominado pelos micénicos. Como abordámos anteriormente, existem opiniões bastante diversas relativamente à presença, ou não, de micénicos na Península Ibérica (algo, por oposição, mais bem documentado noutras áreas do Mediterrâneo Central (Fundoni, 2013:321, :332)). Alguns autores (por exemplo, como já referimos, Fundoni (2013)) defendem que esse povo terá “cá” chegado pessoalmente, talvez utilizando a Sardenha como base; outros (nomeadamente, Ruiz-Gálvez Priego (2009)), que tal não terá acontecido, chegando os bens micénicos a solo peninsular através de outros intervenientes, de maneira mais (através de vários povos) ou menos (através especificamente dos cipriotas) indireta. É possível, aliás, que neste último século de domínio micénico já fossem os cipriotas os “protagonistas” destes contactos ocidentais (Fundoni, 2013:318). Esta será, portanto, a fase mais incerta das três que aqui apresentaremos, e terá de ser estudada partindo do Bronze Médio.

Na Península Itálica, por seu lado, esta presença está, como vimos na contextualização deste território, muito mais bem atestada, principalmente a Sul. Além de se observarem produções de origem micénica ou imitações das mesmas em diversos territórios (“(...) côte apulienne et golfe de Tarente; Sicile sud-orientale (...), Eoliennes, Campanie (Ischia, Vivara). Des extensions sont alors notées jusqu’en Etrurie (Luni sul Mignone, Casale Nuovo), les Marches (Trezzano di Monsampolo), la Sardaigne (Antigori, Arrubiu.” (Guilaine e Verger, 2008:221)), constata-se também a presença de indivíduos micénicos (nomeadamente, artesãos) em território italiano, na Puglia, Basilicata e Calábria (ainda que, relembramos, com um menor nível de integração do que aquele que existiria na Sicília e Ilhas Eólias) (Bietti Sestieri, 2018:146-147, 163, 166). Estes contactos, tal como no caso ibérico, também deverão ser estudados partindo-se do Bronze Médio, mas, aqui, será relevante mencionar igualmente que continuam a surgir objetos “micénicos” em contextos posteriores à datação tradicional da “queda” do seu sistema palaciano (na Etrúria e Campânia, mas também mais a Norte, em Frattesina e Fondo Paviani (Legnago, província de Verona, região do Veneto) (Mederos Martín, 1997 b:129; Guilaine e Verger, 2008:221)). Estas peças poderão continuar a ser “gregas” (produzidas em território grego), ou serem imitações originárias de outras regiões mediterrânicas (Chipre, por exemplo) ou itálicas meridionais (Mederos Martín, 1997 b:129; Guilaine e Verger, 2008:221).

O segundo momento, aproximadamente do século XII a.C. ao IX a.C., será mais “multiétnico”, dominado quiçá pelos cipriotas (Botto, 2012:52), e estas viagens já não partirão da iniciativa estatal. Citando Massimo Botto (2011 a:79), que tão bem sintetiza este momento, “(...) i contatti fra Mediterraneo orientale e occidentale non si interruppero all’indomani del

crollò della potenza micenea, ma continuarono grazie all'iniziativa di imprenditori indipendenti, non direttamente inglobati nel rigido sistema palatino, che avevano in Cipro il loro principale centro di aggregazione. Rispetto al passato però i nuovi protagonisti risultano più difficilmente 'etichettabili' da un punto di vista sia sociale sia etnico. Si tratta, molto verosimilmente, di un movimento composito e multi-etnico, la cui complessa e sfaccettata natura si riflette anche nel tipo di prodotti che raggiungono l'Occidente e che sfuggono spesso a un preciso inquadramento. Tuttavia, proprio per l'intraprendenza di questi mercanti i contatti fra Oriente e Occidente mediterraneo non si allentarono e fra gli studiosi moderni vi è chi sostiene che ad essi si deve l'arrivo nel Mediterraneo centro-occidentale dei numerosi manufatti di provenienza orientale, definiti 'precoloniali'." A real chegada destes indivíduos à Península Ibérica (e não só; também na Sardenha terão sido relevantes) é muito menos problemática para os investigadores, dadas as inúmeras evidências de materiais (Correia, 2006; Vilaça, 2008:375), técnicas ou influências (Vilaça, 2008:383) que poderão ser seguidas até ao Chipre. Obviamente, tal não garante a presença de indivíduos cipriotas em solo peninsular (mais uma vez, os contactos poderiam ser indiretos), mas, repetimos, tornam a aceitação desta perspetiva menos problemática, especialmente quando comparada com a questão dos micénicos da fase anterior. No que se refere à Itália Continental, poderemos contrapor uma via de contacto quiçá mais direta e adriática com estas regiões e povos "pós-micénicos" (Guilaine e Verger, 2008:221) e uma via mais tirrénica e, nalguns casos (como o etrusco, mas não, provavelmente, o *calabrese* (Botto, 2011:157; Botto, 2012:52)), dependente da mediação sarda (Botto, 2008:124, 139; Botto, 2012:52; Milletti, 2012:210; Lo Schiavo, 2012 a:127; Bernardini, 2016:12). Também a Sicília Ocidental poderia ser uma área importante, particularmente devido a rotas que por aí passariam, rumo ao Sul da Sardenha (Botto, 2012:52). Por fim, poderemos ainda mencionar que, no que se refere ao litoral tirrénico peninsular, os contactos com estes "povos" são menos visíveis ao nível das importações (que são escassas e de luxo (Iaia, 2017:822)) e constatam-se melhor antes na adoção de novas técnicas produtivas e decorativas (Botto, 2010:156) (que se observam, por exemplo, no carro de Bisenzio (Bonamici, 2012:313), que iremos abordar com maior pormenor nesta dissertação, no ponto 3.2.6.).

O terceiro momento, por fim, é dominado pelos fenícios, povo que já abordámos várias vezes e que se revela bastante importante para a História da Península Ibérica, e, no caso italiano, também pelos gregos (principalmente, nesta fase, euboicos). Os fenícios provavelmente estariam inseridos nos contactos da fase anterior desde pelo menos o século X

a.C. (Torres Ortíz, 2008:86; Brandherm, 2008:106; Botto, 2011:157; Botto, 2012:52), mas é no IX a.C. que verdadeiramente se começa a constatar o seu domínio (Botto, 2004-2005:10). Neste momento, começa também a ser mais visível a participação de sujeitos de origem grega nestas empresas (Fundoni, 2013:382). Apesar de ainda existirem algumas dúvidas quanto à natureza destas relações “pré-coloniais” (termo incerto e bastante discutido, que aqui utilizamos apenas no seu sentido cronológico; por oposição, nomeadamente, à perspetiva de Alvar Ezquerro (2008)), as manifestações que as comprovam são variadas, qualitativa e quantitativamente. Como refere Mariano Torres Ortíz (2008:86), na Península Ibérica “(...) se documentan ahora las primeras evidencias de la copelación de la plata y de la producción de hierro, además de un aumento en el número de objetos de este metal atestiguados, lo que muestra el incremento de las relaciones entre los fenicios y las poblaciones indígenas del sur y el oeste peninsular, visible tanto en los elementos metálicos como en el aumento de la evidencia cerámica de dichas relaciones.”. Estes contactos continuarão a intensificar-se no tempo, até darem origem às colónias de que já falamos (e que, relembramos, surgem já em finais do próprio século IX a.C.). É igualmente importante afirmar que a predominância destes povos do Mediterrâneo Oriental não implica o desaparecimento de contactos mais locais e possivelmente diretos entre a Península Ibérica e outras áreas (nomeadamente, a Sardenha), ao longo de todas estas fases.

Em Itália, este “terceiro momento” poderá ser dividido em duas fases distintas, antes e após o início do século VIII a.C.. Antes (Melandri, n.d.:639), a situação não é, basicamente, muito distinta da do segundo momento que acima expusemos, ainda que agora os intervenientes sejam, como referimos, outros: os contactos continuam a observar-se melhor através de novas técnicas e não tanto através de importações (que obviamente existem; veja-se por exemplo a obra de Paolo Bernardini e Massimo Botto (2011) sobre bronzes fenícios na Península Itálica e Sardenha) (Botto, 2010:156-157); na fachada tirrénica (sendo a Etrúria a área mais bem estudada), estes relacionamentos mantêm-se muito ligados à Sardenha (Botto, 2008:124); permanece difícil conseguir distinguir claramente influências e elementos gregos dos fenícios, dado, nesta fase, partilharem ainda fortemente os mesmos “circuitos comerciais” (Botto, 2008:124; Bernardini, 2016:26); a presença grega ainda é, comparativamente, “scarsa” (Melandri, n.d.:639). Será interessante mencionar também que são já visíveis neste momento diferentes abordagens, dentro de uma mesma região, à adoção de elementos exógenos orientais (Botto, 2010:154, que contrapõe Tarquínia e Veio, na Etrúria).

A partir do século VIII a.C., em especial a partir da fundação de colónias na Sardenha (fenícias, em finais do século (Botto, 2005:599; Iaia, 2017:823)), na Península Itálica (gregas, como Pithecusa (localizada na ilha de Ischia, no Golfo de Nápoles), a colónia mais antiga, tradicionalmente datada de 775 a.C., e Cuma, ambas de origem euboica e localizadas na atual Campânia (Botto, 2011:168; Pellegrino, 2013:35; García Alonso, 2014:835; Iaia, 2017:823)) e Sicília (principalmente na sua costa ocidental (gregas) (Melandri, n.d.:639) e no seu Noroeste (fenícias) (Albanese Procelli, 2008:415), ambas igualmente datadas de finais deste século), a situação altera-se, tornando-se estes contactos mais intensos, articulados e estruturados (Melandri, n.d.:639). Obviamente, estas colónias, a importância crescente destes indivíduos “estrangeiros” nas trocas itálicas (pelo menos, naquelas realizadas a Centro e Sul, principalmente no Tirreno) e a difusão de peças e influências orientalizantes na península (que caracterizarão o período homónimo) dificultam a análise dos contactos que aqui pretendemos estudar e inserem-nos em novas modalidades. Porém, evidentemente, isto não implica, tal como no caso ibérico, um “desaparecimento” dos “indígenas” destas redes de trocas (Pellegrino, 2013:35); aliás, estes indivíduos orientais inseriram-se em circuitos comerciais geridos pelas populações locais (Botto, 2004-2005:22), não sendo sempre “bem-vindos”. Por exemplo, as redes e rotas que ligavam a Sardenha à Etrúria setentrional (área que, relembramos, é bastante rica em recursos metalíferos e a única região italiana com estanho) parecem permanecer maioritariamente nas mãos das elites nurágicas e villanovianas/etruscas, até finais do século VIII a.C., inícios do VII a.C., pelo que “(...) si potrebbe quindi ipotizzare un atteggiamento di chiusura da parte dei gruppi di spicco delle comunità nuragiche, intenzionati a mantenere un rapporto privilegiato con le aristocrazie etrusche e preoccupati delle capacità diplomatiche e commerciali dimostrate dagli agenti di Tiro.” (Botto, 2008:135). Por seu lado, a Etrúria meridional e a área etrusca campana (em especial, Pontecagnano) já contactariam mais diretamente com estes indivíduos e respetivas colónias (Botto, 2008:135, 142-143; Botto, 2012:55, 69; García Alonso, 2014:835). No geral, poderemos afirmar que os elementos gregos (objetos importados ou imitados e influências imateriais) seriam agora muito mais comuns, superando em número as de origem ou matriz fenícia (Gran-Aymerich e Puytison-Lagarce, 1995:572; Botto, 2011:169), e que, em diversas ocasiões, os empreendimentos continuaram a ser conjuntos (por exemplo, seria comum a presença fenícia na colónia de Pithecusa (Melandri, n.d.:639)) (Botto, 2011:169).

Portanto, qualquer um dos “povos” que abordámos neste pequeno resumo cronológico poderá ter servido, através das regiões que abordaremos de seguida e possivelmente em

conjunto com os habitantes locais dessas regiões, de intermediários entre as “nossas” penínsulas.

Península Ibérica

Avançando então para as especificidades ibéricas destes contactos marítimos, poderemos começar, como no caso anterior, pelas “tecnologias”, isto é, as embarcações. Novamente, no entanto, as nossas evidências para o período que aqui estudamos resumem-se a reproduções iconográficas, na sua maioria gravuras, que trazem consigo os mesmos problemas que as anteriores, nomeadamente a sua natureza esquemática e a incerteza de representarem, ou não, barcos reais e locais. Afinal, existe sempre a possibilidade de serem apenas representações simbólicas (algo que sucede, por exemplo, na Escandinávia (Ruiz-Gálvez Priego, 2009:95-96)). Todavia, supondo que se trata de mais do que símbolos, fornecem-nos várias informações relevantes.

As gravuras em questão encontram-se em grande número na Galiza e Norte de Portugal, nomeadamente nos petróglifos de Borna (Pontevedra), Auga dos Cebros (Pedornes, Oia, província de Pontevedra), O Viveiro VI (Oia, província de Pontevedra), Alto das Veigas II (Mougás, Oia, província de Pontevedra), e talvez também os de Laje da Churra (Viana do Castelo), que, porém, têm uma datação excessivamente incerta, do Bronze Inicial à Idade do Ferro (Pereira e Arruda, 2017:196-198). Apresentam datações muito variadas (nalguns casos, para a mesma gravura), geralmente do século XIII a.C. ao VIII a.C., e são bastante homogêneas ao nível da sua estrutura e estilo, ambos bastante “atlânticos” (Pereira e Arruda, 2017:202). Existem também alguns exemplares mais a Sul, como em Laja Alta (Jimena de la Frontera, província de Cádiz) e Cueva de las Palomas (Tarifa, província de Cádiz) (Díes Cusí, 1994:318; Fundoni, 2013:50).

Todas estas embarcações, inclusive as do Noroeste peninsular, apresentam paralelos mediterrânicos, em especial do Mediterrâneo Oriental (González-Ruibal, 2004:289; Fundoni, 2013:50-51; Pereira e Arruda, 2017:196-198; Mederos Martín, 2019). Estes paralelos, porém, levantam um outro tipo de questões, acerca da sua chegada à Península Ibérica e, em particular, à sua fachada Norte-ocidental. No fundo, existem três hipóteses: a) trata-se de barcos mediterrânicos, que aí chegaram presencialmente (algo que Alfredo Mederos Martín (2019:36) julga poder ser possível para os casos galegos, mas que nos parece improvável, dado o registo arqueológico atual, no qual as evidências mediterrâneas no Noroeste não são

assim tão comuns. Para os casos andaluzes já será menos problemático); b) trata-se de barcos indígenas, construídos com base em conhecimentos mediterrânicos que aí chegaram (verbal ou materialmente), não necessariamente, para algumas regiões, através de estrangeiros (algo bastante possível, pois, como também refere o autor acima mencionado (2019:36), “(...) las innovaciones náuticas se difunden rapidamente (...)”); c) trata-se de barcos indígenas, construídos sem qualquer conhecimento de origem mediterrânica, mas ainda assim semelhantes às embarcações dessa região (possível, dado não conhecermos verdadeiramente como seriam as embarcações indígenas, mas quiçá improvável, tendo em conta as extensas parecenças).

É ainda possível que nem todos os barcos representados fossem capazes de navegar no Atlântico (Pereira e Arruda, 2017:198), mas será pouco fiável retirar conclusões demasiado assertivas com base nestas gravuras esquemáticas. No entanto, alguns, como os de Auga dos Cebros, seriam muito provavelmente capazes de o fazer, pelo menos no que se refere a rotas de cabotagem (Pereira e Arruda, 2017:198). E, dados os seus paralelos, todos eles seriam capazes de navegar no Mediterrâneo.

Apesar de todas estas questões ainda em aberto, não há dúvidas de que existiriam barcos na Península Ibérica e que estes, com alguma probabilidade, seriam capazes de navegar até à Itália Continental. No entanto, esta navegação mediterrânica não dependeria apenas das embarcações possuídas, mas também dos conhecimentos técnicos e teóricos que tornariam essa navegação possível e segura. Nomeadamente, saber pilotar o barco, navegar (no Mediterrâneo, seria mais comum a navegação de “grande cabotagem” (Fundoni, 2013:40-41)) e orientar-se (Fundoni, 2013:65-68); conhecer as rotas mais seguras (Fundoni, 2013:40-41), os períodos de navegação mais propícios, as correntes (geralmente muito débeis, só deveriam ser consideradas em áreas muito específicas, como no Estreito de Gibraltar (Díes Cusí, 1994:335)), marés e ventos (essenciais (Díes Cusí, 1994:312, fig. 02; :313; :335)) a ter em conta. Tais conhecimentos poderiam ser aprendidos pessoalmente, experimentando e explorando, ou verbalmente, através de outros. Ambas seriam possíveis para os navegantes ibéricos, mas não possuímos evidências concretas para o primeiro caso (a existência de peças ibéricas em vários sítios arqueológicos do Mediterrâneo não é capaz de provar, por si, a chegada de ibéricos, em barcos ibéricos, a todos esses lugares). Tecnicamente, também não podemos garantir a ocorrência do segundo caso, mas é, para a maior parte dos investigadores, muito menos problemático, dados os vários povos que efetivamente chegaram às costas peninsulares e que provavelmente já partilhariam vários conhecimentos entre si (González-

Ruibal, 2004:291). As tripulações poderiam incluir outros indivíduos (intérpretes, artesãos, mulheres, por exemplo) que não estariam necessariamente ligados às tarefas marítimas, mas não existem dúvidas de que os marinheiros em si teriam de ser muito capazes e quiçá “especializados” (Coombs, 1998:151).

Contactos com a Sardenha

Finalmente, podemos avançar para as regiões que mais nos interessam, começando pela Sardenha, que já mencionámos várias vezes nos parágrafos anteriores. Por oposição aos contactos com as restantes áreas, estes encontram-se muito e muito bem estudados, existindo diversos artigos (por exemplo, os de Lo Schiavo (2008, nomeadamente)) e até teses de doutoramento (por exemplo, a de Giovanna Fundoni (2013)) sobre o assunto. A Sardenha desempenhava um papel principal nos contactos que ligariam o Mediterrâneo Oriental ao Atlântico (Gómez Toscano e Fundoni, 2010-2011:49; Bernardini, 2016:11), dada a sua localização bastante central, os seus recursos e, claro, as características das suas comunidades, que atraíram e mantiveram o interesse de diversos povos, e tal importância deu origem aos vários e variados trabalhos que referimos.

Segundo alguns investigadores, estes relacionamentos, que não seriam exatamente ocasionais (Lo Schiavo, 2012 a:127), ter-se-ão iniciado durante os finais do II milénio a.C. (Fundoni, 2013:398), mas parecem existir provas de carácter metalúrgico que apontam para contactos desde, pelo menos, o Bronze Médio (Lo Schiavo, 2008:434), ou até do Neolítico (Gibaja Bao *et al.*, 2013:231-232). Não existem dúvidas, porém, de que terão durado todo o Bronze Final. Para as duas primeiras fases, ainda existem várias questões relativamente à maior ou menor importância e independência dos sardos (nurágicos) nestas empresas. Alguns investigadores defendem que seriam as suas aristocracias (e, na outra ponta, as ibéricas) a gerir este comércio até à chegada dos fenícios, mas outros atribuem um papel mais dominante aos povos orientais que chegaram a esta região (Ruiz-Gálvez Priego, 1993:64; Botto, 2004-2005:19; Fundoni, 2009:30-31; Zucca, 2012:210-211; Fundoni, 2013). Seja como for, ao longo destes dois períodos, existiriam certamente contactos diretos (isto é, entre os povos de ambas as regiões (Bernardini, 2016:12-13)) e indiretos (através dos outros intervenientes) entre a Sardenha e a Península Ibérica, ainda que seja um pouco difícil distingui-los com base no registo arqueológico (Gómez Toscano e Fundoni, 2010-2011:39). Estas relações intensificam-se a partir do século X a.C. (Botto, 2011 a:80) (ainda que sejam já observáveis

fortes influências ibéricas na metalurgia sarda a partir do século XI a.C. (Lo Schiavo, Falchi, Milletti, 2013:375)), mas, na terceira fase, os materiais de origem nurágica já quase só se observam, na Península, em contextos fenícios (Botto, 2013:205), o que indicará, pelo menos, uma diminuição dos contactos diretos entre os povos de ambas as regiões e uma predominância da intervenção e mediação fenícia nestas trocas. Esta maior influência não excluiu, porém, os indígenas deste comércio; os mercadores sardos e ibéricos continuariam a navegar, utilizando agora, segundo vários autores, barcos orientais (Botto, 2004-2005:23-24). Aliás, são deste momento (meados do século IX a.C. a meados do VIII a.C.) as “teglie” sardas encontradas em Huelva, feitas com argila local, que testemunham a presença de indivíduos nurágicos em território peninsular, presencialmente e por um período de tempo considerável (mas possivelmente temporário), dado serem objetos que dificilmente seriam alvo de “exportação” (Botto, 2004-2005:23; Fundoni, 2009:30; Botto, 2011 b:46; Fundoni, 2013:404; Botto, 2015:182); e datarão igualmente desta fase (século VIII a.C.) as cerâmicas de uso comum ibéricas (com, portanto, conotações e conclusões semelhantes às anteriores) encontradas no “*nuraghe*” S. Antine (Torralba, província de Sassari; Noroeste da ilha, um pouco interior) (Fundoni, 2013:386).

Estes contactos poderiam ocorrer através de várias rotas, uma mais setentrional, ao longo das costas italiana e francesa, uma mais central, que passaria pelas Baleares (Guerrero Ayuso, 2004 e 2008), e uma mais meridional, através da Sicília (e quiçá sul da Península Itálica) e Norte de África, às quais se poderiam acrescentar algumas rotas terrestres (Botto, 2013:198, fig. 01; Fundoni, 2013:105-115, fig. 11). Não surpreendentemente, porém, não é fácil comprovar a sua maior ou menor frequência ou atestar que objetos terão chegado através de que rota (ainda que, claro, seja possível formar hipóteses informadas). Estes objetos são variados, encontrando-se peças sardas na Península Ibérica e ibéricas na Sardenha, e seriam provavelmente acompanhados de elementos não materiais (alguns autores defendem até que foram os nurágicos, munidos de conhecimentos que adquiriram através dos cipriotas, que introduziram a técnica da cera perdida em território peninsular (Botto, 2013:201)).

Contactos com a Sicília

Por fim, relativamente à Sicília, deparamo-nos mais uma vez com o problema da falta de estudos sobre o tema (Gomá Rodríguez, 2019:104), que já nos afligiu quando tratámos o Sul de França. Ainda assim, poderemos mais uma vez reunir algumas informações relevantes:

estes contactos ter-se-ão iniciado ou tornado mais evidentes a partir da segunda metade do século XIII a.C., e poderão ter sido indiretos (através de todos os povos que já tratámos, não esquecendo os próprios sardos, cuja presença nesta ilha também se encontra averiguada (Procelli, 2008:415)) ou diretos, existindo ainda algumas dúvidas a respeito destes últimos (Cultraro, 2005:104; Bernardini, 2016:10-11); existem vários objetos e influências (ao nível de técnicas e modelos, por exemplo) ibéricas na Sicília e sicilianas na Península Ibérica (Cultraro, 2005:104), sendo de destacar as fíbulas encontradas em território ibérico, quiçá os melhores vestígios destas relações (Gomá Rodríguez, 2019:104); as peças de origem ibérica concentram-se bastante, nesta ilha do Mediterrâneo Central, no seu Sudeste (ainda que tenham sido igualmente encontrados objetos noutras regiões), área que seria também a mais frequentada por indivíduos de origem oriental (Mederos Martín, 1997 b:129; Lo Schiavo, 2006:33, 54; Botto, 2008:129).

Península Itálica

Comparando com a região anterior, as embarcações itálicas são ligeiramente mais bem conhecidas, ainda que, não se conhecendo também aqui vestígios arqueológicos de verdadeiros barcos, os dados atuais possam não corresponder completamente à realidade.

Os indícios relativos ao Bronze Recente e Final são, no entanto, escassíssimos. Para além de se poder supor, com base, por exemplo, na existência de povoados litorais localizados em áreas com bons portos naturais (Martinelli, 2004:367), que existiriam embarcações adequadas a percursos marítimos (provavelmente não muito longos e mais junto à costa?) e de se confirmar, graças a vestígios posteriores, a adoção de características micénicas (Bonino, 2005:554-555) e cipriotas (Mandolesi e Castello, 2009:16; Gianni, 2015:16), será difícil fazer ilações mais precisas.

Porém, este panorama altera-se durante a Idade do Ferro e Período Orientalizante, devido aos diversos modelos (isto é, miniaturas em argila, datadas geralmente dos séculos IX-VII a.C. (Bonino, 2005:554; Rendeli, 2017:06)) e representações pictóricas de barcos que agora surgem. Os modelos villanovianos, os mais bem estudados, apesar de obviamente não serem representações perfeitas (em parte, por questões materiais, que não permitem um fundo convexo ou a sobrevivência de elementos percíveis), oferecem-nos interessantes informações sobre embarcações nitidamente “indígenas”, autóctones: “La forma limitatamente slanciata (...) denota altresì, per l'imbarcazione reale, una discreta velocità. La parte mediana dello

scafo si presenta più ampia e dal profilo arcuato: si tratta di un deciso allargamento rispetto al profilo continuo della nave. Questa conformazione fa pensare a un modello versatile di matrice tirrenico villanoviana, frutto di una notevole attitudine in fatto di cantieristica navale. È una sorta di compromesso fra il tipo canonico snello, “militare”, e quello tondeggiante, “commerciale”. (...) ci riporta pertanto a un tipo navale di una certa complessità costruttiva, adoperato per il trasferimento di persone e di merci, a breve e lunga distanza. Lo scafo allargato nella porzione centrale, fa pensare a un’imbarcazione promiscua adibita sostanzialmente al trasporto [inclusivamente para longos percursos em mar aberto (Martinelli, 2004:370)], ma allo stesso tempo segnala come il mezzo fosse agile ed eventualmente pronto alla difesa o all’attacco, spinto dalla velatura o da un unico ordine di remi.” (Mandolesi e Castello, 2009:15). Estes barcos, apesar de também adotarem influências exógenas, mais orientais (Mandolesi e Castello, 2009:21) e quiçá também sardas (Martinelli, 2004:368), seriam criações locais adaptadas às necessidades locais (inclusive à “famosa” pirataria etrusca, que teria “atrasado” a formação de colónias gregas em Itália (Martinelli, 2004:373; Mandolesi e Castello, 2009:25)) e ilustram a elevada capacidade de construção naval villanoviana, certamente fruto de muita experiência (Mandolesi e Castello, 2009:17-18, 25). Dado o seu carácter multifacetado, também as suas tripulações seriam versáteis e polivalentes, adaptando-se a tarefas mais comerciais e mais bélicas e não sendo, assim, particularmente especializadas (Mandolesi e Castello, 2009:18). E dado o surgimento destes modelos em contextos funerários associados a personagens (masculinas) com um elevado estatuto (Mandolesi e Castello, 2009:22, 25), poderemos supor a participação destes indivíduos nas empresas marítimas (ou na construção naval) e, quiçá, uma certa hierarquização dentro da atividade (afinal, é muito provável que fosse necessário haver “capitães” para uma melhor organização e coordenação).

Não será correto extrapolar estes dados para outras regiões onde as informações são mais escassas, mas podemos pelo menos supor, com um elevado grau de certeza, que também elas teriam tipologias de embarcações próprias e adaptadas às suas condições locais (por exemplo, é possível que os barcos que navegassem somente no Adriático apresentassem características distintas daqueles que se focassem no Tirreno ou em viagens mais longas).

Contactos com a Sardenha

Passando então aos contactos com as áreas que poderão ter servido de intermediárias com a Península Ibérica, começaremos pela Sardenha. Já vimos o quão importante terá sido

para a nossa região mais ocidental, mas também as suas ligações com a Itália Continental (em particular, não surpreendentemente (dada a sua localização geográfica), com a Etrúria e Lazio) seriam extremamente importantes (comparativamente, até mais, dada a maior proximidade e facilidade das deslocações). A sua longa permanência no tempo (já durante os inícios do Bronze Médio se constata influências centro-italianas na Sardenha (Lo Schiavo, 2008:434), mas é muito provável que estes relacionamentos tenham uma origem ainda mais antiga) será mais um indício dessa importância.

Durante o Bronze Recente (que equivale então à “primeira fase”), estes contactos são também “(...) già testimoniati (...) da un numero esiguo, ma significativo, di materiali” (Lo Schiavo, Falchi, Milletti, 2013:375). Algumas evidências comprovam uma certa presença micénica na Sardenha (Mederos Martín, 1997 b:128-129, sobre as cerâmicas; Bonino, 2005:550, sobre as embarcações), mas esta não terá tido o mesmo impacto que teve na Sicília e Sul peninsular. E tendo em conta que os materiais micénicos, especialmente no período anterior à “queda” dos seus palácios, são raríssimos na península a Norte do Golfo de Nápoles (Mederos Martín, 1997 b:128-129), o mais correto será supor que estes indivíduos orientais não terão servido ou, pelo menos, não terão servido com frequência de intermediários entre estas duas regiões. Porém, será igualmente importante referir que neste momento (e no seguinte) os contactos entre esta ilha e a Sicília são bastante intensos (Albanese Procelli, 2008:413; Milletti, 2012:238-240; Gradoli *et al.*, 2020:12-13), pelo que não se poderá pôr de parte esta via alternativa de chegada de peças peninsulares (ou micénicas, quiçá) à Sardenha.

Na fase seguinte, “(...) si nota un progressivo consolidamento dei rapporti con la penisola italiana (...)” (Lo Schiavo, Falchi, Milletti, 2013:375), e estes relacionamentos são corroborados pela troca de diversos materiais, modelos e técnicas entre ambos os lados do Tirreno (Lo Schiavo, Falchi, Milletti, 2013:391, 402). Na Sardenha, por exemplo, observam-se importações ou imitações de peças peninsulares (ainda relativamente limitadas, quando comparando com o período seguinte) em várias zonas da ilha (isto é, não somente na sua costa oriental) (Lo Schiavo, Falchi, Milletti, 2013:382, 397-398); sem nos aprofundarmos, poderemos destacar (neste momento, não pelo seu número, mas pelo seu impacto) a introdução das fíbulas e lâminas de barbear neste território insular, tipos de objetos originalmente estranhos aos costumes nurágicos (Lo Schiavo, Falchi, Milletti, 2013:398). Estas peças, apesar de já comprovarem contactos privilegiados com a Etrúria setentrional, não serão originárias apenas desta região, sendo igualmente observáveis objetos com tipologias do Sul de Itália (Lo Schiavo, Falchi, Milletti, 2013:391, 397-399). Para muitos investigadores,

estes vestígios materiais extra-Etrúria terão chegado à Sardenha, ainda assim, por mediação da mesma, tal como terá sucedido, por exemplo, com o âmbar (que também não teria uma origem etrusca) (Lo Schiavo, Falchi, Milletti, 2013:397-399); mas, lembrando os intensos contactos com a Sicília acima mencionados, poderiam certamente existir outros “caminhos”. Pode-se já supor uma certa importância (certamente menor do que no período sucessivo) dos metais, mas será muito mais difícil de apreender e estudar os diversos recursos perecíveis (Lo Schiavo, Falchi, Milletti, 2013:399). No sentido contrário, além de serem difundidos elementos de origem sarda (que, apesar de uma maior concentração na Etrúria, surgem igualmente noutras áreas italianas, como na de Bolonha (Lo Schiavo, Falchi, Milletti, 2013:392) e no Lazio Antigo (Botto, 2007:78)), esta ilha terá sido, como já referimos, a intermediária na transmissão de itens cipriotas e levantinos. A presença de indivíduos orientais neste território terá sido bastante intensa (Bernardini, 2016:11), mas, nestes momentos iniciais, não há indícios suficientes para supor com certeza que fossem eles os principais intervenientes nestas trocas; será mais provável que fossem os próprios “indígenas” (Botto, 2008:124; Lo Schiavo, 2012 a:127; Bernardini, 2016:12).

Durante a I Idade do Ferro, estes contactos intensificam-se e a Sardenha foca-se agora quase exclusivamente na Etrúria, em particular na sua área setentrional (Milletti, 2012:226-227). Olhando para os achados na Península Itálica, aliás, só em Cuma (Campânia), Crotona (Calábria) e, talvez, no Lazio Antigo se observam achados nurágicos fora das áreas villanovianas (Milletti, 2012:144-145 e Tav. CIV). Porém, repetimos, estes são muito mais comuns no Norte da Etrúria (onde se recuperaram mais de metade de todos os objetos sardos encontrados na península (Milletti, 2012:226, 54-153 e Tav. CIV)). Um interessante aspeto destes achados é a sua fortíssima associação a túmulos femininos, que se poderá ligar à origem (sarda) dessas mulheres e, ou, ao seu estatuto, “(...) forse connesso alla sfera magico-religiosa” (Arancio, Sgubini e Pellegrini, 2010:190-191).

Na Sardenha, comparativamente, os vestígios peninsulares (villanovianos) são bastante mais escassos (Milletti, 2012:25-54, 223 e Tav. CV), o que provavelmente indicará a “saída” da Etrúria de muitos elementos mais difíceis de observar no registo arqueológico, de que já falámos (relembremos o início deste ponto 2.3.) (Milletti, 2012:223, 242; Rendeli, 2020:44). Para além de materiais, frisamos que continuaram a trocar-se técnicas produtivas e decorativas e até outros tipos de noções imateriais (nomeadamente, aquelas ligadas ao significado ideológico de certos objetos de bronze sardos) (Milletti, 2012:209; Lo Schiavo, Falchi, Milletti, 2013:402). Neste território insular, porém, não será tão fácil analisar a

distribuição espacial dos achados peninsulares, ainda que se possam observar ligeiras concentrações no Noroeste e Centro-Norte da ilha; a Sul, as evidências são muito mais escassas e, de momento, até ausentes no litoral (Milletti, 2012:228 e Tav. CV).

Portanto, apesar de todas as incertezas, poderemos supor que as principais rotas de ligação (com a Etrúria) passariam pelo Norte (e não pelo Sul) da Sardenha; aliás, Matteo Milletti (2012:243-247) especifica que estas rotas seguiriam depois pelas costas orientais da Córsega, em direção a Elba e restantes ilhas do Arquipélago Toscano (onde foram encontrados os vestígios nurágicos mais antigos da “península” e, até, algumas influências sardas nos costumes funerários locais), terminando então na Etrúria setentrional. A passagem pela Córsega ocidental também seria possível, ainda que os dados sejam menos concretos (Milletti, 2012:245). Para além destas possíveis rotas, não nos poderemos esquecer de que certamente existiriam outros “caminhos” que levariam a outras regiões. Por exemplo, poderia existir uma rota “meno vitale” e direta, e talvez não percorrida por embarcações nurágicas, que ligaria o Golfo de Cagliari (no Sul da Sardenha) ao Antigo Lazio (quicá evidenciada por alguns bronzes cipriotas encontrados nesse território peninsular); ainda que, não obstante, também não se possam colocar de parte outras vias estritamente peninsulares e talvez terrestres (Milletti, 2012:243). Os estudos de objetos não-villanovianos na Sardenha, no entanto, não parecem tão comuns e detalhados (provavelmente devido ao próprio foco nurágico na Etrúria), o que dificulta a análise destas alternativas.

Por fim, no que se refere então aos intervenientes, com base nestes dados poderemos concluir que os contactos, sem dúvida com a Etrúria setentrional, mas provavelmente, nesta fase, também com a meridional e quicá outras regiões (Lazio Antigo, por exemplo), estariam sob controlo indígena (Milletti, 2012:242, 247; Lo Schiavo, Falchi, Milletti, 2013:402). Relativamente às modalidades dos mesmos, transações de carácter puramente “comercial” não seriam exclusivas, sendo talvez acompanhadas de, nomeadamente, deslocações no seio de práticas de exogamia, movimentações de artesãos (ou de elementos com outras “profissões”), encontros de indivíduos no âmbito da própria navegação (embarcações mistas, breves relacionamentos ao longo das próprias rotas), etc. (Milletti, 2012:228-233). Todas estas hipóteses são, atualmente, mais bem demonstráveis no sentido Sardenha → Etrúria, mas poderá supor-se uma provável reciprocidade na direção oposta (Milletti, 2012:232-233). E como refere Cristiano Iaia (2017:821), será importante lembrar que as “(...) similar aptitudes at least for maritime activities [partilhadas por sardos e villanovianos/etruscos] (...) could have led to a strategy of pursuing common interests in the control of Tyrrhenian sea

routes, but also to (...) political alliances.”, que poderão ter dado origem a outros tipos de relacionamentos, nem sempre tão bem observáveis no registo arqueológico (por exemplo, viagens de cariz “diplomático”).

Porém, a partir de finais do século IX a.C., elementos fenícios encontravam-se já “estavelmente instalados” na Sardenha (Milletti, 2012:242), pelo que obviamente não poderão ser descartados como intermediários, nesta fase principalmente com outras regiões (que não a Etrúria setentrional). Nomeadamente, com o Lazio Antigo, com a Etrúria meridional e talvez com outras áreas meridionais tirrénicas (onde sem dúvida se conhece uma presença fenícia, apesar de não ser possível comprovar se esses indivíduos utilizariam a Sardenha como “base”) (Botto, 2007:84; Botto, 2008:148). Poder-se-á aqui supor algumas modalidades de contacto semelhantes às estritamente “indígenas” (certamente as mais comerciais e aquelas ligadas à movimentação de artesãos), mas não existem indícios para apoiar várias delas (como as associadas a possíveis práticas de exogamia).

Para terminar, como abordámos anteriormente, durante o século VIII a.C. (que corresponde ao segundo momento da “terceira fase de contactos” e ao início, com datações diversas, do Período Orientalizante em vários pontos da Península Itálica), intensifica-se a participação fenícia nestes contactos, que principalmente traz consigo objetos utilizados pelas emergentes elites itálicas peninsulares como símbolos de estatuto, muitos dos quais ligados aos banquetes e ao vinho (Botto, 2004-2005:17; Arancio, Sgubini e Pellegrini, 2010:191; Bernardini e Botto, 2011:104; Botto, 2012:55). Estes relacionamentos serão particularmente visíveis, na península, no “(...) tratto di costa compreso tra Vulci e la foce dell’Astura [a Sul de Roma, no concelho de Nettuno] (...)” (Botto, 2007:84), em especial em torno à foz do Tibre; e, na Sardenha, terão sido os responsáveis por uma maior frequência da sua costa oriental e meridional (Botto, 2007:84-85). Em finais deste século, surgem então várias colónias fenícias nesta ilha do Mediterrâneo Central (poderemos destacar, por exemplo, Sulcis (Iaia, 2017:823), localizada no canto Sudoeste da Sardenha, nos atuais concelho e ilha de Sant’Antioco) e, nos inícios do seguinte, estes indivíduos orientais passam a inserir-se com constância nas rotas que ligam à Etrúria setentrional, perdendo os nurágicos o controlo principal das mesmas (em parte também devido ao crescimento e maior autonomia das próprias cidades etruscas) (Botto, 2007:84-85; Milletti, 2012:248-249).

Contactos com a Sicília

Dada a proximidade entre esta região e a Península Itálica (no seu ponto menos largo, o Estreito de Messina pouco passa dos três quilómetros), não será de surpreender que os contactos entre ambas tenham sido frequentes (e muitas vezes diretos), ainda que ocasionalmente difíceis de apreender e, no que se refere a relações entre “indígenas”, nem sempre profundamente estudados. Aliás, apesar destes relacionamentos com o exterior se terem intensificado a partir do século X a.C. (Domínguez Monedero, 2008:151-152), as rotas de “piccolo cabotaggio” ao longo da costa tirrénica, que ligariam à Sicília, terão sido percorridas desde, pelo menos (mas muito provavelmente também antes), o Bronze Antigo (Vagnetti, 1974:667).

Durante a primeira fase de contactos, como vimos, a presença micénica era bastante intensa na Sicília, tendo-se desenvolvido e tornado uma “componente strutturale della cultura e dell’organizzazione socio-politica locali” (Bietti Sestieri, 2018:167); em particular, tendo em conta os achados, na sua região Sudeste, Sudoeste e nas Ilhas Eólias (Mederos Martín, 1997 b:129; Lo Schiavo, 2006:54). Esta presença certamente terá condicionado a forma como estas ilhas se relacionavam com as áreas itálicas mais próximas e mais afastadas (nomeadamente, o interesse micénico por metais fez com que passassem a contactar diretamente com a Etrúria, deixando um pouco de parte as regiões mais a Sul e, até, chegando a pilhá-las (Bietti Sestieri, 2018:137, 167-168)). Com o Bronze Recente, constata-se, como já vimos, uma “invasão” peninsular (em particular, da *facies* “subappenninica” da Campânia e Calábria, frequentemente chamada de “Ausonia”) da ilha Lipari (Ilhas Eólias) e do Nordeste da Sicília (Bietti Sestieri, 2018:137, 167-168), feito que seguramente terá reavivado os contactos diretos entre esta área e o Sul e os contactos indiretos, ao longo de toda a costa tirrénica, com as zonas mais a Norte. A presença micénica ter-se-á mantido até mais tarde (Mederos Martín, 1997 b:128-129), mas muitas questões permanecem em aberto acerca das relações entre estes indivíduos orientais e os “invasores” peninsulares (dar-se-iam bem? Dar-se-iam mal? Dando-se mal, será possível que tenham “cortado” contactos e, portanto, a rota que talvez (relembramos que não há certezas) levaria estes micénicos à Península Ibérica?). É provável, porém, que a passagem pelo Estreito de Messina se tenha fechado mais aos povos orientais (Mederos Martín, 1997 b:130).

Com o Bronze Final italiano e a segunda fase de contactos mediterrânicos, também aqui se observam vestígios de uma presença cipriota, tanto ao nível da produção metalúrgica como da cerâmica (Lo Schiavo, 2006:33; Botto, 2008:124; Botto, 2011:160), sendo que estes

indivíduos (re)utilizariam a rota do Estreito de Messina e também a rota pelo Sul e Oeste da ilha (pelo “Estreito da Sicília”) (Botto, 2008:129). Será, porém, debatível até que ponto esta presença oriental terá alterado as formas de contacto entre esta região e a Itália Continental. As Ilhas Eólias e Leste da Sicília mantêm neste momento (e até, pelo menos, ao Orientalizante) uma cultura material “ausonia” (Bietti Sestieri, 2018:322-331), o que poderá refletir a manutenção de contactos mais diretos e intensos com a Calábria, que, assim, poderia ser a “porta de entrada” de objetos de outras regiões itálicas na ilha. Porém, estas semelhanças materiais também complicarão ligeiramente o estudo destes contactos, pois, sem análises às matérias-primas, será difícil confirmar se um certo objeto terá uma produção insular ou peninsular. Também as trocas com a Sardenha se encontram muito bem documentadas durante as Idades do Bronze Recente e Final (Albanese Procelli, 2008:413), o que poderia constituir uma outra via de chegada de influências e peças itálicas. Ainda assim, os indivíduos orientais poderão igualmente ter servido de intermediários com outras áreas italianas (Botto, 2008:147; Botto, 2011:160), ainda que não aparentem ter a influência que tiveram os micénicos ou que terão os colonizadores gregos e fenícios (por exemplo, no que se refere aos conhecidos lingotes com “forma de pele de boi”, só se encontraram três na área siciliana e zero na península (Lo Schiavo, 2006:55)).

O mesmo se poderá dizer dos relacionamentos pré-coloniais com fenícios e euboicos, que também incluíam a Sicília nos seus percursos (Botto, 2008:147). E igualmente os etruscos (da Etrúria e da Campânia) poderiam estar diretamente envolvidos com esta ilha neste momento (especialmente durante o século VIII a.C.) (Domínguez Monedero, 2008:152); tal ainda é bastante discutido pelos investigadores, mas é muito provável que os relatos (sempre com um certo cariz propagandístico) de autores gregos acerca da “pirataria” etrusca no Leste da Sicília de que temos falado se baseassem na realidade (Albanese Procelli, 2004:294). Não será possível dizer com certeza quem as terá trazido, mas efetivamente encontraram-se algumas peças produzidas na Itália central em vários pontos desta ilha (Albanese Procelli, 2004:254), que não se poderá excluir terem sido diretamente trazidas por indivíduos dessa região.

Com as colonizações (gregas e fenícias) da segunda metade do século VIII a.C. (Albanese Procelli, 2008:415; Melandri, n.d.:641), alteram-se claramente as modalidades de contacto, e precisaríamos de uma análise muito mais completa para apreendermos as suas especificidades. Mais uma vez, será debatível até que ponto estes elementos orientais e respetivos domínios territoriais controlariam as relações entre a Sicília e a Península Itálica.

Vestígios de origem etrusca (fíbulas) datados do século VIII a.C. e inícios do VII a.C., que poderão indiciar (sem certezas efetivas) a presença física de indivíduos etruscos nesta região, surgem tanto em colónias como em povoados indígenas (Albanese Procelli, 2004:294), ainda que não existam quaisquer garantias relativamente a quem realmente os trouxe.

Portanto, existem muitas questões ainda em aberto que necessitam de um estudo mais aprofundado, mas ser-nos-á possível concluir pelo menos que estes contactos entre a Sicília e a Península Itálica existiram durante todo o período que aqui estudamos, sendo particularmente intensos com as áreas mais próximas (Calábria, que por sua vez também contactava ativamente com muitas outras regiões italianas, tirrénicas e meridionais).

3. Os materiais

Neste novo ponto iremos apresentar e analisar as “provas” dos contactos que aqui pretendemos estudar, isto é, os materiais. Como já explicitámos, iremos focar-nos nos objetos encontrados na Península Ibérica, ainda que, frisamos, também tenham sido encontradas peças de origem ibérica na Península Itálica (ver o resumo apresentado no ponto 3.3.). Reforçamos igualmente, no entanto, que não pretendemos aqui afirmar ter “encontrado” todas as prováveis peças de origem itálica achadas na Península Ibérica (ou todos os seus possíveis equivalentes em território italiano); poderão existir mais objetos dos quais, por diversas razões, não conseguimos tomar conhecimento.

Estes materiais podem inserir-se em diversas categorias. Antes de mais, podem ser completamente exógenos (itálicos, neste caso), isto é, serem importações. Uma importação é, de uma forma simplificada e com base na nossa perspetiva, um objeto físico que foi produzido e, muitas vezes, idealizado no “exterior” (ou seja, fora da área em que foi encontrado, sendo que o que é “local” ou “exterior” é normalmente definido pelo investigador, baseando-se, regra geral, em culturas arqueológicas ou territórios específicos) e, posteriormente, deslocado, de diversas formas e, relembramos, podendo passar por várias mãos, para a região e sítio preciso onde foi descoberto. Poderá ser identificada por elementos tipológicos e, ou, através de análises às suas matérias-primas (ainda que tal possa ser bastante problemático, pois a área de origem da matéria-prima (quando devidamente identificável, o que nem sempre é possível) pode não corresponder àquela onde o objeto foi fabricado); também o seu número mais diminuto (no quadro da cultura material da área onde foi encontrada), uma datação posterior à da sua “zona de origem” e os contextos onde foi achada poderão denunciar o seu carácter de importação. Ainda assim, nem sempre é fácil ou possível reconhecer uma peça importada ou saber de onde provém. Por exemplo, foram comuns as “imitações”, numa área diversa da “original”, de vários objetos e tipologias (veja-se o caso das tigelas etruscas de tipo Colmar/Vetulonia B, também fabricadas na Europa Central (Camporeale, 2004 b:113)); e, em certas ocasiões, algumas peças foram importadas em número tão elevado que vários estudiosos as consideraram produções locais (como o emblemático caso, posterior à nossa cronologia, das cerâmicas áticas (gregas) com figuras negras e vermelhas, que foram durante muito tempo consideradas uma tipologia de origem etrusca (Pereira, 1955-1956:179)). Importações com cronologias anteriores às dos objetos da área de origem também não são inexistentes, ainda que tal provavelmente se deva a lacunas no registo arqueológico (poderemos apresentar o exemplo das cerâmicas villanovianas encontradas em Huelva (Botto

e Vives-Ferrándiz Sánchez, 2006:118-119), que analisaremos melhor em diante). No entanto, apesar destas dificuldades, este tipo de material continua a ser o mais útil para estudar os contactos entre regiões distintas (a de origem da importação e aquela(s) onde esta foi achada).

Existem igualmente inúmeras outras categorias de objetos que se localizam algures entre o “completamente exógeno” e o “completamente endógeno”, como aquelas que incluem peças produzidas localmente com matérias-primas “estrangeiras” (como o âmbar ou o marfim) ou peças com componentes produzidos em sítios distintos (como o carro de Ca’ Morta, que iremos aprofundar no ponto 3.2.6.). Tendo em conta o tema desta dissertação, porém, iremos focar-nos apenas nas imitações e nas “influências”.

Como o seu nome indica, uma imitação é um objeto que imita, copia, um outro, numa área diversa daquela onde o “outro” é comum e, geralmente, de onde é originário, constituindo um tema ainda hoje muito debatido pelos investigadores (veja-se, por exemplo, a vasta obra *El problema de las imitaciones durante la protohistoria en el Mediterráneo centro-occidental: Entre el concepto y el ejemplo* (2014), coordenada por Raimon Graells i Fabregat, Michal Krueger, Samuel Sardà Seuma e Gabriella Sciortino, onde se incluem os artigos de Alicia Jiménez e de Graells i Fabregat *et al.*, inseríveis na nossa cronologia). Dependendo do objeto e do seu tipo, a cópia poderá ser realizada a partir de uma importação ou somente conhecendo-se técnicas específicas, poderá ser produzida por “locais” ou por “imigrantes” da região de origem da tipologia, poderá ser mais ou menos perfeita. Naturalmente, é bastante complicado conseguir distinguir uma imitação de uma importação (principalmente quando nos lembramos que o objetivo seria, em muitas circunstâncias, obter um produto o mais semelhante possível ao original); os itens que apresentámos no parágrafo anterior, como vimos, não são capazes de resolver completamente todos os problemas. O melhor indício serão os vestígios concretos do fabrico destas imitações (como moldes ou peças inacabadas), mas, infelizmente, a sua ausência (uma circunstância comum) não oferece quaisquer garantias da sua “não produção” (afinal, insistimos, as omissões não podem ser tidas como evidências, dadas as inevitáveis lacunas do registo arqueológico). Não iremos apresentar de seguida nenhuma peça que seja claramente uma imitação (produzida na Península Ibérica ou numa outra área não itálica), mas, dada a natureza desta categoria, também não o poderemos excluir com certeza.

Por fim, temos as “influências” exógenas que se podem observar em objetos endógenos. “Influência” será, no entanto, um termo mais difícil de definir. Na nossa opinião, poderá ser considerada uma “ideia” não local (sendo que, por “ideia”, nos referimos a algo

originário na mente humana; isto é, não engloba, por exemplo, matérias-primas, mas incluirá técnicas, decorações, formatos, tipologias, etc.), que, como o seu nome indica, influencia o fabrico de uma peça local. Sem surpresas, é um tópico que dá origem a inúmeras interrogações (muitas mais do que aquelas que se ligam a objetos físicos), nomeadamente: como identificar a origem de uma ideia? De quão longe pode vir? Quão influenciável poderá ser? Alterando-se pelo caminho, até que ponto se pode considerar proveniente do seu local de origem? Como se transporta e que/quem a traz? Como se insere nas novas sociedades? Como se conjugam as ideias endógenas e exógenas? Como distinguir umas das outras? Quando passa uma ideia de “estrangeira” a local? E até que ponto (ou a partir de que ponto) deixa mesmo de ser “estrangeira”? Não pretendemos aqui oferecer respostas a questões tão complexas, apenas expor estas problemáticas, mas poderemos mencionar que, dadas as dificuldades em obter dados objetivos sobre este tema, o ponto de vista (inevitavelmente subjetivo) do investigador é frequentemente bastante importante para o estudo destas possíveis “influências” e das suas respetivas proveniências. E, ainda, será relevante mencionar também que não se deverá confundir uma “influência” com um simples paralelo, uma peça parecida; a primeira terá inspirado e sugestionado um objeto local, a segunda poderá simplesmente partilhar semelhanças, sem existir uma ligação com o objeto ao qual se assemelha. Por exemplo, o hipotético, e bastante único em contexto ibérico, “aguijón de azucar”, encontrado no Castro de Nossa Senhora da Guia (Baiões, concelho de São Pedro do Sul, distrito de Viseu) (Gomá Rodríguez, 2017:87-88, Lám. VII), possui várias semelhanças com algumas peças italianas (nomeadamente, um exemplar proveniente da necrópole de Benacci-Caprara, em Bolonha (e não em Nápoles, como menciona o autor)), mas não existem quaisquer indícios de que uma delas tenha influenciado a outra (primeiro, porque, tendo quiçá a mesma função, é natural que as suas formas sejam semelhantes; segundo, porque, apesar das semelhanças, possuem características bastante diferentes; terceiro, porque não existem indícios claros de uma transmissão e, no geral, este género de peça é bastante raro no registo arqueológico, pelo que será complicado fazer análises ao nível da filiação); os paralelos itálicos servirão apenas para, possivelmente, ajudar a identificar a função deste curioso objeto português.

3.1. Possíveis importações itálicas na Península Ibérica

Neste ponto, iremos apresentar objetos que podem ser importações originárias da Itália Continental. Dadas todas as problemáticas acima expostas, não poderemos, nem iremos, afirmar com certeza que o sejam; mas poderão sê-lo, tendo em conta a sua carestia na

Península Ibérica e a sua clara inserção em tipologias itálicas. A sua produção na Ibéria parece, de momento, improvável (daí a sua inserção nesta categoria), mas não o poderemos excluir completamente, nem poderemos excluir a possibilidade de terem sido fabricadas numa outra região, como a Sardenha.

A nível metodológico, teremos ainda de referir que estas peças e tipologias serão expostas por ordem cronológica; dadas as diversas incertezas, optámos por apresentar primeiro peças com uma provável data de “início” mais recuada e com uma provável data de “fim” também mais recuada (ou seja, por exemplo, entre duas tipologias que durarão até ao século VIII a.C., apresentaremos primeiro a que tiver quiçá “começado” mais cedo; e entre duas tipologias que poderão ter surgido no século X a.C., apresentaremos primeiro a que tiver provavelmente “terminado” mais cedo). Tal estratégia poderá ter os seus problemas (nomeadamente, o resultar numa ordem cronológica incorreta, dados os grandes intervalos de tempo de certas peças), mas, à luz dos dados atuais, parece-nos a mais correta.

3.1.1. Fíbulas de tipo “Ponte 01 b”, i.e., fíbulas de arco multicurvilíneo, em cotovelo, com mola unilateral desenvolvida (Anexo I, 1.1.)

Uma categoria de objetos ibéricos que poderá ter uma origem (ao nível da morfologia, mas também do local de produção) na Península Itálica são as fíbulas de arco multicurvilíneo, em cotovelo, com mola unilateral desenvolvida e, provavelmente (ou, pelo menos, em certos casos), descanso em disco (de tipo “Ponte 01 b” (Ponte, 2006:71-92, 422)), geralmente datadas da primeira metade do século X a.C. aos inícios do século VIII a.C. (Anexo I, Fig. 1.1.A e 1.1.B). Estas fíbulas foram descobertas, ainda que frequentemente sem contexto, no Castro de Pirreitas (Alcobaça, distrito de Leiria; um exemplar, bastante completo), na Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal, distrito de Setúbal; um), em Mondim da Beira (Tarouca, distrito de Viseu; três), no Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior, distrito de Santarém; um), em Areias-Guincho (Cascais, distrito de Lisboa; um exemplar, ainda que bastante diferente dos restantes), no Castelo de Arraiolos (Arraiolos, distrito de Évora; um), no Cerro del Berrueco (província de Salamanca; um), em Getafe (comunidade autónoma e província de Madrid; um) e, por fim, em La Mercadera (Rioseco de Soria, província de Soria; também um só exemplar) (Anexo I, Fig. 1.1.C).

Porém, é importante referirmos que, de entre este conjunto de onze fíbulas, é possível (e até provável) que nem todas sejam importações. O exemplar mais completo proveniente do

Castro de Pirreitas é frequentemente considerado uma importação (Ponte, 2006:88) (podendo inserir-se na classe XXXVII, “Fibule serpeggianti con occhiello e staffa da spirale a disco”, e, quiçá, no tipo 313, “Fibule serpeggianti con occhiello, spillone diritto, staffa da discospirale a disco intagliato e grande molla, tipo Cairano” (Anexo I, Fig. 1.1.D), sistematizados por Lo Schiavo (2010:622-635, Tav. 377-387; 626-629, Tav. 380-382), ou em outros tipos semelhantes não meridionais); por seu lado, o exemplar de Areias-Guincho, pelo facto de apresentar um arco compósito que não se insere em modelos itálicos (Ponte, 2006:81), poderá ser uma produção local (ou, pelo menos, ibérica) com base nas (possíveis) peças italianas (será, portanto, um objeto “influenciado”). As restantes fíbulas, mais incompletas (e, portanto, nem sempre consideradas por vários autores (Gomá Rodríguez, 2019:83)), não se afastarão, em princípio, dos protótipos itálicos (ainda que seja difícil atribuir-lhes uma tipologia específica), pelo que poderão tratar-se tanto de importações, como de imitações. Ainda assim, pareceu-nos relevante manter estas peças nesta categoria: excluindo a exceção acima apresentada, não existem grandes dúvidas relativamente à sua morfologia originária na Península Itálica; não existem indícios claros (mas, mais uma vez, relembramos que a ausência de indícios não poderá ser, por si só, um indício) de uma produção local destes objetos; mesmo que não o sejam todas, existem evidências suficientes para supor que algumas destas fíbulas sejam importações.

Mais difícil, por seu lado, será supor os modos e rotas de chegada destas peças. Em Itália, este género de fíbula encontra-se por todo o território peninsular, do Sul aos Alpes (com uma cronologia mais recuada que a ibérica, dos séculos XI/X-IX a.C.), ainda que a sua origem se situe com probabilidade nas regiões centro-meridionais da mesma (Ponte, 2006:88). Fora desta península, não foram encontrados exemplares inseríveis nestas tipologias na Sicília ou na Sardenha (Lo Schiavo, 2010:622-629; Milletti, 2012:25-46); em França, encontram-se vários (Duval *et al.*, 1974:32-33; Ponte, 2006:88), mas, infelizmente, a maior parte das fíbulas conhecidas em território gaulês com cronologias anteriores ao século VII a.C. é bastante problemática, existindo diversas falsificações ou peças compradas em antiquários (de proveniência desconhecida, mas provavelmente extra França), bastante difíceis de identificar e distinguir dos exemplares “verdadeiros” sem qualquer vestígio de dúvida (Guilaine e Verger, 2008:230-232). Portanto, não existem evidências suficientes para preferir claramente uma via em detrimento das outras, ainda que, apesar dos problemas, talvez se possa apontar uma preferência pela francesa (afinal, uma fíbula “verdadeira” no meio das “falsas” será mais uma fíbula do que todas aquelas que se conhecem atualmente nas ilhas mediterrânicas, e a

distribuição destas peças em território ibérico (deslocando-se os achados de Este para Oeste, provavelmente ao longo de rios, tais como, quiçá, o Douro, Tejo e respetivos afluentes) poderá apoiar também esta alternativa mais terrestre), via essa que é defendida, por exemplo, por Salete da Ponte (2006:88).

3.1.2. Fíbulas de tipo “Ponte 06”, i.e., “fíbulas de arco pouco engrossado com descanso em disco” (Anexo I, 1.2.)

Uma outra categoria de fíbulas que provavelmente incluirá importações originárias da Itália Continental é o tipo “Ponte 06” (Ponte, 2006:120-125, 425), que engloba duas peças (Anexo I, Fig. 1.2.C), uma proveniente do Castro de Pirreitas, novamente mais completa (e sem contexto) (Anexo I, Fig. 1.2.A e 1.2.B), e uma do de Santa Luzia (concelho e distrito de Viseu) (encontrada num “nível com muitas cinzas” (Ponte, 2006:122) e mais incompleta, ao ponto de alguns autores desconfiarem da sua inserção nesta tipologia (Graells i Fabregat, 2022:142)), que têm em comum os seus descansos em disco. O exemplar do Castro de Pirreitas possui um arco revestido por uma conta de âmbar, o que o fará inserir-se numa classe e tipologia distintas (classe XVII, “Fibule ad arco rivestito con staffa da spirale a disco”, e, provavelmente, tipo 104, “Fibule ad arco rivestito semicircolare, sezione quadrangolare e staffa a disco” (Anexo, I, Fig. 1.2.E), sistematizados por Lo Schiavo (2010:248-249, Tav. 107-108)) das da menos conhecida peça beirã (classe XII, “Fibule ad arco con staffa da spirale a disco”, e, quiçá, tipos 67 a 77 (Anexo I, Fig. 1.2.D) (Lo Schiavo, 2010:176-194, Tav. 71-84)). Ambos os objetos poderão datar-se, aproximadamente, da primeira metade do século IX a.C. aos inícios do VIII a.C..

Tendo em conta que, até à data, se conhecem apenas duas fíbulas deste tipo na Península Ibérica, ambas claramente inseríveis em modelos italianos, será difícil defender uma produção local, pelo que poderá ser mais provável tratar-se de importações (ainda que, relembramos mais uma vez, sempre sem garantias, dada a natureza do registo arqueológico). Alguns investigadores, aliás, chegam a defender que a fíbula mais completa do Castro de Pirreitas poderá, pelo seu excelente estado de conservação e datação “demasiado recuada”, não ter sido encontrada no dito povoado ou, até, na própria Península Ibérica, podendo tratar-se, assim, de uma falsificação ou de uma peça adquirida em época contemporânea, quiçá comprada num antiquário, dentro ou fora da Península Ibérica (algo que, aliás, não será inédito; veja-se o ponto 3.1.6.1. desta dissertação) (Graells i Fabregat, 2022:136, 144-146);

ainda assim, optámos por considerá-la, sempre com as devidas reservas, nesta nossa dissertação, dado serem tidas em conta por vários outros autores.

Relativamente à forma de chegada destes objetos, temos aqui os mesmos problemas que no ponto 3.1.1.: não parecem existir claros exemplares pertencentes a estas tipologias na Sicília (Lo Schiavo, 2010: 176-194, 244-249) ou na Sardenha (Milletti, 2012:25-46) e, em França (Duval *et al.*, 1974:13-15) (Anexo, I, Fig. 1.2.F), mais uma vez, as fíbulas conhecidas poderão ser bastante problemáticas. Em Itália (c. séculos X-VIII/VII a.C.), ambas as classes (XII e XVII) se concentram no Centro e Sul (ainda que alguns exemplares sem contas de âmbar se encontrem também mais a Norte, nas atuais regiões da Emília-Romanha, Marche, Trentino e na “costa nord-orientale dell’Adriatico” (Lo Schiavo, 2010:194)), o que poderá indiciar uma rota mais mediterrânica (ao longo da costa francesa?). Não possuímos, no entanto, dados suficientes para afirmá-lo com certeza.

3.1.3. Fíbula de tipo “Ponte 05”, i.e., “fíbula de arco roliço ou de arco pleno”; em particular, fíbula de tipo “Ponte 05 b”, i.e., com “arco rebaixado ou abatido” (Anexo I, 1.3.)

Mais uma vez, apresentamos aqui uma categoria de fíbulas (algo pouco surpreendente, dada a boa mobilidade destes (pequenos) objetos e o seu possível estatuto como artigo de luxo), o tipo “Ponte 05” (Ponte, 2006:116-120, 425), caracterizado pelos seus exemplares com arco pleno e, neste caso, abatido (ao ponto de apresentarem uma forma mais “retangular” e menos semicircular). Desta vez, este tipo engloba apenas uma única fíbula, encontrada na Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal³ (Anexo I, Fig. 1.3.A, 1.3.B e 1.3.C), e datada, apesar da sua falta de contexto (Ponte, 1985:137), de meados do século IX a.C. à primeira metade do VII a.C., sendo provavelmente do século VIII a.C.. Poderá inserir-

³ Teremos de mencionar que esta necrópole (onde foram igualmente descobertas outras peças tratadas nesta dissertação) tem uma cronologia provavelmente posterior à desta fíbula (séculos VII-IV/II a.C. (Arruda, 2009 b; Gomes, 2016:345-350)), o que obviamente trará alguns problemas. Ainda assim, decidimos confiar nas datações avançadas por Salette da Ponte (2006), já que esta (e, por exemplo, a fíbula de tipo “Ponte 04” que apresentaremos em diante) têm claras características itálicas; e existem, afinal, várias situações em que peças mais antigas surgem em contextos mais recentes, nomeadamente em sepulturas e em depósitos (por exemplo, podemos mencionar o caso da “espada-punhal” da gruta de la Font Major (l’Espluga de Francolí, concelho de Conca de Barberá, província de Tarragona, comunidade autónoma da Catalunha), que trataremos mais à frente e que foi encontrada com peças datadas de c. 1200/1000 a.C. a 700 a.C. (Vilaseca, 1959:269, 273; Giardino, 1995:282)).

-se em diversas tipologias itálicas, todas elas com um foco a Norte (algumas das quais, aliás, nem se encontram, por exemplo, a Sul de Bolonha (Bietti Sestieri, 2018:217)) (Anexo I, Fig. 1.3.D); relativamente às regiões centrais, não existe ainda uma sistematização e catalogação adequada de fíbulas, pelo que será difícil apontar tipologias; a Sul, só se conhecem três exemplares semelhantes a esta peça portuguesa (um deles sem contexto e lugar de achado, os outros provenientes de Pontecagnano e de Cuma) (Anexo I, Fig. 1.3.E e 1.3.F), inseríveis nos tipos 86 b (“Altre piccole fibule ad arco ingrossato”) e 64 c (“Altre fibule ad arco ingrossato e ribassato, dalla Campania”) de Fulvia Lo Schiavo e com paralelos em zonas centrais e, principalmente, setentrionais (Lo Schiavo, 2010:174, 231-232, Tav. 69, Tav. 101).

Seguindo a mesma lógica empregue anteriormente, tratando-se de uma só fíbula encontrada em solo ibérico (até ao momento), parece extremamente improvável ser uma produção “indígena”, daí a nossa opção por a considerar, com as devidas e sempre presentes reservas, uma importação. E, novamente, surgem também as mesmas dúvidas relativas à sua “veracidade” (Graells i Fabregat, 2022:135, 144-146), que, apesar da opção que tomámos neste trabalho, não poderão ser postas de parte.

Fora da Itália Continental e da Península Ibérica, não se encontram exemplares inseríveis nestas tipologias na Sicília (onde está depositada a acima mencionada fíbula sem contexto e local de achado, que, portanto, não se pode confirmar ter sido encontrada na ilha (Lo Schiavo, 2010:231)); na Sardenha, conhece-se uma peça, que não possui um contexto preciso (Milletti, 2012: 32, Tav. VII) (Anexo I, Fig. 1.3.H); em França (nomeadamente nos Pirenéus Orientais) existem “várias” fíbulas (quiçá, Duval *et al.*, 1974:10-11; Ponte, 2006:116-120) (Anexo I, Fig. 1.3.G), que, mais uma vez, talvez não possam ser tidas em conta. Portanto, tendo em conta esta distribuição e o foco setentrional em território italiano, fará mais sentido, ainda que sem garantias, uma rota de chegada à Península Ibérica pelo Norte, por terra e, ou, por mar, através da França e, quiçá, da Sardenha.

3.1.4. Cerâmicas villanovianas de Huelva (Anexo I, 1.4.)

Neste ponto, incluímos duas peças cerâmicas encontradas em Huelva (província homónima, Andaluzia (Anexo I, Fig. 1.4.B); sem um contexto estratigráfico viável, por razões naturais, e achadas juntamente com objetos fenícios, gregos, cipriotas e sardos (Varena, 2016:48)), datadas de meados do século IX a.C. a meados do VIII a.C.: uma peça com perfil em “S” e caneluras (uma produção em argila que imita recipientes em metal) e um “kantharos”

(não semelhante, apesar do nome, aos gregos) (Anexo I, Fig. 1.4.A), a que os investigadores frequentemente atribuem, pelas suas formas, pastas e decorações, uma origem itálica, mais especificamente villanoviana (Botto e Vives-Ferrándiz, 2006:118-119). Os seus melhores paralelos encontram-se na Etrúria meridional (Bernardini, 2016:19).

No entanto, estes objetos não deixam, ainda assim, de possuir alguns problemas. A peça com perfil em “S” e caneluras será anterior algumas décadas aos exemplares italianos (mais comuns durante o Período Orientalizante); o “kantharos” apresenta um perfil de bojo distinto (em Itália, é mais afunilado na direção do fundo) (Botto e Vives-Ferrándiz, 2006:118-119). Porém, apesar destes elementos, a proveniência itálica continua a ser a mais aceite, dada a falta de bons paralelos noutras regiões (inclusive a ibérica).

Por fim, relativamente ao modo de chegada destas cerâmicas, tendo em conta as evidências aqui expostas (nomeadamente, a natureza do seu achado e os seus paralelos da Etrúria meridional), e apesar de não nos ter sido possível averiguar a dispersão destas tipologias fora da Península Italiana, será aceitável supor já uma intervenção fenícia na sua transmissão. Esses fenícios estariam, provavelmente, instalados na Sardenha ou talvez já na própria Península Ibérica (mas, ainda assim, estes objetos cerâmicos são geralmente considerados peças “pré-coloniais” (Varenna, 2016:48)).

3.1.5. Fíbulas de tipo “Ponte 04”, i.e., “fíbulas de arco em sanguessuga” (Anexo I, 1.5.)

Por fim, apresentamos aqui mais três fíbulas, provenientes da Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) (Anexo I, Fig. 1.5.A e 1.5.B), do Castro de Alobre (Vilagarcía de Arousa, comunidade autónoma da Galiza) (Anexo I, Fig. 1.5.C) e da Meia Praia (Lagos; ainda que esta peça seja mais desconhecida) (Anexo I, Fig. 1.5.D), e datadas de inícios do século VIII a.C. ao século VII a.C. (havendo, portanto, a possibilidade se serem já da Idade do Ferro), que também se incluem em claras e conhecidas tipologias itálicas (quicá originárias da “zona entre a Itália Central e Setentrional”, constituindo um importante elemento material da cultura villanoviana (Ponte, 2006:115), e dispersas por toda a península). Estes exemplares de tipo “Ponte 04” caracterizam-se pelos seus arcos em sanguessuga e decorações geométricas incisas (as da peça de Alcácer do Sal, mais orientalizantes e afins às da Itália Meridional (Ponte, 2006:112); as da espanhola, quicá mais semelhantes às das regiões centrais e setentrionais); porém, desconhecendo-se os descansos, parte fundamental para a divisão tipológica italiana, não nos é possível apontar uma classe e tipo precisos: as alternativas

(meridionais) serão a Classe XIX, “Fibule passanti alla sanguisuga e fibule a sanguisuga con staffa corta o a disco” (Lo Schiavo, 2010:260-279, Tav. 128-136; quiçá tipo 116, “fibule a sanguisuga con staffa corta e decorazione incisa”, variante B, que inclui fíbulas de maiores dimensões); Classe XXI, “Fibule a sanguisuga con staffa allungata” (Lo Schiavo, 2010:286-305, Tav. 139-149; quiçá semelhante ao tipo 140, “fibula a navicella con staffa asimmetrica, da Pitecusa”); Classe XXIII, “Fibule a sanguisuga ed a navicella decorate con staffa lunga” (Lo Schiavo, 2010:334-358, Tav. 163-183; quiçá tipo 155, “fibule a sanguisuga con arco a sezione circolare decorato”); ou Classe XXVII, “Fibule a navicella ed a sanguisuga decorate, con staffa lunga, con e senza bottone terminale” (Lo Schiavo, 2010:473-497, Tav. 282-302; quiçá semelhante aos tipos 213, “fibula a navicella con decorazione a motivi angolari, da Montecorvino Rovella”, ou 215, “piccole fibule a navicella con decorazione incisa a bande trasversali con motivi a zig-zag inclusi”) (Anexo I, Fig. 1.5.E).

Novamente, dado tratar-se apenas de três peças, sem bons paralelos a nível ibérico (ou não itálico), parece-nos mais correto supor que não sejam produções locais. É possível, com as devidas e inevitáveis reservas, que tenham sido fabricadas na própria Península Itálica. Porém, também aqui voltam a surgir as dúvidas de vários investigadores (Graells i Fabregat, 2022:144) acerca da autenticidade destas peças, em bom estado (com exceção, quiçá, do exemplar algarvio) e com datações “recuadas”. Mais uma vez, no entanto, optámos por as incluir, excluindo apenas três peças sem local de achado (duas delas talvez provenientes do povoado de Ampúrias, na comunidade autónoma da Catalunha) (Graells i Fabregat, 2022:142-143), já que, sem o mesmo, pouco poderiam acrescentar ao nosso estudo, e um conjunto inédito de fíbulas com arcos em sanguisuga e “navicella” do Museu Arqueológico de Sevilha (quiçá proveniente do povoado de Los Alcores, na comunidade autónoma da Andaluzia), que foi considerado por Raimon Graells i Fabregat (2022:145) como “claramente falseado”.

Ao contrário dos tipos anteriores, estas fíbulas encontram-se relativamente bem difundidas fora da Itália Continental: conhecem-se exemplares da Sicília (Lo Schiavo, 2010:480, Tav. 292) (Anexo I, Fig. 1.5.F), Sardenha (Milletti, 2012:32, 34, Tav. VII) (Anexo I, Fig. 1.5.G), França (Duval *et al.*, 1974:15-26) (incluindo, desta vez, peças que provavelmente poderão ser tidas em conta, provenientes da França Ocidental (Milcent, 2006:327)) (Anexo I, Fig. 1.5.H) e até de várias regiões que não dizem respeito a este estudo (como os Balcãs (Ponte, 2006:116)). Portanto, as possíveis rotas e possíveis intervenientes poderão ser bastante variados: as rotas poderão ser terrestres, marítimas mediterrânicas ou até marítimas atlânticas; os próprios fenícios poderão estar já envolvidos, ou poderá tratar-se

ainda de trocas maioritariamente “indígenas” (serão improváveis, porém, contactos diretos com as regiões itálicas). A maior parte dos investigadores aponta para, no entanto, uma via marítima (Ponte, 2006:115), com a qual não discordamos (principalmente para as fíbulas portuguesas (através talvez da Andaluzia?), ainda que seja importante referirmos que o achado da peça algarvia numa praia não oferecerá grandes certezas a nível arqueológico; para a espanhola, não se poderá pôr de parte uma via atlântica ou, claro, uma chegada através de outras áreas ibéricas).

3.1.6. Possíveis importações itálicas na Península Ibérica mais incertas

Nesta parte pretendemos apresentar peças que, pela sua “exclusividade” na Península Ibérica, poderão tratar-se de importações, mas que são muito mais incertas, por variadas razões, do que as expostas anteriormente.

3.1.6.1. Espada de tipo “Terontola” (Anexo I, 1.6.1.)

A primeira “possível importação mais incerta” (pela sua datação recuada de c. 1300-1100 a.C.) que aqui trazemos é uma espada de tipo “Terontola”, uma tipologia com provável origem e um claro foco no Norte de Itália, que terá sido encontrada nos “Pirenéus catalães” (Brandherm, 2007:31-35, Lám. 02) (Anexo I, Fig. 1.6.1.A). Segundo Dirk Brandherm (2007:34), que publicou pela primeira vez esta peça, retirando-lhe o estatuto de “iné dita”, não existem dúvidas da sua inserção neste tipo, caracterizado, de uma forma geral, por uma longa lingueta com a ponta engrossada, um fim da lingueta/início da lâmina sem rebites e com uma distintiva forma campanulada/campaniforme, e uma lâmina de secção romboidal, que se alarga na sua parte final (De Marinis, 2009:137; Maraner, 2013-2014:78, 96) (Anexo I, Fig. 1.6.1.B).

Porém, apesar desta aparente facilidade, optámos antes por apresentar esta espada, extremamente completa e intacta, neste ponto de “maior incerteza”, dado não se conhecer o seu local ou circunstâncias de achado precisos e dado pertencer a uma coleção particular (Brandherm, 2007:32). Portanto, e tendo particularmente em conta que os Pirenéus (se for realmente essa a sua área de descoberta) abrangem também a França, não nos sentimos confiantes o suficiente para considerar esta peça uma importação de origem itálica encontrada na Península Ibérica. Aliás, não seria a primeira espada espanhola que, considerada uma importação, se apurou depois ser um objeto adquirido/comprado em Itália: o mesmo sucedeu

a uma espada de tipo “Terni” do Museo Arqueológico Nacional de Madrid, que se pensava ter sido encontrada na Catalunha ou na Comunidade Valenciana, mas que terá feito parte da coleção privada de Carlos III (1716-1788) e terá sido trazida pelo mesmo de Nápoles (Brandherm, 2007:01, nota 04). Obviamente, não afirmamos com toda a certeza que a espada de tipo “Terontola” que aqui expomos seja falsa; apenas que, dadas as circunstâncias em torno do seu achado (ou, melhor dizendo, a falta delas), infelizmente não poderemos, com segurança, proclamar que não o seja (de uma forma mais assertiva do que no caso das fíbulas).

Apesar destas incertezas, será relevante referirmos que, se esta peça tiver sido produzida em Itália e tiver realmente chegado à Península Ibérica em época antiga, tal transmissão terá certamente ocorrido por terra: não se conhecem, de momento, armas destas em França (ainda que existam outras semelhantes; ver em diante o caso das espadas de tipo “Monza”), mas só foram descobertas, até à data, três espadas na Itália Central (duas em áreas bastante interiores, até) e uma na Síria (Brandherm, 2007:33; De Marinis, 2009:137; Jung, 2009:141; Palmucci, 2015:08-09), pelo que a via mediterrânica também não aparenta muito viável.

3.1.6.2. Faca de La Peneda (Anexo I, 1.6.2.)

Uma outra destas “possíveis importações mais incertas” poderá ser a faca encontrada, sem contexto, no Castro de La Peneda (Redondela, província de Pontevedra, comunidade autónoma da Galiza) e datada, talvez, do “Bronze Final” (sem informações mais específicas, podendo ser também já da Idade do Ferro) (Gomá Rodríguez, 2017:141-143) (Anexo I, Fig. 1.6.2.A e 1.6.2.B). Diversos investigadores afirmam que esta peça terá os seus melhores paralelos na Calábria (em particular no exemplar de Spezzano Calabro, na província de Cosenza, que poderá ter sido fabricado na área adriática ou, pelo menos, na própria Itália Continental) (Gomá Rodríguez, 2017:142); porém, estas peças calabresas inserem-se em modelos de origem micénica (ainda que a sua datação, c. 950-850 a.C. ou “tardo século IX a.C.” (Guzzo e Peroni, 1982), seja consideravelmente posterior à da “queda” do sistema palaciano micénico) (Gomá Rodríguez, 2017:142-143), o que obviamente levanta inúmeras questões sobre a ligação que aqui nos interessaria estudar (nada garante, portanto, que esta morfologia tenha chegado à Península Ibérica “via” a Itália e não simplesmente através de uma qualquer outra região onde se tenha observado uma presença micénica considerável, como a Sicília). Efetivamente, esta faca galega partilha vários elementos com as peças calabresas que não aparentam surgir nas micénicas (nomeadamente, a curvatura da sua lâmina

ou o possuir mais do que um furo de rebite (Gomá Rodríguez, 2017:652)), mas, repetimos, não é possível ligá-la à Itália sem dúvidas consideráveis (daí, afinal, a sua inserção nesta categoria de “incerta”).

Aliás, não será a única faca encontrada em território ibérico que se poderá também associar a micénicos: fora da nossa cronologia (datar-se-á de c. 1530-1420 a.C. ou 1640-1390 a.C., com base em datações de Carbono 14 (Gomá Rodríguez, 2017:141)), conhece-se também a faca encontrada numa sepultura da Serra de Belmeque (Beja), que, apesar de, em teoria, também poder ter um fabrico itálico (ou, com maior probabilidade, local/ibérico), na prática será provavelmente uma produção (ou morfologia/influência) do Egeu (Mederos Martín, 2009 b:254; Bottaini, Serra e Porfírio, 2012:640; Gomá Rodríguez, 2017:140-141). No entanto, dada a datação desta peça, há poucas dúvidas relativamente à sua possível “ligação micénica”; algo que não ocorre, por sua vez, com a faca galega de La Peneda. Seria bastante útil ter conhecimento de uma cronologia mais pormenorizada para este objeto (se fosse posterior ao século XIII a.C., poderia apontar-se com uma menor incerteza para a região itálica), mas, dado o contexto do seu achado (ou, melhor dizendo, a falta dele), tal não parece ser possível. Uma análise à sua composição metálica seria igualmente útil (para, se possível, se poder excluir com uma maior segurança uma produção local ou ibérica – algo talvez mais improvável, dado tratar-se, até à data, de uma peça única, mas nunca se poderá pôr esta alternativa de lado).

Ainda assim, a possível origem itálica desta faca é uma hipótese a ter em conta, que se baseia em evidências (semelhanças) observáveis, mas, de momento, insuficientes. E, como tal (dado ser, no fundo, “possível”), parece-nos relevante mencionar que, se tiver chegado a partir da ou através da Península Itálica, a rota utilizada terá sido provavelmente marítima, quiçá via Sicília.

3.1.6.3. “Capacete” de Caudete de las Fuentes (Anexo I, 1.6.3.)

Neste ponto, tratamos de apresentar o possível capacete (ou, menos provável, mas não impossível, tigela) de prata encontrado no município espanhol de Caudete de las Fuentes (Comunidade Valenciana), nas proximidades do povoado de Los Villares, que poderá tratar-se de uma deposição (votiva) em meio húmido (Graells i Fabregat e Lorrio Alvarado, 2013:158) e datará, talvez, do século VIII a.C. (González Prats, 1985:493; Faro Carballa, 2017:190; ainda que tal datação se baseie principalmente nos paralelos itálicos) (Anexo I,

Fig.1.6.3.A, 1.6.3.B e 1.6.3.C). Esta peça introduz-se na categoria das “incertas”, pois, por um lado, apesar de a sua decoração granulada remeter para exemplares villanovianos, insere-se numa tipologia de capacetes comum em muitas áreas europeias (da Hungria à França, incluindo o Egeu (Martinelli, 2004:18)) e, por outro, o seu material (prata) e a sua profusa decoração (por toda a sua superfície exterior e quiçá representando chifres (Faro Carballa, 2017:190)) não têm paralelos itálicos conhecidos.

Ainda assim, é apontado por vários investigadores (González Prats, 1985:493; Faro Carballa, 2017:190) como tendo boas associações à área villanoviana (devido, repetimos, à sua decoração, já que se conhecem outros capacetes com esta morfologia no Norte de Itália que não possuem elementos decorativos (Martinelli, 2004:18) e não são apontados como paralelos pelos estudiosos ibéricos). Os capacetes (ou tigelas, pois também aqui existem dúvidas relativamente a um dos três exemplares, utilizado como “base” de uma urna funerária (Iaia, 2006:263)) encontrados nessa região concentram-se todos, até à data, nas necrópoles de Tarquínia, na Etrúria meridional (Anexo I, Fig. 1.6.3.D, 1.6.3.E e 1.6.3.F); no geral, porém, são peças bastante raras, quiçá por estes capacetes serem, com probabilidade, mais frequentemente realizados com materiais perecíveis (Martinelli, 2004:18, 23-25). E, frisamos, nenhum destes exemplares é igual ao possível capacete espanhol, ainda que a forma e as decorações granuladas os aproximem.

Portanto, é possível que este objeto se associe à Península Itálica e, dado o seu estatuto de exceção em solo ibérico, se trate de uma importação proveniente da mesma, mas as evidências não são suficientemente satisfatórias para o podermos defender sem demasiadas dúvidas. Precisamos de mais informações (nomeadamente, seria interessante a realização de uma análise à prata que deu forma a esta peça. Ainda que tal possa não responder a todas as questões, se esta fosse, por exemplo, consistente com a prata das jazidas ibéricas, a produção deste possível capacete em Itália já seria muito menos provável).

Apesar destas dúvidas, parece-nos relevante deixar, ainda assim, algumas notas quanto à sua possível “forma de chegada”: se esta peça provier da Itália Continental (um grande “se”, voltamos a insistir), será mais provável, dada a sua distribuição em solo itálico e a sua cronologia, que o tenha sido através de indivíduos fenícios (ainda que, claro, não se possa excluir uma participação “indígena” ativa) e através de uma rota marítima (quiçá pela Sardenha (e França Meridional?), tendo em conta a possível componente fenícia?).

3.2. Materiais ibéricos com possíveis influências itálicas

Após as possíveis importações (que, apesar das incertezas, sempre constituem indícios mais úteis para se estudar os plausíveis contactos entre as duas áreas), avançamos para as “influências”. A sua atribuição a tipologias ou territórios itálicos é muito mais problemática e discutível, mas serão, ainda assim, interessantes elementos a ter em conta (ainda que de uma forma distinta dos anteriores).

3.2.1. Espadas possivelmente inspiradas nas de “tipo Monza / Rixheim-Monza” (Anexo I, 2.1.)

Seguindo a nossa ordem cronológica, começaremos por abordar um pequeno conjunto de três espadas encontradas em território espanhol que possuem algumas semelhanças com o tipo “Monza” (Anexo I, Fig. 2.1.E) de provável origem itálica setentrional (também referido como “Rixheim-Monza”, por exemplo, por Almagro Basch (1940:44), certamente para englobar um maior número de espadas centro-europeias com características semelhantes) (Brandherm, 2007:32-33). Estas três peças (Anexo I, Fig. 2.1.D) foram encontradas nas proximidades da gruta da Roca del Frare, em La Llacuna (província de Barcelona, região autónoma da Catalunha) (Anexo I, Fig. 2.1.A); em Carcabuey (província de Córdova, região autónoma da Andaluzia) (Anexo I, Fig. 2.1.B); e no conhecido e discutido depósito (quicá votivo, quicá o resultado de um naufrágio) da ria de Huelva (província homónima, região autónoma da Andaluzia) (Anexo I, Fig. 2.1.C). As primeiras duas foram descobertas sem contexto e são geralmente datadas, com as devidas reservas, dos inícios do Bronze Final (c. 1200-1000 a.C.) (Mejjide Cameselle, 1988:08, 100); a terceira espada datar-se-á, tal como o depósito onde foi encontrada, da segunda metade do século XI a.C. a meados do século IX a.C. (Martín *et al*, 2011). Estas peças poderão ser, na opinião de alguns investigadores (Brandherm, 2007:34), produções extra-Ibéria, possíveis importações (centro-europeias? Francesas? Itálicas?); porém, dadas as dificuldades em torno da sua definição tipológica, decidimos “jogar pelo seguro” e mantê-las na parte das “influências”.

Apesar das suas distintas características, todas estas peças possuem um conjunto de elementos que fizeram com que vários investigadores as associassem ao tipo “Monza” (Almagro Basch, 1940:44; Harrison, 1974:226; Mejjide Cameselle, 1988:05; Brandherm, 2007:31-35). Esta tipologia, que terá uma origem itálica (Jung, 2009:139) e se concentra no Noroeste desta península (principalmente nos atuais Piemonte e Lombardia Ocidental) (De Marinis, 1972:97; Jung, 2009:141), deriva de modelos centro-europeus (associados aos

Campos de Urnas) e define-se por possuir uma lâmina estreita e, por vezes, decorada, secção ovalada, “empunadura de espiga” e prolongamento filiforme da lingueta (De Marinis, 1972:78; Harrison, 1974:226; Meijide Cameselle, 1988:05; Darvill, 2008:388; Jung, 2009:141).

As espadas de La Llacuna e Carcabuey assemelham-se a este tipo devido às suas lâminas (decoradas) e, em parte, linguetas (infelizmente incompleta no exemplar catalão, mas com um início semelhante) (Giró e Masachs, 1968:207-208; Harrison, 1974:225-227); não são, porém, semelhantes o suficiente para se inserirem nesta tipologia italiana sem qualquer dúvida (podendo igualmente, por exemplo, associar-se, também com dificuldades e sem certezas, a outros tipos centro-europeus (Meijide Cameselle, 1988:05)). A peça da Ria de Huelva é, comparativamente, muito mais distinta, constituindo um “(...) aprovechamiento de una espada de lengüeta rota por la empuñadura (...)” (Almagro Basch, 1940:44-45); portanto, será ainda mais difícil associá-la a este tipo “Monza”, ainda que exista a possibilidade de que inicialmente, antes de ter sido reaproveitada, se assemelhasse mais. Aliás, apesar de nos ter parecido relevante apresentar também esta peça, o próprio autor não a liga a esta tipologia, mas antes ao tipo mais abrangente “Rixheim-Monza” (Almagro Basch, 1940:44).

Não possuímos, assim, indícios suficientes para defender uma clara ligação à Itália Continental (e não a outra área europeia) e, ainda menos, para supor que estes objetos foram aí produzidos (não possuímos também, no entanto, evidências indiscutíveis para supor um claro fabrico ibérico – que, ainda assim, será provável, dados os problemas de inserção tipológica em torno destas três espadas –, podendo ser igualmente, por exemplo, francês). As semelhanças deverão ser tidas em conta e é muito possível que certos elementos possam realmente constituir influências com uma origem itálica (como, talvez, as linguetas prolongadas e filiformes), mas não nos é possível afirmá-lo sem excessivas incertezas.

Como continuaremos a fazer em diante, parece-nos relevante, apesar de todas as dúvidas, abordar na mesma a provável rota de chegada destas possíveis e relativamente prováveis influências italianas: dada a dispersão das espadas de tipo “Monza” em Itália e fora dela (conhecem-se alguns exemplares inseríveis nesta tipologia, ou semelhantes, na Suíça e em França (Harrison, 1974:226; Jung, 2009:141)), será mais provável uma via terrestre, através da atual França (não se excluindo, ainda assim, rotas marítimas inseríveis nestes possíveis trajetos, nomeadamente as que poderiam ser utilizadas para evitar os Pirenéus). Dada a natureza destas possíveis “ideias”, provavelmente não seria necessário (mas poderia ocorrer, quiçá) serem acompanhadas por indivíduos que soubessem fabricar estas espadas

italianas específicas, pois as lâminas e linguetas (visíveis apenas se o punho não estivesse presente) poderiam ser “copiadas” e, de seguida, adaptadas “a olho”.

3.2.2. “Espada-punhal” da Gruta de la Font Major (Anexo I, 2.2.)

Um outro objeto arqueológico a que vários investigadores (em particular, Joachim Neumaier (1999)) atribuem possíveis “influências” de origem itálica é a “espada-punhal” encontrada num depósito provavelmente votivo da gruta de la Font Major (l’Espluga de Francolí, concelho de Conca de Barberá, província de Tarragona, comunidade autónoma da Catalunha) e datada do “Bronze Final” (sendo difícil precisar uma cronologia mais exata para esta peça tão única, poderá olhar-se para os restantes objetos com que foi encontrada, datados de c. 1200/1000-700 a.C., alguns talvez ainda de finais do Bronze Médio) (Vilaseca, 1959:269, 273; Giardino, 1995:282; Brandherm, 2007:55-56) (Anexo I, Fig. 2.2.A e 2.2.B).

Apesar de ser mais frequentemente associada a tipologias centro-europeias ou atlânticas (Neumaier, 1999:83; Brandherm, 2007:55-56), são-lhe igualmente atribuídos vários paralelos italianos; alguns dos quais, porém, baralhados pelos investigadores ibéricos. Parece-nos importante mencionar que a espada longa que vem referida como sendo de Manaccora no artigo de Neumaier (1999:86, Fig. 03, exemplar d) não provém daí, mas sim provavelmente de Cetona, na Toscana (segundo Bietti Sestieri e Lo Schiavo, 1976:165, Fig. 01, exemplar 01). Aliás, nenhuma das peças mais completas de Manaccora (se bem que não poderemos excluir o restauro de algumas delas desde aí) apresentadas em 1953 (Baumgartel, 1953:19-20 e Pl. VII) é sequer igual a esse exemplar ou tipologia. Ainda assim, os paralelos apresentados por este investigador (1999) deverão ser considerados, e os melhores serão a “espada-punhal” (de tipo “Sacile”) da gruta da Manaccora (Peschici, província de Foggia, região da Puglia) (Anexo I, 2.2.C e 2.2.D), a espada longa (tipo “Montagiorgio”) também proveniente dessa gruta (Anexo I, 2.2.E e 2.2.F) e o punhal (de subtipo “Pertosa”, tipo “Peschiera”) do povoado de Scolgio del Tonno (concelho e província de Taranto, região da Puglia) (Anexo I, 2.2.G e 2.2.H).

O primeiro paralelo que aqui trataremos é a “espada-punhal” de Manaccora, datada talvez do “Bronze Médio II” (c. 1600-1500 a.C.), mas quiçá posterior (Bietti Sestieri e Lo Schiavo, 1976:181; Baccaini *et al.*, 1999:83), e inserível no tipo “Sacile” (o tipo em si, porém, não será um paralelo tão aceitável. Não nos foi possível obter informações suficientes sobre esta tipologia, mas alguns dos seus exemplares possuem o início da lingueta/“ombros” mais

largos do que os desta peça italiana e muito mais largos do que os da peça catalã; vejam-se os exemplos do *site* Restituzioni – Tesori d’Arte Restaurati (n.d), provenientes do túmulo 477 da necrópole dell’Olmo di Nogara, Verona, região do Veneto, e do artigo de Tunzi Sisto *et al.* (2003:425, Fig. 05, exemplar 01), de Trinitapoli, também na província de Foggia e Puglia). Esta assemelha-se à peça da gruta de la Font Major ao nível da lingueta/punho (especialmente ao nível do punho, ainda que a sua “ponta” tenha os cantos mais “bicudos”; os “ombros” do início da sua lingueta são um pouco mais “bicudos”, saídos e protuberantes, mas a forma geral é semelhante, e a lâmina também é parecida) e pela sua menor estatura (sendo também considerada por alguns autores um punhal (Neumaier, 1999:85, 89), e por outros uma espada (Baccaini *et al.*, 1999:109, Tav. IV)). Não são iguais, mas, como “inspiração”, esta pequena espada, ou longo punhal, itálico será suficientemente satisfatório, morfologicamente. Os problemas prendem-se, tal como nos casos seguintes, principalmente com as questões práticas da sua transmissão à Península Ibérica. Por um lado, sendo uma peça inserida numa tipologia (que surge em várias regiões, mas se concentra no Nordeste italiano) inspirada em (e por vezes confundida com) modelos centro-europeus, será difícil defender com certeza este paralelo em detrimento de outros, europeus. À primeira vista, a “espada-punhal” espanhola não parece apresentar uma qualquer característica que seja clara e indubitavelmente de tipo “Sacile” (ou, no geral, “itálica”), mas admitimos que também não conseguimos obter dados suficientes sobre esta tipologia ou, aliás, sobre todas as tipologias de espadas europeias deste género, para podermos observar nitidamente as suas diferenças e afirmar que este vestígio arqueológico catalão é sem dúvida mais parecido com “este” ou “aquele” tipo, originário de “tal” região. Por outro lado, como referimos, o tipo “Sacile” em si poderá não ser um bom paralelo, o que, de momento e com base na nossa amostra italiana incompleta, nos deixa com apenas uma única peça como paralelo, e uma peça com uma cronologia provavelmente bastante recuada (poderá ser três séculos, ou mais, anterior ao objeto que aqui trazemos), o que é inegavelmente problemático.

Um outro paralelo, apresentado brevemente, apesar dos problemas acima expostos, também por Neumaier (1999), mas aprofundado por nós, será a espada longa proveniente, mais uma vez, de Manaccora, datada talvez do “Bronze Médio III” (c. 1500-1350 a.C.) (podendo ir, tipologicamente, até ao Bronze Recente) (Baccaini *et al.*, 1999:83; Van Den Berg, 2018:280) e inserível no tipo “Montegiorgio” (também aqui não conseguimos obter dados satisfatórios para o afirmar com toda a certeza, mas a peça de Manaccora parece tratar-se de um “bom exemplar” desta tipologia, o que fará dela, no geral, igualmente um bom

paralelo). As semelhanças são principalmente ao nível da lingueta/punho (os “ombros” são muito mais parecidos do que os da peça anterior, assim como a “ponta” do punho, mais arredondada); porém, é de muito maior dimensão do que o exemplar ibérico e a sua lâmina também não será muito semelhante. Ainda assim, mais uma vez, tratando-se apenas de uma “inspiração”, é claramente um paralelo bastante aceitável. E também aqui as dificuldades serão novamente de natureza não morfológica. Antes de mais, não nos foi possível confirmar a origem do tipo “Montegiorgio” (encontrado um pouco por toda a Itália Continental (Bianco Peroni, 1974:14; Maraner, 2013-2014:64)), que será italiana, mas cuja forma poderá ser uma criação exógena, ou que características a diferenciam de outras tipologias idênticas originárias de outras regiões europeias. O que quererá dizer que, assim, não poderemos constatar (sem mais dados e uma comparação exaustiva de tipologias) se a espada de la Font Major apresenta elementos que sejam claramente de tipo “Montegiorgio” (ou, repetimos, numa perspetiva mais geral, “itálicos”) e não inseríveis num outro tipo (centro?) europeu.

Por fim, também o (comprido) punhal de Scoglio del Tonno foi apresentado por Neumaier (1999) como um interessante paralelo para esta curiosa peça catalã. Este objeto, encontrado sem um contexto estratigráfico específico, datar-se-á do Bronze Recente a inícios do Bronze Final (dado o povoado ter sido abandonado no século XI a.C., será essa a data-limite) (Bietti Sestieri *et al.*, 2010:459) e insere-se no “subtipo Pertosa”, uma variante, com uma origem ou foco mais meridionais/centrais, do mais conhecido tipo “Peschiera” (Ravaglia, 2009:264). Porém, esta peça não é lá muito semelhante a muitas outras inseríveis nesta tipologia (compare-se por exemplo os punhais do artigo de Silvestrini e Pignocchi (1997:160, Fig. 01, “Bronzo finale US 154-163”, exemplar 03) e de Ravaglia, (2009:276, Tav. 08, exemplar 07), que possuem lâminas mais ovaladas, linguetas mais estreitas e uma ausência de “ombros” largos no início destas linguetas), pelo que, como no primeiro caso que aqui expusemos, provavelmente só este exemplar será um bom paralelo. E, como também ocorreu anteriormente, as suas semelhanças prendem-se essencialmente com a lingueta (que no geral, porém, será menos arredondada que a da “espada-punhal” ibérica) e com os “ombros” mais largos que a iniciam (bastante parecidos, ainda que muito mais abaulados e com apenas um furo para rebite na sua área central); mas, de entre os possíveis paralelos que aqui trazemos, será o menos semelhante. Sem surpresas (estamos a tratar de vagas “influências”, afinal), voltamos a não possuir indícios suficientes para ligar claramente a peça espanhola a este exemplar possivelmente itálico (será a teoria mais aceite, mas há quem também defenda tratar-se de uma produção do Egeu (Bietti Sestieri *et al.*, 465-466)). Aliás, possuímos ainda menos

indícios do que nos casos anteriores, pois, à morfologia insatisfatoriamente semelhante, acrescentam-se ainda as questões em torno de uma viável origem extra-Itália (que, não retirando necessariamente a este punhal o seu estatuto de “paralelo”, o torna menos útil para o nosso estudo). Não será, portanto, para nós, um bom “possível paralelo itálico”.

Resumindo, a “nossa” peça não apresenta claras características que possam ser consideradas de origem itálica, dadas as semelhanças, e até derivações, que todos os paralelos partilham com diversas espadas e tipologias centro-europeias. Assim, como defender indubitavelmente influências exógenas de origem itálica nesta “espada-punhal” catalã, e não influências exógenas de outras regiões europeias (como as que surgem no artigo de Léonard Dumont (2019))? Especialmente quando existem tipos europeus mais próximos no tempo a este exemplar espanhol. Tratam-se, portanto, apenas de hipóteses, aceitáveis (ainda que, cronologicamente, menos do que certas alternativas), mas inconclusivas, que deverão ser tidas em conta, juntamente com todas as outras hipóteses existentes.

Para terminar, deixaremos mais uma vez algumas notas quanto ao provável modo de chegada destas possíveis “ideias”: poder-se-á supor razoavelmente duas vias, uma mais setentrional e terrestre (através da atual França e quiçá mais “indígena”; que poderá aplicar-se ao tipo “Montegiorgio” e ao mais incerto tipo “Sacile”), e uma outra mais meridional e mediterrânica (através da Sicília? De micénicos? Aplicável especificamente às peças de Manaccora). Não se poderá excluir completamente também uma via mediterrânica mais central (dado o tipo “Montegiorgio” encontrar-se igualmente nessas regiões peninsulares), mas talvez seja menos provável. No entanto, sem dados mais precisos, não nos será possível ter quaisquer certezas. Até porque, relembramos, poderá existir um espaço de tempo considerável entre as peças italianas e a espanhola, o que, entre outras problemáticas (e problemas), colocará na mesa percursos ainda mais longos e imprevisíveis, envolvendo muitas “mãos”.

3.2.3. Punhais de tipo “Porto de Mós” (Anexo I, 2.3.)

Uma outra tipologia de materiais arqueológicos a que diversos investigadores (como André Coffyn (1985:171)) apontam possíveis paralelos italianos é a dos punhais de tipo “Porto de Mós” (datados de finais do II milénio a.C. e inícios do I milénio a.C. (Vilaça *et al.*, 2014:130), provavelmente a partir dos séculos XII/XI a.C. e até ao VIII a.C.) (Anexo I, Fig. 2.3.A, 2.3.B e 2.3.C). Ao contrário da maior parte das peças e tipologias que apresentamos ao

longo deste estudo, esta categoria é vasta e engloba numerosos exemplares (cerca de cinquenta, na Península Ibérica, conhecendo-se também alguns punhais em França e na Sardenha; remetemos aqui para a vasta lista apresentada em anexo), o que é uma clara evidência a favor da sua origem e produção em território ibérico (principalmente no atual território português, onde se concentra a maior parte dos achados). Assim sendo, será (ainda mais) debatível até que ponto este tipo precisa de influências exógenas para existir (conhecendo-se diversos argumentos, mais “difusionistas” ou mais “localistas”, a favor de cada abordagem), mas, independentemente da perspetiva, ser-nos-á interessante ter os possíveis paralelos em conta.

Aqueles que são frequentemente apontados a esta tipologia ibérica são os punhais de tipo “Peschiera” (datados do Bronze Recente e inícios do Bronze Final (c. 1350-1100 a.C.) e originários do Norte da Península Itálica (da região das “palafitas” e quiçá “Terramare”), mas encontrados de Norte a Sul da mesma, assim como fora dela) (Anexo I, Fig. 2.3.D) e o punhal (datado do século XII a.C. e de tipologia mais incerta) de Gualdo Tadino (província de Perúgia, atual região da Úmbria, fora da antiga Etrúria) (Anexo I, Fig. 2.3.E) (Bietti Sestieri, 1973:388-389; Coffyn, 1985:171; Fernández García, 1997:109; Koerffy, 2010:25, 94; Gomá Rodríguez, 2017:95-96).

Comparar duas tipologias que incluem em si exemplares bastante diversos (que no caso italiano chegam a originar subtipos distintos) nunca é fácil, mas, de uma forma resumida, podemos dizer que os punhais de tipo “Porto de Mós” se assemelham aos de tipo “Peschiera” pelas linguetas (bem individualizadas, ainda que o seu término nos exemplares ibéricos não seja muito semelhante ao dos itálicos, que possuem as bordas “levantadas”) e respetivos “ombros”, pelos furos de rebite e pelas suas lâminas com dois gumes (Coffyn, 1985:171, pl. XXXIX; Fernández García, 1997:109; Ravaglia, 2009:264). Como possível inspiração, “serve”, mas é bastante discutível até que ponto se podem associar estes dois tipos (e, portanto, estas duas regiões) com base em características tão abrangentes. Como provar que estes elementos ibéricos provêm destes exemplares italianos e não dos atlânticos ou mediterrânicos orientais, que diversos autores também apresentam como paralelos (Fernández García, 1997:106-110)? A sua elevada difusão pelas regiões inseríveis na cultura dos Campos de Urnas (Fernández García, 1997:109) poderá apoiar também a sua difusão para a Península Ibérica, mas será fundamental mencionar que, até à data, não parecem ter sido encontrados punhais de tipo “Porto de Mós” no Nordeste peninsular, região onde se encontram as melhores evidências de elementos arqueológicos com origem nesta cultura dos Campos de Urnas (tal

dever-se-á a falhas no registo arqueológico, a falhas na nossa pesquisa ou à própria realidade?); este tipo de punhais ibérico aparenta ter, a nível territorial, um foco bastante atlântico, o que poderá complicar ainda mais esta associação. Ou não necessariamente, pois, como vimos anteriormente, conhecem-se igualmente muitas possíveis importações de origem itálica na fachada atlântica ibérica, que, relembramos, contactaria por mar com a respetiva fachada francesa; mas não deixará de ser, ainda assim, um obstáculo, que não está sozinho. Resumindo, não se poderá pôr completamente de parte a chegada destas possíveis “influências” itálicas a Portugal e Espanha (a falta de evidências concretas e indiscutíveis serve para os dois lados, afinal; não nos permite comprovar nada com certeza), mas não será a opção mais provável. Será talvez mais plausível tratar-se de tipologias que, quiçá por contactarem com as mesmas regiões (com o Mediterrâneo Oriental, por exemplo, onde terão originado os punhais deste estilo (Fernández García, 1997:107)), quiçá por uma coincidência histórica, desenvolveram características semelhantes.

E também o punhal de Gualdo Tadino apresenta os mesmos problemas e, aliás, as mesmas semelhanças (diferindo, porém, ao nível dos furos dos rebites e da lâmina, que, possuindo também dois gumes, é muito mais “direita” e não afunila tanto na ponta como a maioria dos exemplares ibéricos (Bietti Sestieri, 1973:388; Coffyn, 1985:171, pl. XXXIX)). Aqui, porém, junta-se ainda a problemática do desconhecimento de importantes elementos sobre este punhal, como a sua tipologia (pouco precisa, mas quiçá uma evolução do tipo “Peschiera”) e o seu local (ou locais) de origem e produção (dado ter sido encontrado num depósito, geralmente considerado como pertencente a um “artesão-mercador” (Bietti Sestieri, 1973:389), que poderia ser, portanto, itinerante), assim como o facto de ser, até ao momento, uma peça relativamente única, ainda por cima encontrada numa região bastante interior e central da Península Itálica. Tal como nalguns dos casos que apresentámos anteriormente, as dificuldades aumentam consideravelmente quando se tem um objeto, e não uma tipologia inteira, como possível paralelo. Até possuímos mais dados (como, por exemplo, a descoberta de novos punhais semelhantes a esta peça), não poderemos dizer que este é um bom paralelo; aliás, nem conseguimos apontar uma possível via de chegada preferencial.

Para a “alternativa de Peschiera”, por seu lado, ser-nos-á mais fácil fazer suposições: com base na difusão destas peças em Itália (onde, apesar de uma grande heterogeneidade, se observa uma concentração a Norte) e na Europa, a opção quiçá mais provável será a “terrestre”, através da atual França (onde se encontram alguns punhais semelhantes ou até inseríveis nesta tipologia, como o apresentado por Nallier e Simonin (2016:590, 592-593));

porém, como referimos em cima, a difusão do seu equivalente ibérico na Península não será a que melhor apoia esta alternativa (mas talvez apoie um misto de vias terrestres e marítimas atlânticas?). Também não se poderá pôr totalmente de parte rotas mais marítimas (encontraram-se alguns exemplares introduzíveis neste tipo “Peschiera” ou nos seus subtipos na Sicília (Jung, 2009:137), ainda que não sejam tão abundantes como os descobertos em regiões mais setentrionais), mas, de momento, não aparentam tão prováveis.

3.2.4. Machados de “enmangue directo” com possíveis inspirações itálicas (Anexo I, 2.4.)

Também dois machados encontrados em território espanhol (Anexo I, Fig. 2.4.C), em Muros (província de A Coruña, região autónoma da Galiza) (Anexo I, Fig. 2.4.A) e Ripoll (província de Gerona, região autónoma da Catalunha) (Anexo I, Fig. 2.4.B), possuem inspirações italianas (Giardino, 1995:222), existindo, neste caso, apenas a dúvida se serão sicilianas ou peninsulares (itálicas). Apesar de várias dificuldades, como a sua falta de contexto e, por isso, a sua cronologia incerta (será difícil precisar para além de “Bronze Final”, mas a peça catalã é por vezes datada de c. 1000-700 a.C. (Almagro Basch, 1964-1965:228-229; Bourhis *et al.*, 1996:32; Gomá Rodríguez, 2018:369)), não existem grandes dúvidas da sua produção local (ou regional, ibérica ou francesa; não itálica, portanto) e da sua inserção em morfologias originárias provavelmente na Sicília e fortemente difundidas, com características próprias, na Península Itálica, os machados “ad occhio” (datados talvez dos séculos XIII/XII a.C. ao VIII a.C. (Gomá Rodríguez, 2018:367-368; Giardino, 1995:222)) (Anexo I, Fig. 2.4.D); machados esses que são, aliás, bastante raros na Europa Ocidental (Giardino, 1995:220, 222).

Para o nosso estudo, a dificuldade, como referimos, prende-se com a identificação da sua filiação mais precisa, que poderá ser “siciliana” ou “itálica”. Porém, apesar de serem por vezes apontados como “sicilianos” (Gomá Rodríguez, 2018:376), ambos estes exemplares possuem elementos característicos de ambas as regiões (o que, à partida, nos garantirá já uma certa “passagem” pela península); segundo a sistematização destas “famílias” de machados italianos realizada por Juan-Luis Gomá Rodríguez (2018:363, 368):

- Machado de Muros
 - Elementos sicilianos: lâmina com laterais côncavas e um nervo central.

- Elementos itálicos: perfuração circular; perfil com “dois volumes” (isto é, “en el que se diferencian con nitidez el cabezal de la hoja” (Gomá Rodríguez, 2018:363)).
- Machado de Ripoll
 - Elementos sicilianos: lâmina com as laterais ligeiramente côncavas (mas menos côncavas do que as sicilianas típicas; alguma concavidade também se observa em exemplares itálicos (Gomá Rodríguez, 2018:363, Fig. 01)).
 - Elementos itálicos: secção quadrangular; perfil com “dois volumes”; ausência de nervo central na lâmina. A sua perfuração quadrangular (inexistente na Sicília e provavelmente parte do seu fabrico ibérico) poderá assemelhar-se às hexagonais de tipo itálico (mais do que se assemelha às circulares (itálicas) ou ovais (de ambas as áreas)).

Portanto, o machado de Ripoll, apesar de não se inserir numa clara tipologia, fruto certamente do seu fabrico extra-Itália (Giardino, 1995:222), possui características marcadamente itálicas, o que facilitará a sua inserção neste nosso trabalho. O de Muros, por sua vez, apresenta um grande equilíbrio entre características típicas de ambas as regiões. Lâminas com as laterais côncavas e nervo central também não são desconhecidas em âmbito atlântico (Giardino, 1995:219; Cardoso, 2020:74), mas o seu término (a parte que cortaria) é efetivamente “bastante siciliano”. Poderá supor-se, então, a chegada de características sicilianas à Península Itálica (quicá mais provável?), ou peninsulares à Sicília; não o poderemos confirmar sem mais informações sobre as distintas tipologias de cada região. Porém, existindo elementos itálicos, terá de haver também uma ligação à Itália Continental, que será útil, assim, para nós.

Quanto aos modos de chegada, as influências que deram origem ao machado de Muros terão alcançado a Galiza provavelmente por via atlântica (marítima), através da França Ocidental (onde se encontram algumas peças semelhantes, também consideradas “sicilianas”, mas, nalguns casos, com certos elementos itálicos (Giardino, 1995: 223, Fig. 107, exemplares 05 e 06, 224-225; Milcent, 2006:335; Guilaine e Verger, 2008:228-229) (Anexo I, Fig. 2.4.E)); a sua chegada a essa área francesa ter-se-á realizado através do seu Sul (por terra) e, com probabilidade, da Península Itálica, mesmo que a “inspiração” em si possa ter partido inicialmente da Sicília (possivelmente, o percurso ter-se-á realizado por mar, dada a concentração desta categoria de machados no Centro e Sul da península (Sannibale, 1998:97-

98)). A existência de algumas representações de exemplares deste género em estelas do Sul português (Giardino, 1995:222-225) poderá fazer supor igualmente uma penetração, quiçá em momentos recuados (dado tais estelas datarem ainda do Bronze Médio), verso Norte através destas regiões mais meridionais (mas, ainda assim, a via atlântica será talvez mais provável (Gomá Rodríguez, 2018:376)). Dado ser quiçá um tipo de peça que dificilmente se realizaria sem conhecer o modelo original (ou uma versão francesa do mesmo) e tendo em conta a sua raridade (ou inexistência) na Europa Ocidental (Giardino, 1995:220), é possível que tenham estado envolvidas algumas importações nestas trocas (ainda que a probabilidade de ter chegado uma peça verdadeiramente italiana à Galiza não seja muito elevada). O mesmo se poderá dizer para o machado de Ripoll (sendo que na Catalunha a probabilidade de uma importação italiana aumenta), ainda que aqui, sem surpresas, se poderá supor antes uma via mais mediterrânica e provavelmente marítima.

3.2.5. Fíbula de tipo “Ponte 01 b” de Areias-Guincho (Cascais) (Anexo I, 1.1.)

Neste ponto pretendemos apenas “relembrar” a questão da fíbula de tipo “Ponte 01 b” descoberta em Cascais que abordámos anteriormente. Como referimos, assemelha-se ao equivalente itálico desta tipologia peninsular (as “fibule serpeggianti con occhiello e staffa da spirale a disco”), mas apresenta um arco compósito que não se insere em modelos italianos (Ponte, 2006:81), o que a torna num exemplar ímpar e extremamente valioso para o nosso estudo: é a única peça que aqui apresentamos a que podemos apontar um claro paralelo itálico (dada a existência de diversas possíveis importações do mesmo em território ibérico) e que demonstra que realmente é possível pegar em ideias exógenas e transformá-las, através de acrescentos mais ou menos originais, em algo mais “local” (neste caso, ainda inserível no mesmo tipo).

Não nos auxilia com os nossos outros exemplares, para os quais não existem importações na Península Ibérica que claramente possam ter transmitido as “influências” italianas, mas não deixa de ser uma interessante peça, que aqui quisemos destacar.

3.2.6. Os Carros de Baiões (Anexo I, 2.5.)

Outras peças que, na perspetiva de alguns investigadores, também apresentam possíveis influências de origem itálica são os conhecidos carros (suportes com rodas) encontrados no Castro de Nossa Senhora da Guia, em Baiões (São Pedro do Sul, distrito de

Viseu), e geralmente datados, não sem inúmeras discussões, dos séculos X-VIII a.C. (Schattner, 2011-2012:278; este autor, porém, data-os do século VII a.C. (*idem*)) (Anexo I, Fig. 2.5.A, 2.5.B e 2.5.C). Estes objetos terão sido produzidos localmente ou, pelo menos, regionalmente (com base em análises feitas às ligas metálicas (Valério *et al.*, 2006:316) e em argumentos de cariz tecnológico (Armbruster, 2002-2003:152)). Estes carros não serão uma invenção ibérica (terão surgido no Próximo Oriente (Schattner, 2011-2012:272-273)), mas apresentam formas bastante únicas, que conjugam “características de origem continental” e “características de origem mediterrânica” (Schattner, 2011-2012:274-275, 290). Estes dois grupos de características, originários, respetivamente, da Europa Central e do Mediterrâneo Oriental (sendo que as visíveis nos suportes com rodas portuguesas serão particularmente cipriotas), surgem ou tornam-se mais visíveis nas respetivas regiões em torno dos séculos XIII-XI a.C. (e será importante notar que as “características continentais” não se observam no Mediterrâneo Oriental, ainda que estes carros tenham sido introduzidos na Europa Central através dessa região (Schattner, 2011-2012:271-273). Daí continuarem as discussões sobre a origem destas morfologias tão únicas; nunca esquecendo que, claro, poderão ser uma criação local, com base em inspirações exógenas).

A Itália Continental, apesar de não ser a opção mais aceite pela maioria dos investigadores (o foco continua no Mediterrâneo Oriental, em particular, repetimos, no Chipre), tem sido ocasionalmente apontada (Coffyn e Sion, 1993) como provável origem do modelo utilizado por estes carros portugueses, por também associar, numa mesma peça, as tais “características de origem continental” e “características de origem mediterrânica” (Schattner, 2011-2012). Porém, não sendo estes conjuntos estritamente itálicos, temos já aqui um importante problema nesta tentativa de ligar ambas as regiões. Ainda assim, será obviamente importante analisar os paralelos específicos, em busca de semelhanças que vão para além destas características mais teóricas.

Certamente existiriam outros pequenos carros deste género na Península Itálica (foram encontrados, por exemplo, alguns fragmentos nos depósitos de Piediluco e de Contigliano, nas atuais regiões, respetivamente, da Úmbria e, ao contrário do que surge no artigo, do Lazio (Mederos Martín e Harrison, 1996:249)), mas os possíveis paralelos limitam-se presentemente a três: o carro de Bisenzio (Etrúria, atualmente parte do Lazio; inserível na cultura villanoviana tardia (Rocca, 2012:78) ou etrusca orientalizante) (proposta avançada por André Coffyn e Hubert Sion (1993:289-290)) (Anexo I, Fig. 2.5.A e 2.5.E) e os de Ca’ Morta e Sesto Calende (Noroeste, atualmente parte da Lombardia; inseríveis na cultura de Golasecca) (proposta

avançada por Thomas Schattner (2011-2012)) (Anexo I, Fig. 2.5.A). Seguindo a lógica do próprio autor, no entanto, optámos por excluir desta análise o carro de Sesto Calende, por só apresentar “características de origem continental” (Schattner, 2011-2012:290); sem uma análise mais profunda e um maior número de exemplares europeus para comparação, não nos será possível afirmar se apresenta algo fora do “normal continental” que possa ser de origem itálica.

Focando-nos agora no exemplar de Ca' Morta (encontrado na necrópole homónima, localizada nos atuais concelho e província de Como), deparamo-nos com diversos problemas. Antes de mais, a sua datação do período “G[olasecca] I B avanzato” (De Marinis, 2014:17), ou seja, de inícios do século VII a.C. – portanto, poderá ser (e, com base nos dados mais aceites e atuais, provavelmente será) posterior aos de Baiões, não podendo ter sido, assim, uma inspiração para os mesmos (tal não invalidará necessariamente contactos entre ambas as regiões no que se refere a estes suportes (alterará apenas a direção dos mesmos), mas não existem dados suficientes para fundamentar esta teoria). Tal é já um problema considerável, porém, existe também uma outra dificuldade que será, de certa forma, ainda mais grave: o seu recipiente (com “costillas”), o seu único elemento que, aliás, terá uma “origem mediterrânica” (Schattner, 2011-2012:290), é uma tigela de tipo Colmar/Vetulonia B (De Marinis, 2014:26), uma produção de provável origem etrusca (apesar de o seu nome mencionar uma cidade francesa, é mais provável que esta tipologia seja originária do povoado etrusco homónimo, localizado na atual província de Grosseto e região da Toscana, onde foram encontrados (muito) mais exemplares (De Marinis, 2014:30)). Assim sendo, com base nos fragmentos encontrados (que poderão não representar fielmente o total do carro, sublinhamos), este não é um suporte que conjuga “características continentais” e “características mediterrânicas”, como defendeu Thomas Schattner (2011-2012), mas sim um pequeno carro só com características originárias da Europa Central que aproveitou, no seu fabrico, uma tigela de tipo e, quiçá, proveniência etruscos (tratar-se de uma importação será a teoria mais plausível (De Marinis, 2014:26, 30), mas não podemos afirmar com toda a certeza que seja etrusca, pois estas tigelas poderão ter sido também imitadas, isto é, produzidas localmente, na Europa Central (Camporeale, 2004 b:113)). Ou seja, os seus artesãos poderão não ter tido em mente ou sequer ter tido conhecimento de quaisquer “características de origem mediterrânica”, o que diminuirá bastante a relevância deste objeto para o nosso estudo. Assim, baseando-nos nesta questão das características, este já não é um bom paralelo – aliás, só partilha, com os carros de Baiões, dois elementos (as “barras de suporte diagonais”, com o carro 01, sendo que,

visualmente, nem sequer se assemelham muito, pois as barras do suporte lombardo cruzam-se e as do português não; e o “cubo de roda engrossado”, com o praticamente desconhecido carro 03), de entre as onze características sistematizadas por Schattner (2011-2012:290). A “olho nu”, as parecenças são invisíveis.

Por seu lado, o exemplar de Bisenzio (encontrado na necrópole do “Olmo Bello” desse mesmo povoado antigo; agora, parte do concelho de Capodimonte, província de Viterbo) será, comparativamente, um melhor paralelo. Para começar, a sua cronologia de finais do século VIII a.C., ainda considerada “tardo-villanoviana” para alguns autores (Rocca, 2012:78), é menos problemática – apesar de, claro, esta peça poder, com probabilidade, ser também posterior (muito posterior, até) aos carros de Baiões (algo que, mais uma vez, poderá sustentar, se eventualmente surgirem novas evidências, influências na “direção oposta”). Também por oposição, a origem dual das suas características está mais bem documentada, e tem mais em comum com os carrinhos portugueses (partilha quatro características com o 01, uma com o 02 e duas com o 03) (Schattner, 2011-2012:290). Ao nível destas características, é o carro não oriental e sem atributos exclusivamente orientais que mais parecenças tem com os de Baiões (Schattner, 2011-2012:290).

Não tendo sido tratado a fundo pelos investigadores que apresentamos, gostaríamos de salientar um destes elementos: as “barras de suporte diagonais”. Esta característica, considerada “continental” por Thomas Schattner (2011-2012:290), não surge, curiosamente, em suportes que apresentam apenas características originárias dessa região (ou, pelo menos, não surge nos exemplos que este autor apresenta no seu artigo); surge apenas em suportes “mistos” (para além dos já mencionados, também no de Strettweg (Áustria), datado de c. 600 a.C. (Schattner, 2011-2012:278)). Será possível, então, que tenham uma outra origem? Não tendo podido aprofundar esta questão, acreditaremos na afirmação do autor, mas, ainda assim, gostaríamos de continuar com este breve aprofundamento e referir que, de entre esses carros, apenas o de Bisenzio e o 01 de Baiões apresentam barras diagonais que não se cruzam e, ao invés, formam antes uma estrutura tronco-piramidal (“aberta” no carro italiano, “fechada” no português) (mais uma vez, com base nos exemplares apresentados por Schattner (2011-2012:271)). Será este elemento a “chave”? Terá ele uma origem itálica? Infelizmente, não o podemos saber, dada a escassez de suportes com rodas deste estilo.

Dentro deste tema, será, porém, interessante mencionar dois outros carros de provável origem itálica, encontrados demasiado fragmentados para se retirar conclusões irrepreensíveis, mas com uma possível estrutura tronco-piramidal deste género (que surge em

certas representações dos mesmos, mas não em todas): o “carrello” de Lucera (província de Foggia, Puglia), datado dos séculos VIII a.C. ou VII a.C. (Buccino, 2004), e um outro, provavelmente uma oferenda votiva estrangeira, encontrado em Olímpia, na Grécia (Anexo I, Fig. 2.5.E), com a mesma datação e uma possível origem etrusca ou, pelo menos, itálica (Baitinger, 2013:260-261). Será difícil e até incorreto utilizar estes exemplares para apoiar uma origem ou grande difusão em território itálico deste tipo de estrutura tronco-piramidal em pequenos carros, mas serão sem dúvida interessantes elementos a ter em conta.

Porém, não sabendo se este atributo (quicá o único que poderá ser italiano?) efetivamente terá originado na Itália Continental, regressamos ao ponto anterior: não podendo ligar uma característica itálica aos carros de Baiões, a associação destas peças a esta região será sempre muito ténue e frágil. Será mais provável, com base nos dados atuais, tratar-se, neste caso, de áreas que contactaram com ideias semelhantes (continentais e mediterrânicas) e que, por isso, acabaram, independente e paralelamente, com produtos locais semelhantes. No entanto, reforçamos, o paralelo de Bisenzio e as questões em torno da estrutura tronco-piramidal são bastante interessantes.

Apesar de todas estas incertezas, será ainda importante deixar algumas notas sobre a chegada desta possível influência à Península Ibérica. Antes de mais, se (e, como vimos, é um grande se) aqui tiver chegado, não será correto supor que é um bom indício de “(...) échanges étroits entre Italie du Nord et Portugal (...)” (Coffyn e Sion, 1993:290), pois este carro de Bisenzio, o único paralelo aceitável, não foi encontrado no Norte de Itália, nem se liga de alguma forma a alguma cultura arqueológica dessa região, pelo que, sem outro tipo de evidências, será precoce supor um percurso setentrional. Dado o seu achado e produção em área villanoviana/etrusca, é mais provável que esta possível influência se tenha deslocado via Sardenha; e, dada a sua cronologia (que, relembramos, é bastante problemática para esta associação) e inserção na Etrúria meridional (e não setentrional), poderá tê-lo feito já através de indivíduos fenícios.

3.2.7. Fíbulas de tipo “Ponte 02”, i.e., fíbulas sem mola (Anexo I, 2.6.)

Neste ponto, apresentamos mais um conjunto de sete fíbulas ibéricas (Anexo I, Fig. 2.6.A e 2.6.B), encontradas em Conimbriga (concelho de Condeixa-a-Nova, distrito de Coimbra), Santa Olaia (concelho da Figueira da Foz, distrito de Coimbra), Castro do Zambujal (concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa) e Écija (província de Sevilha, região autónoma

da Andaluzia) e datadas de meados do século IX a.C. ao VIII a.C., que Salete da Ponte, que as catalogou na sua vasta obra (2006:91-96, 423), considera serem de “inspiração italiana” e fabrico ibérico (Ponte, 2006:94-95). Trata-se de peças com um perfil lateral trapezoidal, compostas por dois aros distintos (um faz o papel de arco, o outro de fusilhão), ambos em forma de “L”, que se unem por meio de um orifício, no topo da cabeça do arco, em que o fusilhão encaixa; os seus pés e descansos são longos (Ponte, 2006:92-94). E são os seus perfis trapezoidais, os dois aros separados e a forma de união entre eles, assim como o facto de não possuir “ilhós” no arco, que apontam para certos paralelos itálicos.

O primeiro deles, e o único verdadeiramente semelhante a estas peças ibéricas, é uma fíbula (Anexo I, Fig. 2.6.A), sobre a qual pouco se conhece, proveniente (provavelmente) da área itálica inserível na cultura falisca (ou do povoado de *Falerii Veteres*, no concelho de Civita Castellana, província de Viterbo, região do Lazio, ou do de Narce, povoado dividido entre os atuais concelhos de Calcata, Faleria e Mazzano Romano, na província de Viterbo e cidade metropolitana de Roma) e datada de c. 950-800 a.C. (Ponte, 2006:91, 93-94; Gomá Rodríguez, 2019:88). Pelos poucos dados que conseguimos obter sobre a morfologia desta fíbula, as principais diferenças face às ibéricas prendem-se com o descanso (em disco, no caso italiano) e com a decoração da parte do fusilhão para lá do orifício (no exemplar itálico, é decorada por duas aparentes contas; nos ibéricos, não parece haver qualquer decoração e, aliás, é a parte do arco que se prolonga mais – pelo menos, na única peça completa, encontrada em Conímbriga). Infelizmente, não nos foi possível adquirir mais informações sobre a possível tipologia que englobará esta fíbula (e, até, sobre esta peça em particular), sendo que poderemos supor apenas, pela sua inexistência a Sul (Lo Schiavo, 2010) e pela não apresentação de paralelos setentrionais por Salete da Ponte (que teve acesso ao catálogo de fíbulas realizado para essa região por Patrizia von Eles Masi (Ponte, 2006:5514)), que esta categoria e, ou, peça terão uma origem na Itália Central (quicá na Etrúria (Gomá Rodríguez, 2019:88)). Ainda assim, sendo bastante improvável que este objeto seja um exemplar único, teremos de o tratar como tal, o que nos trará diversos problemas ao nível da sua possível difusão.

No entanto, o outro conjunto de possíveis paralelos também não oferece respostas satisfatórias. Aqui incluímos quatro “fibule serpeggianti a due pezzi con arco doppio” (Classe XXXIX de Lo Schiavo (2010:652-657, Tav. 402-409)), isto é, fíbulas também formadas por dois aros, mas cujo arco, na sua porção central, se “divide” (com recurso a elementos longitudinais e transversais), formando um pequeno retângulo (ou retângulos). Os exemplares

que assinalámos provêm de Tarquínia (atual província de Viterbo e região do Lazio; antiga Etrúria meridional. Datada de c. 950-800 a.C.) (Ponte, 2006:91, 93-94) (Anexo I, Fig. 2.6.A), Incoronata (concelho de Pisticci, província de Matera, região da Basilicata) (Anexo I, Fig. 2.6.C) e Cápua (concelho de S. Maria Capua Vetere, província de Caserta, região da Campânia; antiga Etrúria campana) (Anexo I, Fig. 2.6.D e 2.6.E); as fíbula meridionais poderão datar-se de c. 900-820/810 a.C. (Lo Schiavo, 2010:44-46, 655-656). Pertencem todas a tipos distintos (sendo que as restantes peças das suas respetivas tipologias não serão paralelos tão adequados). As diferenças face às peças de tipo “Ponte 02” são inúmeras (por exemplo, nem todas têm um perfil trapezoidal – o tarquiniese será mais triangular), pelo que, desta vez, será mais adequado focarmo-nos nas semelhanças: os seus fusilhões são ligeiramente ou bastante curvos (porém, apenas a fíbula villanoviana/etrusca apresenta uma forma em «L»); o modo de união entre os dois aros, repetimos, é bastante semelhante ao das peças ibéricas (porém, nos casos sul italianos, é o fusilhão que possui um orifício onde o arco se insere). Não são paralelos tão adequados como o anterior, mas poderão ter “servido” para transmitir aos artesãos ibéricos estas curiosas características.

Será, porém, esta transmissão o nosso verdadeiro problema. Nenhuma fíbula semelhante à falisca ou às de “due pezzi con arco doppio” foi encontrada na Sardenha (Milletti, 2012:25-46, Tav. I-VII), Sicília (Lo Schiavo, 2010) ou, à partida, em França (Duval *et al.*, 1974). A dispersão destes exemplares, todos bastante únicos (mesmo aqueles que se inserem em tipologias bem definidas), por Itália também não permite retirar conclusões muito mais exatas do que: a via de chegada destas possíveis influências seria provavelmente mediterrânica e marítima, quiçá já através de indivíduos fenícios (instalados na Sardenha ou já na Península Ibérica). Poder-se-á supor talvez uma rota de saída através das regiões mais centrais (villanovianas?) da Península Itálica.

Um outro fator a ter em conta é a dificuldade de transmissão destas “inspirações” sem visualizar ou conhecer objetos precisos, ou seja, sem importações (que não conhecemos em território ibérico). Ou artesãos. Não pretendemos aqui afirmá-lo, de todo (os dados são demasiado escassos e os dados a que conseguimos ter acesso ainda o são mais), mas será interessante mencionar que esta é uma das poucas tipologias que se poderá supor ser fabricada por artesãos exógenos (etruscos? Fenícios, com base em peças vistas nas suas viagens?). Antes de mais, porque, segundo defende Salette da Ponte (2006:93), “Este modelo (...) não teve a dispersão de outros, talvez por não corresponder às exigências da indumentária, em regra, de lã ou de linho.”; parece, então, improvável que um artesão local não crie fíbula que possam

ser facilmente utilizadas com o vestuário local, enquanto um artesão estrangeiro poderia ser vítima do seu desconhecimento. Porém, por outro lado, é igualmente possível defender que se tenha tratado de uma “experiência” de um artista local que deu poucos frutos, com base em importações desaparecidas do (atual) registo arqueológico; ou que tenham servido de “acompanhamento” a certos tecidos mais delicados; ou, ainda, que existirão mais exemplares, por agora simplesmente desconhecidos. Além de, claro, ser difícil defender a presença de artesãos itálicos (mas não tanto de fenícios) na Península Ibérica durante o seu Bronze Final, quando constatamos a relativa escassez de peças com uma indubitável origem (ideológica) italiana (a não ser que uns poucos artífices as produzissem todas, difundindo-se depois estas pela península, teoria para a qual não possuímos provas suficientes ou, sequer, satisfatórias). Um outro elemento a ter em conta é a insistência da mesma autora (Ponte, 2006:95) de que estas peças terão sido fabricadas na “área tartéssica de Huelva-Cádiz”, conhecida pelo seu dinamismo e pela presença de diversos indivíduos de origem exógena (não só fenícios, mas também sardos (Botto, 2004-2005:23; Fundoni, 2009:30; Botto, 2011 b:46; Fundoni, 2013:404; Botto, 2015:182) e talvez igualmente outros tipos de “indígenas” europeus, por meio das já referidas tripulações “multiétnicas”); aliás, é também nessa região (mas não na zona minerária de Huelva) que se poderá supor uma possível (mas não garantida) presença de artesãos etruscos durante a Idade do Ferro (Blázquez Martínez, 1991:598, 600). No entanto, há que dizer que não se conhecem fíbulas inseridas nesta tipologia na região de “Huelva-Cádiz” (surgem apenas em território português e, mais próximo, em Écija, que, porém, se inclui na área “tartéssica”), pelo que, na nossa opinião, não será congruente defender o seu fabrico nessa área – perspectiva essa também sustentada por outros investigadores (como Juan Luis Gomá Rodríguez (2019:88), que defende a sua origem na área de Coimbra/Conímbriga). E, mais uma vez, temos de reforçar o facto de não possuímos indícios indiscutíveis ou até prováveis (e, a não ser que surja um objeto que identifique o seu autor itálico (algo quase impossível, numa fase ainda sem alfabetos em Itália), poderemos nunca os vir a possuir). Portanto, os artesãos em solo ibérico que aqui temos estado a abordar serão possíveis (isto é, não existe nenhum elemento que categoricamente o impeça), mas bastante improváveis.

Por fim, não se poderá ainda descartar completamente tratar-se de importações itálicas; mas, não sendo esta hipótese considerada por quem efetivamente estudou a fundo estas fíbulas e as terá visto em pessoa, optámos por mantê-las no subcapítulo das “influências”.

Resumindo, terá sido necessária a observação de fíbulas itálicas ou, quiçá menos provável, o contacto com indivíduos que as conhecessem para dar origem a esta tipologia

ibérica (Ponte, 2006:94), que, porém, não apresenta paralelos satisfatórios noutras regiões extra-Itália; o que a torna, portanto e apesar de todas as dificuldades que aqui expusemos, um bom indício de contactos entre ambas as áreas, que será útil ao nosso estudo.

3.2.8. Materiais com possíveis influências originárias da Península Itálica (ainda) mais incertas

Como no caso das possíveis importações, parece-nos relevante distinguir aqui as “influências” que serão (ainda) mais incertas. Tendo em conta que, em si, estas influências possuem já inúmeras interrogações, nesta categoria pretendemos apenas apresentar um conjunto de vestígios arqueológicos que, pela sua natureza (o serem, por exemplo, gravuras rupestres) ou pela natureza dos seus paralelos (o não serem, por exemplo, garantidamente de origem itálica, apesar de surgirem nesse território), não deverão ser tidos em conta da mesma forma, com o mesmo grau de confiança (que, frisamos, já não será excessivamente elevado para a maior parte das restantes “inspirações”).

Porém, apesar das maiores incertezas, pareceu-nos relevante sintetizá-los e apresentá-los na mesma nesta nossa sinopse, quanto mais não seja pela possibilidade de futuramente, se um dia se descobrirem mais evidências, se tornarem importantes dados para a análise dos contactos entre os dois territórios que aqui trazemos.

3.2.8.1. Certos elementos decorativos em cerâmicas (Não foi catalogado em anexo; imagens no Anexo II, 1.)

Nesta categoria “mais incerta”, pretendemos abordar algumas decorações cerâmicas de possível origem itálica. Tal teoria deve-se essencialmente a Joachim Neumaier e ao seu artigo de 2006, onde estes elementos decorativos são vistos como parte de um processo mais vasto de “italianização” e, no âmbito da cultura dos Campos de Urnas, poderão ter significações “religiosas”. De momento, deixaremos ambas as hipóteses de lado (são ambas extremamente debatíveis, principalmente a primeira), mas parece-nos relevante, ainda assim, discorrer sobre as questões materiais em si.

Este autor aborda diversos tipos decorativos, alguns dos quais anteriores à cronologia que aqui nos interessa (como as decorações quiçá ligadas às culturas italianas de “Polada”, do Bronze Antigo, ou “appenninica”, do Bronze Médio (Neumaier, 2006:153-154)); apesar de certas peças que apresentam algumas destas possíveis inspirações mais antigas poderem tocar

já no Bronze Final ibérico, optámos por apresentar apenas materiais com cronologias garantidamente inseríveis neste período (até porque, tendo realmente ocorrido, é mais provável que tal transmissão se tenha dado anteriormente). Ou seja, iremos abordar somente certos elementos decorativos característicos da cultura “mailhaciense”⁴ (dos Campos de Urnas) do Nordeste peninsular (Anexo II, Fig. 1.C), que poderão derivar de elementos itálicos “protovillanovianos” e “villanovianos” (Neumaier, 2006:155-157).

Tais elementos consistem em, principalmente, representações incisas de “cruzes” (particularmente gamadas/suásticas) e de “labirintos” (quadrados concêntricos). Estas representações serão, efetivamente, bastante comuns na Itália Central (e não só, observam-se igualmente em outras regiões da mesma) durante o seu Bronze Final e I Idade do Ferro (Anexo II, Fig. 1.B), e Joachim Neumaier (2006:157) chega a afirmar que serão daí originários (ou, no geral, da Península Itálica).

Porém, esta abordagem possui, na nossa opinião, diversos problemas: antes de mais, este autor não apresenta, do nosso ponto de vista, argumentos satisfatórios para defender a origem itálica destas decorações observáveis em peças “mailhacienses”, especialmente tendo em conta que as suásticas são símbolos extremamente comuns em inúmeras culturas arqueológicas e que os “labirintos” não serão ícones particularmente difíceis de conceber (ainda que, comparativamente, sejam quiçá mais únicos) – aliás, ambos os signos surgem também, nomeadamente, em vários petróglifos galegos dos finais da Idade do Bronze (Vázquez Várela, 1983:47, 49); seria importante, por exemplo, compará-las com as restantes cerâmicas inseríveis na cultura dos Campos de Urnas e explicitar de uma forma clara as características, únicas e específicas, que terão uma origem italiana (isto é, demonstrar o que torna estes elementos decorativos efetivamente “itálicos”). Segundo, não apresenta igualmente peças ibéricas que sejam realmente semelhantes às itálicas (visualmente, só expõe a representação de um vaso de Agullana (província de Girona, comunidade autónoma da Catalunha) (Anexo II, Fig. 1.A), que nem sequer possui uma suástica particularmente fiel (Neumaier, 2006:158, Fig. 04.3)). Terceiro, as evidências a favor desta transmissão também não foram devidamente ilustradas; afirma que houve uma movimentação de indivíduos

⁴ Cultura, datada aproximadamente dos séculos IX a.C. e VIII a.C., “(...) que se extiende por el sur de Francia (...) y el noreste de la Península Ibérica (...), aunque su influencia se extiende por el levante peninsular (...) [, e que] representa el grupo más occidental de los Campos de Urnas, cuyas señas de identidad más resaltables son los enterramientos de incineración y las agujas.” (Gomá Rodríguez, 2017:205).

provenientes da Península Itálica (Neumaier, 2006:163), mas as provas a favor de tal teoria não parecem abundantes.

Por outras palavras, não poderemos pôr completamente de parte a hipótese defendida por Joachim Neumaier, mas, de momento, os indícios não são, para nós, suficientemente inteligíveis. Precisaríamos de um estudo ao nível das cerâmicas (ibéricas, francesas, italianas e não só) muito mais aprofundado do que aquele que aqui poderemos realizar para defendermos confortavelmente esta teoria.

Ainda assim, poderemos dizer igualmente que, tendo-se realizado, esta transmissão de influências possivelmente italianas à Península Ibérica terá ocorrido através da atual França (onde estas decorações também existiram (Neumaier, 2006:157-159)), provavelmente por terra, quiçá também por mar; é plausível que tenha implicado, pelo menos, o deslocamento de objetos físicos, mas talvez também de indivíduos (frisamos novamente, porém, que as evidências não serão, de momento, suficientes). Nada indicará claramente uma intervenção de indivíduos orientais nesta transferência, mas não poderemos, igualmente, pô-la de parte.

3.2.8.2. Representações em estelas e/ou petróglifos (Não foi catalogado em anexo; imagens no Anexo II, 2.)

Neste outro ponto decidimos agrupar distintas reproduções iconográficas de objetos com possíveis tipologias ou origens itálicas. Uns serão mais incertos que outros, e possuem várias diferenças entre si, mas todos partilham, no nosso ver, um conjunto comum de problemas: por um lado, poderá ser bastante difícil ligar, sem qualquer vestígio de dúvida, uma representação, por vezes bastante esquemática, a um tipo ou objeto reais; por outro lado, será igualmente complicado atribuir semelhanças entre figuras inseríveis neste género de reproduções em pedra a um qualquer tipo de ligações entre regiões (se o objetivo for representar a mesma categoria de material, será natural, em muitas situações, que o resultado final seja idêntico).

Representações de “espelhos” em estelas e petróglifos (Anexo II, 2.1.)

Esta nova categoria inclui em si dois tipos de reproduções distintas: aquelas que representarão espelhos com semelhanças aos italianos (não necessariamente peninsulares, porém) e aquelas que apresentam semelhanças com equivalentes reproduções itálicas (em

particular, as de Valcamonica, nos Alpes; região da Lombardia) (Gomá Rodríguez, 2017:173-177, lám. XXVIII-XXXI).

O primeiro tipo engloba inúmeras estelas (datadas aproximadamente de finais do século XI/inícios do X a.C. a finais do século VIII a.C.) com possíveis representações de espelhos, isto é, figuras com uma “paleta” (com diversas formas, mas com um predomínio das circulares) e uma pega (com distintos modelos) (Gomá Rodríguez, 2017:173-174, lám. XXVIII-XXX) (Anexo II, Fig. 2.1.A e 2.1.B). Possuem, a nível territorial (Anexo II, Fig. 2.1.E e 2.1.F), um claro foco (mas não exclusividade) extremamente espanhol e incluem-se aqui, por exemplo e entre outras, as estelas do Baraçal II (concelho do Sabugal, distrito da Guarda); Pedra da Atalaia I (concelho de Celorico da Beira, distrito da Guarda); Ervidel II (concelho de Aljustrel, distrito de Beja); Robleda (província de Salamanca, comunidade autónoma Castela e Leão); Aldea del Rey I (província de Ciudad Real, comunidade autónoma Castilla-La Mancha); San Martín de Trevejo (província de Cáceres, comunidade autónoma da Extremadura); Puerto de Honduras (província de Cáceres, comunidade autónoma da Extremadura); Solana de Cabañas (Cabañas del Castillo, província de Cáceres, comunidade autónoma da Extremadura); Torrejón el Rubio I (província de Cáceres, comunidade autónoma da Extremadura); Capilla II, IV e VIII (província de Badajoz, comunidade autónoma da Extremadura); Cabeza del Buey I e III (província de Badajoz, comunidade autónoma da Extremadura); Zarza Capilla I (província de Badajoz, comunidade autónoma da Extremadura); Esparragosa de Lares I (província de Badajoz, comunidade autónoma da Extremadura); Magacela (província de Badajoz, comunidade autónoma da Extremadura); Valdetorres I (província de Badajoz, comunidade autónoma da Extremadura); El Viso I, II, IV e VI (província de Córdoba, comunidade autónoma da Andaluzia); Ategua (província de Córdoba, comunidade autónoma da Andaluzia); e Écija I e II (província de Sevilha, comunidade autónoma da Andaluzia) (Vilaça, Santos e Gomes, 2011; Santos *et al.* 2011; Gomá Rodríguez, 2017:173-174). Juan Luis Gomá Rodríguez, que sintetizou estas questões na sua tese de doutoramento (2017:176), defendeu que os espelhos “(...) que pueden haber servido como referencia para los representados en las estelas se localizan en el Círculo del Tirreno (...)”. Apesar das inúmeras dificuldades relativas a esta associação, nomeadamente o facto de não se conhecerem evidências inequívocas de espelhos em território ibérico durante o Bronze Final (é possível que um molde encontrado em Azenha da Misericórdia (Serpa, distrito de Beja) tenha servido para produzir o cabo de um espelho, mas é igualmente possível que esta categoria de objetos não tenha passado, neste período cronológico, de símbolos em

pedra (Vilaça, 2013 b:408-409)) ou o facto de estas representações poderem evidenciar antes outros tipos de materiais (como navalhas de barbear ou *tranchets*; ver, por exemplo, as peças apresentadas em Vilaça, 2008-2009), esta hipótese será razoavelmente plausível.

Porém, a nossa maior dificuldade prende-se com, mais uma vez, encontrar uma ligação clara à Península Itálica em si, e não ao mais vasto “mundo tirrénico”. O único paralelo peninsular apresentado por Gomá Rodríguez (2017:176) consiste num espelho de Tarquínia (proveniente do túmulo 77 da necrópole de Poggio Selciatello, datado aproximadamente da primeira metade do século IX a.C.), que, no entanto, poderá não ser uma produção local (“Attualmente esistono due teorie riguardo alla natura del manufatto: la prima considera lo specchio come un «puzzling object», in cui sarebbero confluiti influssi da ascrivere alle relazioni commerciali egeo-cipriote di II millennio ed esperienze proprie della cultura villanoviana (...); la seconda teoria (...) considera lo specchio come prodotto importato [com uma origem na área egeia micénica e um percurso muito longo e indireto até à Etrúria]” (Botto, 2008:141)). E não nos foi igualmente possível encontrar outros exemplares peninsulares adequados (pré-orientalizantes). Portanto, não poderemos apresentar estas reproduções pictóricas como bons indícios (ou, sequer, simples indícios) de contactos entre a Península Ibérica e a Itálica.

O segundo tipo inclui somente três conjuntos de petróglifos (Anexo II, Fig. 2.1.C a 2.1.E), datados dos finais do Bronze Final a inícios da Idade do Ferro: os de Portela de Laxe (Cotobade, província de Pontevedra, comunidade autónoma da Galiza), de Matabois IV (Campo Lameiro, província de Pontevedra, comunidade autónoma da Galiza) e de Ferraduras da Bemfeitas (Oliveira de Frades, distrito de Viseu) (Gomá Rodríguez, 2017:176, lám. XXXI). Estes apresentam possíveis “espelhos” (relembremos os problemas acima apresentados) com uma característica paleta quadrangular, que efetivamente se aproximam bastante a diversas representações italianas de Valcamonica, com, igualmente, semelhantes cronologias (Gomá Rodríguez, 2017:176, lám. XXXI; Ferri, 1975:265). No entanto, sem vestígios materiais e sem mais indícios, ser-nos-á extremamente difícil considerar isto uma “ligação”; provavelmente tratar-se-ão apenas de peças ou reproduções semelhantes e não de “influências”.

Ainda assim, como temos feito para todos os materiais, será relevante alvitrar possíveis rotas de chegada: o primeiro tipo terá usufruído provavelmente de uma via mediterrânica, através das ilhas do Mediterrâneo Central (encontram-se paralelos físicos para estes espelhos tanto na Sicília, como na Sardenha (Gomá Rodríguez, 2017:176, lám. XXX)), podendo a sua

transmissão dever-se a indivíduos de origem oriental; para o segundo tipo será mais plausível uma via terrestre, quiçá ocasionalmente marítima, através da atual França.

Representações de “calcofones” em estelas (Anexo II, 2.2.)

Nesta outra categoria de reproduções pictóricas sobre pedras apresentamos os possíveis “calcofones” (Anexo II, Fig. 2.2.A), que surgem, com maiores certezas, nas estelas de Capilla III (província de Badajoz, comunidade autónoma da Extremadura) e de Torrejón el Rubio II (província de Cáceres, comunidade autónoma da Extremadura) e, com muito mais incertezas, nas de Capilla I, Río Guadalmez (província de Ciudad Real, comunidade autónoma Castilla-La Mancha) e São Martinho I (concelho e distrito de Castelo Branco) (Anexo II, Fig. 2.2.C), datadas quiçá de finais do século XI a.C. ou século IX a.C. (dependendo dos paralelos) aos términos do Bronze Final (Gomá Rodríguez, 2017:61, 228-230, lám. XLVII, L-LI). Um “calcofone” terá sido “(...) un instrumento musical que consta dos barras de bronze paralelas a modo de soporte unidas por diversas varas de madeira, cada una de las cuales cubierta por una espiral de bronze.” (Gomá Rodríguez, 2017:228-229) (Anexo II, Fig. 2.2.B), e é possível, com as devidas reservas, que tenham uma origem italiana (Gomá Rodríguez, 2017:230).

Confiando nesta hipótese e constatando que, efetivamente, as representações ibéricas menos incertas são satisfatoriamente semelhantes às versões físicas de tais prováveis instrumentos musicais (Gomá Rodríguez, 2017:lám. XLVII, L-LI), será necessário focarmos agora na componente itálica. Para tal, existem três importantes indícios a ter em conta: a maior parte destes objetos (físicos) foi encontrada na Península Itálica (datados de meados do século IX a.C. a meados do VIII a.C.), em particular nas atuais regiões da Calábria e Basilicata (Gomá Rodríguez, 2017:229); estes materiais não foram encontrados, até à data, no Egeu e restante Mediterrâneo Oriental (mas ocorrem, com cronologias semelhantes às itálicas peninsulares, em certas representações levantinas e médio orientais (por exemplo, em Nimrud) e, derivando talvez de sistros e assemelhando-se certamente a *tintinnabulum* (que surgem com cronologias mais antigas na Sicília, c. 1050-950 a.C.), é possível que tal derivação se tenha dado fora da Península Itálica) (Gomá Rodríguez, 2017:229-230); apesar das várias dúvidas e dificuldades, uma origem italiana para estas peças aparenta ser, de momento, a opção mais verosímil (mas tal origem poderá não ser garantidamente peninsular) (Gomá Rodríguez, 2017:230). Portanto, na nossa opinião, será possível, quiçá até provável, que estas reproduções de “calcofones” em estelas espanholas e portuguesas se possam associar à Itália

Peninsular; porém, as incertezas são inúmeras e esta hipótese deverá ser acompanhada de uma saudável dose de ceticismo.

Quanto à possível forma de chegada destes curiosos instrumentos musicais, de momento ausentes do registo arqueológico físico ibérico, poderemos afirmar, com um elevado (mas nunca total) grau de segurança, que tal se terá dado por via marítima mediterrânea, talvez através da Sicília; poder-se-á supor uma intervenção “chiprofenícia” (Gomá Rodríguez, 2017:230), provavelmente ainda de carácter pré-colonial, mas também não o poderemos garantir completamente.

Representações de carros de Los Buitres (Anexo II, 2.3.)

Existem várias pinturas e gravuras de carros em território ibérico, mas apenas para os dos “abrigos” de Los Buitres (Capilla, província de Badajoz, comunidade autónoma da Extremadura (Anexo II, Fig. 2.3.C)) (Bécares Pérez, 1994), carros de “transporte” (e não de guerra) pintados nas paredes dos mesmos e com datações muito incertas (numa perspetiva mais geral, poderão situar-se algures entre os séculos XI/X a.C. e VII/V a.C.), se apresentam paralelos itálicos, essencialmente ao nível das suas “rodas” (Celestino Pérez, 1985:51). Tais paralelos consistem nas rodas de madeira, encontradas em Mercurago (província de Novara, região do Piemonte) e datadas dos séculos XIV-XIII a.C. (Gruppo Archeologico Torinese, 2014), que pertenceriam a um carro “de guerra” de duas rodas (Mazzù e Gambari, 2018; Mazzù, Gambari *et al.*, 2018). Visualmente (Anexo II, Fig. 2.3.B), não se assemelham à maior parte das “rodas” destes carros espanhóis, mas apresentam algumas semelhanças com um deles (Anexo II, Fig. 2.3.A), encontrado no “abrigo X, panel derecho” (Bécares Pérez, 1994:196; Collado Giraldo, 2015:56-58).

Porém, apesar destas semelhanças, esta possível associação apresenta vários problemas, dos quais destacaremos dois: antes de mais, não nos será possível confirmar se as rodas encontradas em Mercurago foram produzidas ou idealizadas em território itálico (sendo um carro “de guerra” ou cerimonial, é provável que não percorresse tanto terreno como um carro de “transporte”, mas não será possível sabê-lo com toda a certeza); e não se conhecem suficientes evidências de rodas para afirmar sem qualquer dúvida que este paralelo italiano será o melhor e mais adequado para os carros representados em Los Buitres. Além de, claro, existirem inúmeras incertezas ao nível das representações em si e da possível cadeia de transmissão. Não existindo também, mais uma vez, indícios materiais mais claros e exatos,

hesitaremos em considerar estas rodas itálicas uma “influência”; serão provavelmente apenas um “paralelo” semelhante.

Mantendo a nossa fórmula, falta-nos apenas mencionar que, tendo ocorrido, a possível rota de chegada desta incerta “inspiração” terá sido certamente terrestre.

Representações de couraças/protetores peitorais em estelas (Anexo II, 2.4.)

Por fim, abordaremos igualmente as reproduções de prováveis couraças ou protetores peitorais (com a invulgar característica de serem quadrangulares), observáveis nas estelas de Cortijo de la Reina II (Guadalcazar, província de Córdoba, comunidade autónoma da Andaluzia) e, com menores certezas, de Ategua (província de Córdoba, comunidade autónoma da Andaluzia), ambas datadas aproximadamente de finais do século IX a.C. a finais do século VIII a.C., que terão bons paralelos na Itália Peninsular (Gomá Rodríguez, 2017:96-98, lám. VI) (Anexo II, Fig. 2.4.A a 2.4.C).

Estes paralelos compreendem os protetores peitorais quadrangulares encontrados em túmulos do Lazio Antigo e da Etrúria (em Roma, Veio e Tarquínia, por exemplo, datados dos séculos IX-VIII a.C.) e certas reproduções dos mesmos em estelas “dáunias” da atual região da Puglia (as suas datações serão similares às dos exemplares físicos da Itália Central, sendo talvez ligeiramente mais tardias); fora da península, são também semelhantes certas couraças representadas em estatuetas sardas (Gomá Rodríguez, 2017:97, lám. VI). As parecências, dada a natureza esquemática das reproduções, prendem-se essencialmente com as suas formas não circulares, que não aparentam abundantes noutras regiões extra Tirreno (onde, aliás, foi encontrado o maior número de protetores peitorais e de respetivas tipologias), nomeadamente no Levante (Gomá Rodríguez, 2017:97).

Serão, portanto, paralelos aceitáveis e, quiçá, possíveis influências (Gomá Rodríguez, 2017:98), mas, mais uma vez, ser-nos-á difícil fazer uma associação clara à Península Itálica. Afinal, as representações andaluzas não são detalhadas o suficiente para permitir diferenciar a origem, sarda ou itálica, destas possíveis “inspirações”, e, igualmente, não possuímos dados suficientes para distinguir claramente os protetores peitorais de cada uma destas regiões italianas. Daí, conseqüentemente, a sua inserção neste grupo de materiais “mais incertos”.

Para terminar, falta-nos apenas dizer que a rota de chegada destas possíveis influências terá sido, com probabilidade, marítima e mediterrânica, através presumivelmente da Sardenha.

3.2.8.3 Espada(s) do depósito do Montijo (Badajoz) (Anexo I, 2.8.1.)

Nesta nossa coletânea de materiais com possíveis inspirações itálicas, apresentamos também as espadas (que se supõe serem todas do mesmo tipo (Brandherm, 2007:119)), das quais uma única é devidamente conhecida (as restantes desapareceram), encontradas no depósito do Montijo (província de Badajoz, região autónoma da Estremadura) e datadas do século IX a.C. a meados do VIII a.C. (Almagro Basch, 1943:277-278, 280) (Anexo I, Fig. 2.8.1.A e 2.8.1.B). Isto, porque Claudio Giardino (1985:85) afirma terem um bom paralelo, ao nível principalmente do punho, em Itália, na espada de tipo “Casalgrasso” encontrada no concelho homónimo (província de Cuneo, região do Piemonte) e de produção local (Gambari e Venturino, 2019:107), mas sobre a qual não conseguimos obter informações (ou imagens) suficientemente satisfatórias.

Porém, a inserção desta possível associação nesta categoria das influências “ainda mais incertas” não se deve apenas ao facto de não termos conseguido evidências suficientes; existem muitos outros problemas, nomeadamente: o paralelo itálico, baseado em modelos centro-europeus característicos do Vale do Reno (Del Lucchese e Gambari, 2006:193; Ferrero, 2012:40; Gambari e Venturino, 2019:107), trata-se, até à data, de uma única peça (ainda que talvez existam alguns outros fragmentos que se possam inserir no mesmo tipo (Musée de Préhistoire des gorges du Verdon Quinson e Complesso Museale «Cav. G. Avena» Chiusa di Pesio, 2019:53)), o que, como noutros casos analisados anteriormente, é bastante problemático; não há ligações claras entre ambos os objetos (ou, por outras palavras, não há elementos nitidamente itálicos no exemplar espanhol), sendo muito mais provável ambos terem sido influenciados por peças e, ou, tipologias da Europa Central (região com que as duas áreas aqui estudadas contactaram sem vestígio de dúvida); tratando-se de uma tipologia italiana de origem atlântica (como afirma Gomá Rodríguez (2018:89); no entanto, não obtivemos mais dados satisfatórios nesse sentido, podendo tratar-se até de uma outra tipologia), fará mais sentido supor uma associação com “início” na Península Ibérica, e não na Itálica (isto é, fará mais sentido terem sido as peças ibéricas a influenciar a italiana; porém, não existem, de momento, indícios adequados à defesa desta teoria). Não invalidando, assim, o facto de a peça italiana ser um bom paralelo para a(s) ibérica(s), não nos parece, com base nas evidências atuais, que seja uma “inspiração”, que exista realmente alguma correlação concreta entre ambas ou, dito de outra forma, que uma delas tenha claramente influenciado

a(s) outra(s); parece mais provável tratar-se de objetos que, simplesmente, possuem várias semelhanças, sem estarem necessariamente ligados um ao outro.

Existem ainda, no entanto, alguns investigadores, como Dirk Brandherm (2007:37-38), que colocam esta peça firmemente no tipo “Casalgrasso”, supondo até que poderá tratar-se de uma importação de Itália (não excluindo completamente, ainda assim, uma produção local); na nossa opinião, porém, os indícios atuais não se prestam a conclusões tão categóricas (apesar de ser preciso frisarmos novamente que não conseguimos obter dados suficientes sobre a peça italiana; poderão estar a “escapar-nos” importantes evidências).

Ainda assim, como temos feito para todos os materiais, pretendemos deixar ainda algumas notas sobre o provável modo de chegada desta possível (mas inverosímil) “inspiração itálica”: a hipótese mais plausível é que tenha sido por terra (incluindo-se aqui, relembramos, as vias fluviais), através da atual França, e quiçá com certos troços marítimos (ao longo, por exemplo, da costa mediterrânica espanhola).

3.2.8.4. Fíbulas de tipo “Ponte 03 a”, i.e., fíbulas de dupla mola com arco simples (Anexo I, 2.8.2.)

Por fim, também este vasto conjunto de fíbulas, de tipo “Ponte 03 a” (o único subtipo, da categoria mais vasta de fíbulas de dupla mola, que se poderá inserir na nossa cronologia, visto datar provavelmente de finais do século IX a.C. ou inícios do VIII a.C. ao século VII a.C.), poderá ter “inspiraões” de origem itálica (Anexo I, Fig. 2.8.2.A e 2.8.2.D a 2.8.2.F). Porém, esta tipologia, que inclui a forma mais simplificada e menos “evoluída” destas peças (que apresentam, assim, um arco simples, em vez de maciço, laminar ou cruciforme (Ponte, 2006:98)), é bastante problemática ao nível da possível filiação e proveniência; a sua origem, aliás, “(...) tem sido um dos temas mais polémicos entre a generalidade dos investigadores.” (Ponte, 2006:108). Diversos autores defendem uma proveniência primária (posteriormente “otimizada” em território ibérico) na Europa Central (cultura/fase de Hallstatt), no Mediterrâneo Oriental (“área palestino-sírio-cipriota”), no Mediterrâneo Central (a hipótese que nos interessa) e, com evidências mais escassas e incertas, no Atlântico (Ponte, 2006:108-109). E há ainda quem defenda uma origem autóctone ibérica, quiçá na atual Andaluzia, incluindo-se aqui diversos estudiosos italianos, como Fulvia Lo Schiavo (Ponte, 2006:108-111).

Ainda assim, a hipótese que é geralmente mais bem aceite é a de uma origem ibérica (região onde, aliás, estas peças aparentam muito mais comuns), com possíveis influências italianas (Ponte, 2006:109-111; Cuadraro Díaz, 1963:24). Portanto, a inserção desta tipologia nesta categoria de materiais “mais incertos” não se deve tanto à dificuldade em encontrar “inspirações” itálicas, mas essencialmente ao facto de não ser possível distinguir claramente se tais inspirações terão originado na Península Itálica ou na Sicília, dado partilharem muitos dos possíveis paralelos. Num panorama mais geral, tal não será particularmente importante, mas, para o estudo que pretendemos realizar, não poder identificar com uma maior precisão elementos itálicos peninsulares será um pouco indesejável.

Passando, no entanto, aos materiais em si, as fíbulas italianas que mais se assemelham a estas ibéricas são as “fibule serpeggianti (meridionali) con occhiello e spillone ricurvo” (Classe XLI de Lo Schiavo (2010:661-735, Tav. 416-522)), que possuem um perfil lateral bastante parecido e também dois “círculos” no arco (um “ilhó” e uma mola) (Anexo I, Fig. 2.8.2.G), e as “fibule serpeggianti con occhielli sull’arco” (Classe XLII de Lo Schiavo (2010:735-741, Tav. 522-524), sendo que poderemos destacar os tipos 360 e 361, que contam com apenas dois “círculos”, por oposição aos três dos restantes), que apresentam, para além dos mesmos elementos que a classe anterior, várias voltas nos seus “ilhó(s)” e mola (Anexo I, 2.8.2.G) Ambas estas classes, datadas aproximadamente dos finais do século X a.C. aos séculos VIII/VII a.C., poderiam ter conseguido “inspirar” os artesãos ibéricos a criar esta tipologia com dupla mola, e ambas surgem abundantemente (com distintas distribuições consoante os tipos mais precisos) na Itália Meridional e na Sicília, inclusive nas áreas que não partilhavam a cultura material com a Calábria. É-nos, portanto, bastante difícil conseguir perceber qual a origem destas peças, distinguir características “itálicas” de “sicilianas” ou, pelas semelhanças entre si e pelo facto de serem inspirações relativamente “vagas”, perceber quais delas, exatamente, poderão ter influenciado os materiais ibéricos. Aliás, será importante mencionar que não parecem existir claros exemplares destes tipos italianos na Península Ibérica (certamente não os haverá em Portugal (Ponte, 2006)), o que tornará a associação ainda mais complicada (mas, claro, não impossível, já que, como temos referido frequentemente, o registo arqueológico atual nunca conseguirá incluir todos os vestígios do passado). De forma resumida, então, estas classes, provavelmente originárias do Mediterrâneo Central meridional, serão possíveis influências bastante boas e aceitáveis, existindo, porém, algumas dificuldades ao nível da sua transmissão e, principalmente, quando tentamos fazer uma ligação específica à Itália Peninsular.

Também as fíbulas de tipo “Ponte 01” e respetivos paralelos (sicilianos e itálicos) poderão ter servido de “inspiração” às de tipo “Ponte 03” (e, encontrando-se em território ibérico, eliminava-se assim o problema acima exposto), mas as de arco “serpeggiante” apresentadas no parágrafo anterior parecem ser melhores paralelos (Ponte, 2006:109), principalmente pelas parecenças ao nível do perfil lateral das peças.

Por fim, será ainda relevante, apesar de todas as dificuldades apresentadas, deliberar sobre as vias de chegada destas possíveis influências. A nível territorial, será fácil defender que a rota mais provável terá sido marítima e mediterrânica, mais plausivelmente através da Sicília, mas quiçá também da Sardenha (onde foi descoberta pelo menos uma fíbula deste género (Milletti, 2012:30, Tav. II) (Anexo I, Fig. 2.8.2.H)) ou, menos provável, da França (conhecem-se algumas peças, ainda que não possuam contexto e possam ser, como muitas outras possíveis fíbulas itálicas anteriores ao século VII a.C., bastante problemáticas (Duval *et al.*, 1974:32-33; Guilaine e Verger, 2008:230-232) (Anexo I, 2.8.2.I)). Ao nível dos intervenientes, não se podendo nunca excluir completamente uma participação “indígena” ativa, é bastante provável que esta transmissão já se deva principalmente a indivíduos fenícios, talvez ainda num momento “pré-colonial”, mas já a roçar fortemente no colonial (e, portanto, mesmo no limite final do período que aqui abordamos).

3.3. Materiais ibéricos na Península Itálica

Dado focarmo-nos, nesta dissertação, nos materiais encontrados em Portugal e Espanha, não pretendemos aqui fazer uma catalogação e estudo aprofundados dos materiais ibéricos descobertos na Península Itálica; mas, ainda assim, parece-nos sem dúvida fundamental apresentá-los de uma forma resumida. E, mais uma vez, não tencionamos afirmar que abordaremos a totalidade de objetos ibéricos encontrada em solo itálico; poderão existir outras peças sobre as quais não tivemos conhecimento.

Os materiais de origem ibérica na Itália Peninsular são, no geral, bastante escassos e alguns dos quais um pouco incertos, mas, ao nível do tipo de objetos, serão relativamente variados (dois tipos distintos de machados, um tipo de espadas, um tipo de fíbulas). Para uma maior simplicidade, apresentamos estas peças na tabela seguinte:

Tipologias de origem ibérica encontradas na Península Itálica	Localização das peças italianas inseríveis nessas tipologias
<p>Machados de talão com uma aselha e perfil romboidal</p> <p>Bronze Final (no geral); foco territorial e provável origem a Norte do Tejo</p> <p>(Coffyn, 1985:32-34, 385; Giardino, 1995:207-213; Mederos Martín, 1997 b:120-121)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Depósito de Tolfa (área metropolitana de Roma, Lazio), x 01; finais do Bronze Final, inícios da I Idade do Ferro (c. século X a.C.) • Fora de península, surgem também na Sicília (sem contexto, de Siracusa (“libero consorzio comunale” homónimo, Sudeste da ilha), mas quiçá também de Castelluccio, x 01; depósito de Castelluccio (província de Ragusa, Sul da ilha), x 01; sem contexto ou local de achado, Museu de Palermo, x 01) e na França Ocidental (Beaufort, Blaye, La Rouillasse e Saumur; x 04 no total). Não surgem, até à data, na Sardenha. Fora da nossa área de interesse, foi também encontrado um exemplar na Escócia (Dalmore Rock; concelho de Rogart, Suntherland, Terras Altas). <p>(Giardino, 1995:207-213; Mederos Martín, 1997 b:120-121; Delpino e Pellegrini, 2009-2010:21/B45; Lo Schiavo <i>et al.</i>, 2013:396-397; Fundoni, 2013:214-215, 256)</p>
<p>Talvez (há quem defenda uma origem ibérica dos exemplares italianos, mas tal não será garantido, já que esta não é uma tipologia originária em Espanha ou Portugal): Machados com apêndices laterais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Depósito de Monte Rovello (Allumiere, área metropolitana de Roma, Lazio), x 02; finais do Bronze Final, inícios da I Idade do Ferro (c. século X a.C.) • Talvez (poderá antes inserir-se numa variante siciliana): Siena (província

<p>Bronze Final (no geral); foco territorial no Nordeste e Este da Península Ibérica (11 exemplares no total)</p> <p>(Mederos Martín, 1997 b:115-118)</p>	<p>homónima, Toscana); x 01; finais do Bronze Final, inícios da I Idade do Ferro (c. século X a.C. (?))</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fora da península, surgem também na Sardenha (Monte Sa Idda (província de Cagliari, Sul da ilha), x 02; Abini (província de Nuoro, Este da ilha), x 01; e Nuraghe Flumenelongu (província de Sassari, Noroeste da ilha), x 01) e Sicília (foco territorial no Centro e Sul da ilha; x 14 no total). <p>(Mederos Martín, 1997 b:115-118; Albanese Procelli, 2008:407; Delpino e Pellegrini, 2009-2010:21/B45; Lo Schiavo <i>et al.</i>, 2013:396-397; Fundoni, 2013:214-215, 256)</p>
<p>“Hacha plana con dos anillas laterales”</p> <p>Bronze Final (quicá no geral, datando certas peças dos séculos X-IX a.C.); foco territorial e provável origem entre o Ebro e o Douro</p> <p>(Giardino, 1995:198-201; Fundoni, 2013:214-215, 256)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Cerveteri, x 01; finais do Bronze Final, inícios da I Idade do Ferro (c. século X a.C. (?)) • Fora de península, encontram-se também na Sardenha (depósitos de Monte Arrubiu (província de Cagliari, Sul da ilha), Monte Sa Idda (província de Cagliari, Sul da ilha) e Flumenelongu (província de Sassari, Noroeste da ilha); x 03 no total). <p>(Giardino, 1995:198-201; Fundoni, 2013:214-215, 256)</p>
<p>Espadas de tipo “Huelva”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Depósito de Santa Marinella (área metropolitana de Roma, Lazio), x 01; finais do Bronze Final, inícios da I Idade

<p>Bronze Final (III, c. 900-700 a.C., talvez ligeiramente anterior); foco territorial e provável origem na Andaluzia</p> <p>(Coffyn, 1985:388; Giardino, 1995:191-198; Brandhherm, 2007:56-88; Mederos Martín, 2008 b)</p>	<p>do Ferro (c. século X a.C., talvez posterior)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Talvez (trata-se de um fragmento demasiado diminuto): Depósito de Contigliano (província de Rieti, Lazio), x 01; finais do Bronze Final, inícios da I Idade do Ferro (c. segunda metade do século X a.C. à primeira metade do IX a.C.) • Fora de península, encontram-se também na Sardenha (Monte Sa Idda (província de Cagliari, Sul da ilha), x 01; Siniscola (província de Nuoro, Este da ilha), x 01), Sicília (depósito de Castelluccio (província de Ragusa, Sul da ilha), x 01) e na França Ocidental (em Cambes, Bordéus, Sanit-Leon-sur-l'Isle e Saint-Philbert-de-Grand-Lieu; x 04 no total). <p>(Vagnetti, 1974:657; Giardino, 1995:191-198; Brandhherm, 2007:83-84, 88; Delpino e Pellegrini, 2009-2010:24/B48; Lo Schiavo <i>et al.</i>, 2013:396-397; Fundoni, 2013:214-215, 256; Bernardini, 2016:13)</p>
<p>Fíbulas de tipo “Ponte 03” (“Ponte 03 a” no Anexo I, 2.8.2.)</p> <p>Bronze Final, I Idade do Ferro (finais do século IX a.C./inícios do VIII a.C. ao século VII a.C.); encontram-se praticamente por toda a Península Ibérica e serão daí originárias</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Necrópole de Pithecusa (ilha de Ischia, Campânia), x 01; Período Orientalizante (c. finais do século VIII a.C.) (Anexo I, Fig. 2.8.2.C). • Está exposta uma fíbula deste tipo no Museo Nazionale Etrusco di Villa Giulia (Roma, à data de 18 de julho de 2021) (Anexo I, Fig. 2.8.2.B), que, porém, não

<p>(Giardino, 1995:242, 245, 248-249; Ponte, 2006: 95-111, 423-424; Gomá Rodríguez, 2019:85-86, 89)</p>	<p>possui qualquer contexto (terá sido descoberta em área etrusca ou, pelo menos, na Itália Central, mas não existem quaisquer certezas) ou, portanto, datação.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fora de península, encontram-se também na Sardenha (gruta de Piroso-Su Benatzu (Santadi, província do Sul da Sardenha), x 01; e necrópole de Bithia (Domus de Maria, província do Sul da Sardenha), x 01) e França Meridional (Mailhac, x 01; naufrágio de Rochelongue, x 03; “Launac”, x 01 (?); e La Pave, x 01 (?)). Quiçá também na Sicília e, fora da nossa área de interesse, Norte de África e Egeu. <p>(Duval <i>et al.</i>, 1974:38-40; Giardino, 1995:242, 248; Lo Schiavo, 2010:737, Tav. 522; Fundoni, 2013:214-215, 256; Gomá Rodríguez, 2019:85-86)</p>
---	---

Tabela 02 – Síntese dos materiais com provável origem ibérica encontrados na Itália Peninsular e nas possíveis regiões de ligação entre ambas as penínsulas.

Alguns investigadores (como Giovanna Fundoni (2013: 214-215, 256)), também consideram como “ibérica” uma espada de tipo “Monte Sa Idda” encontrada no depósito de Falda della Guardiola (Populonia, antiga Etrúria setentrional; atual concelho de Piombino, província de Livorno, Toscana); porém, na opinião de vários outros autores (Giardino, 1995:194; Lo Schiavo e Milletti, 2011:330-331), esta tipologia, apesar de provavelmente se inspirar em tipos ibéricos ou, no geral, atlânticos, aparenta ter uma origem sarda e, sem mais detalhes, ser-nos-á difícil precisar se existe “algo ibérico” nesta peça específica.

Portanto, apesar de certas dúvidas e incertezas em torno de algumas destas peças, será interessante constatar que a maioria foi encontrada nas áreas metalíferas da Etrúria meridional e em Pithecusa (uma importante colônia grega que albergaria indivíduos com diversas origens orientais); tal poderá indiciar uma ingerência já bastante importante de “orientais” (particularmente fenícios) nestas trocas, mas, claro, é sempre bastante possível um controlo

“indígena” das mesmas (principalmente para os casos etruscos, de inícios da sua Idade do Ferro). Outro ponto relevante será a provável existência de diversas rotas; por exemplo, ainda que se defenda frequentemente uma importante intermediação sarda nestas transmissões (Lo Schiavo, Falchi e Milletti, 2013:396), não foram descobertos, até à data, machados de talão com uma aselha e perfil romboidal nesta ilha, o que viabilizará a existência de outras vias (nomeadamente, através da Sicília ou quiçá da atual França).



Figura 08 – Mapa geral da dispersão das possíveis peças de origem ibérica encontradas na Península Itálica (escala 1/13.000.000). A azul, Siena; a amarelo, as várias peças do atual Lazio; a vermelho, Pithecusa. (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros *raster* do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

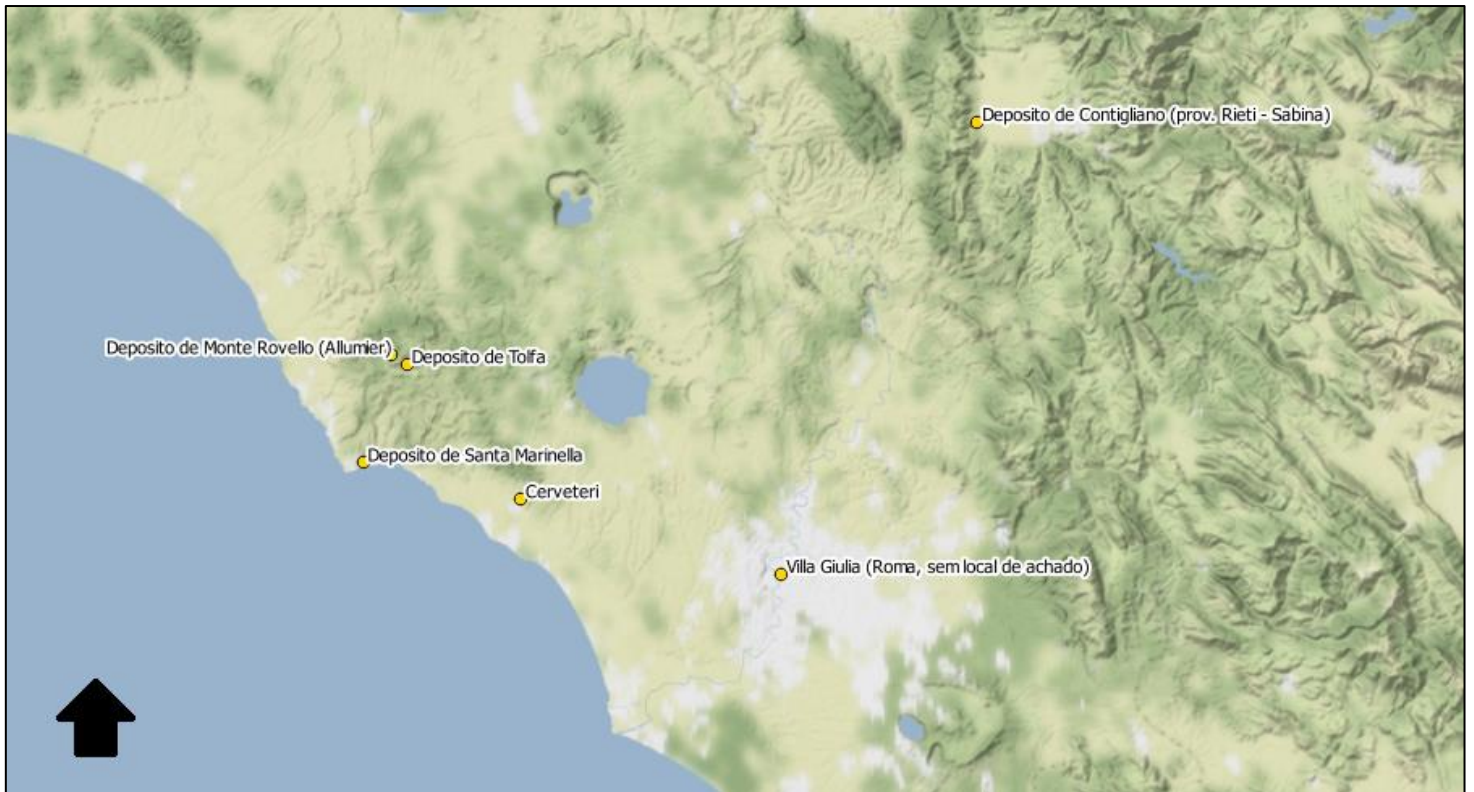


Figura 09 – Mapa da dispersão das possíveis peças de origem ibérica encontradas na antiga Etrúria meridional e no atual Lazio, pouco visíveis na figura acima (escala 1/1.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros *raster* do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

4. Os possíveis contactos entre as Penínsulas Ibérica e Itálica

Após expormos, nos dois vastos pontos anteriores, as evidências que sustentarão estes possíveis contactos, chegámos ao momento de as analisar e retirar as nossas ilações. Porém, provavelmente será benéfico começarmos por fazer uma breve síntese destes dados.

No que se refere às sociedades destas duas penínsulas, não parecem existir impedimentos a estes relacionamentos. Ainda que existindo, em certos momentos e em certas regiões, um menor nível de complexificação social, que poderá invalidar comunicações mais organizadas e sistematizadas, tal nunca impedirá ligações menos “complexas”, como viagens de exploração, a inserção de indivíduos destes territórios em tripulações multiétnicas e, claro, contactos mais indiretos, incorporados em vastas redes de trocas, maioritariamente “indígenas” ou recorrendo já à mediação de povos orientais. Um outro ponto a salientar, relativamente a estes territórios, é ambos possuírem e serem frequentemente procurados pelos seus recursos metalíferos (inclusive o estanho, constituindo estas duas penínsulas as únicas áreas onde este metal é facilmente acessível a povos mediterrânicos. Apesar de, no caso itálico, ainda se discutir até que ponto poderia ser exportado e, ou, seria suficiente para as necessidades locais; o que, no entanto, não impediria que fosse um fator de atração e interesse exógeno). E, com muito poucas exceções, é também relevante o facto de as possíveis importações ou influências que apresentámos não “saírem” de (ou, pelo menos, não originarem em) áreas “estranhas”, que fariam pouco sentido para a Península Ibérica (como as mais adriáticas, ou regiões com sociedades menos complexas), e não surgirem também em zonas ibéricas “insólitas” (como no País Basco).

A nível tecnológico, seria claramente possível, a indivíduos ou grupos de ambas as regiões, contactar “uns com os outros”; ambas possuiriam, ainda que existam várias incertezas e, certamente, diferenças ao longo dos tempos, meios terrestres e marítimos capazes de realizar tais viagens, com maiores ou menores dificuldades (nem que fosse com várias “paragens”).

Relativamente a outros contactos que nos serão pertinentes, ambos os territórios se relacionaram, de forma mais ou menos intensa (podendo tal intensidade depender do período cronológico), com todas as regiões (França Ocidental e Meridional, Sardenha, Sicília) e povos orientais (cipriotas, fenícios, gregos; quiçá micénicos), instalados em distintas áreas (nas acima referidas ou nas próprias penínsulas), que poderão ter servido de intermediários entre eles.

Ao nível dos materiais, que serão as nossas principais evidências, podemos começar por dizer que existem e, ainda que não se possam comparar a vestígios arqueológicos originários de outras culturas (como a nurágica ou a fenícia), não deixam de ser bastante relevantes. Porém, será importante mencionar também que, sem um estudo mais aprofundado dos materiais ibéricos em solo itálico (ou, por outras palavras, a (des?) confirmação do estatuto de aparente “exclusividade” dos que apresentámos anteriormente, extremamente parcos), não será possível estudar devidamente estes possíveis contactos; apenas poderemos apresentar hipóteses, mais ou menos prováveis, e discorrer sobre as formas de chegada dos plausíveis objetos e influências italianos à Península Ibérica.

Para esta síntese, resumimos os dados mais importantes referentes a estes materiais arqueológicos na figura e tabela seguintes.

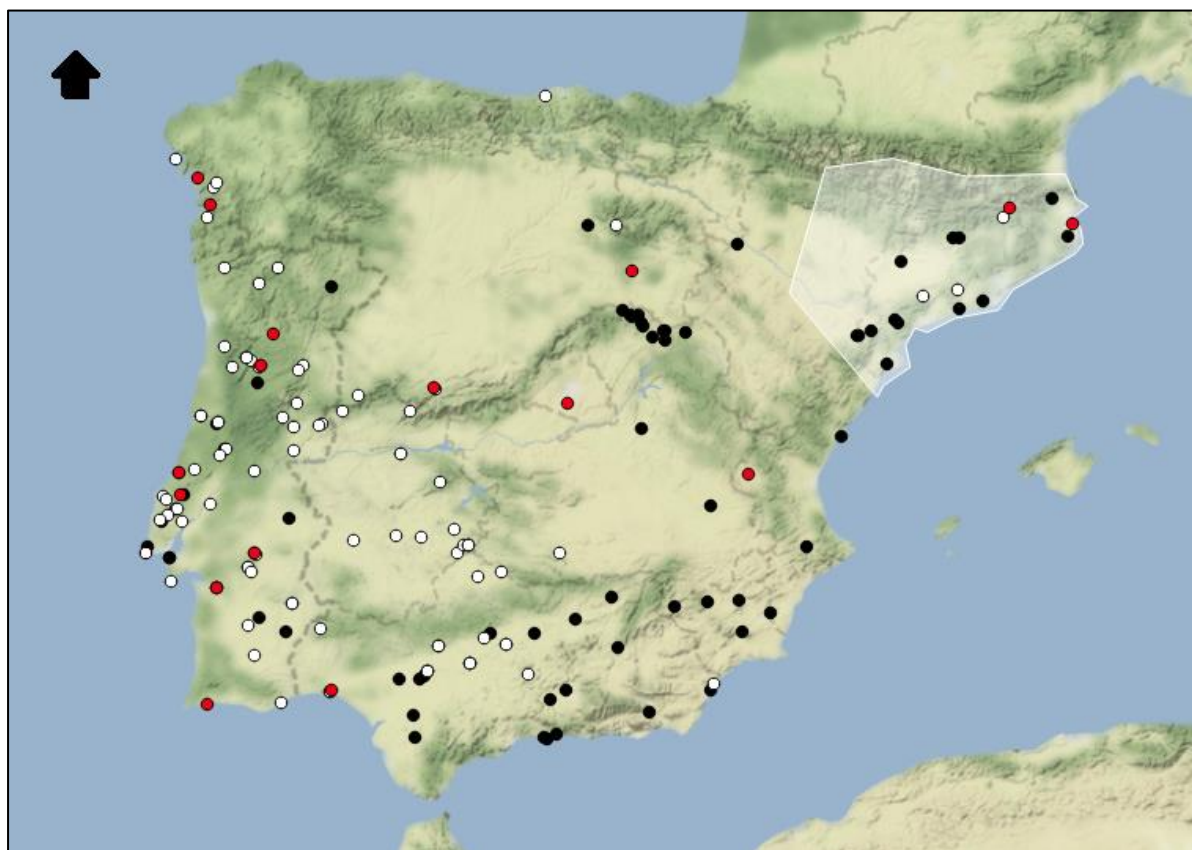


Figura 10 – Mapa com as localizações aproximadas (e ocasionalmente sobrepostas) de todas as possíveis importações e influências itálicas na Península Ibérica (escala 1/9.000.000). A vermelho, as possíveis importações; a branco, as possíveis “influências” (sendo que o polígono corresponde à “área” das decorações cerâmicas); a preto, as fíbulas de tipo “Ponte 03 a”, que, por serem bastantes e incertas, optámos por distinguir dos restantes materiais. (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros *raster* do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”).

Materiais	Provável categoria	Provável cronologia de “início” na P. Ib.	Provável origem na P. Itálica	Achados itálicos nas prováveis áreas “intermédias”
Espada de tipo “Terontola”	Importação (mais incerta)	II milénio a.C. (= Bronze Recente e Final italianos)	Norte	(?)
Espadas inspiradas nas de tipo “Monza”	“Influências”		Norte	França
Espada-punhal da gruta de la Font Major			Norte (tipologias), Sul (peças específicas)	(?) Sicília
Punhais de tipo “Porto de Mós”			Norte	(?) Sicília França
Certas decorações cerâmicas			“Influências” (mais incertas)	Centro
Fíbulas de tipo “Ponte 01 b”	Importações e “influências”		Séculos X-IX a.C. (= I Idade do Ferro italiana, com base nas datações mais recuadas)	Centro-Sul ⁵
Fíbulas de tipo “Ponte 06”	Importações	Centro-Sul		França (talvez)
Cerâmicas villanovianas de Huelva	“Influências”	Centro		(?)
Carros de Baiões		Centro		(?)
Fíbulas de tipo “Ponte 02”		Centro		(?) França (talvez)
Espada(s) do Montijo		“Influências” (mais incertas)		Norte

⁵ Isto é, não conseguimos identificar precisamente em qual das regiões terão originados as peças italianas (poderá ser em qualquer uma e, olhando para os subtipos, até em ambas).

Representações de espelhos em estelas			Centro-Sul	(?) Sardenha Sicília
Representação de algumas rodas dos carros de Los Buitres			Norte	(?)
Representações de possíveis calcofones em estelas			Sul	(?) Sicília
Machados de “enmangue directo” (objetos físicos)	“Influências”	Talvez dos séculos X-VIII a.C.	Sul	Sardenha Sicília (talvez) França
Representações de protetores peitorais quadrangulares em estelas	“Influências” (mais incertas)	Talvez dos séculos IX-VIII a.C.	Centro (peças), Sul (representações em estelas)	(?) Sardenha
Fíbula de tipo “Ponte 05”	Importações	Século VIII a.C. (= I Idade do Ferro (Norte, Centro-Norte) e, quando aplicável, Período Orientalizante (Centro, Sul) italianos)	Norte	Sardenha França (talvez)
Fíbulas de tipo “Ponte 04”			Centro	Sardenha Sicília França
Capacete de Caudete de las Fuentes	Importação (mais incerta)		Centro	(?)
Fíbulas de tipo “Ponte 03 a”	“Influências” (mais incertas)		Sul	Sardenha Sicília França (talvez)

Representações de espelhos quadrangulares em petróglifos			Norte	(?)
Faca de La Peneda	Importação (mais incerta)	“Bronze Final” (???)	Sul	(?)

Tabela 03 – Síntese dos dados mais relevantes para o nosso estudo acerca dos possíveis materiais itálicos encontrados na Península Ibérica, organizados cronologicamente.

Será relevante, no entanto, lembrarmos que estas são simples sínteses, despidas de complexidade, e que, por exemplo, algo originário do Centro de Itália não terá necessariamente “partido” dessa região para a sua “viagem” rumo à Península Ibérica (salientamos aqui as fíbulas de tipo “Ponte 01 b”); muitas peças italianas inseríveis nestes tipos e categorias também se encontram fora da sua provável área de origem ou de maior concentração. Ainda assim, a perspetiva apresentada na tabela anterior não será inválida, pois, em última instância, haverá sempre uma ligação a tal região de origem (podendo ter mais ou menos “etapas” pelo caminho). Outro ponto a salientar será a incerteza em torno de muitas destas cronologias, que poderão enviesar as nossas conclusões, e o facto de estarmos a trabalhar com as prováveis datas de deposição destes objetos. Nalguns casos (como, quase certamente, no que se refere às fíbulas da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, de Alcácer do Sal, que, aliás, foram datadas (Ponte, 2006) de momentos prévios ao surgimento desta necrópole) será plausível que estes objetos ou “influências” tenham chegado à Península Ibérica em ocasiões anteriores. Porém, até surgirem novas evidências (nomeadamente, peças com as mesmas tipologias e melhores contextos arqueológicos), teremos de trabalhar com estes dados. E lembramos também que mais objetos ou tipos, que aqui não estudámos (pela sua predominância no século VII a.C. e em diante), poderão ter surgido ainda no período que analisamos (no século VIII a.C., especificamente).

Por seu lado, os materiais possivelmente ibéricos encontrados na Itália Peninsular, como vimos anteriormente, têm origens e focos bastante distintos (Norte do Tejo, Este/Nordeste, Norte/Nordeste, Andaluzia) e surgem maioritariamente na Etrúria meridional, com uma peça incerta encontrada na Etrúria setentrional (Siena), uma outra na “Sabina” (Contigliano) e uma fíbula (de tipo “Ponte 03”, poderemos sublinhar) descoberta na colónia grega de Pithecusa. Cronologicamente, são todas, aproximadamente, dos séculos X a.C. a VIII

a.C., inserindo-se principalmente na I Idade do Ferro (quicá algumas ainda nos términos do Bronze Final) e, no caso da peça de Pithecusa, já no Período Orientalizante italianos.

Estando então feito este nosso pequeno resumo, poderemos passar à análise.

4.1. Possíveis contactos indirectos terrestres

No geral, podemos começar por dizer que é-nos bastante “fácil” aceitar a existência destes possíveis contactos terrestres (para os quais mantivemos a definição anterior) ao longo da atual França, que terão trazido até à Península Ibérica algumas peças ou inspirações de origem itálica (mas não tanto no sentido contrário, já que a nossa pequena e porventura incompleta amostra de objetos ibéricos na Itália Continental não nos permite defender a sua chegada por terra, isto é, em princípio pelo seu Norte). Especificamente, como vimos, parecem-nos plausível que os seguintes materiais, possíveis importações ou possivelmente “inspirados”, possam ter chegado através desta via (entre parênteses, os materiais excessivamente incertos e menos úteis para este estudo):

- Fíbulas de tipo “Ponte 01 b”.
- (Espada de tipo “Terontola”).
- Fíbula de tipo “Ponte 05”.
- Espadas inspiradas nas de tipo “Monza”.
- Machado de “enmangue directo” de Muros.
- Punhais de tipo “Porto de Mós”.
- (Espada(s) do Montijo.)
- (Espelhos quadrangulares representados em petróglifos galegos.)
- (Representações de algumas rodas dos carros de Los Buitres.)
- (Certas decorações cerâmicas.)
- Algumas outras tipologias (como as fíbulas de tipo “Ponte 04”, tipo também identificado em França, ou a “espada-punhal” da gruta de la Font Major, com a sua curiosa mistura de paralelos itálicos setentrionais e meridionais) poderão igualmente ter seguido rotas mais “terrestres”, mas as incertezas são maiores e ser-nos-á mais difícil defendê-lo com uma maior segurança.
- E, obviamente, não poderemos garantir indubitavelmente que tenham sido estes os trajetos tomados por estes materiais; serão, no entanto, plausíveis, talvez até os mais plausíveis.

De uma forma resumida, portanto, consistem em peças quiçá produzidas ou inspiradas por objetos e tipologias da Itália Setentrional (bastante a Norte; não possuímos, por exemplo, nenhum paralelo claramente da Ligúria, mas sim, principalmente, de áreas ainda mais setentrionais, algumas já alpinas. E consistem predominantemente em armas, sublinhamos), que plausivelmente se encontram também em França; e são, basicamente, estes dois fatores, mais os contactos entre as penínsulas e França (que já sintetizámos previamente) e dentro deste território “gaulês”, que nos fazem supor com algum conforto a chegada destes materiais de uma forma indireta e terrestre. Estes “ter-se-ão deslocado” (ou, dito de outra forma, terá existido interesse em trocá-los e, ou, oferecê-los) devido às suas características ou elementos relativamente únicos, que, além de porventura enriquecerem a cultura material local e agradarem aos diversos intervenientes (intermediários), poderiam constituir bens de luxo (quanto mais não fosse, pelo facto de serem exógenos) e ofertas para as emergentes elites. Não poderemos excluir também a movimentação de bens perecíveis, mas tal será mais improvável ao longo destas distâncias tão vastas (os bens alimentares provavelmente estragaram-se-iam ao fim de algum tempo, os hipotéticos tecidos talvez fossem ficando “pelo caminho”, a madeira ser-nos-á difícil de estudar, etc.); nem poderemos excluir completamente a chegada à Península Ibérica de outro género de produtos ou recursos com uma primeira origem italiana (“sucata”?).

Aliás, será necessário frisarmos que, neste caso, os vários “intermediários”, provavelmente “indígenas” (que até numa fase pós-colonial mantiveram a sua importância (Graels i Fabregat, 2013:734)), mas nem sempre fáceis de identificar com precisão, terão sido bastante importantes neste processo de transmissão, mais do que as “pontas”. De Itália terão “saído” as peças, mas as suas gentes pouco controlo terão tido depois disso (as ligações terrestres diretas de longo curso seriam bastante raras, como constatámos anteriormente); a Península Ibérica terá “recebido” e escolhido o que recebia, mas não controlaria aquilo que lhe era oferecido. Os intermediários, plausíveis habitantes da atual França, além de terem sido, com probabilidade, os principais responsáveis pela deslocação física destes possíveis objetos e ideias, terão sido também os agentes encarregues de seleccionar, consoante os seus gostos, desejos e necessidades, os materiais itálicos que por si seriam adotados e posteriormente passariam a outros territórios e comunidades. Assim sendo, os vestígios (italianos, mas não só) que desta forma chegariam à Península Ibérica seriam sempre “filtrados” através de uma peneira “francesa”, considerados através de uma lente não itálica (que poderia, por exemplo,

alterar-lhes o seu significado social ou cultural, juntar-lhes componentes físicos seus, transformá-los ao seu gosto, etc.; o que manifestamente se traduz em diversas dificuldades do ponto de vista investigativo, no que se refere, principalmente, às “influências”).

Por outras palavras, estes plausíveis contactos indiretos, de “mão em mão”, seguiriam as mesmas, ou semelhantes, dinâmicas e práticas de outras ligações terrestres, daquelas que, tendo sido mais bem estudadas por outros autores (por exemplo, Manuel Pellicer Catalán (1984)) e não aprofundadas por nós, poderão ter feito chegar à Península Ibérica várias evidências materiais características da Europa Continental ou até o âmbar báltico (Cerdeño *et al.*, 2012). Ligações essas que não seriam apenas “comerciais”, mas poderiam ter uma importante componente social (poderiam consistir em ofertas para estabelecer relações entre comunidades, oferendas a elites e, ou, votivas, etc., ou até incluir deslocações populacionais), que também se poderá supor no caso que temos em mãos. E por fim, apesar da sua importância no panorama europeu e considerável expansão por esse território, será relevante mencionarmos que estes contactos não teriam de estar todos necessariamente inseridos nos âmbitos das culturas dos Campos de Urnas ou de Hallstatt, nem nas suas plausíveis, mas nalguns casos ainda debatíveis, migrações para a Península Ibérica.

A nível cronológico, constatamos que estas possíveis ligações indiretas terão ocorrido durante todo o Bronze Final ibérico, mas aparentam ser mais intensas (ou visíveis) nos seus momentos mais antigos (segundo milénio a.C.). Algo que, portanto, faz todo o sentido quando olhamos para a evolução da Península Itálica no período que aqui estudamos: os séculos do segundo milénio a.C. que aqui nos cabem correspondem, como já abordámos, ao Bronze Recente e Final itálicos, momentos em que existiram, no próprio panorama italiano, importantes centros produtivos e metalúrgicos a Norte, que influenciaram bastante os fabricos de toda a sua península e até de vários pontos da Europa (que, por sua vez, inspiraram igualmente esta região); posteriormente, este papel “principal” ter-se-á deslocado mais para Sul, em particular para as áreas villanovianas. Este contexto histórico justifica igualmente, assim, a natureza geográfica de muitos dos possíveis objetos e inspirações que expusemos anteriormente (de todas as armas, pelo menos, ainda que a(s) incerta(s) espada(s) do Montijo possa(m) ser posterior(es)).

Para terminar, podemos só dizer ainda que “(...) os contactos com o Norte de Itália poderiam ter sido mais importantes do que se crê (...)” (Vilaça, 2007:141) atualmente, e será necessário continuar e aprofundar ainda mais este estudo (nomeadamente, identificando mais e melhores “elos de ligação” em França, de modo a podermos definir rotas e vias mais

precisas). Com base nos indícios que recolhemos, porém, acreditamos genuinamente que estas ligações indiretas terão existido.

4.2. Possíveis contactos indiretos marítimos

Também estes possíveis contactos são bastante “fáceis” de defender, existindo inúmeros investigadores que o fazem (como Fulvia Lo Schiavo, que conta com diversas obras sobre o tema), especialmente favorecendo uma intermediação sarda. Antes de iniciarmos a nossa análise mais aprofundada, porém, convém frisarmos que, como na contextualização, continuaremos aqui com uma perspetiva essencialmente territorial; não pretendemos, com isso, invalidar a existência de possíveis ligações mais diretas (com menos “paragens” ou intermediários) entre a Península Itálica e a Ibérica, quiçá através de fenícios ou gregos, mas, no momento que nos cabe (poderá ser diferente após o estabelecimento de colónias) e com base nas (comparativamente poucas) evidências que recolhemos, tal não aparenta, de todo, provável. As duas áreas que identificámos como “principais” foram a Sardenha e a Sicília, e manteremos esta perspetiva (poderemos apenas referir que é plausível que o Norte de África também tenha sido uma interessante área intermédia nestas ligações, mas, por agora, não nos é possível confirmá-lo ou estudá-lo devidamente).

E manteremos aqui também a divisão dos contactos mediterrânicos em três “fases” (relembramos: uma primeira, em que terá predominado o controlo micénico das navegações de Oriente para “Ocidente”; uma segunda, que incluirá muitos e diversos intervenientes, nem sempre de fácil identificação, mas com uma provável preponderância cipriota e, no que se refere às penínsulas que aqui estudamos, sarda; uma terceira, em que começam a predominar os participantes de origem fenícia e, nalgumas áreas, grega; no entanto, as suas datações não correspondem, sublinhamos, às das periodizações itálicas). Ainda que nem todas se foquem nos territórios que nos interessam (como vimos, é ainda bastante discutível se a influência micénica se terá estendido à Península Ibérica), não deixam de ser marcos importantes no período cronológico que abordamos.

Aplicáveis e provavelmente comuns a todas estas fases são as rotas marítimas específicas que estes contactos poderiam tomar no Mediterrâneo Centro-Occidental. Como já abordámos anteriormente, existiriam três principais (ver a Fig. 11) e, de momento, não há nenhuma que possamos considerar claramente “preferencial” nestas ligações indiretas (até porque, frisamos, possuímos um intervalo de tempo relativamente vasto, no qual se inserem

realidades muito distintas. Porém, talvez possamos supor, para as fases mais antigas e, ou, “indígenas”, uma predominância da via mais setentrional, que seguiria sempre ao longo da costa e veria quase sempre terra?).

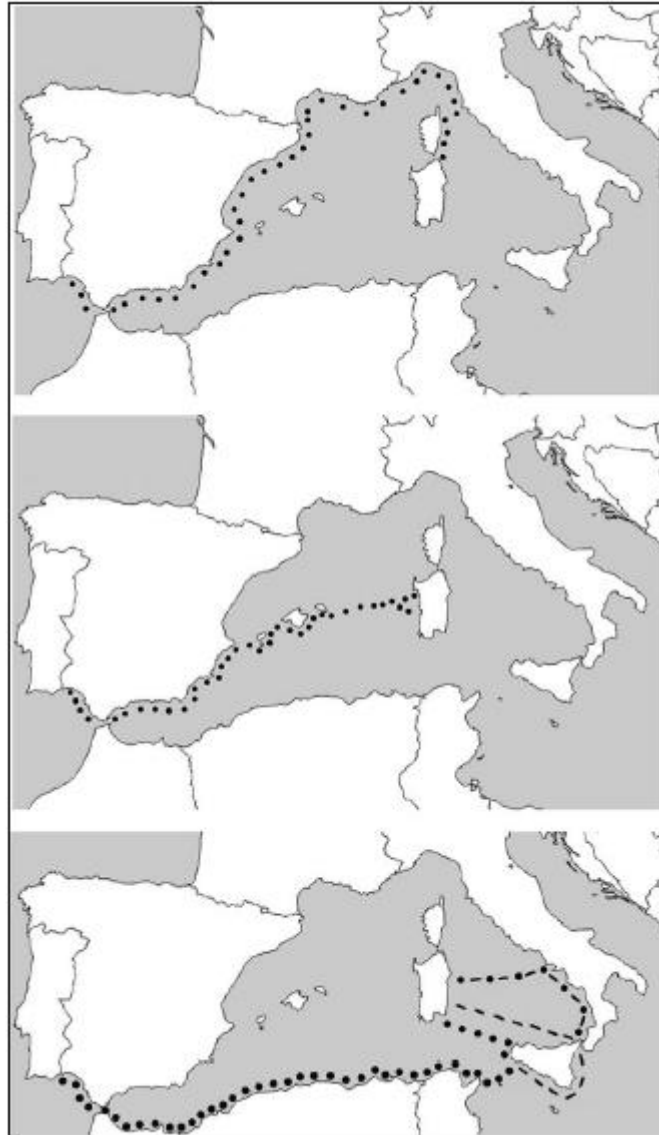


Figura 11 – Possíveis rotas de ligação entre a Sardenha e a Península Ibérica que, com os devidos “ajustes”, também poderiam ser utilizadas “começando” na Península Itálica. Em cima, a rota setentrional; a meio, a central; em baixo, a meridional. (Imagem retirada de: Fundoni, 2013:115.)

No que se refere então aos contactos que pretendemos estudar neste subcapítulo, poderemos começar por dizer que, para a “primeira fase” (até c. 1200 a.C.), não possuímos bons vestígios materiais com que trabalhar. Apenas o surgimento dos machados de “enmangue directo” (se nos focarmos nas estelas do Bronze Médio que parecem representá-

-los, pois as peças físicas serão posteriores) e as plausíveis inspirações meridionais para a “espada-punhal” de la Font Major (cuja cronologia, no entanto, se mantém bastante incerta, podendo ser também ulterior) se poderão datar, com grandes incertezas, desta época e inserir nestas rotas indiretas. Assim, poderemos apenas supor, com alguma probabilidade, que estes relacionamentos marítimos não seriam ainda comuns e que talvez, com base nos paralelos extra peninsulares destas peças, passassem pela Sicília (região onde a influência micénica terá sido intensa e que contactaria igualmente de forma expressiva com a Sardenha). Porém, de resto, estes indícios não são suficientes para se retirar conclusões mais precisas. Quais seriam os intervenientes? Poderá conceber-se uma mediação micénica (inserida em viagens mais escassas e quiçá de exploração)? “Indígena”? Várias “mediações” em vários locais diferentes? Seguindo que modelos? Com que objetivos? E através de que rotas? Infelizmente, repetimos, os dados que possuímos, poucos em quantidade e em qualidade, não nos permitem aprofundar estes temas.

Durante a “segunda fase” (de c. 1200 a.C. até ao século IX a.C., aproximadamente), este panorama altera-se, em particular a partir do primeiro milénio a.C. (os vestígios mantêm-se escassos durante os finais do segundo milénio a.C. e, como vimos no ponto anterior, têm predominantemente paralelos da Itália Setentrional, para os quais (mais) dificilmente se poderá supor uma rota marítima). É deste momento que se poderão datar diversas ocorrências que em muito terão influenciado estes possíveis contactos; relembro as informações expostas na nossa contextualização: a Sardenha deixa de contactar tanto com a Sicília e passa a focar-se mais na Península Ibérica (a partir do século XI a.C.) e na Etrúria (principalmente a partir do século IX a.C.), e poderá ter servido já de “base” a indivíduos orientais (ou, pelo menos, ter contactado fortemente com os mesmos); estes indivíduos (ou, no mínimo, as suas peças e inspirações) observam-se agora mais a Norte e, com muito menos dúvidas, na Península Ibérica; a partir do século X a.C. (cerca), os centros itálicos mais dinâmicos localizam-se principalmente na Etrúria e, de uma forma geral, nas áreas de cultura villanoviana. E datarão também desta fase diversos vestígios materiais, que provavelmente se poderão inserir neste género de ligações indiretas e que com as devidas reservas sintetizamos, mais uma vez, numa lista (na qual apresentaremos apenas, tendo em conta as imprecisões cronológicas, materiais com um “início” anterior ou até meados do século IX a.C.):

- Fíbulas de tipo “Ponte 01 b” (é igualmente provável que tenham chegado à Península Ibérica através de uma via mais marítima, dada a sua origem no

Centro-Sul da Itália Peninsular; porém, não parecem encontrar-se peças deste estilo em nenhuma das grandes ilhas mediterrânicas).

- (Faca de La Peneda (se quisermos considerar os paralelos italianos, datados de c. 950-850 a.C., esta peça provavelmente inserir-se-á nesta fase).)
- Machado de “enmangue directo” de Ripoll.
- (Representações de espelhos (não quadrangulares) em estelas.)
- (Representações de possíveis calcofones.)
- (Representações de protetores peitorais quadrangulares em estelas.)
- Como referimos em cima, a “espada-punhal” também se poderá inserir antes neste momento, dada a sua datação tão incerta.
- Todas as peças ibéricas encontradas na Península Itálica (machados, espadas), com exceção da fíbula de Pithecusa e da fíbula sem contexto da Villa Giulia.

Portanto, apesar da alteração de panorama que acima expusemos, os nossos indícios não são ainda abundantes. É curioso constatar que, ao nível de objetos físicos, continuamos com apenas três ou quatro categorias, a maior parte das quais com datações problemáticas. As fíbulas de tipo “Ponte 01 b” são “tentadoras”, mas a sua aparente inexistência, pelo menos até à data, na Sardenha, Sicília e litoral mediterrânico espanhol não nos permite optar inequivocamente por esta via marítima, pondo de parte a terrestre que abordámos anteriormente (e quem sabe se não houve, por coincidência, dois trajetos distintos?). Surgem agora, no entanto, várias reproduções iconográficas que poderão indiciar a existência e posterior desaparecimento de muitos vestígios arqueológicos ou, pelo menos, de contactos que “deixaram” símbolos de poder mais mediterrânicos (quicá os marinheiros usassem protetores peitorais quadrangulares, se vissem ao espelho e, ou, tocassem calcofones? Ainda que, relembremos, a maior parte destes indícios pictóricos surja afastada do litoral); porém, a sua ligação específica à Península Itálica será, como vimos anteriormente, bastante incerta, pelo que não serão boas evidências (mesmo pondo de parte todos os problemas em torno da sua natureza representativa e esquemática). Assim, tal como na fase anterior, não poderemos retirar conclusões satisfatórias.

Interessante, porém, será constatar que todas as evidências ibéricas em território itálico (com contexto, e não colonial) datarão deste período. E são nestas evidências (e em

vários outros elementos favoráveis ⁶⁾ que os (inúmeros) investigadores se focam quando defendem, para estas ligações, uma “mediação” principalmente sarda (Lucas Pellicer e Gómez Ramos, 1993:127; Giardino, 1995:281-285; Lo Schiavo, 2008:431; Lo Schiavo, Falchi e Milletti, 2013; Fundoni, 2013:250-262; Bernardini, 2016:13). Existem obviamente várias perspetivas, umas que favorecem ações mais “indígenas”, outras que privilegiam a atividade dos povos orientais, mas, tendo em conta a localização notável da Sardenha (Fundoni, 2013:254), ambas as situações terão, com graus de intensidade ainda difíceis de precisar, certamente ocorrido, no que se refere, pelo menos, aos trajetos que “tocariam” a Península Ibérica (voltamos a remeter para a contextualização). Por seu lado, o curto trajeto entre esta ilha e a Península Italiana (as áreas minerárias da Etrúria meridional, especificamente) poderá ter estado, neste momento, ainda maioritariamente nas mãos de “indígenas”. Estas peças ibéricas poderiam constituir apenas mais alguns produtos com um certo estatuto (pelo seu “exotismo” e funções de exceção?) que os nurágicos trocariam com a Etrúria, mas é igualmente possível, dado o seu diminuto número e o facto de terem sido todas encontradas em depósitos metálicos (quando o seu contexto é conhecido), que possuíssem outras funções (constituindo, por exemplo, produtos de interesse para artesãos (como “sucata” ou como “inspirações” que poderiam “estudar”?) e não para elites, talvez?).

No entanto, será importante sublinharmos que a Sardenha não terá sido a única região “mediadora”; uma perspetiva também defendida por vários autores (Lo Schiavo, no geral; Giardino, 1995; Fundoni, 2013:250-262). Além de se basear na improbabilidade de uma só área dominar todos estes tráfegos, esta hipótese assenta igualmente no facto de uma das categorias de machados ibéricos encontrados na Península Itálica (os de talão com uma aselha e perfil romboidal) não aparentar surgir, até à data, na Sardenha. Alguns autores opõem-se a esta perspetiva (nomeadamente, argumentando que a forma do perfil ou o número de aselhas não serão assim tão relevantes e que a sua ausência se poderá dever a questões ligadas ao registo arqueológico atual (Fundoni, 2013:257-258)), mas ainda assim, na nossa opinião, será muito provável que esta ilha mais meridional também estivesse envolvida, nesta fase e não só, na transmissão de (parcos) elementos ibéricos a Itália (e vice-versa).

E mais uma vez, como no caso “terrestre”, teremos de frisar a plausível importância dos “intermediários”. Como refere Raquel Vilaça (2008:381), “(...) fica sempre por saber se

⁶⁾ Para sintetizar, citando Giuliana Fundoni (2013:251): “Forti relazioni tra la Sardegna nuragica e le popolazioni della penisola, provate da numerose testimonianze materiali; Confronti con i bronzi iberici e imitazioni noti in Sardegna; Associazione di alcuni dei bronzi iberici con materiali nuragici e/o ciprioti”.

essa ausência [no caso que refere, de cerâmicas mediterrânicas, mas aplicar-se-á a todo o tipo de bens] resulta de uma escolha indígena face a um universo de coisas disponíveis, ou se a selecção foi antes feita por aqueles – quaisquer que eles fossem – que as fizeram chegar, não trazendo o que não queriam ou que acharam não ser relevante.”. Ou seja, a escassez (e incerteza) dos achados ibéricos e a escassez (menos incerta) dos italianos dever-se-ão realmente a “quem”? E porquê? Como esta autora, com a qual concordamos, afirma, ser-nos-á muito difícil, talvez até impossível, saber; porém, dada a abundância de materiais ibéricos na Sardenha e até na Sicília, que provavelmente não seriam excessivamente difíceis de adquirir por itálicos, poderemos suspeitar, sem quaisquer garantias, que a (aparente?) carência destes objetos na Península Itálica se deverá a uma escolha local (simples falta de interesse?). No caso ibérico, as dificuldades serão ainda maiores, mas é possível que os “intermediários”, indígenas ou orientais, estivessem mais interessados em transportar e trocar os seus próprios produtos e não os de outrem, levando consigo, talvez, apenas o que “arranjassem” pelo caminho (algo que, portanto, nos fará duvidar seriamente de uma participação peninsular mais direta já neste momento).

Por fim, poderemos passar à “terceira fase” (de meados do século IX a.C. em diante). Num primeiro momento (século IX a.C.), as dinâmicas não serão muito diferentes das da fase anterior, distinguindo-se apenas por uma maior predominância fenícia (e já não cipriota), por uma maior “visibilidade” dos indivíduos gregos e por um, agora claro, grande dinamismo da Etrúria no âmbito peninsular italiano (cujo início, sem surpresas, não nos será possível situar com minúcia na primeira ou segunda metade deste século), nomeadamente ao nível das capacidades navais (Mandolesi e Castello, 2009). Nos finais do século IX a.C. (quicá) e no VIII a.C., parte destes contactos inserir-se-á já em âmbitos coloniais, com modalidades muito mais diversas e específicas (poderá implicar, por exemplo, um maior controlo, talvez até militar, da parte dos “colonizadores”, que agora possuíam “bases” suas onde se instalar e organizar). Tentámos ao máximo manter a nossa amostra de materiais “pré/proto-colonial”, mas não poderemos garantir ter tido 100% de sucesso nesta selecção. Frisamos, no entanto, que nem esta predominância, nem este colonialismo, implicam uma exclusão completa de indígenas destas viagens e trocas (Botto, 2004-2005:23).

Passando então aos materiais, voltamos a recapitulá-los numa lista, tendo em atenção as duas “subfases” acima expostas (mas não esquecendo nunca as inúmeras incertezas temporais):

- Materiais que poderão datar-se da segunda metade do século IX a.C.

- Fíbulas de tipo “Ponte 06”.
- Cerâmicas villanovianas de Huelva.
- Fíbulas de tipo “Ponte 02”.
- Materiais que poderão datar-se apenas do século VIII a.C.
 - Fíbula de tipo “Ponte 05” (a via terrestre poderá ser mais provável, mas, dado o achado de peças deste tipo na Sardenha, também não se poderá excluir a sua chegada através de uma rota marítima).
 - Fíbulas de tipo “Ponte 04”.
 - (“Capacete” de prata de Caudete de las Fuentes.)
 - (Carros de Baiões (se quisermos acreditar nestas ligações, teremos de supor que estas peças se situarão neste século; o que é, obviamente, extremamente falacioso).)
 - Fíbulas de tipo “Ponte 03 a”.
 - Também a fíbula ibérica (de tipo “Ponte 03”) encontrada na colónia grega de Pithecusa datará deste momento.

No geral, portanto, apesar de não dispormos de muito mais categorias, estas possuem sem dúvida atribuições itálicas menos problemáticas (excluindo-se os carros e talvez as fíbulas de tipo “Ponte 03 a”; e frisando que o possível capacete apresenta paralelos itálicos por, no fundo, não se conhecer “nada melhor”. As fíbulas, com maiores incertezas para o tipo “Ponte 02”, e as cerâmicas, no entanto, inserem-se sem dúvida em tipologias marcadamente italianas, maioritariamente villanovianas, e, aliás, são consideradas importações, apesar de algumas suspeitas em torno da “veracidade” arqueológica de certos exemplares).

Assim, terá sido nesta fase que a participação itálica nestas viagens se terá tornado mais evidente e, quando comparando com as situações anteriores, ativa. Tal poderá dever-se, certamente, aos desenvolvimentos internos italianos (villanovianos/etruscos), a uma geral intensificação das deslocações marítimas no Mediterrâneo (quicá com um aumento das viagens de maior curso), e, com uma elevada probabilidade, aos (comparativamente) precoces contactos diretos entre a Etrúria meridional e os indivíduos de origem fenícia; relembramos, a propósito, que as cerâmicas villanovianas encontradas em Huelva possuem equivalentes nessa região etrusca específica (no que se refere às fíbulas, será mais difícil de precisar). Não pretendemos menosprezar os contributos indígenas (ainda sardos, por exemplo), até porque a Sardenha e a Sicília não perderam a sua importância a nível geográfico, mas será improvável

tratar-se de uma coincidência que, “com” os fenícios, comecem a surgir também, na Península Ibérica, peças itálicas menos incertas; ainda que, claro, possam ter-se dado inúmeras empresas conjuntas (que explicariam certamente a variedade de “origens” de muitos objetos, ou inspirações, encontrados em solo ibérico). E apesar da nossa divisão em “subfases” (que não deixam de ser relevantes, até para o próximo subcapítulo), os indícios não nos permitem distinguir claramente as duas, no que se refere à natureza dos contactos que nos interessam (poderíamos arriscar dizer que a fíbula de Pithecusa teria já uma “mediação” principalmente grega, e não fenícia, mas esta colónia (ou “empório”) seria tão “internacional” (Melandri, n.d.:639) que não o poderemos garantir).

Resta-nos discorrer sobre os “porquês”. Porquê levar “meia dúzia” de fíbulas e dois recipientes cerâmicos (e talvez um capacete) itálicos para a Península Ibérica? Como na fase anterior, poderemos supor tratar-se de “resquícios” das várias viagens que aí acabaram. Ou talvez os tenham tentado “introduzir”, em pequenas ou grandes quantidades, mas o interesse ibérico tenha sido diminuto. Ou quiçá se tratasse de oferendas para as elites (como agradecimento pela hospitalidade, para cumprir requisitos sociais ou até como algum tipo de “pagamento”), especialmente quando relembramos que as fíbulas itálicas seriam, no panorama europeu e mediterrânico, bastante variadas e poderiam acompanhar tecidos preciosos. Ou porventura possamos ainda considerar algumas ligações mais diretas (ver de seguida). As razões, por conseguinte, poderiam ser bastante heterogéneas e, talvez, todas igualmente válidas. Relativamente à isolada peça ibérica em Itália, dado ser uma única fíbula, encontrada em meio funerário (infelizmente, porém, no enchimento de um túmulo e não no próprio túmulo), as hipóteses não serão muito distintas das anteriores (se esta peça tivesse uma clara função de espólio fúnebre (o que, aliás, poderá ter tido em momentos anteriores, quem sabe), poderíamos alvitrar propostas ainda mais imaginativas).

Por fim, pretendemos apenas terminar este subcapítulo dizendo que ainda há muito a fazer e muito a estudar, principalmente (mas não só) com o intuito de dissipar as incertezas das fases de contactos mais antigas.

4.3. Possíveis contactos diretos

Antes de mais, começaremos por mencionar que, mais uma vez, com “contactos diretos” referimo-nos a contactos entre ibéricos e itálicos, sem recurso a intermediários de qualquer tipo, que poderão ter ocorrido numa destas penínsulas ou, até, numa outra região.

Obviamente, tendo em conta o trabalho que temos realizado até aqui, interessam-nos particularmente os contactos que terão resultado na possível transferência para a Península Ibérica das peças ou “influências” itálicas que expusemos no capítulo precedente.

Com base então nas evidências que possuímos, que poderemos supor no que se refere a estes possíveis contactos diretos? Antes de mais, que existem vários problemas e impedimentos à sua existência ou, pelo menos, ao seu estudo: a) olhando para as plausíveis importações, parece-nos importante salientar a inexistência das mesmas em locais de “entrada” (isto é, junto à costa mediterrânica ou nos Pirenéus), com exceção das cerâmicas villanovianas de Huelva (que, relembramos, foram encontradas juntamente com peças fenícias, gregas, cipriotas e sardas, o que poderá complicar a defesa da sua chegada através de indivíduos itálicos “a solo”) e das problemáticas fíbula de tipo “Ponte 04” da Meia Praia (Lagos) e espada de tipo “Terontola”; olhando para as plausíveis influências, não nos é possível constatar que objetos terão sido os “primeiros” (mesmo nos casos em que se poderá supor com uma certa confiança a sua região de origem). b) As nossas evidências não são tão claras e inequívocas como aquelas que sustentam contactos diretos com outros povos ou regiões, como os fenícios ou a Sardenha (ainda que seja relevante mencionar que tal poderá ser apenas “sintoma” de contactos menos intensos e não de uma ausência dos mesmos). c) Não conhecemos (ou conseguimos identificar devidamente), até ao momento, objetos ou contextos (como, por exemplo, cerâmicas de uso quotidiano ou sepulturas de estilo itálico) que nos façam conceber uma presença clara de indivíduos originários da Itália Continental na Península Ibérica (ou vice-versa). d) Existindo peças quiçá inspiradas pelas itálicas que tenham precisado de um maior contacto humano para serem realizadas (para que os seus artesãos aprendessem as suas morfologias ou técnicas, como poderá ter ocorrido com as fíbulas de tipo “Ponte 02”), tal não implica necessariamente que esse contacto tenha sido providenciado por indivíduos itálicos. e) Como vimos, dado ambos os territórios possuírem provavelmente os mesmos atrativos (metais), ser-nos-á mais difícil (mas, claro, não impossível) alvitrar razões e motivos para contactos diretos entre eles. f) Mais uma vez, podemos reforçar que existe a possibilidade de se terem trocado vários tipos de materiais perecíveis ou difíceis de observar no registo arqueológico; porém, por isso mesmo, não nos é possível apreendê-los. g) Por fim, teremos também de frisar, novamente, que as viagens mais diretas seriam, no geral, a exceção (Vilaça, 2007:141).

Estas dificuldades juntam-se aos itens mais favoráveis que sintetizámos no início deste capítulo. Porém, parece-nos que, neste caso, será importante também olharmos para o

“futuro”, isto é, para o que sucedeu durante a Idade do Ferro (em particular no que se refere, do lado itálico, aos etruscos, sobre os quais existem mais informações). De entre os dados que nos interessarão:

- As comunidades etruscas do litoral tirreno dos períodos Orientalizante e Arcaico são reiteradamente consideradas, por investigadores atuais e não só, “talassocracias” (Cherici, 2006) e alguns relatos de autores gregos e romanos indiciam um interesse das mesmas pelo Atlântico e até conflitos com gregos e cartagineses “beyond the pillars of Hercules” (Camporeale, 2004 a:99); Diodoro Sículo (século I a.C.), por exemplo, afirma que os etruscos tentaram ocupar, sem sucesso, as ilhas “Felicí” (provavelmente as Canárias) (Camporeale, 2004 a:99). Estes eventos datarão do século VII a.C. (Blásquez Martínez, 1991:598) ao primeiro quarto do V a.C. (Camporeale, 2004 a:99; Camporeale, 2015:XV), e poderão ter várias causas. Uma que nos parece relevante, e é a razão de ser da nossa insistência nas menções do estanho etrusco, prender-se-á com os metais. A Etrúria tê-los-ia, mas é possível que, com o aumento da produção de objetos metálicos (que, do Período Orientalizante em diante, são também frequentemente encontrados no exterior), já não fossem suficientes (em particular, o estanho, pois o cobre e ferro continuariam a ser exportados para fora dessa região (Sassatelli, 2004:191)); diversos autores, aliás, frisam esta escassez e necessidade de metais (Blásquez Martínez, 1991:598; Camporeale, 2004 b:121). E, além do mais, datarão também deste período de tempo as primeiras evidências claras de rotas que ligariam a Etrúria às zonas ricas em estanho do Noroeste francês (finais do século VII a.C.) (Camporeale, 2004 b:121), as novas expansões etruscas em território itálico (novamente para o Vale do Po (meados do século VI a.C.), que contactaria facilmente com os Alpes e além-Alpes (Sassatelli, 2004:184, 190; Camporeale, 2004 b:125), e também para Roma (Naso, 2004:230-232)) e o abastecimento “regular” de bronzes etruscos a áreas inseríveis na cultura de Hallstatt (finais do século VI a.C.) (Pare, 1991:191-192). Portanto, é possível que esta nova escassez tenha aguçado o interesse destas sociedades pelos recursos ibéricos, já tão atrativos para outros povos. Ou talvez a Etrúria já fosse abastecida, através de fenícios e, ou, gregos, de metais ibéricos (Blásquez Martínez, 1991:598) e tenha desejado apenas “eliminar” os intermediários. Ou talvez não tenha nada a ver com recursos metalíferos (quicá as cidades tirrenas desejassem “impor-se” face ao domínio oriental). O importante, porém, é que parece que quando, com probabilidade (os dados

continuam a não ser particularmente abundantes e outros autores antigos, como Estrabão (séculos I a.C. e I d.C.), nem sequer falam de etruscos relativamente à Ibéria (Blásquez Martínez, 1991:598)), as comunidades da Etrúria finalmente se terão interessado “a sério” pela Península Ibérica, terá sido “demasiado tarde”, impedindo fenícios/cartagineses e gregos a sua expansão e contactos intensos com tal território.

- Como observámos na contextualização, ambas as penínsulas se encontram, ainda que com certas diferenças, em estados de “evolução social” semelhantes e, conseqüentemente, são atraídas por peças exógenas semelhantes: principalmente, produtos de luxo para as suas emergentes elites (Vilaça, 2008:400). Produtos esses que, com algumas exceções (fíbulas e armas), estes territórios não produziam ainda abundantemente (não ao ponto de as exportarem com frequência, pelo menos) e que, talvez, não fossem suficientemente interessantes para as sociedades da outra região (quando comparando com, por exemplo, peças orientalizantes e, ou, mais “exóticas e vistosas” (Vilaça, 2008:392)). Quando a Etrúria aumenta a produção deste género de objetos, imitações (de cerâmicas gregas, nomeadamente) ou criações locais (*bucchero* ou recipientes metálicos), estes passam efetivamente a surgir com uma maior regularidade (e menos dúvidas) na Península Ibérica (do século VII a.C. em diante (Botto e Vives-Ferrándiz, 2006:156; Graels i Fabregat, 2013:730, 734) e quiçá acompanhadas por artesãos (Blásquez Martínez, 1991; Fundoni, 2013:412)); mas, ainda assim, em certas regiões (Andaluzia) parecem ser antes frequentemente privilegiados pelas “componentes” coloniais (fenícias) (Botto e Vives-Ferrándiz, 2006:155). Noutras áreas (“Bajo Aragón”), porém, poderão realmente ter tido uma maior importância em contextos indígenas (Graels i Fabregat, 2013:734).
- Durante a Idade do Ferro, constata-se no Sul de França, com base em vestígios epigráficos, a existência de falantes (ou escritores) de línguas ibéricas (íbero, predominante no Sudoeste francês) e itálicas (etrusco (inclusivamente em áreas mais distantes de Itália, como a Occitânia), lígure e outras) (Mullen e Ruiz Darasse, 2019:198). Porém, ainda assim e apesar deste “rodopio” de idiomas e prováveis nacionalidades por esta região, não é possível, de momento, identificar “(...) clear direct evidence of linguistic contact between Etruscans and Iberians (...)” (Mullen e Ruiz Darasse, 2019:199). O artigo não especifica, no entanto, a presença ou ausência de indícios de contactos entre falantes de íbero e de outras línguas itálicas não etruscas

(supor-se-á, pela omissão, a sua inexistência, mas tal não será garantido). E, seja como for, deveremos frisar a elevada complexidade destas questões linguísticas, bastante difíceis de analisar e até de apreender a nível arqueológico.

Portanto, com base em todos estes dados, podemos começar por afirmar que não possuímos evidências suficientes para supor contactos intensos e prolongados entre a Península Ibérica e a Itálica (como os que terão existido, por exemplo, entre ibéricos/itálicos e sardos), nem para defender com segurança (ou de todo) as antigas (e felizmente postas de lado) crenças de colonizações etruscas da área tartéssica (Foresti, 2002:63-64) ou a teoria de uma “italianização” da atual Catalunha (iniciada supostamente no Bronze Antigo, mas intensificada no período cronológico que nos cabe) proposta por Joachim Neumaier (2006).

Os insuficientes vestígios materiais, e até a suposição de um provável interesse itálico pela Península Ibérica apenas num momento posterior, não nos permitem conceber grandes, ou até pequenas, deslocações populacionais da Itália para a Ibéria. Até Jesus Alberto Arenas-Esteban (2014), que defende, para a Idade do Ferro ibérica, uma elevada importância da “componente villanoviana” no processo de formação da cultura “celtibérica”, afirma que, no Bronze Final, a chegada de objetos itálicos à península se deverá somente às “(...) reti di commercio a larga distanza (...)” (Arenas-Esteban, 2014:717). Ainda assim, no entanto, também não nos será possível pôr completamente de parte movimentações que, por diversas razões, não tenham resultado em intensas transferências de materiais: a) migrações de indivíduos e não de grupos (como artesãos, itinerantes (Giardino, 1995:284; Fundoni, 2013:386) ou não, que se tenham focado em produções ibéricas (com toques itálicos, como quiçá no caso das fíbulas de tipo “Ponte 02”? Ou em conjunto com algumas imitações, como quiçá no caso das fíbulas de tipo “Ponte 01 b?”); talvez até naufragos, “exploradores” ou marinheiros que tenham decidido assentar na Península Ibérica, por motivos porventura pessoais), isto é, deslocações em que os intervenientes provavelmente adotariam, mais ou menos completamente, a cultura material local; b) inserção de indivíduos ou pequenos grupos de origem itálica nas mais vastas (mas, relembramos, ainda debatíveis) migrações no âmbito das culturas dos “Campos de Urnas”, ou seja, deslocações em que os intervenientes, antes de chegarem à Península Ibérica, já terão adotado uma cultura material não itálica (ou não totalmente itálica, mas difícil de distinguir). Obviamente, será discutível se alguma destas situações terá ocorrido, ou até que ponto serão prováveis, já que os dados a seu favor não são

consideráveis, mas, como referimos, não possuímos igualmente evidências suficientes para as refutar inteiramente.

Mais plausível, no que se refere a estes possíveis contactos diretos, é terem ocorrido viagens ocasionais, com maior probabilidade da Península Itálica para a Ibérica (ainda que, frisamos, falte um estudo e catalogação mais aprofundados dos materiais ibéricos em Itália) e, com base nos dados que expusemos anteriormente, apenas a partir do século IX a.C.. Estas viagens poderão ter sido, num momento inicial, de exploração, podendo seguir, em teoria, qualquer uma das rotas apontadas anteriormente (ainda que a setentrional seja muito mais provável) e podendo dar origem, a nível material, a poucos objetos com algum valor, que, como noutros casos já sintetizados, poderiam ser oferecidos às elites locais. Sem surpresas, não conseguimos precisar, pelas dificuldades já enumeradas, que peças se poderiam aqui incluir (quicá algumas fíbulas? As de tipo “Ponte 06”?). Posteriormente, também não poderemos excluir, ainda que sejam mais improváveis, algumas, porventura escassíssimas, viagens mais “comerciais” (isto é, com o objetivo de trocar bens por bens). Até ao estabelecimento de colónias em vários pontos de amplos territórios (a partir de finais do século IX a.C. ou inícios do VIII a.C.; o que, portanto, nos deixa um intervalo de tempo muito diminuto), ser-nos-á difícil pensar que algum “povo” detivesse um controlo tal sobre o Mediterrâneo Central e Ocidental para impedir completamente as navegações de outros (Ruiz-Gálvez Priego, 1986:22-23). Não possuímos, no entanto, evidências que suportem integralmente esta teoria.

O mais provável, quicá, será a, já várias vezes mencionada, possível introdução de indivíduos ibéricos e itálicos em tripulações multiétnicas (como marinheiros propriamente ditos, guias ou intérpretes, quicá artesãos ou “mercadores”, etc. (Medas, 2008:167-168; Fundoni, 2013:42)), porventura (ou muito provavelmente, para certos investigadores) empregadas em barcos orientais (ou quicá sardos) e lideradas por gentes dessas regiões mais distantes (Botto, 2004-2005:23; Botto, 2013:204). Estes indivíduos poderiam não só contactar entre eles no âmbito das próprias embarcações (género de relacionamentos que, no entanto, apresentará maiores dificuldades ao tentar justificar os vestígios materiais que possuímos; afinal, não podemos confirmar com toda a certeza se estes indivíduos regressariam aos seus locais de origem (Giovanna Fundoni, 2013:42) ou se trariam consigo objetos efetivamente obtidos através de contactos nestes barcos), mas também levar consigo produtos ou técnicas que poderiam “oferecer” ou “vender” em locais onde embarcações exclusivamente da “sua nacionalidade” seriam mais escassas ou estariam até ausentes (situações que justificariam, por

exemplo, as cerâmicas villanovianas onubenses, no meio de tantas outras peças com tantas outras origens, e talvez muitos outros materiais).

Por fim, teremos ainda de considerar a possibilidade de estes contactos diretos se terem dado noutros territórios que não aqueles que aqui nos interessam. Por exemplo, ibéricos e itálicos poderão ter-se encontrado no Sul de França, quiçá lá chegados por meios terrestres ou marítimos (ou ambos). Como vimos em cima, porém, a ausência de claros vestígios (epigráficos, aliás, que, deveremos dizer, constituem apenas uma categoria de vestígios arqueológicos) de contactos entre ibéricos e etruscos (talvez itálicos, no geral) em França, durante a movimentada Idade do Ferro, poderá igualmente levantar problemas para o Bronze Final que aqui estudamos. Ainda assim, será uma hipótese a ter em conta. E também na Sardenha se poderão supor ligações deste género, dado, como vimos na contextualização, se conhecerem indícios bastante plausíveis da presença de indivíduos originários da Península Ibérica nessa importante ilha do Mediterrâneo Central. Como igualmente constatámos, itálicos, em particular villanovianos/etruscos, também contactaram de forma intensa com este território insular, e, ainda que não tenhamos conseguido confirmar com toda a segurança a sua presença prolongada no mesmo, para esta teoria ser aceite “basta” que visitassem as áreas onde se terão “instalado” os indivíduos ibéricos (não o podendo, igualmente, atestar com certeza, podemos pelo menos dizer que foram encontradas peças villanovianas (duas fíbulas e uma lâmina de barbear) no mesmo povoado em que se descobriram as cerâmicas comuns ibéricas (Milletti, 2012:Tav. CV; Fundoni, 2013:386)). No entanto, mais uma vez, será discutível até que ponto estas possíveis ligações terão dado origem aos conjuntos arqueológicos que podemos observar, em especial, na Península Ibérica (novamente, regressariam estes viajantes a “casa”?).

Resumindo, as informações que possuímos atualmente (que, esperemos, um dia venham a ser mais) são demasiado escassas para defendermos com vigor e segurança qualquer uma das hipóteses de contactos diretos aqui apresentadas; nem vestígios materiais concretos conseguimos apontar. Ainda assim, na nossa opinião, as viagens de exploração aparentam bastante plausíveis (mas, frisamos, longe de serem garantidas). Parece-nos improvável que as sociedades etruscas, posteriores “talassocracias” (algo que certamente não terá “surgido do nada” e assentará em bases anteriores), não tenham tido qualquer desejo de explorar o Mediterrâneo, porventura seguindo ao longo das costas norte-italiana e francesa (até porque, relembramos, a troca de informações geográficas pelo Mediterrâneo seria já comum desde a segunda metade do segundo milénio a.C. (González-Ruibal, 2004:291), e as “histórias” em

torno da Península Ibérica e das suas riquezas seriam porventura interessantes). As tripulações multiétnicas com a participação de indivíduos ibéricos e itálicos também nos parecem bastante (ainda mais) prováveis e capazes de fundamentar vários dos materiais que apresentámos, principalmente tendo em conta a elevada quantidade de autores que as supõem e defendem, e não podemos excluir igualmente a chegada à Península Ibérica de algumas pessoas de origem itálica (ou vice-versa). Contactos fora destes dois territórios, ainda que prováveis, não nos parecem muito capazes de fundamentar as evidências materiais que apresentamos neste estudo.

5. Conclusões

Tendo terminado o nosso estudo, resta-nos retirar as nossas conclusões. Antes de mais, poderemos afirmar que, tendo em conta o nosso abrangente conceito de “contacto” (que não se limita a ligações diretas), os contactos entre a Península Ibérica e a Península Itálica durante o Bronze Final (ibérico) que aqui nos propusemos a analisar terão certamente existido e incluiriam modalidades muito distintas e variadas. Fruto também da nossa extensa cronologia (séculos XIV a.C. a VIII a.C.), que engloba em si realidades muito heterogéneas.

Esta dissertação, no entanto, não foi fácil e encontrou várias dificuldades. Antes de mais, contactos, em qualquer época, mas particularmente na Pré e Proto-História, são bastante complicados de estudar: os dados (objetos, restos humanos, estradas, embarcações, etc.) não são vastos e a identificação da sua origem geográfica consegue ser bastante problemática; não possuímos registos escritos ou, pelo menos, registos claros e imparciais que nos possam ajudar; muitos dos elementos “pelo caminho”, em áreas intermédias, são difíceis de apreender (dado, por exemplo, incluírem frequentemente “transformações”, para além de todas as complicações atualmente inerentes aos estudos arqueológicos que englobam vários países). No nosso caso, em especial, temos ainda os problemas relacionados com a falta de estudos específicos sobre esta temática (como vimos no “Estado da Arte”, não existem muitos trabalhos extensos e focados neste tema e escasseiam igualmente os levantamentos e estudos sobre os objetos ibéricos encontrados na Itália Continental) e com a recolha e catalogação dos materiais essenciais à nossa análise (não existindo uma boa bibliografia específica, foi-nos necessário procurar estas peças em obras muito distintas e nem sempre, do ponto de vista que nos interessa, completas, tendo-nos certamente “escapado” muitos objetos).

Este conjunto de materiais, aliás, apesar de ser bastante variado e, à primeira vista, abundante, inclui em si diversas categorias de objetos que se apresentam extremamente problemáticas, como os que se encontram em representações iconográficas (em estelas, petróglifos, etc.), as decorações cerâmicas estudadas por Joachim Neumaier (2006) e até os Carros de Baiões (neste caso, problemáticos de um ponto de vista cronológico e não só). No geral, o facto de possuímos muitas peças que, tendo um provável fabrico ibérico, apresentam possíveis “influências” (para nós, “ideias”, como morfologias, decorações, técnicas, etc.) itálicas deu origem a um estudo bastante intrincado. E, com poucas exceções (quase todas as fíbulas, a problemática espada de tipo “Terontola” e as cerâmicas villanovianas de Huelva), as restantes peças são igualmente difíceis de associar sem qualquer vestígio de dúvida à Península Itálica. Algo que, obviamente, também complica bastante o nosso estudo. Apesar

disso, porém, será necessário reforçarmos que todos os materiais que apresentámos, mesmo aqueles que para nós serão “incertos”, possuem bons, ainda que ocasionalmente debatíveis, paralelos em Itália, defendidos por vários investigadores (nalguns casos, até, por aqueles que publicaram as peças). Pelo que, assim, optámos por fazer na mesma a nossa análise com base nestes indícios, sempre com as devidas reservas.

E com esta análise, pudemos então constatar, antes de mais, que os contactos diretos (entre ibéricos e itálicos) seriam escassíssimos e são, aliás, bastante difíceis de defender. Parece-nos muito provável que indivíduos destes dois territórios se possam ter inserido em tripulações multiétnicas (quiçá comandadas por fenícios ou até sardos), uma ideia defendida por diversos investigadores (inclusivamente, M. Ruiz-Gálvez Priego e Matteo Milletti), o que terá permitido a alguns destes “marinheiros” itálicos (ou artesãos, mercadores, etc.) “vender” e, ou, “oferecer” ocasionais e escassas peças da sua região (Etrúria, talvez?) na Península Ibérica. Será também plausível, mas mais incerto, a existência de viagens de exploração (com maior probabilidade, porventura, da Península Itálica para a Ibérica, mas não se poderá excluir completamente o sentido contrário) ou a chegada, de uma forma mais individual e desorganizada, de pessoas de origem itálica à Ibéria (repetimos a nota anterior: também aqui não poderemos pôr completamente de parte deslocamentos no sentido oposto). Não possuímos, no entanto, materiais que claramente possamos adscrever a estas ligações. Quiçá as cerâmicas villanovianas e certas fíbulas se possam associar às tripulações multiétnicas, e algumas fíbulas (porventura as de tipo “Ponte 06”, de momento ausentes na Sardenha e Sicília) também às viagens de exploração, mas tal não será garantido.

Contactos mais indiretos, por seu lado, são bastante fáceis de sustentar, dadas as vastas redes de trocas que ligariam, com mais ou menos “paragens”, diversos pontos da Europa e do Mediterrâneo e que se terão intensificado durante o período cronológico que aqui nos cabe. A chegada de objetos ou “influências” itálicas à Península Ibérica por “terra” terá sido mais ou menos constante durante todo este momento, mas aparenta muito mais visível, provavelmente até intensa, durante o segundo milénio a.C., fase em que predominam, em Itália, as produções artesanais setentrionais. São estas produções ou características precisas a elas associáveis que, aliás, se encontram na Ibéria, nestes séculos e posteriormente.

As chegadas por “mar” são um pouco mais complexas. Até ao século IX a.C., apenas possuímos vestígios itálicos escassos e, ou, bastante incertos: durante o segundo milénio a.C., os indícios não permitem retirar quaisquer conclusões, para além de que estes contactos não seriam comuns, nem mesmo de forma indireta (através da Sardenha, da Sicília ou de

micénicos); até meados do século IX a.C., quase todos os materiais itálicos recolhidos apresentam igualmente bons paralelos na Sardenha e Sicília, sendo difíceis de ligar indubitavelmente à península, mas datam-se também deste momento, porém, diversos objetos ibéricos (machados, espadas) na Itália Continental (maioritariamente na Etrúria meridional). O que, portanto, nos fará supor que as “exportações” italianas não seriam ainda abundantes (fruto provavelmente dos desenvolvimentos e “evolução” locais), ou que não existiria um interesse ibérico ou dos diversos intermediários pelas mesmas, mas que as peças ibéricas, através de ambas as ilhas do Mediterrâneo Central (com um destaque especial para a Sardenha) e quiçá através de um misto de “indígenas” (nurágicos) e “orientais” (cipriotas?), terão chegado “mais longe” (ainda que não em número elevado). Por fim, a partir de meados do século IX a.C., momento em que a presença fenícia no Mediterrâneo Centro-Occidental se torna predominante, começam a observar-se, na Península Ibérica, objetos marcadamente itálicos (frequentemente villanovianos/etruscos), com uma origem e filiação muito menos incertas. Tal dever-se-á à evolução e maior desenvolvimento das produções itálicas (agora mais ricas, apresentando já, a partir do século VIII a.C., um certo teor orientalizante), a uma intensificação dos contactos da Sardenha com a Itália Peninsular (que virá do período anterior, mas será mais visível neste) e, certamente, também à influência e mediação de grupos fenícios (que, além das intensas e bem estudadas ligações com a Península Ibérica, neste momento terão começado igualmente a relacionar-se de forma mais marcada com a Península Itálica, em particular com a Etrúria meridional e Lazio).

Para terminar, pretendemos apenas dizer que ainda há muito por conhecer, em particular no que se refere às fases mais antigas destes contactos. São necessários mais estudos (em ambos os territórios aqui analisados, mas também nas “áreas intermédias”, e igualmente a nível tecnológico, nomeadamente para eliminar algumas dúvidas acerca da área de produção de várias peças), mais e melhores recolhas e catalogações de materiais itálicos em Portugal e Espanha e, quiçá, ibéricos em Itália, de modo a possuímos mais evidências e, com elas, mais certezas.

Bibliografia consultada

- ABARQUERO MORAS, Francisco Javier (1997), “El Significado de la Cerámica Decorada de Cogotas I”, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología: BSAA, Tomo 63*, Universidad de Valladolid, Valladolid; pp. 71-96.
- ACUÑA CASTROVIEJO, Fernando, e MEIJIDE CAMESELLE, Gonzalo (1985), “Nuevas armas del bronce final halladas en Galicia”, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología: BSAA, 51*, Universidad de Valladolid, Valladolid; pp. 174-186.
- ALARCÃO, Jorge de, *et al.* (1996), “Catálogo”, *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a. C.*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa; pp. 171-310.
- ALBANESE PROCELLI, Rosa Maria (2004), “The Etruscans in Sicily”, *The Etruscans Outside Etruria*, Los Angeles; pp. 292-303.
- ALBANESE PROCELLI, R. M. (2008), “La Sicilia tra Oriente e Occidente: Interrelazioni mediterranee durante la protostoria recente”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.n.e). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 403-415.
- ALMAGRO BASCH, Martín (1940), “El hallazgo de la Ría de Huelva y el final de la Edad del Bronce en el Occidente de Europa”, *Ampurias, 02*, Barcelona; pp. 85-143.
- ALMAGRO BASCH, Martín (1943), “Tres nuevos hallazgos del Bronce Final en España”, *Ampurias, 05*, Barcelona; pp. 270-280.
- ALMAGRO BASCH, Martín (1964-1965), “El hacha de bronce de enmangue directo del Museo de Gerona”, *Ampurias, 26-27*, Barcelona; pp. 226-233.
- ALMAGRO-GORBEA, Martín (1986), “Los Campos de Urnas en la Meseta”. *Zephyrus, 39-40*, Universidad de Salamanca, Salamanca; pp. 31-47.
- ALMAGRO-GORBEA, Martín (1993), “La Introducción del Hierro en la Península Ibérica. Contactos Precoloniales en el Periodo Protoorientalizante”, *Complutum, 04*, Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 81-94.
- ALMEIDA, Sara (2014), “Estilos e tendências na cerâmica de ornatos brunidos do sudoeste peninsular”, *Idade do Bronze do Sudoeste – Novas perspectivas sobre uma velha problemática*, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra; pp. 127-147.

- ALONSO, Natàlia, e BOUBY, Laurent (2017), “Plant Resources from the Bronze Age and the first Iron Age in the northwestern arc of the Mediterranean Basin”, *Comptes Rendus Palevol*, vol. 16, n.º 04; pp. 363-377.
- ALVAR EZQUERRA, Jaime (2008), “Modos de contacto y medios de comunicación: Los orígenes de la expansión fenicia”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.n.e). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 19-25.
- AMORES CARREDANO, Fernando, e RODRÍGUEZ HIDALGO, José Manuel (1984-1984), “Cogotas en Carmona y panorama general sobre este fenómeno en Andalucía Occidental”, *Mainake*, VI-VII, Málaga; pp. 73-90.
- ARAGÓN NÚÑEZ, Enrique (2020), “The Rochelongue underwater site and the coastal mobility in West Languedoc (France) during the transit from Late Bronze Age to Early Iron Age”, *RIPARIA*, 06, Universidad de Cádiz, Cádiz; pp. 01-29.
- ARANCIO, Maria Letizia, MORETTI SGUBINI, Anna Maria, e PELLEGRINI, Enrico (2010), “Corredi funerari femminili di rango a Vulci nella Prima Età del Ferro: Il caso della Tomba dei Bronzetti Sardi”, *L'alba dell'Etruria – Fenomeni di continuità e trasformazione nei secoli XII-VIII a.C., Ricerche e scavi. Atti del nono incontro di studi (Valentano (Vt) – Pitigliano (Gr), 12-14 settembre 2008)*, Milão; pp. 169-214.
- ARENAS-ESTEBAN, Jesus Alberto (2014), “Cultural contacts between the Italian Peninsula and Central Spain during the Late Bronze and Early Iron Age”, *Les Celtes et le Nord de l'Italie (Premier et Second Âges du fer). Actes du XXXVIe colloque international de l'A.F.E.A.F. (Vérone, 17-20 mai 2012)*, Péronnas; pp. 717-728.
- ARMADA PITA, Xosé-Lois, RAFEL FONTANALS, Núria, e MONTERO RUIZ, Ignacio (2008), “Contactos precoloniales, actividad metalúrgica y biografías de objetos de bronce en la Península Ibérica”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.n.e). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 465-508.
- ARMBRUSTER, Barbara (2002-2003), “A metalurgia da Idade do Bronze Final Atlântico do Castro de Nossa Senhora da Guia, de Baiões (S. Pedro do Sul, Viseu)”, *Estudos Pré-Históricos*, vol. X-XI, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, Viseu; pp. 145-155.
- ARNÁIZ ALONSO, Miguel Ángel, e MONTERO GUTIÉRREZ, Juan (2004), “Facetas del Bronce Final «regional» en el Alto Ebro y la zona Oriental de la Submeseta Norte: Manifestaciones arqueológicas y objetos sociales de La Solana

(Modúbar de la Emparedada, Burgos)”, *Zephyrus*, 57, Universidad de Salamanca, Salamanca; pp. 221-248.

- ARRUDA, Ana Margarida (2001), “A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, n.º 02, Lisboa; pp. 207-292.
- ARRUDA, Ana Margarida (2008), “Estranhos numa terra (quase) estranha: Os contactos pré-coloniais no sul do território actualmente português”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.n.e). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 355-368.
- ARRUDA, Ana Margarida (2012 a), “Fenícios”, *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Porto; pp. 158-159.
- ARRUDA, Ana Margarida (2012 b), “Alcácer do Sal”, *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Porto; pp. 19-20.
- ARRUDA, Ana Margarida, e CELESTINO PÉREZ, Sebastián (2009), “Arquitectura religiosa en Tartessos”, *Santuarios, oppida y ciudades: arquitectura sacra en el origen y desarrollo urbano del Mediterráneo occidental*, Madrid; pp. 29-78.
- ARRUDA Ana Margarida, VILAÇA Raquel, e GOMES, Francisco B. (2022), “Ornamentos de vestuário orientalizantes em Portugal: Uma panorâmica de la situación actual”, *Problemas de Cultura Material: Ornamentos y elementos del vestuario en el arco litoral Mediterráneo-Atlántico de la Península Ibérica durante la Edad del Hierro (ss. X-V a.C.)*, Universitat d’Alacant, Alicante; pp. 83-118.
- AUBET, María Eugenia (2009), “Una sepultura de incineración del Túmulo E de Setefilla”, *SPAL*, 18, Universidad de Sevilla, Sevilla; pp. 83-90.
- AUBERT, Catherine (1992), “La période pré-phénicienne en Péninsule ibérique: relations avec la Méditerranée centrale”, *Mélanges de la Casa de Velázquez*, t. 28-1, Madrid; pp. 07-18.
- ÁVILA DE MELO, Ana (2000), “Armas, utensílios e esconderijos. Alguns aspectos da metalurgia do Bronze Final: o depósito do Casal dos Fiéis de Deus”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 03, n.º 01, Lisboa; pp. 15-120.
- BACCAINI, Iliaria, CAMPANELLA, Rosa, CARLINI, Patrizia, CERASUOLO, Orlando, DE ANGELIS, Sara, FRANCOZZI, Giorgia, INGOGLIA, Assia, PASQUINI, Amaranta, e SAVELLI, Alessia (1999), “Spunti per una ricerca sull’ipogeismo nell’età del Bronzo nel sud-est italiano”, *29º Convegno Nazionale sulla*

Preistoria – Protostoria – Storia della Daunia. San Severo, 27-29 novembre 1998. ATTI, San Severo; pp. 79-116.

- BAITINGER, Holger (2013), “Sizilisch-unteritalische Funde in griechischen Heiligtümern. Ein Beitrag zu den Votivsitten in Griechenland in spätgeometrischer und archaischer Zeit”, *Jahrbuch des Römisch-Germanischen Zentralmuseums*, 60, Mainz; pp. 153-296.
- BAPTISTA, Pedro (2019), “Mobilidade Humana nos Territórios da Beira Interior Durante o Bronze Final”, *Estudos Pré-Históricos*, vol. XIX, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, Viseu (todo o volume).
- BARRIL, Magdalena, DELIBES, German, RUIZ ZAPATERO, Gonzalo (1982), “Moldes de fundición del Bronce Final procedentes de «El Regal de Pídola» (Huesca)”, *Trabajos de Prehistoria*, vol. 39, n.º 01, Madrid; pp. 369-384.
- BARROS, Pedro (2012), “O Bronze Final na região de Mértola”, *SIDEREUM ANA II: el río Guadiana en el Bronce Final. Anejos de Archivo Español de Arqueología LXII*, Mérida; pp. 215-227.
- BARROSO, Rosa, BUENO, Primitiva, CAMINO, Jorge, e DE BALBÍN, Rodrigo (2007), “Fuentenegroso (Asturias), un enterramento del Bronce Final-Hierro en el marco de las comunidades atlánticas peninsulares”, *Pyrenae*, n.º 38, vol. 02, Universitat de Barcelona, Barcelona; pp. 07-32.
- BARROSO BERMEJO, Rosa, CAMINO MAYOR, Jorge, BUENO RAMÍREZ, Primitiva, DE BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo, TRANCHO GAYO, Gonzalo, e ROBLEDO SANZ, Beatriz (2008), “Contribución al patrón alimenticio y de actividad de las poblaciones del Norte peninsular. Fuentenegroso, Asturias”, *Munibe (Antropología-Arkeología)*, n.º 59, San Sebastián; pp. 171-185.
- BARTOLONI, Gilda (2012 a), “3. La formazione urbana”, *Introduzione all’Etruscologia*, Milão; pp. 83-126.
- BARTOLONI, Gilda (2012 b), “8. L’architettura”, *Introduzione all’Etruscologia*, Milão; pp. 253-308.
- BAUMGARTEL, Elise (1951), “The Cave of Manaccora, Monte Gargano”, *Papers of the British School at Rome*, vol. 19, Roma; pp. 23-38.
- BAUMGARTEL, Elise (1953), “The Cave of Manaccora, Monte Gargano. Part II: The Contents of the Three Archaeological Strata”, *Papers of the British School at Rome*, vol. 21, Roma; pp. 01-31.

- BÉCARES PÉREZ, Julián (1994), “Las representaciones de carros de Los Buitres (Capilla, Badajoz), en la cronología del arte esquemático típico”, *Zephyrus*, 46, Universidad de Salamanca, Salamanca; pp. 195-213.
- BELÉN DEAMUS, María (1994), “Fenicios en Andalucía Occidental. Diez años de investigación (1980-1990).”, *Artículos (Prehistoria e Arqueología)*, Universidad de Sevilla, Sevilla; pp. 01-25. Disponível *online*, no *site* da universidade, com o URL: <https://idus.us.es/handle/11441/98306> (consultado pela última vez no dia 29 de outubro de 2020).
- BELÉN DEAMUS, María, ESCACENA CARRASCO, José Luís, e BOZZINO, María I. (1991), “El mundo funerario del Bronce Final en la Fachada Atlántica de la Península Ibérica. I. Análisis de la documentación”, *Trabajos de Prehistoria*, 48, n.º 01, Madrid; pp. 225-256.
- BELÉN DEAMUS, María, e ESCACENA CARRASCO, José Luís (1995), “Capítulo VII – Acerca del horizonte de la Ría de Huelva. Consideraciones sobre el final de la Edad del Bronce en el Suroeste Ibérico”, *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La Ría de Huelva en el Mundo del Bronce Final Europeo, Complutum Extra 05*, Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 85-126.
- BERNARDINI, Paolo (2004), “The Etruscans in Sardinia”, *The Etruscans Outside Etruria*, Los Angeles; pp. 280-291.
- BERNARDINI, Paolo (2008), “Dinamiche della precolonizzazione in Sardegna”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.n.e). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 161-181.
- BERNARDINI, Paolo (2009), “Tra il Mediterraneo e l’Atlantico. I viaggi fisici, i viaggi mentali.”, *Annali della Facoltà di Lettere e filosofia dell’Università di Sassari*, vol. 01, Sassari; pp. 191-229.
- BERNARDINI, Paolo (2016), “I Fenici sulle rotte dell’Occidente nel IX sec. a.C. Cronologie, incontri, strategie”, *Cartagine. Studi e Ricerche (CaSteR)*, 01, Cagliari; pp. 01-41.
- BERNARDINI, Paolo, e BOTTO, Massimo (2011), “I bronzi «fenici» della Penisola Italiana e della Sardegna”, *Rivista di Studi Fenici*, XXXVIII, 01, Pisa-Roma; pp. 17-117.
- BERROCAL-RANGEL, Luis e SILVA, António. (2010), “O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do

Guadiana, 2004-2007”, *O Arqueólogo Português, Suplemento 06*, Lisboa (todo o volume).

- BERROCAL-RANGEL, Luis, SILVA, António Carlos S., e PRADOS MARTÍNEZ, Fernando (2012), “El Castro dos Ratinhos, Un ejemplo de orientalización entre las jefaturas del Bronce Final del Suroeste”, *SIDEREUM ANA II: el río Guadiana en el Bronce Final. Anejos de Archivo Español de Arqueología LXII*, Mérida; pp. 167-183.
- BETTENCOURT, Ana (1995), “Dos Inícios aos Finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal”, *A Idade do Bronze em Portugal, Discursos de Poder* (Catálogo), Lisboa; pp. 110-115.
- BETTENCOURT, Ana (1998), “O conceito de Bronze Atlântico na Península Ibérica”, *Trabalhos de Arqueologia, 10*, Lisboa; pp. 18-39.
- BETTENCOURT, Ana (2005), “O que aconteceu às populações do Bronze Final do Noroeste de Portugal, no segundo quartel do I milénio AC, e quando começou, afinal, a Idade do Ferro?”, *Cadernos do Museu. Castro, Um Lugar para Habitar – Colóquio Monte Mozinho 2004*, Penafiel; pp. 25-40.
- BETTENCOURT, Ana (2010), “La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: Un análisis a partir de las prácticas funerarias”, *Trabajos de Prehistoria, 67, n.º 01*, Madrid; pp. 139-173.
- BETTENCOURT, Ana (2013 a), *Territórios da Pré-História em Portugal, Vol. 02 – A Pré-História do Noroeste Português*, Braga/Tomar.
- BETTENCOURT, Ana (2013 b), “O Bronze Final no Noroeste português. Uma rede complexa de lugares, memórias e ações”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras, 20*, Oeiras, Câmara Municipal; pp. 157-172.
- BIANCO PERONI, Vera (1974), “Altre spade dall’Italia continentale”, *Beiträge zu italischen und griechischen Bronzefunden, PBF XX, 01*, Munique; pp. 11-26 (pp. 13-14). Vista parcial do artigo, através do site “Google Livros”.
- BIETTI SESTIERI, Anna Maria (1973), “The metal industry of continental Italy, 13th to the 11th century BC, and its connections with the Aegean”, *Proceedings of the Prehistoric Society, vol. 39*, Cambridge; pp. 383-424.
- BIETTI SESTIERI, Anna Maria (2018 (2.ª edição)), *L’Italia nell’età del bronzo e del ferro. Dalle palafitte a Romolo (2200-700 a.C.)*, Roma.
- BIETTI SESTIERI, Anna Maria, e LO SCHIAVO, Fulvia (1976), “Alcuni problemi relativi ai rapporti fra l’Italia e la Penisola Balcanica nella tarda Età del Bronzo – inizi

dell'Età del Ferro, *Iliria, vol. 04. Premier colloque des Etudes Illyriennes (Tirana 15-20 septembre)*, Tirana; pp. 163-189.

- BIETTI SESTIERI, Anna Maria, e MACNAMARA, Ellen (2007), *Prehistoric Metal Artefacts from Italy (3500–720BC) in the British Museum*, Londres (pp. 01-30).
- BIETTI SESTIERI, Anna Maria, GIARDINO, Claudio, e GORGOGNONE, Mariantonio (2010), “Metal finds at the Middle and Late Bronze Age settlement of Scoglio del Tonno (Taranto, Apulia): Results of archaeometallurgical analyses”, *Trabajos ee Prehistoria*, 67, n.º 2, Madrid; pp. 457-468.
- BLANCO GONZÁLEZ, Antonio (2015), “Unconventional Prehistoric Worlds: Untangling the Later Bronze Age in Central Iberia”, *Cambridge Archaeological Journal*, 25, Cambridge; pp. 435-460.
- BLANCO GONZÁLEZ, Antonio (2018), “De Cabañas a Casas. Estrategias sociales en la Prehistoria Final de la Meseta (1400-400 a.C.)”, *Más Allá de las Casas: Familias, linajes y comunidades en la Protohistoria Peninsular*, Universidad de Extremadura, Cáceres; pp. 295-326.
- BLASCO BOSQUED, M. Concepción, e LUCAS PELLICER, María Rosario (2001), “Problemática del Bronce Final en la Meseta”, *SPAL*, 10, Universidad de Sevilla, Sevilla; pp. 221-233.
- BLAKE, E. (2014). “Chapter Two – Imports and Specialized Products in Italy in the Recent and Final Bronze Ages”, *Social Networks and Regional Identity in Bronze Age Italy*, Cambridge University Press, Cambridge; pp. 34-65.
- BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José María (1991), “La presencia de artesanos etruscos en Tartesos”, *La Presencia de material etrusco en la Península Ibérica*, Barcelona; pp. 597-600.
- BONAMICI, Marisa (2012), “9. La scultura”, *Introduzione all'Etruscologia*, Milão; pp. 309-342.
- BONINO, Marco (2005), “Further steps of the research on archaic crafts from Sardinia to Etruria”, *Mayurca*, 30, Universitat de les Illes Balears, Palma; pp. 543-563.
- BOTTAINI, Carlo, e RODRIGUES, Alexandre (2011), “O conjunto de metais de Vila Cova de Perrinho, Vale de Cambra: caracterização química e reavaliação dos contextos”, *Oppidum*, ano 06, n.º 05, Lousada, Câmara Municipal; pp. 27-39.

- BOTTAINI, Carlo, SERRA, Miguel, e PORFÍRIO, Eduardo (2012), “Metals da Idade do Bronze do Museu de Beja”, *Atas Do V Encontro De Arqueologia Do Sudoeste Peninsular*, Almodôvar; pp. 631-646.
- BOTTO, Massimo (2002), “Rapporti fra fenici e indigeni nella Penisola Iberica (VIII-VI sec. a.C.)”, *Hispania terris omnibus felicior. Premesse ed esiti di un processo di integrazione. Atti del convegno internazionale Cividale del Friuli 2001*, Pisa; pp. 09-62.
- BOTTO, Massimo (2004-2005), “Da Sulky a Huelva: Considerazioni sui commerci fenici nel Mediterraneo antico”, *Annali di archeologia e storia antica, n.º 11-12*, Università degli studi di Napoli “L'Orientale”, Nápoles; pp. 09-28.
- BOTTO, Massimo (2005), “Per una riconsiderazione della cronologia degli inizi della colonizzazione fenicia nel Mediterraneo Centro-Occidentale”, *Oriente e Occidente: Metodi e discipline a confronto. Riflessioni sulla cronologia dell'Età del Ferro italiana*, Pisa-Roma; pp. 579-663.
- BOTTO, Massimo (2007), “I rapporti fra la Sardegna e le coste medio-tirreniche della Penisola Italiana: La prima metà del I millennio a.C.”, *Etruschi, Greci, Fenici e Cartaginesi nel Mediterraneo Centrale. Annali della Fondazione per il Museo “Claudio Faina” (Orvieto), vol. XIV*, Roma; pp. 75-136.
- BOTTO, Massimo (2008), “I primi contatti fra i Fenici e le popolazioni dell'Italia peninsulare”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.C.). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 123-148.
- BOTTO, Massimo (2010), “La ceramica fenicia dall'Etruria e dal *Latium Vetus*”, *Motya and the Phoenician Ceramic Repertoire between the Levant and the West, 9th – 6th century BC. Proceedings of the International Conference held in Rome, 26th February 2010*, Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, Roma; pp. 151-171.
- BOTTO, Massimo (2011 a), “I commerci nell'estremo occidente del Mediterraneo e nell'Atlantico”, *I Fenici in Algeria. Le vie del commercio tra il Mediterraneo e l'Africa Nera*, Bolonha; pp. 78-89.
- BOTTO, Massimo (2011 b), “Interscambi e interazioni culturali fra Sardegna e Penisola Iberica durante i secoli iniziali del I millennio a.C.”, *Fenicios en Tartesos: Nuevas perspectivas*, Oxford; pp. 33-67.
- BOTTO, Massimo (2011 c), “Le più antiche presenze fenicie nell'Italia meridionale”, *Fenici e Italici, Cartagine e la Magna Grecia. Popoli a contatto, culture a confronto*.

Atti del convegno internazionale, Cosenza, 27-28 maggio 2008. Rivista di Studi Fenici, XXXVI, 01-02, Pisa; pp. 157-179.

- BOTTO, Massimo (2012), “I fenici e la formazione delle aristocrazie tirreniche”, *I nuragici, i fenici e gli altri: Sardegna e Mediterraneo tra Bronzo Finale e Prima Età del Ferro. Atti del I Congresso Internazionale in occasione del venticinquennale del Museo “Genna Maria” di Villanovaforru (14-15 dicembre 2007)*, Sassari; pp. 51-80.
- BOTTO, Massimo (2013), “Fenicios, Nurágicos y Tartesios: Modalidad y finalidad del encuentro entre gentes y culturas diversas en el paso del Bronce Final al Hierro I”, *Tarteso. El emporio del metal (Actas del I Congreso Internacional)*, Córdoba; pp. 197-210.
- BOTTO, Massimo (2015), “Ripensando i contatti fra Sardegna e Penisola Iberica all’alba del I millennio a.C. Vecchie e nuove evidenze”, *Revista Onoba, n.º 03*, Universidad de Huelva, Huelva; pp. 171-203.
- BOTTO, Massimo, e VIVES-FERRÁNDIZ, Jaime (2006), “Importazioni etrusche tra le Baleari e la Penisola Iberica (VIII – Prima metà del V sec. a.C.)”, *Gli Etruschi e il Mediterraneo, commerci e politica. Annali della Fondazione per il Museo “Claudio Faina” (Orvieto), vol. XIII*, Roma; pp. 117-196.
- BOURHIS, Jean-Roger, BRIARD, Jacques, MATARÓ I PLADELASALA, Montserrat, PAUTREAU, Jean-Pierre, e TOLEDO I MUR, Assumpció (1996), “Anàlisi d'objectes protohistòrics de coure i bronze del nord de Catalunya”, *CYPSELA, XI*, Girona; pp. 27-33.
- BRANDHERM, Dirk (2007). “Las espadas del Bronce Final en la Península Ibérica y Baleares”, *Prähistorische Bronzefunde, vol. IV, 16*, Estugarda; todo o volume.
- BRANDHERM, Dirk (2008), “Vasos a debate. La cronología del Geométrico griego y las primeras colonizaciones en Occidente”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.n.e). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 93-106.
- BRUNEL, Samantha (2018), *Paléogénomique des dynamiques des populations humaines sur le territoire français entre 7000 et 2000 avant le présent* (Tese de Doutoramento), Université Sorbonne Paris Cité, Paris.
- BURGESS, Colin, e O’CONNOR, Brendan (2008), “Iberia, the Atlantic Bronze Age and the Mediterranean”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.n.e). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 41-58.

- CÁCERES GUTIÉRREZ, Yasmina E. (1997), “Cerámicas y tejidos: Sobre el significado de la decoración geométrica del Bronce Final en la Península Ibérica”, *Complutum*, 08, Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 125-140.
- CALADO, Manuel João Maio, BARRADAS, Manuel Pisco, e MATALOTO, Rui Jorge Lopes (1999), “Povoamento Proto-histórico no Alentejo Central”, *Revista de Guimarães, Volume Especial, I*, Guimarães; pp. 363-386.
- CAGLIO, Silvia (n.d.), *LA CIVILTÀ’ DI GOLASECCA. Ritualità funeraria e ordinamento sociale nell’età del Ferro* (obra disponível online, com o URL: https://www.academia.edu/32590169/La_civilt%C3%A0_di_Golasecca_Ritualit%C3%A0_funeraria_e_ordinamento_sociale_nellet%C3%A0_del_Ferro_pdf; consultado pela última vez a 06 de novembro de 2022).
- CAMPOREALE, Giovannangelo (2004 a), “The Etruscans in the Mediterranean”, *The Etruscans Outside Etruria*, Los Angeles; pp. 78-101.
- CAMPOREALE, Giovannangelo (2004 b), “The Etruscans in Europe”, *The Etruscans Outside Etruria*, Los Angeles; pp. 102-129.
- CAMPOREALE, Giovannangelo (2010), “Porti e infrastrutture portuali d’Etruria”, *Il mare degli Etruschi: Atti del convegno promosso dalle Commissioni consiliari Seconda “Agricoltura” e Quinta “Attività culturali e Turismo” del Consiglio Regionale della Toscana. Piombino – Orbetello, 18-20 settembre 2009*, Florença; pp. 11-23.
- CAMPOREALE, Giovannangelo (2015), *Gli Etruschi, Storia e Civiltà*, Novara.
- CANHA, Alexandre, VALÉRIO, Pedro, e ARAÚJO, Maria de Fátima (2007), “Testemunhos de metalurgia no povoado de Canedotes (Bronze Final)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 10, n.º 01, Lisboa; pp. 159-178.
- CAPUZZO, Giacomo, e LÓPEZ CACHERO, Francisco Javier (2016), “De la Inhumación a la Cremación en el Nordeste Peninsular: Cronología y Sociedad”, *Iber-Crono, Actas del Congreso de Cronometrías para la Historia de la Península Ibérica*, Barcelona; pp. 192-208.
- CARBALLO ARCEO, L. Xulio, e FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (1991), “Dataciones de Carbono 14 para castros del Noroeste peninsular” *Archivo Español de Arqueología*, 64, Madrid; pp. 244-264.
- CARDOSO, João Luís (1998), “Arqueologia da Região Meridional da Península de Setúbal”, *Al-Madan, II série, n.º 07*, Almada; pp. 23-35.

- CARDOSO, João Luís (1999-2000), “Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 08, Oeiras, Câmara Municipal; pp. 355-413.
- CARDOSO, João Luís (2000 a), “Na Arrábida, do Neolítico Antigo ao Bronze Final”, *Trabalhos de Arqueologia 14 - Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida*, Lisboa; pp. 45-70.
- CARDOSO, João Luís (2000 b), “Manifestações funerárias da Baixa Estremadura no decurso da idade do bronze e da idade do ferro (II e I milénios a. C.): Breve síntese”, *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. V, Porto; pp. 61-100.
- CARDOSO, João Luís (2001), “A ocupação dos territórios e a exploração dos recursos na Península de Setúbal, do Paleolítico ao Bronze Final. 6 – A Idade do Bronze”, *Arqueologia e História Regional da Península de Setúbal*, Universidade Aberta, Lisboa; pp. 38-44.
- CARDOSO, João Luís (2004), “A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: Um ensaio de história regional”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 12, Oeiras, Câmara Municipal (todo o volume).
- CARDOSO, João Luís (2012 a), “Bronze do Sudoeste”, *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Porto; pp. 64-65.
- CARDOSO, João Luís (2012 b), “Estelas de tipo alentejano”, *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Porto; p. 150.
- CARDOSO, João Luís (2020), “Um machado de alvado do Bronze Final recolhido em Leceia (Oeiras): Acerca da distribuição dos machados de alvado e duas argolas no ocidente peninsular”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 26, Oeiras, Câmara Municipal; pp. 67-76.
- CARDOSO, João Luís, e GRADIM, Alexandra (2006), “A *tholos* do Cerro do Malhanito (Alcoutim)”, *Territórios da Pré-História em Portugal*, Vol. 09 – A Pré-História do Algarve, Tomar; pp. 161-167.
- CARDOSO, João Luís (2013), “Moita da Ladra 2 (Vila Franca de Xira), um sítio ritual do Bronze Final da região de Lisboa”, *Revista da Faculdade de Letras – CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO*, vol. XII, Porto; pp. 49-67.
- CARDOSO, João Luís, e SOUSA, Maria João (2014), “O Bronze Final na serra de Sintra”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21, Oeiras, Câmara Municipal; pp. 361-374.

- CAZZELLA, Alberto (2009), “Exchange systems and social interaction during the Late Bronze Age in the southern Adriatic”, *From the Aegean to the Adriatic: Social Organisations, Modes of Exchange and Interaction in the Post-Palatial Times (12th-11th c. BC)*, Roma; pp. 159-169.
- CELESTINO PÉREZ, Sebastián (1985), “Los carros y las estelas decoradas del Suroeste”, *Homenaje a J. Cánovas Pessini*, Badajoz; pp. 45-55.
- CELESTINO PÉREZ, Sebastián (2008), “La precolonización a través de los símbolos”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.n.e). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 107-119.
- CELESTINO PÉREZ, Sebastián, ENRÍQUEZ NAVASDUÉS, Juan J., e RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso (1992), “Paleoetnología del área extremeña”, *Paleoetnología de la Península Ibérica: Actas de la Reunión celebrada en la Facultad de Geografía e Historia de la Universidad Complutense (Madrid, 13-15 diciembre de 1989)*, vol. 02, Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 311-328.
- CERCHIAI, Luca (2012), “4. La struttura economica e politica”, *Introduzione all'Etruscologia*, Milão; pp. 127-159.
- CERDEÑO, María Luisa, MARTÍNEZ, José Antonio, AGUA, Fernando, SAGARDOY, Teresa, e MONASTERIO, Manuel (2012), “Ámbar en la Meseta Oriental durante el Bronce Final: Yacimientos locales e importaciones bálticas”, *Trabajos de Prehistoria*, 69, n.º 02, Madrid; pp. 375-384.
- CHERICI, Armando (2006), “Talassocrazia: Aspetti tecnici, economici, politici con un brevissimo cenno a Navillara, Nesazio e ai Feaci”, *Gli Etruschi e il Mediterraneo, commerci e politica. Annali della Fondazione per il Museo “Claudio Faina” (Orvieto)*, vol. XIII, Roma; pp. 439-482.
- COFFYN, André (1983), “La fin de l'Âge du Bronze dans le centre-Portugal”, *O Arqueólogo Português, série IV, 01*, Lisboa; pp. 169-196.
- COFFYN, André (1985), *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris.
- COFFYN, André (1998), “Une entité contestée: Le Bronze atlantique”, *Trabalhos de Arqueologia*, 10, Lisboa; pp. 166-178.
- COFFYN, André, e SION, Hubert (1993), “Les relations atlanto-méditerranéennes. Eléments pour une revision chronologique du Bronze final atlantique”, *Mediterrâneo*, n.º 02, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa; pp. 285-310.

- COLLADO GIRALDO, Hipólito (2015), “New Representations of «Chariots» in the Rock Art of Extremadura and Some Considerations of the Archaeological Context”, *Arts*, 04, Basileia; pp. 49-60.
- COMENDADOR REY, Beatriz (1999), “Cambios en la escala de producción metalúrgica durante las fases finales de la Edad del Bronce en el Noroeste peninsular”, *Revista de Guimarães, Volume Especial, II*, Guimarães; pp. 515-537.
- CONTI, Alessandro (2012), “Le fibule a sanguisuga”, *Il Museo delle Antichità Etrusche e Italiche. III. I bronzi della collezione Gorga*, Roma; pp. 79-97.
- CONTRERAS CORTÉS, Francisco (1982), “Una aproximación a la urbanística del Bronce Final en la Alta Andalucía. El Cerro de Cabezuelos (Ubeda, Jaen)”, *Cuadernos de prehistoria y arqueología de la Universidad de Granada*, 07, Granada; pp. 307-330.
- COOMBS, David (1998), “Hello Sailor – Some reflections on the Atlantic Bronze Age”, *Trabalhos de Arqueologia*, 10, Lisboa; pp. 150-156.
- CORRÊA, Mendes (1924), “Ensaio sobre a Idade do Bronze em Portugal”, *Revista de Estudos Históricos*, Porto; pp. 24-45.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (2006), “Peitoral de ouro proveniente de Castro Marim”, *O Arqueólogo Português, série IV*, 24, Lisboa; pp. 321-337.
- CORTEGOSO COMESAÑA, Mar (2000), “Tipología de las fíbulas de los castros gallegos, a través de los ejemplares publicados”, *Gallaecia: revista de arqueología e antigüidade*, n.º 19, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela; pp. 125-142.
- CRISTOFANI, Mauro (1983), “I Greci in Etruria”, *Modes de contacts et processus de transformation dans les sociétés anciennes. Actes du colloque de Cortone (24-30 mai 1981)*, Roma; pp. 239-255.
- CRISTOFANI, Mauri (1999), *Dizionario Illustrato della Civiltà Etrusca*, Florença.
- CUADRADO DÍAZ, Emeterio (1963), “Precedentes y protótipos de la fibula anular hispanica”, *Trabajos de Prehistoria del Seminario de Historia Primitiva del Hombre de la Universidad de Madrid y del Instituto Español de Prehistoria del Consejo Superior de Investigaciones Científicas*, VII, Madrid (todo o volume).
- CUEVILLAS, Florentino (1955), “Armas de bronce ofrendadas al río Sil”, *Zephyrus*, VI – 17, Universidad de Salamanca, Salamanca; pp. 233-240.

- CULTRARO, Massimo (2005), “Le relazioni tra Sicilia e Penisola Iberica in età postmicenea: Una nota”, *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. Anejos de Archivo Español de Arqueología XXXV*, Mérida; pp. 97-106.
- DARVILL, Timothy (2008), *Oxford Concise Dictionary of Archaeology*, Nova Iorque.
- DELGADO HERVÁS, Ana (2008), “Cerro del Villar, de enclave comercial a periferia urbana: Dinámicas coloniales en la bahía de Málaga entre los siglos VIII y VI a.C.”, *Contactes. Indígenes i fenicis a la Mediterrània Occidental entre els segles VIII i VI a.C.*, Ajuntament d’Alcanar; pp. 69-88.
- DEL LUCCHESI, Angiolo, e GAMBARI, Filippo Maria (2006), “L’area alpina sud-occidentale e il mondo ligure”, *Celtes et Gauloises. L’archéologie face à l’Histoire. La Préhistoire des Celtes. Actes de la table ronde de Bologne (28-29 mai 2005)*, Bibracte – centre archéologique, Glux-en-Glenne; pp. 179-196.
- DELPINO, Filippo (1997), “I Greci in Etruria prima della colonizzazione euboica. Ancora su crateri, vino, vite e pennati nell’Italia centrale protostorica”, *Le necropoli arcaiche di Veio – Giornata di studio in memoria di Massimo Pallotino*, Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, Roma; pp. 185-194.
- DELPINO, Filippo (2012), “Viticoltura, produzione e consumo del vino nell’Etruria protostorica”, *Archeologia della vite e del vino in Toscana e nel Lazio: Dalle tecniche dall’indagine archeologica alle prospettive della biologia molecolare. Quaderni del Dipartimento di Archeologia e Storia delle Arti, Sezione Archeologia, Università di Siena, 65*, Firenze; pp. 189-199.
- DELPINO, Maria Antonietta, e PELLEGRINI, Enrico (2009-2010), “Due ripostigli dell’Italia centrale tirrenica: Santa Marinella e Goluzzo. Produzione e circolazione dei metalli in Italia centrale tra la fine dell’Età del Bronzo e gli inizi dell’Età del Ferro”, *Bullettino di Paleontologia Italiana, vol. 98*, Roma; pp. 25-172/B1-B148.
- DE MARINIS, Raffaele (1972), “Nuovi dati sulle spade della tarda età del Bronzo nell’Italia settentrionale”, *Preistoria Alpina – Rendiconti, vol. 08*, Trento; pp. 73 -105.
- DE MARINIS, Raffaele (2009), “L’età del Bronzo nelle palafitte del lago di Varese”, *Alle origini di Varese e del suo territorio*, Roma; pp. 124-139.
- DE MARINIS, Raffaele C. (2014), “Correlazioni cronologiche tra Italia nord-occidentale (area della Cultura di Golasecca) e ambiti culturali transalpini e cisalpini

- dal Bronzo Recente alla fine del VII secolo a.C.”, *Les Celtes et le Nord de l'Italie (Premier et Second Âges du fer). Actes du XXXVIe colloque international de l'A.F.E.A.F. (Vérone, 17-20 mai 2012)*, 17 (36e supplément à la R.A.E.), Dijon; pp. 17-36.
- DE NATALE, Serenella (2016), “Capitolo 3. La cronologia della necropoli”, *Pontecagnano II.7. La necropoli del Picentino: Tombe delle Prima età del Ferro dalla proprietà Colucci*, Centre Jean Bérard, Nápoles; pp. 37-42.
 - DÍES CUSÍ, Enrique (1994), “Aspectos técnicos de las rutas comerciales fenicias en el Mediterráneo Occidental (s. IX-VII a.C.)”, *Archivo de Prehistoria Levantina*, vol. XXI, Valência; pp. 311-336.
 - DÍES CUSÍ, Enrique (2004), “Los condicionantes técnicos de la navegación fenicia en el Mediterráneo Oriental”, *La Navegación Fenicia – Tecnología naval y derroteros. Encuentro entre marinos, arqueólogos e historiadores*, Madrid; pp. 55-84.
 - DOMÍNGUEZ MONEDERO, Adolfo J. (2008), “Los contactos «precoloniales» de griegos y fenicios en Sicilia”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.C.). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 149-159.
 - D'ORIANO, Rubens (2012), “Sardi con i Fenici dal Mediterraneo all'Atlantico”, *I nuragici, i fenici e gli altri: Sardegna e Mediterraneo tra Bronzo Finale e Prima Età del Ferro. Atti del I Congresso Internazionale in occasione del venticinquennale del Museo “Genna Maria” di Villanovaforru (14-15 dicembre 2007)*, Sassari; pp. 254-274.
 - DUMONT, Léonard (2019), “Mais où sont passées les épées à poignée métallique de l'âge du Bronze du Benelux?”, *Lunula: Archaeologia protohistorica*, 27, Bruxelles; pp.59-67.
 - DUMONT, Léonard (2021), “Fonction et utilisation des épées à poignée métallique à l'âge du Bronze. Le point de vue technique”, *Représenter la Protohistoire se représenter à la Protohistoire. Actes des IVe rencontres doctorales de l'Ecole européenne de protohistoire de Bibracte*, Bibracte – centre archéologique, Glux-en-Glenne; pp.71-76.
 - DUVAL, Alain, ELUÈRE, Christiane, e MOHEN, Jean-Pierre (1974) “Les fibules antérieures au VIe siècle avant notre ère, trouvées en France”, *Gallia*, tome 32, fascicule 01, Paris; pp. 01-61.

- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan-Javier (1990), “Sobre algunos poblados del Bronce Final de la Provincia de Badajoz”, *Norba*, 10, Cáceres; pp. 41-57.
- ESCACENA CARRASCO, José Luis (2008), “Cantos de sirena: La precolonización fenicia de Tartessos”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.n.e)*. *La precolonización a debate*, Madrid; pp. 301-322.
- ESPARZA ARROYO, Ángel, VELASCO VÁZQUEZ, Javier, e DELIBES DE CASTRO, Germán (2012), “Exposición De Cadáveres En el yacimiento de Tordillos (Aldeaseca de la Frontera, Salamanca). Perspectiva bioarqueológica y posibles implicaciones para el estudio del ritual funerario de Cogotas I”, *Zephyrus*, LXIX, Universidad de Salamanca, Salamanca; pp. 95-128.
- ESPARZA ARROYO, Ángel, SÁNCHEZ POLO, Alejandra, e VELASCO VÁZQUEZ, Javier (2018), “Damaged Burials or *Reliquiae Cogotenses*? On the Accompanying Human Bones in Burial Pits Belonging to the Iberian Bronze Age”, *Archaeologies, Journal of the World Archaeological Congress*, vol. 14, no. 03; pp. 346-376.
- FARO CARBALLA, José Antonio (2017), “Las lúnulas de la necrópolis de la Edad del Hierro de El Castillo (Castejón, Navarra)”, *Archivo Español de Arqueología*, 90, Madrid; pp. 171-193.
- FAUDINO, Valentina (2005), “I Liguri, gente da scoprire. A Genova una finestra sul passato su un popolo che sapeva farsi rispettare”, *Taurasia, Periodico di Informazioni del Gruppo Archeologico Torinese, anno XX - n.º 01 - Gennaio*, Turim; pp. 24-25.
- FÉLIX, Paulo (2006), “O Final da Idade do Bronze e os Inícios da Idade do Ferro no Ribatejo Norte (Centro de Portugal): Uma breve síntese dos dados arqueográficos”, *Conímbriga*, 45, Coimbra; pp. 65-92.
- FERNÁNDEZ CASTRO, María Cruz (1988), *Arqueología Protohistorica de la Península Ibérica (Siglos X a VIII a.C.)*, Madrid.
- FERNÁNDEZ GARCÍA, Susana (1997), “Los puñales tipo «Porto de Mos» en el Bronce Final de la Península Ibérica”, *Complutum*, 08, Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 97-124.
- FERRERO, Luisa (2012), “Carignano (Torino). Museo Civico «Giacomo Rodolfo». Nuove acquisizioni e considerazioni sui reperti di età pre-protostorica”, *Quaderni della Soprintendenza Archeologica del Piemonte*, 27, Turim; pp. 33-42.

- FERRI, Silvio (1975), “Il significato delle palette nell’arte rupestre della Valcamonica”, *Valcamonica Symposium '72 – Actes du symposium international sur les religions de la Préhistoire*, Capo di Ponte; pp. 263-269.
- FIORENTINO, Filippo (coordenação) (2000), “Il Grottone di Manaccore”, *Vestigia del Gargano Nord*, Vico del Gargano; pp. 43-50.
- FISCHER, Claire-Elise, LEFORT, Anthony, PEMONGE, Marie-Hélène, COUTURE-VESCHAMBRE, Christine, ROTTIER, Stéphane, e DEGUILLOUX, Marie-France (2018), “The multiple maternal legacy of the Late Iron Age group of Urville-Nacqueville (France, Normandy) documents a long-standing genetic contact zone in northwestern France”, *PLoS ONE 13 (12)*, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona; pp. 01-19.
- FOLTINY, Stephen (1964), “Flange-Hilted Cutting Swords of Bronze in Central Europe, Northeast Italy and Greece”, *American Journal of Archaeology*, vol. 68, n.º 03, The University of Chicago Press, Chicago; pp. 247-257.
- FORESTI, Luciana Aigner (2002), “Gli Etruschi e la Spagna”, *Hispania terris omnibus felicior. Premesse ed esiti di un processo di integrazione. Atti del convegno internazionale Cividale del Friuli 2001*, Pisa; pp. 63-72.
- FUNDONI, Giovanna (2009), “Le relazioni tra la Sardegna e la Penisola Iberica nei primi secoli del I millennio a.C.: Le testimonianze nuragiche nella Penisola Iberica”, *Anales de Arqueología Cordobesa*, 20, Córdoba; pp. 11-34.
- FUNDONI, Giovanna (2013), *Le relazioni tra la Sardegna e la Penisola Iberica tra il Bronzo Finale e la prima età del Ferro attraverso le testimonianze archeologiche (secoli XII-VII a.C.)* (Tese de Doutoramento), Universidad de Córdoba, Córdoba.
- GAMBARI, Filippo Maria, e VENTURINO, Marica (2019), “Caratterizzazione archeologica e territoriale delle *facies* culturali piemontesi nell’Età del Bronzo Finale”, *Bulletin d’Etudes Préhistoriques et Archeologiques Alpines*, XXIX, XXX. Numéro spécial consacré aux Actes du XV^e Colloque sur les Alpes dans l’Antiquité de la Préhistoire au Moyen Âge, Saint-Gervais (Haute-Savoie), 12-14 octobre 2018, Aosta; pp. 105-126.
- GARCÍA ALFONSO, Eduardo (2014), “El concepto de *hinterland* y su aplicación al mundo fenicio arcaico”, *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*, vol. 02, UNIARQ, Lisboa; pp. 832-837.

- GARCIA PEREIRA MAIA, Maria, e GÓMEZ TOSCANO, Francisco (2012), “Um achado da Idade do Bronze em Tavira”, *SIDEREUM ANA II: el río Guadiana en el Bronce Final. Anejos de Archivo Español de Arqueología LXII*, Mérida; pp. 327-344.
- GIANNI, Giovanna Bagnasco (2015), “A mo’ di introduzione, uno sguardo sul tema delle àncore a partire dal rinvenimento tarquiniese”, *Un’ànchora sul Pianoro della Civita di Tarquinia. Atti della Giornata di Studi, Tarquinia, Sala del Consiglio Comunale (12 ottobre 2013. ARISTONOTHOS, Scritti per il Mediterraneo antico, vol. 10*, Università degli Studi di Milano, Trento; pp. 13-28.
- GIARDINO, Claudio (1995), *Il Mediterraneo Occidentale fra XIV ed VIII secolo a.C. – Cerchie minerarie e metallurgiche*, Oxford.
- GIBAJA BAO, Juan Francisco, LÉA, Vanessa, LUGLIÈ, Carlo, BOSCH, Josep, GASSIN, Bernard, e TERRADAS, Xavier (2013), “Between Sardinia and Catalonia: Contacts and relationships during the Neolithic”, *Iberia e Sardegna: Legami linguistici, archeologici e genetici dal Mesolitico all’Età del Bronzo. Atti del Convegno Internazionale «Gorosti U5b3» (Cagliari-Alghero, 12-16 giugno 2012)*, Cles; pp. 214-233.
- GIRÓ, Pedro, e MASACHS, José (1968), “Hallazgos prehistóricos en los alrededores de La Llacuna”, *Ampurias*, XXX, Barcelona; pp. 207-213.
- GOMÁ RODRÍGUEZ, Juan-Luis (2017), *El Bronce Final y la Protocolonización en la Península Ibérica* (Tese de Doutoramento), Universidad Complutense de Madrid, Madrid.
- GOMÁ RODRÍGUEZ, Juan-Luis (2018), “El hacha de Muros (La Coruña, España) y las hachas de enmangue directo del Bronce Final Atlántico”, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, t. 115, n.º. 02, Nanterre; pp. 361-381.
- GOMÁ RODRÍGUEZ, Juan-Luis (2019), “Origin and sequence of the earliest fibulæ in the Iberian Peninsula”, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid (CuPAUAM)*, 45, Madrid; pp. 69-112.
- GOMES, Francisco (2016), *Contactos culturais e discursos identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): Leituras a partir do registo funerário* (Tese de Doutoramento), Universidade de Lisboa, Lisboa.
- GÓMEZ-PACCARD, Miriam, RIVERO-MONTERO, Mercedes, CHAUVIN, Annick, GARCÍA I RUBERT, David, e PALENCIA-ORTAS, Alicia (2019),

“Revisiting the chronology of the Early Iron Age in the north-eastern Iberian Peninsula”, *Archaeological and Anthropological Sciences*, 11; pp. 4755-4767.

- GÓMEZ TOSCANO, Francisco (2002), “La Ocupación Protohistórica entre el Guadiana y el Guadalquivir: Del Mito a la Realidad”, *SPAL*, 11, Universidad de Sevilla, Sevilla; pp. 151-159.
- GÓMEZ TOSCANO, Francisco, e CAMPOS CARRASCO, Juan Manuel (2008), “El Bronce Final preferencio en Huelva según el registro arqueológico del Cabezo de San Pedro. Una revisión cuarenta años después”, *Complutum*, 19, n.º 01, Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 121-138.
- GÓMEZ TOSCANO, Francisco, e FUNDONI, Giovanna (2010-2011), “Relaciones del Suroeste con el Mediterráneo en el Bronce Final (siglos XI-X a.C.). Huelva y la isla de Cerdeña”, *Anales de Arqueología Cordobesa*, 21-22, Córdoba; pp. 17-56.
- GÓMEZ TOSCANO, Francisco, BELTRÁN PINZÓN, José Manuel, GONZÁLEZ BATANERO, Diego, e VERA RODRÍGUEZ, Juan Carlos (2014), “El Bronce Final en Huelva. Una visión preliminar del poblamiento en su ruedo agrícola a partir del registro arqueológico de La Orden-Seminario”, *Complutum*, 25, n.º 01, Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 139-158.
- GONÇALVES, João Ludgero Marques (1990-1992), “As grutas da Serra de Montejunto (Cadaval)”, *O Arqueólogo Português, Série IV*, 08/10, Lisboa; pp. 41-201.
- GONZÁLEZ DE CANALES, Fernando, SERRANO, Leonardo, e LLOMPART, Jorge (2014), “The earliest Phoenician, Greek and Sardinian ceramics found in Huelva: A support for Tashish in 1 Kings 10.22.”, *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*, vol. 02, UNIARQ, Lisboa; pp. 668-678.
- GONZÁLEZ PRATS, Alfredo (1985), “Los nuevos asentamientos del final de la Edad del Bronce: Problemática cultural y cronológica”, *Arqueología del País Valenciano: Panorama y perspectivas. Anejo de la revista *Lvcentvm**, Universidad de Alicante, Alicante; pp. 426-514.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo (2004), “Facing two seas: Mediterranean and Atlantic contacts in the North-West of Iberia in the first millennium BC”, *Oxford Journal of Archaeology*, 23, Oxford; pp. 287-317.
- GRADOLI, Maria G., WAIMAN-BARAK, Paula, BÜRGE, Teresa, DUNSETH, Zachary C., STERBA, Johannes H., LO SCHIAVO, Fulvia, PERRA, Mauro,

- SABATINI, Serena, e FISCHER, Peter M. (2020), “Cyprus and Sardinia in the Late Bronze Age: Nuragic table ware at Hala Sultan Tekke”, *Journal of Archaeological Science: Reports*, 33, Amesterdão; pp. 01-15.
- GRAELLS I FABREGAT, Raimon (2013), “De Italia al Bajo Aragón: La dinámica de intercambios indígena entre el s. VII y VI a.C.”, *Mobilité des hommes, diffusion des idées, circulation des biens dans l’espace européen à l’âge du Fer – Actes du XXVe Colloque de l’AFEAF (Bordeaux, 2-5 juin 2011)*, Bordéus; pp. 727-736.
 - GRAELLS I FABREGAT, Raimon (2014), “Problemas de cultura material: Las fíbulas itálicas de la Primera Edad del Hierro en el Golfo de León occidental”, *Madridier Mitteilungen*, n.º 55, Madrid; pp. 212-315.
 - GRAELLS I FABREGAT, Raimon (2022), “Problemas de cultura material: Fíbulas itálicas y griegas en la Península Ibérica entre los ss. VII-VI a. C.”, *Zephyrus*, LXXXIX, Universidad de Salamanca, Salamanca; pp. 129-150.
 - GRAELLS I FABREGAT, Raimon, BALSERA MORAÑO, Raúl, e SARDÀ SEUMA, Samuel (2008), “Rellegint la Cova de la Font Major. Un santuari en cova protohistòric al curs alt del Francolí”, *Pyrenae: Revista de prehistòria i antiguitat de la Mediterrània Occidental*, n.º 39, vol. 01, Universitat de Barcelona, Barcelona; pp. 45-66.
 - GRAELLS I FABREGAT, Raimon, e LORRIO ALVARADO, Alberto J. (2013), “El casco celtibérico de Muriel de la Fuente (Soria) y los hallazgos de cascos en las aguas en la Península Ibérica”, *Complutum*, Vol. 24 (01), Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 151-173.
 - GRAELLS I FABREGAT, Raimon, KRUEGER, Michal, SARDÀ SEUMA, Samuel, e SCIORTINO, Gabriella (2014), “Introducción: El problema de las «imitaciones» durante la protohistoria en el Mediterráneo centro-occidental. Entre el concepto y el ejemplo”, *El problema de las «imitaciones» durante la protohistoria en el Mediterráneo centro-occidental: Entre el concepto y el ejemplo*, *Iberia Archaeologica*, 18, Tübingen; pp. 15-25.
 - GRAN-AYMERICH, Jean, e PUYTISON-LAGARCE, Élisabeth Du (1995), “Recherches sur la période orientalisante en Étrurie et dans le Midi ibérique”, *Comptes rendus des séances de l’Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 139^e a., n.º 02, Paris; pp. 569-604.

- GUERRA, Amílcar (2015), “1. Culturas e povos primitivos de Itália”, *História de Roma Antiga, vol. I: Das origens à morte de César*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra; pp. 13-25.
- GUERRERO AYUSO, Víctor M. (2004), “Las Islas Baleares en los derroteros del Mediterráneo Central y Occidental”, *La Navegación Fenicia – Tecnología naval y derroteros. Encuentro entre marinos, arqueólogos e historiadores*, Madrid; pp. 85-133.
- GUERRERO AYUSO, Víctor M. (2008), “El Bronce Final en las Baleares. Intercambios en la antesala de la colonización fenicia del archipiélago”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.n.e). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 183-217.
- GUILAINE, Jean, e VERGER, Stéphane (2008), “La Gaule et la Méditerranée (13e-8e siècles avant notre ère)”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.n.e). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 219-237.
- GUZZO, Pietro Giovanni, e PERONI, Renato (1982), “1. La problematica dell’insediamento dell’Età del Bronzo e della prima Età del Ferro. Ipotesi di lavoro preliminari e impostazione della ricerca”, *Ricerche sulla protostoria della Sibaritide, 01*, Centre Jean Bérard, Nápoles; pp. 09-34.
- HARRISON, Richard (1974), “Nota acerca de algunas espadas del Bronce Final en la Península Ibérica”, *Ampurias, 36*, Barcelona; pp. 225-233.
- HAWKES, C. F. C. (1952), “Las relaciones en el bronce final, entre la Península Ibérica y las Islas Británicas con respecto a Francia y la Europa Central y Mediterránea”, *Empúries: revista de món clàssic i antiguitat tardana, 14* (até 1983, *Ampúries: revista de arqueología, prehistoria y etnografía*), Barcelona; pp. 81-119.
- IAIA, Cristiano (2006), “Prima del «simposio»: Vasi in bronzo e contesto sociale nell’Etruria meridionale protostorica”, *Rivista d’Archeologia de Ponent, n.º 16*, Universitat de Lleida, Lleida; pp. 261-270.
- IAIA, Cristiano (2017), “44. External Relationships, 10th cent. – 730 BCE”, *Etruscology*, De Gruyter; pp. 811-828.
- JÍMENEZ, Alicia (2014), “Mimesis/mimicry. Teoría arqueológica, colonialismo y imitación”, *El problema de las «imitaciones» durante la protohistoria en el Mediterráneo centro-occidental: Entre el concepto y el ejemplo, Iberia Archaeologica, 18*, Tübingen; pp. 27-40.

- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (2012), “Fenicios e indígenas en Iberia: Arquitecturas y ritos funerarios”, *I nuragici, i fenici e gli altri: Sardegna e Mediterraneo tra Bronzo Finale e Prima Età del Ferro. Atti del I Congresso Internazionale in occasione del venticinquennale del Museo “Genna Maria” di Villanovaforru (14-15 dicembre 2007)*, Sassari; pp. 221-239.
- JOVER MAESTRE, Francisco Javier, LORRIO ALVARADO, Alberto, e DÍAZ TENA, María de los Ángeles (2016), “El Bronce Final en el Levante de la Península Ibérica: Bases arqueológicas y periodización”, *Complutum*, 27, Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 81-108.
- JUNG, Reinhard (2009), “I «bronzi internazionali» ed il loro contesto sociale fra Adriatico, Penisola Balcanica e Coste Levantine”, *Dall’Egeo all’Adriatico: Organizzazioni sociali, modi di scambio e interazione in Età Postpalaziale (XII-XI sec. a.C.). Atti del Seminario internazionale (Udine, 01-02 dicembre 2006). Studi e Ricerche di Protostoria Mediterranea*, 08, Roma; pp. 129-157.
- JUNG, Reinhard (2018), “19. Push and Pull Factors of the Sea Peoples between Italy and the Levant”, *An Archaeology of Forced Migration. Crisis-induced mobility and the Collapse of the 13th c. BCE Eastern Mediterranean*, Presses universitaires de Louvain, Lovaina; pp. 273-306.
- JUNG, Reinhard, e MEHOFER, Mathias (2013), “Mycenaean Greece and Bronze Age Italy: Cooperation, trade or war?”, *Archäologisches Korrespondenzblatt*, 43, Mainz; pp. 175-193.
- KALB, Philine (1998), “Produção local e relações a longa distância na Idade do Bronze Atlântico do Oeste da Península Ibérica”, *Trabalhos de Arqueologia*, 10, Lisboa; pp. 157-165.
- KOERFFY, Alice (2010), *Description et analyse de l’évolution archéologique de deux régions européennes et de leurs hypothétiques contacts a l’Âge du Bronze et au début de l’Âge du Fer* (Dissertação de Mestrado), Université de Genève, Genebra.
- LÓPEZ CACHERO, Francisco Javier (2007), “Sociedad y Economía durante el Bronce Final y la Primera Edad del Hierro en el Noreste Peninsular: Una aproximación a partir de las evidencias arqueológicas”, *Trabajos de Prehistoria*, 64, n.º 01, Madrid; pp. 99-120.
- LÓPEZ CACHERO, Francisco Javier (2008), “Necrópolis de incineración y arquitectura funeraria en el Noreste de la Península Ibérica durante el Bronce Final y

- la Primera Edad del Hierro”, *Complutum*, 19, Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 139-171.
- LÓPEZ CASTRO, José Luis (2008), “Las relaciones mediterráneas en el II milenio a.C. y comienzos del I en la Alta Andalucía y el problema de la «precolonización» fenicia”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.n.e.)*. *La precolonización a debate*, Madrid; pp. 273-288.
 - LORRIO ALVARADO, Alberto José (2009-2010), “El Bronce Final en el Sureste de la Península Ibérica: Una revisión desde la arqueología funeraria”, *Anales de Prehistoria y Arqueología*, 25-26, Universidad de Murcia, Murcia; pp. 119-176.
 - LO SCHIAVO, Fulvia (2006), “Il Mediterraneo Occidentale prima degli Etruschi”, *Gli Etruschi e il Mediterraneo, commerci e politica. Annali della Fondazione per il Museo “Claudio Faina” (Orvieto)*, vol. XIII, Roma; pp. 29-58.
 - LO SCHIAVO, Fulvia (2008), “La metallurgia sarda: Relazioni fra Cipro, Italia e la Penisola Iberica. Un modello interpretativo”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.n.e.)*. *La precolonización a debate*, Madrid; pp. 417-436.
 - LO SCHIAVO, Fulvia (2010), “Le Fibule dell’Italia meridionale e della Sicilia dall’età del bronzo recente al VI secolo a.C. (Parte 1)”, *Prähistorische Bronzefunde Abteilung XIV, band 14, teil 01*, Estugarda; todo o volume.
 - LO SCHIAVO, Fulvia (2012 a), “Interconnessioni fra Mediterraneo e Atlantico nell’Età del Bronzo: Il punto di vista della Sardegna”, *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, 21, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona; pp. 107-134.
 - LO SCHIAVO, Fulvia (2012 b), “Gli Altri: Nuragici e Ciprioti a confronto”, *I nuragici, i fenici e gli altri: Sardegna e Mediterraneo tra Bronzo Finale e Prima Età del Ferro. Atti del I Congresso Internazionale in occasione del venticinquennale del Museo “Genna Maria” di Villanovaforru (14-15 dicembre 2007)*, Sassari; pp. 14-40.
 - LO SCHIAVO, Fulvia, e MILLETTI, Mateo, (2011), “Una rilettura del ripostiglio di Falda della Guardiola, Populonia (LI)”, *Archeologia Classica – Nuova Serie*, vol. LXII, n.s. 01, Sapienza Università di Roma, Roma; pp. 309-355.
 - LO SCHIAVO, Fulvia, FALCHI, Paola, e MILLETTI, Mateo (2013), “Sardegna ed Etruria tirrenica: Identità in formazione. Ripostigli e scambi della fase di transizione fra la fine del Bronzo Finale e la Prima Età del Ferro”, *Δόσις δ'ὀλίγη τε φίλη τε: Studi per Antonella Romualdi*, Firenze; pp. 371-416.

- LOUSADA, José Luís (2016), *Declaração*, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real. Disponível *online*, no *site* do Instituto da Conservação, da Natureza e das Florestas (ICNF), com o URL: <http://www2.icnf.pt/portal/florestas/aip/resource/doc/certificados/KNJ1-478-Declaracao.pdf> (consultado pela última vez no dia 23 de novembro de 2020).
- LUCAS PELLICER, María Rosario, e GÓMEZ RAMOS, Pablo (1993), “Transporte marítimo del metal como materia prima durante el Bronce Final”, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid (CuPAUAM)*, 20, Madrid; pp. 107-131.
- MACNAMARA, Ellen (1982), *Vita Quotidiana degli Etruschi*, Roma.
- MALUQUER DE MOTES, Juan, MUÑOZ AMILIBIA, Ana María, e BLASCO, F. (1959), “Cata estratigráfica en el poblado de La Pedrera, en Vallfogona de Balaguer (Lérida)”, *Zephyrus*, n.º 10, Universidad de Salamanca, Salamanca; pp. 05-79.
- MANDOLESI, Alessandro, e CASTELLO, Claudio (2009), “Modellini di navi tirrenico-villanoviane da Tarquinia”, *Mediterranea*, VI, Pisa; pp. 09-28.
- MARANER, Alice (2013-2014), *Doni votivi di spade alle acque del territorio atesino. Quadro di sintesi* (Dissertação de Licenciatura), Università degli Studi di Trento, Trento.
- MARÍN AGUILERA, Beatriz (2016), *Habitar lo doméstico: Una arqueología de la cotidianidad en la Italia central y el sur ibérico entre los siglos IX y VI a. C.* (Tese de Doutoramento), Universidad Complutense de Madrid, Madrid.
- MARTÍN, Assunción (texto original); GARCÍA BLANCO, Ángela, e FERNÁNDEZ, Dori (adaptação do texto a panfleto) (2011), *Depósito de la ría de Huelva. Tesoro a tesoro: descúbrelas*, Museo Arqueológico Nacional, Madrid.
- MARTÍN BRAVO, Ana María, e GALÁN, Eduardo (1998), “Poblamiento y circulación metálica en la Beira Interior y Extremadura durante el Bronce Final y la transición a la Edad del Hierro”, *Actas do Colóquio “A Pré-história na Beira Interior” (Tondela, Nov. 1997)*, Viseu; pp. 305-323.
- MARTÍN DE LA CRUZ, José Clemente (1984-1985), “Problemas en torno a la definición del Bronce Tardío en la Baja Andalucía”, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, 11-12, Universidad Autónoma de Madrid: Departamento de Prehistoria y Arqueología, Madrid; pp. 205-216.

- MARTÍN DE LA CRUZ, José Clemente (2008), “El valle medio del Guadalquivir”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.C.). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 289-299.
- MARTINELLI, Maurizio (2004), *La lancia, la spada, il cavallo. Il fenomeno guerra nell’Etruria e nell’Italia Centrale tra Età del Bronzo ed Età del Ferro*, Florença.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, Julio (1942), “Escondrijo de la Edad del Bronce Atlántico en Huerta de Arriba (Burgos)”, *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria, Tomo XVII, Cuadernos 01-04*, Madrid; pp. 127-164.
- MARTINS, M., e JORGE, S. O. (1992), “Substrato cultural das etnias pré-romanas do Norte de Portugal”, *Complutum, 02-03*, Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 347-372.
- MAYET, Françoise, e SILVA, Carlos Tavares da (2000), “Os Fenícios no estuário do Sado”, *Trabalhos de Arqueologia 14 - Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida*, Lisboa; pp. 71-83.
- MAZZÙ, Angelo, e GAMBARI, Filippo Maria (2018), “Dynamical Loads on the Bronze Age Crossbar Wheel of Mercurago”, *Global Journal of Archaeology & Anthropology, vol. 06, issue 02*, Irvine; pp. 01-04.
- MAZZÙ, Angelo, GAMBARI, Filippo Maria, UBERTI, S., BODINI, I., PASINETTI, S., e SANSONI, G. (2018), “An engineering study of a Bronze Age war chariot”, *IOP Conference Series: Materials Science and Engineering, 364*, Florença; pp. 01-08.
- MEDAS, Stefano (2008), “La navigazione antica lungo le coste atlantiche dell’Africa e verso le Isole Canarie. Analisi della componente nautica a confronto con le esperienze medievali”, *Los Fenicios y el Atlántico – IV Coloquio del CEFYP*, Madrid; pp. 143-215.
- MEDEROS MARTÍN, Alfredo (1996), “La Cronología Absoluta de Andalucía Occidental durante la Prehistoria Reciente (6100-850 a.C.)”, *SPAL, 05*, Universidad de Sevilla, Sevilla; pp. 45-86.
- MEDEROS MARTÍN, Alfredo (1997 a), “Nueva Cronología del Bronce Final en el Occidente de Europa”, *Complutum, 08*, Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 73-96.

- MEDEROS MARTÍN, Alfredo (1997 b), “Cambio de rumbo. Interacción comercial entre el Bronce Final atlántico ibérico y micénico en el Mediterráneo Central (1425-1050 a.C.)”, *Trabajos de Prehistoria*, 54, n.º 02, Madrid; pp. 113-134.
- MEDEROS MARTÍN, Alfredo (2008 a), “Carros micénicos del Heládico Final III en las estelas decoradas del Bronce Final II-IIIa del Suroeste de la Península Ibérica”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.C.). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 437-463.
- MEDEROS MARTÍN, Alfredo (2008 b), “Las espadas de tipo Huelva y los inicios de la presencia fenicia en occidente durante el bronce final IIC-IIIa 1150-950 AC”, *CuPAUAM*, 34, Madrid; pp. 41-75.
- MEDEROS MARTÍN, Alfredo (2009 a), “Metal para los dioses. La secuencia del grupo Baiões durante el Bronce Final II y el comercio chipriota de hierro hacia Portugal (1200-1050 a.C.)”, *Estudios de Prehistoria y Arqueología en homenaje a Pilar Acosta Martínez*, Universidad de Sevilla, Sevilla; pp. 279-304.
- MEDEROS MARTÍN, Alfredo (2009 b), “La sepultura de Belmeque (Beja, Bajo Alentejo). Contactos con el Egeo durante el Bronce Final I del Suroeste de la Península Ibérica (1625-1425 AC)”, *Veleia*, 26, Universidad País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea, Leioa; pp. 235-264,.
- MEDEROS MARTÍN, Alfredo (2019), “Auga dos Cebros (Pontevedra, Galicia): Un barco del Bronce Final II en la fachada atlántica de la Península Ibérica (1325-1050 a.C.)”, *SAGVNTVM (P.L.A.V.)* 51, Universitat de València, València; pp. 23-39.
- MEDEROS MARTÍN, Alfredo, e HARRISON, Richard J. (1996), “Placer de dioses». Incensarios en soportes con ruedas del Bronce Final de la Península Ibérica”, *Complutum Extra*, 06 (I), Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 237-253.
- MEDEROS MARTÍN, Alfredo, e RUIZ CABRERO, Luis (2001), “Los inicios de la escritura en la Península Ibérica. Grafitos en cerámicas del Bronce Final III y Fenicias”, *Complutum*, 12, Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 97-112.
- MEDEROS MARTÍN, Alfredo, e JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (2020), “La cronología del yacimiento protohistórico de Cancho Roano (Zalamea de la Serena, Badajoz, España): Dataciones radiocarbónicas, meseta de Hallstatt y efecto madera vieja”, *ANEJOS a CuPAUAM* 04 – *Docendo discimus: Homenaje a la profesora Carmen Fernández Ochoa*, Madrid; pp. 125-137.

- MEIJIDE CAMESELLE, Gonzalo (1988), *Las espadas del Bronce Final en la Peninsula Iberica*, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- MELANDRI, Gianluca (n.d.), *L'Età del Ferro a Capua – Aspetti distintivi del contesto culturale e suo inquadramento nelle dinamiche di sviluppo dell'Italia protostorica* (Tese de Doutoramento), Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, Roma.
- MELO, Ana Ávila de, CARDOSO, João Luís, e GIUMLIA-MAIR, Alessandra (2017), “Tapada da Ajuda (Lisbon, Portugal) Bronze Age pin”, *Materials and Manufacturing Processes*, vol. 32, n.º 07-08, Filadélfia; pp. 792-797.
- MILCENT, Pierre-Yves (2006), “Les importations italiques au Nord-Ovest du Midi Gaulois (milieu du X^e – debut du IV^e s. av. J.-C.): Inventaire et perspectives d’interprétation”, *Gli Etruschi da Genova ad Ampurias. Atti del XXIV Convegno di Studi Etruschi e Italici (Marseille – Lattes, 26 settembre – 01 ottobre 2002)*, I, Pisa-Roma; pp. 319-355.
- MILCENT, Pierre-Yves (2015), “Bronze objects for Atlantic Elites in France (13th – 8th century BC)”, *Scotland in Later Prehistoric Europe*, Society of Antiquaries of Scotland, Edimburgo; pp. 19-46.
- MILLETTI, Matteo (2012), “Cimeli d’identità – Tra Etruria e Sardegna nella Prima Età del Ferro”, *Officina Etruscologia*, 06, Roma; todo o volume.
- MULLEN, Alex, e RUIZ DARASSE, Coline (2019), “Cultural and linguistic contacts in southern Gaul”, *Palaeohispanic Languages and Epigraphies*, Oxford University Press, Oxford; pp. 198-218.
- Musée de Préhistoire des gorges du Verdon Quinson e Complesso Museale «Cav. G. Avena» Chiusa di Pesio (2019), *Trésors Alpains de l’âge du Bronze / Tesori Alpini dell’età del Bronzo, Catalogue de l’exposition / Catalogo della mostra (30 mars-30 novembre / 30 marzo-30 novembre)*, Musée de Préhistoire des gorges du Verdon, Quinson.
- NALLIER, Renaud, e SIMONIN, Daniel (2016), “Découvertes anciennes de l’âge du Bronze dans la plaine de la Varenne à Melun (Seine-et-Marne)”, *Bulletin de La Société Préhistorique Française*, t. 113, n.º 03, Nanterre; pp. 587-598.
- NASO, Alessandro (2004), “The Etruscans in Lazio”, *The Etruscans Outside Etruria*, Los Angeles; pp. 220-235.

- NEGRONI CATAACCHIO, Nuccia (1976), “Le vie dell’ambra. I passi alpini orientali e l’Alto Adriatico”, *Antichità Altoadriatiche IX. Aquileia e l’Arco Alpino Orientale*, EUT – Edizioni Università di Trieste, Trieste; pp. 21-59.
- NEGRONI CATAACCHIO, Nuccia (2014), “I vaghi tipo Tirinto e Allumiere come indicatori di status. Nuovi dati su cronologia e diffusione”, *Amore per L’antico – Dal Tirreno all’Adriatico, dalla Preistoria al Medioevo e oltre. Studi di antichità in ricordo di Giuliano de Marinis, vol. 01*, Roma; pp. 03-14.
- NEUMAIER, Joachim (1999), “Nueva interpretación de la “espada-puñal” de la Cova de la Font Major en l’Espluga de Francolí (Tarragona). El factor de las influencias italianas durante el Bronce Final en el litoral mediterráneo español”, *Quaderns de prehistòria i arqueologia de Castelló, 20*, Castelló de la Plana; pp. 83-94.
- NEUMAIER, Joachim (2006), “Mito, artesanía e identidad cultural: los «Campos de Urnas» peninsulares y languedocienses a la luz de elementos «italianizantes». A propósito del paradigma de los Urnenfelder «norte» y «sur» entorno del 1300-700 arc. ane”, *Quaderns de prehistòria i arqueologia de Castelló, 25*, Castelló de la Plana; pp. 147-166.
- NÚÑEZ-GARCÍA, Alicia (2016), *A tale of exchange and symmetry: Intercultural contacts between Northwest Iberia and the Mediterranean (9th---7th Centuries BCE)* (Tese de Mestrado), University of Edinburgh, Edimburgo.
- OLAETXEA, Carlos, PEÑALVER, Xabier, e VALDES, Luis (1990), “Bronce Final y la Edad del Hierro en Gipuzkoa y Bizkaia”, *Munibe (Antropologia-Arkeologia), n.º 42*, San Sebastián; pp. 161-165.
- PACCIARELLI, Marco (2012), “La multiforme realtà delle pratiche funerarie del Bronzo nel Sud Italia. Esempi Dauni e non”, *32º Convegno Nazionale sulla Preistoria-Protostoria-Storia della Daunia. San Severo 12 – 13 novembre 2011*, San Severo; pp. 217-234.
- PALLOTTINO, Massimo (2016 (7.ª edição)), *Etruscologia*, Milão.
- PALMUCCI, Alberto (2015), “Da Occidente ad Oriente: I Popoli del Mare e la spada di Capo Linaro”, *Bollettino della società storica civitavecchiese, n.º 21*, Civitavecchia; pp. 02-26.
- PARE, Christopher (1991), “Fürstensitze, Celts and the Mediterranean World: Developments in the West Hallstatt Culture in the 6th and 5th Centuries BC”, *Proceedings of the Prehistoric Society, 57, part 02*, Cambridge; pp. 183-202.

- PARE, Christopher (2008), “Italian metalwork of the 11th–9th centuries BC and the absolute chronology of the dark age Mediterranean”, *Proceedings of the XV World Congress (Lisbon, 04-09 September 2006) / Actes du XV Congrès Mondial (Lisbonne, 04-09 Septembre 2006), A New Dawn for the Dark Age? Shifting Paradigms in Mediterranean Iron Age Chronology / L'âge obscur se fait-il jour de nouveau? Les paradigmes changeants de la chronologie de l'âge du Fer en Méditerranée*, Oxford; pp. 77-101.
- PEARCE, Mark (2018), “Frattesina: La prospettiva europea”, *Frattesina: Un centro internazionale di produzione e di scambio nella Tarda Età del Bronzo del Veneto. Atti della Accademia Nazionale dei Lincei, serie IX, vol. XXXIX, fascicolo 01*, Roma; pp. 339-396.
- PELLEGRINO, Carmine (2013), “La Campania degli Etruschi”, *Vetulonia, Pontecagnano e Capua – Vite parallele di tre città etrusche*, Monteriggioni; pp. 34-39.
- PELLICER CATALÁN, Manuel (1984), “Elementos ultrapirenaicos y Hallstattizantes en el horizonte del Bronce Final-Hierro del Noreste hispano”, *Habis*, 15, Universidad de Sevilla, Sevilla; pp. 309-344.
- PELLICER CATALÁN, Manuel (1986), “El Bronce Reciente e Inicios del Hierro en Andalucía Oriental”, *Habis*, 17, Universidad de Sevilla, Sevilla; pp. 433-476.
- PELLICER CATALÁN, Manuel (1992), “Una visión sintética de la Prehistoria de Andalucía: Neolítico-Bronce Reciente”, *SPAL*, 01, Universidad de Sevilla, Sevilla; pp. 99-106.
- PELLICER CATALÁN, Manuel (2007), “La Necrópolis Laurita (Almuñecar, Granada) en el contexto de la colonización fenicia”, *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, 15, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona; pp. 11-192 (toda a obra).
- PELLICER CATALÁN, Manuel (2008), “Los inicios del rito funerario de la incineración en la Península Ibérica”, *Revista Tabona*, 16, Universidad de La Laguna, San Cristóbal de La Laguna; pp. 13-35.
- PEREA, Alicia, e ARMBRUSTER, Barbara (2008), “Tradición, cambio y ruptura generacional. La producción orfebre de la fachada atlántica durante la transición Bronce-Hierro de la Península Ibérica”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.C.). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 509-520.

- PEREIRA, Maria Helena da Rocha (1955-1956), “Notícia sobre vasos gregos existentes em Portugal”, *Humanitas*, vol. 07-08, Coimbra; pp. 177-194.
- PEREIRA, Gabriel R., e ARRUDA, Ana M. (2017), “Boats carved on the Atlantic coast of the Iberian Peninsula. Landscape, symbols and people”, *Recorded places, experienced places: The Holocene rock art of the Iberian Atlantic north-west*, Oxford; pp. 193-207.
- PEREZ, Claire (2014), “Imitation, innovation et transfert de technologie: Le faciès atlantique en péninsule Ibérique à l’âge du Bronze final”, *Archimède: Archéologie et histoire ancienne*, 01, Université de Strasbourg, Estrasburgo; pp. 238-244.
- PETTENA, Giulia (2010), “Navi etrusche”, *Il mare degli Etruschi: Atti del convegno promosso dalle Commissioni consiliari Seconda “Agricoltura” e Quinta “Attività culturali e Turismo” del Consiglio Regionale della Toscana. Piombino – Orbetello, 18-20 settembre 2009*, Florença; pp. 85-103.
- PIAY AUGUSTO, Diego, CANO PAN, Juan A., e NAVEIRO LÓPEZ, Juan (2015), “La construcción anular y el *enclos* de Ventosiños (Coeses, Lugo). Estudio preliminar de un conjunto del Bronce Final”, *Zephyrus*, LXXVI, Universidad de Salamanca, Salamanca; pp. 57-76.
- PONTE, Maria de La Salette da (1984), “Fíbulas do museu etnográfico e arqueológico Dr. Joaquim Manso (Nazaré)”, *Conímbriga*, vol. XXIII, Universidade de Coimbra, Coimbra; pp. 87-98.
- PONTE, Maria de La Salette da (1985), “Algumas fíbulas de Alcácer do Sal”, *O Arqueólogo Português, Série IV*, 03, Lisboa; pp. 137-154.
- PONTE, Maria de La Salette da (1999), “As Fíbulas do Bronce Final no Norte e Centro de Portugal: rede de intercâmbios e assimetrias”, *Revista de Guimarães, Volume Especial, II*, Guimarães; pp. 539-560.
- PONTE, Maria de La Salette da (2006), *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*, Coimbra.
- RAFEL I FONTANALS, Núria (1977-1978), “La Cueva de «La Roca del Frare» en la Llacuna, comarca del Penedès”, *Pyrenae: Revista de prehistòria i antiguitat de la Mediterrània Occidental*, n.º 13-14, Universitat de Barcelona, Barcelona; pp. 43-59, lámina I.
- RAFEL I FONTANALS, Núria, VIVES-FERRÁNDIZ, Jaime, ARMADA, Xosé-Lois, e GRAELLS, Raimon (2008), “Las comunidades de la Edad del Bronce entre el

- Empordà y el Segura: Espacio y tiempo de los intercambios”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.C.)*. La precolonización a debate, Madrid; pp. 239-271.
- RAVAGLIA, Marcello (2009), “La metallurgia in Romagna e nel Bolognese durante l’Età del Bronzo”, *IpoTESI di Preistoria, vol. 01*, Università di Bologna, Bolonha; pp. 259-280.
 - RECCHIA, Giulia, e TUNZI SISTO, Anna Maria (2003), “Alcune note sull’articolazione interna di Grotta Manaccora durante l’Età del Bronzo”, *23° Convegno Nazionale sulla Preistoria – Protostoria – Storia della Daunia. San Severo, 23 – 24 novembre 2002. ATTI*, San Severo; pp. 339-348.
 - RENDELI, Marco (2017), “I percorsi dell’acqua”, *Hagnos, Miasma e Katharsis. Viaggio tra le categorie del puro e dell’impuro nell’immaginario del mondo antico. Atti del Convegno Internazionale di Studi in onore di Simonetta Angiolillo (Cagliari, 4-6 maggio 2016). OTIVM, Archeologia e Cultura del Mondo Antico, n. ° 03*, Perugia (revista online); pp. 01-32. Disponível online, no site Otium.unipg.it (com o URL: <http://www.otium.unipg.it/otium/issue/view/3>; consultado pela última vez a 06 de novembro de 2022).
 - RENDELI, Marco (2020), “I «viaggi» degli Etruschi”, *Etruschi, Viaggio nelle terre dei Rasna*, Electa; pp. 39-45.
 - RIBEIRO, Telma (2017), *Cerâmica e áreas funcionais: O conjunto cerâmico do “Ambiente AW3 Exterior” do Cabeço do Crasto de S. Romão (Seia) (Tese de Mestrado)*, Universidade de Lisboa, Lisboa.
 - ROCCA, Giorgio (2012), “Considerazioni sulla circolazione dei beni nel Tardo Bronzo. Il caso dei ripostigli della Conca Velina”, *Bollettino di Archeologia Online (Direzione Generale per le antichità), Anno III, n.° 2*; pp. 71-88.
 - RODRÍGUEZ-CORRAL, Javier (2015), “Las estatuas-menhir noroccidentales en contexto: Conectividad y conexiones materiales durante el Bronce Tardío/Final”, *Complutum, vol. 26, n.° 01*, Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 153-172.
 - ROVIRA, Salvador, e AMBERT, Paul (2002), “Vasijas cerámicas para reducir minerales de cobre en la Península Ibérica y en la Francia Meridional”, *Trabajos de Prehistoria, 59, n.° 01*, Madrid; pp. 89-105.

- ROVIRA I PORT, Jordi (1994), “Ámbar y pasta vítrea. Elementos de prestigio entre el Neolítico avanzado y el Bronce Final del Nordeste de la Península Ibérica. Un primer estado de la cuestión”, *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*, n.º 16, Castelló de la Plana; pp. 67-91.
- ROVIRA I PORT, Jordi (1998), “La daga de la Cova de Joan D’os. Reflexions a propòsit de les espases, punyals i dagues del Bronce Final de Catalunya”, *Cypsela*, 12, Barcelona; pp. 161-166.
- RUBAT BOREL, Francesco (2006), “Il Bronzo Finale nell’estremo Nord-Ovest italiano: Il gruppo Port-Valperga”, *Rivista di Scienze Preistoriche*, 56, Istituto Italiano di Preistoria e Protostoria, Florença; pp. 429-482.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1982) *La Península Ibérica y sus Relaciones con el Círculo Cultural Atlántico* (Tese de Doutoramento), Universidade Complutense de Madrid, Madrid.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1986), “Navegación y comercio entre el Atlántico y el Mediterráneo a fines de la Edad del Bronce”, *Trabajos de Prehistoria*, 43, Madrid; pp. 09-42.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1990), “Canciones del muchacho viajero”, *Veleia*, 07, Universidad País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea, Leioa; pp. 79-103.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1993), “El Occidente de la Península Ibérica, punto de encuentro entre el Mediterráneo y el Atlántico a fines de la Edad del Bronce”, *Complutum*, 04, Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 41-68.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1995), “El significado de la Ría de Huelva en el contexto de las relaciones de intercambio y de las transformaciones producidas en la transición Bronce Final/Edad del Hierro”, *Complutum*, n.º extra 05, Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 129-156.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (2008), “Writing, counting, self-awareness, experiencing distant worlds. Identity processes and free-lance trade in the Bronze Age/Iron Age transition”, *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e.). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 27-40.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (2009), “¿Qué hace un micénico como tú en un sitio como éste? Andalucía entre el colapso de los palacios y la presencia semita”, *Trabajos de Prehistoria*, 66, n.º 02, Madrid; pp. 93-118.

- RUIZ MATA, Diego (1998), “Visión actual de la Fundación de Gadir en la Bahía Gaditana. El Castillo de Doña Blanca en El Puerto de Santa María y la ciudad de Cádiz. Contrastación textual y arqueológica.”, *Revista de Historia de El Puerto*, 21, El Puerto de Santa María; pp. 11-88.
- RUIZ MATA, Diego, e GÓMEZ TOSCANO, Francisco (2008), “El final de la Edad del Bronce en el Suroeste ibérico y los inicios de la colonización fenicia en Occidente”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.n.e). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 323-353.
- RUIZ ZAPATERO, Gonzalo (2004), “Casas y Tumbas. Explorando la desigualdad social en el Bronce Final y Primera Edad del Hierro del NE de la Península Ibérica”, *Mainake*, XXVI, Málaga; pp. 293-330.
- SABATINI, Serena (2007), *House Urns. A European Late Bronze Age Trans-cultural Phenomenon*, Göteborgs Universitet, Gotemburgo.
- SABATINI, Serena, e LO SCHIAVO, Fulvia (2020), “Late Bronze Age Metal Exploitation and Trade: Sardinia and Cyprus”, *Materials and Manufacturing Processes*, vol. 35, n.º 13, Filadélfia; pp. 01-18.
- SAMPAIO, Hugo (2014), *A Idade do Bronze na bacia do rio Ave (Noroeste de Portugal)* (Tese de Doutoramento), Universidade do Minho, Braga.
- SÁNCHEZ MORENO, Eduardo (1997), *Meseta Occidental e Iberia Exterior. Contacto cultural y relaciones comerciales en Época Prerromana* (Tese de Doutoramento), Universidad Autónoma de Madrid, Madrid.
- SANNIBALE, Maurizio (1998), *Le armi della collezione Gorga al Museo nazionale romano*, Roma (pp. 97-98). Vista parcial da obra, através do site “Google Livros”.
- SANTOS, André Tomás, VILAÇA, Raquel, e MARQUES, João Nuno (2011), “As estelas do Baraçal, Sabugal (Beira Interior, Portugal)”, *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-História – Actas das IV Jornadas Raianas*, Sabugal; pp. 319-342.
- SASSATELLI, Giuseppe (2004), “The Etruscans on the Po Valley”, *The Etruscans Outside Etruria*, Los Angeles; pp. 168-191.
- SAYAGO REDONDO, Vanessa (2012), *Caracterización y Evolución de las Prácticas Funerarias durante el Calcolítico y la Edad del Bronce en la Extremadura Española* (Dissertação de Mestrado), Universidad de Cantabria, Santander.
- SEGARA CRESPO, Diana (2014), “Imitar lo cotidiano para pasar «al outro lado». Reflexiones en torno al fenómeno de la miniaturización”, *El problema de las*

«imitaciones» durante la protohistoria en el Mediterráneo centro-occidental: Entre el concepto y el ejemplo, *Iberia Archaeologica*, 18, Tübingen; pp. 41-47.

- SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos (1996), “The symbolism of power in central Portugal Late Bronze age communities”, *Máthesis*, 05, Departamento de Letras da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa; pp. 163-175.
- SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos (2013 a), “Aspectos do Centro-Norte do Ocidente Peninsular no Final da Idade do Bronze: Povoamento, Metalurgia e Sociedade”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 20, Oeiras, Câmara Municipal; pp. 173-190.
- SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos (2013 b), “Um rio na(s) rota(s) do estanho: O Tejo entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro”, *Cira Arqueologia*, 02, Vila Franca de Xira; pp. 07-18.
- SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos, FIGUEIREDO, E., ARAÚJO, M. F., SILVA, R. J. C., VALÉRIO, P., e VAZ, J. L. I. (2011), “Metallurgy and Society in “Baiões/Santa Luzia” Culture Group: Results of the METABRONZE Project”, *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental/ Settlement and Mining in the Atlantic Western Europe. Proceedings of the First International Congress, Braga, 10th December of 2010*, Braga; pp.405-420.
- SCHATTNER, Thomas G. (2011-2012), “Sobre los carros con copa de Baiões”, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid (CuPAUAM)*, 37-38, Madrid; pp. 263-295.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da, SILVA, Celso Tavares da, e LOPES, António Baptista (1984), “Depósito de fundidor do final da Idade do Bronze do Castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu)”, *Lucerna – Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão*, Porto; pp. 73-95, EST. I – EST. XIV.
- SILVA, Carlos Tavares da, e SOARES, Joaquina (2006), *Territórios da Pré-História em Portugal, Vol. 07 – Setúbal e Alentejo Litoral*, Tomar.
- SILVESTRINI, Mara, e PIGNOCCHI, Gaia (1997), “The Bronze Age settlement of Moscosi-Cingoli (MC)”, *Preistoria Alpina*, vol. 33, Trento; pp. 155-160.
- SIMONE, Laura (1986), “Fondo di capanna dell'Età del Bronzo a Garlasco (PV) Loc. Boffalora”, *Preistoria Alpina - Museo Tridentino di Scienze Naturali*, vol. 22, Trento; pp. 149-161.

- SOARES, António M. Monge (2005), “Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*. vol. 08, n.º 01, Lisboa; pp. 111-145.
- SOARES, António M. Monge e ARRUDA, Ana Margarida (2016), “A cronologia de radiocarbono para a Idade do Ferro Orientalizante no território português. Uma leitura crítica dos dados arqueométricos e arqueológicos.”, *Iber-Crono, Actas del Congreso de Cronometrías para la Historia de la Península Ibérica*, Barcelona; pp. 235-259.
- SOUVILLE, Georges (1998), “Contacts et échanges entre la Péninsule Ibérique et le Nord-Ouest de l'Afrique durant les temps préhistoriques et protohistoriques”, *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 142^e a., n.º 01, Paris; pp. 163-177.
- SPARACELLO, V.S., VARALLI, A., ROSSI, S., PANELLI, C., GOUDE, G., PALSTRA, S.W.L., CONVENTI, M., DEL LUCCHESI, A., AROBBA, D., DE PASCALE, A., ZAVATTARO, M., GARIBALDI, P., ROSSI, G., MOLINARI, I., MAGGI R., MOGGI-CECCHI, J., STARNINI, E., BIAGI, P., e DORI, I. (2020), “Dating the funerary use of caves in Liguria (northwestern Italy) from the Neolithic to historic times: Results from a large-scale AMS campaign on human skeletal series”, *Quaternary International*, vol. 536, Amesterdão; pp. 30-44.
- SUÁREZ PADILLA, José, RAMON TORRES, Joan, MORA SERRANO, Bartolomé, SALVAGO SOTO, Leticia, e CHACÓN MOHEDANO, Cristina (2020), “La cronología fundacional de la Malaka fenicia: Investigaciones en el Solar del Rectorado de la Universidad de Málaga”, *SPAL*, 29.1, Universidad de Sevilla, Sevilha; pp. 41-77.
- TORRES ORTIZ, Mariano (2002), *Tartessos*, Madrid.
- TORRES ORTIZ, Mariano (2008), “Los «tiempos» de la precolonización”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.n.e). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 59-91.
- TUNZI SISTO, Anna Maria, BETTELLI, Marco, TIZIANA LEVI, Sara, PERONI, Renato, e VANZETTI, Alessandro (2003), “L'ipogeo dei bronzi di Trinitapoli (FG). Aspetti del rituale funerario nell'ottica dell'organizzazione della società”, *Atti della XXXV Riunione Scientifica. Le comunità della Preistoria italiana, Studi e ricerche sul Neolitico e le Età dei Metalli. Castello di Lipari, Chiesa di S. Caterina, 02-07 giugno 2000*, Florença; pp. 417-429.

- VAGNETTI, Lucia (1974), “Appunti sui bronzi egei e ciprioti del ripostiglio di Contigliano (Rieti), *Mélanges de l'École française de Rome. Antiquité, tome 86, n.º 02*, Roma; pp. 657-671.
- VALÉRIO, Pedro, ARAÚJO, Maria, SENNA-MARTINEZ, João Carlos, e VAZ, João (2006), “Caracterização química de produções metalúrgicas do Castro da Senhora da Guia de Baiões (Bronze Final)”, *O Arqueólogo Português*, 24, Lisboa; pp. 289-319.
- VAN BRUGGEN, Lynne (2010-2011), *Peschiera dolk uit de collectie van het GIA. Inventarisnummer 1951/IV-14: Peschiera-Dolche mit Griff-Randzunge* (Trabalho académico), Groninger Institute of Archaeology, Poststraat.
- VAN DEN BERG, K. A. M. (2018). *Keeping in touch in a changing world: Network dynamics and the connections between the Aegean and Italy during the Bronze Age-Iron Age Transition (ca.1250-1000 BC)*. (Tese de Doutoramento), Vrije Universiteit Amsterdam, Amesterdão.
- VARENNA, Alba (2016), *La presencia de producciones etruscas en el extremo Nordeste de la Península Ibérica: Estudio arqueológico* (Tese de Doutoramento), Universitat di Girona, Girona.
- VÁZQUEZ VÁRELA, J. M. (1983), “Los petroglifos gallegos”, *Zephyrus*, XXXVI, Universidad de Salamanca, Salamanca; pp. 43-51.
- VELASCO VÁZQUEZ, Javier, e ESPARZA ARROYO, Ángel (2015), “La Compleja Caracterización de la Población de Cogotas I: La Perspectiva de la Antropología Dental”, *AnMurcia*, 31, Universidad de Murcia, Murcia; pp. 41-58.
- VILAÇA, Raquel (1998), “Hierarquização e conflito no Bronze Final da Beira Interior”, *Colóquio Internacional: Existe uma Idade do Bronze Atlântico? (Lisboa, 1995) – Trabalhos de Arqueologia*, 10, IPA, Lisboa; pp. 203-217.
- VILAÇA, Raquel (2006 a), “Artefactos de ferro em contextos do Bronze Final do território português: Novos contributos e reavaliação dos dados”, *Complutum*, 17, Universidad Complutense de Madrid, Madrid; pp. 81-101.
- VILAÇA, Raquel (2006 b), “Depósitos de Bronze do Território Português – Um debate em aberto”, *O Arqueólogo Português, Série IV*, 24, Lisboa; pp. 09-150.
- VILAÇA, Raquel (2007), “Todos os caminhos vão dar ao Ocidente: Trocas e contactos no Bronze Final”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 15, Oeiras, Câmara Municipal; pp. 135-154.

- VILAÇA, Raquel (2008), “Reflexões em torno da «presença mediterrânea» no centro do território português, na charneira do Bronze para o Ferro”, *Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.n.e). La precolonización a debate*, Madrid; pp. 371-400.
- VILAÇA, Raquel (2008-2009), “Sobre *tranchets* do Bronze Fnal do Ocidente Peninsular”, *Portugália, Nova Série, vol. XXIX-XXX*, ooo; pp. 61-84.
- VILAÇA, Raquel (2009), “Sobre rituais do corpo em finais do II milénio/inícios do I milénio a.C.: do espaço europeu ao território português”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras, 17*, Oeiras, Câmara Municipal; pp. 489-511.
- VILAÇA, Raquel (2012 a), “Idade do Bronze, 2. Bronze Final”, *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Porto; pp. 178-180.
- VILAÇA, Raquel (2012 b), “Estelas de tipo *extremeño*”, *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Porto; pp. 150-152.
- VILAÇA, Raquel (2012 c), “Cerâmica do Bronze Final”, *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Porto; pp. 93-95.
- VILAÇA, Raquel (2013 a), “O povoamento da Beira Interior durante o Bronze Final: Evidências, interação e simbolismos”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras, 20*, Oeiras, Câmara Municipal; pp. 191-220.
- VILAÇA, Raquel (2013 b), “A Presença Mediterrânea no Mundo Interior Beirão, Centro de Portugal (sécs. XI/X – VII/VI a. C.)”, *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, vol. 01*, UNIARQ, Lisboa; pp. 396-411.
- VILAÇA, Raquel (2013 c), “Late Bronze Age: Mediterranean impacts in the Western End of the Iberian Peninsula (actions and reactions)”, *Interacción Social y Comercio en la Antesala del Colonialismo: Los Metales como Protagonistas. Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 21*, Universidad Pompeu Fabra, Barcelona; pp. 13-41.
- VILAÇA, Raquel (2015), “As faces da morte. Do Bronze para o Ferro, entre o Norte e o Sul do território português”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia 53-55*, Porto; pp. 83-105.
- VILAÇA, Raquel, e CUNHA, Eugénia (2005) “A Roça do Casal do Meio (Calhariz, Sesimbra) - Novos contributos”, *Al-Madan, II série, n.º 13*, Almada; pp. 48-57.
- VILAÇA, Raquel, ALMEIDA, Sara, BOTTAINI, Carlo, MARQUES, João Nuno, e MONTERO-RUIZ, Ignacio (2011), “Metalurgia do Castro do Cabeço da Argemela

- (Fundão): formas, conteúdos, produções e contextos”, *Povoamento e Exploração dos Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*, Braga; pp. 427-451.
- VILAÇA, Raquel, SANTOS, André Tomás, e GOMES, Sofia Melo (2011), “As estelas de Pedra da Atalaia (Celorico da Beira, Guarda) no seu contexto geo-arqueológico”, *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-História – Actas das IV Jornadas Raianas*, Sabugal; pp. 293-318.
 - VILAÇA, Raquel, JÍMENEZ ÁVILA, Javier, e GALÁN DOMINGO, Eduardo (2012), “El poblado de Los Concejiles (Lobón, Badajoz) en el contexto del Bronce Final del Guadiana Medio”, *SIDEREUM ANA II: el río Guadiana en el Bronce Final. Anejos de Archivo Español de Arqueología LXII*, Mérida; pp. 125-165.
 - VILAÇA, Raquel, BOTTAINI, Carlo, e MONTERO-RUIZ, Ignacio (2012), “O depósito do Cabeço de Maria Candal, Freixianda (Ourém, Portugal)”, *O Arqueólogo Português, Série V, 02*, Lisboa; pp. 297-353.
 - VILAÇA, Raquel, BOTTAINI, Carlo, SOBRAL DE CARVALHO, Pedro, e PATERNOSTER, Giovanni (2014), “O punhal de São Martinho de Orgens (Viseu) no seu contexto local: o ser e o estar”, *Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 17*, Lisboa; pp. 127–140.
 - VILAÇA, Raquel, e CARDOSO, João Luís (2017), “O Tejo português durante o Bronce Final”, *Territorios comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica. Reunión científica, Mérida (Badajoz, España), 3-4 de diciembre de 2015. Anejos de Archivo Español de Arqueología LXXX*, Madrid; pp. 237-281.
 - VILASECA, Salvador (1959), “Noticia de hallazgos de objetos de bronce en la Cueva de la Font Major, de Espluga de Francolí”, *Ampurias, 21*, Barcelona; pp. 266-273.
 - VILLA VALDÉS, Ángel (2007), “Mil años de poblados fortificados en Asturias (siglos IX a. C – II d. C.)”, *Astures y romanos en el Principado de Asturias: Nuevas aportaciones y perspectivas*, Real Instituto de Estudios Asturianos, Oviedo; pp. 27-60.
 - VILLA VALDÉS, Ángel, e CABO PÉREZ, Luis (2003), “Depósito funerario y recinto fortificado de la Edad del Bronce en el Castro del Chao Samartín: Argumentos para su datación”, *Trabajos de Prehistoria, 60, n.º 02*, Madrid; pp. 143-151.
 - ZAPATA PEÑA, Lydia (2002), “Capítulo 7 – Del Calcolítico a la Época Romana en el País Vasco atlántico: La expansión de la producción agrícola y los nuevos paisajes”,

Origen de la agricultura en el País Vasco y transformaciones del paisaje: análisis de restos vegetales arqueológicos – Kobie, Anejo 04, Bilbao; pp. 169-188.

- ZUCCA, Raimondo (2012), “La Sardegna nuragica nel Mediterraneo tra la fine dell’età del Bronzo e gli inizi del Ferro”, *I nuragici, i fenici e gli altri: Sardegna e Mediterraneo tra Bronzo Finale e Prima Età del Ferro. Atti del I Congresso Internazionale in occasione del venticinquennale del Museo “Genna Maria” di Villanovaforru (14-15 dicembre 2007)*, Sassari; pp. 209-220.

Websites consultados

- BUCCINO, Laura (2004), “L'Italia preromana. I siti della Puglia: Lucera”, *Il Mondo dell'Archeologia*. Disponível online, no site Treccani.it (com o URL: https://www.treccani.it/enciclopedia/l-italia-preromana-i-siti-della-puglia-lucera_%28Il-Mondo-dell%27Archeologia%29/; consultado pela última vez a 06 de novembro de 2022).
- Gruppo Archeologico Torinese (2014), “Mercurago (NO): Lagoni”, *Archeocarta – Carta Archeologica del Piemonte*. Disponível online, no site Archeocarta.org (com o URL: <http://archeocarta.org/mercurago-no-lago/>; consultado pela última vez a 06 de novembro de 2022).
- LO SCHIAVO, Fulvia (1994), “Fibula”, *Enciclopedia dell'Arte Antica*. Disponível online, no site Treccani.it (com o URL: https://www.treccani.it/enciclopedia/fibula_res-29e8da94-66b7-11e1-b491-d5ce3506d72e_%28Enciclopedia-dell%27-Arte-Antica%29/; consultado pela última vez a 06 de novembro de 2022).
- Matriz Net (n.d. a), “185 Arq.”, *MatrizNet – Catálogo coletivo on-line dos Museus da administração central do Estado Português*. Disponível online, no site Matriznet.dgpc.pt (com o URL: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=284212>; consultado pela última vez a 06 de novembro de 2022).
- Matriz Net (n.d. b), “186 Arq.”, *MatrizNet – Catálogo coletivo on-line dos Museus da administração central do Estado Português*. Disponível online, no site Matriznet.dgpc.pt (com o URL: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=284213>; consultado pela última vez a 06 de novembro de 2022).
- Matriz Net (n.d. c), “11223”, *MatrizNet – Catálogo coletivo on-line dos Museus da administração central do Estado Português*. Disponível online, no site Matriznet.dgpc.pt (com o URL: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=128210>; consultado pela última vez a 06 de novembro de 2022).
- Matriz Net (n.d. d), “11222”, *MatrizNet – Catálogo coletivo on-line dos Museus da administração central do Estado Português*. Disponível online, no site

Matriznet.dgpc.pt (com o URL: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=128211>; consultado pela última vez a 06 de novembro de 2022).

- PIETRANGELI, C., e FERUGLIO, A. E. (1965), “Perugia”, *Enciclopedia dell'Arte Antica*. Disponível *online*, no *site* Treccani, it (com o URL: https://www.treccani.it/enciclopedia/perugia_res-0e711340-8c61-11dc-8e9d-0016357eee51_%28Enciclopedia-dell%27-Arte-Antica%29/; consultado pela última vez a 06 de novembro de 2022).
- Restituzioni – Tesori d’Arte Restaurati (n.d.), “Tre spade di bronzo dalle tombe 153, 201, 477”, *Restituzioni 1995*. Disponível *online*, no *site* Restituzioni.com (com o URL: <http://www.restituzioni.com/opere/tre-spade-di-bronzo-dalle-tombe-153-201-477/>; consultado pela última vez a 06 de novembro de 2022).

ANEXOS

Anexo I – Catálogo dos materiais

1. Possíveis importações itálicas na Península Ibérica

1.1. Fíbulas de tipo “Ponte 01 b”, i.e., fíbulas de arco multicurvilinear, em cotovelo, com mola unilateral desenvolvida

- Descrição da tipologia: “O grupo de fíbulas portuguesas de arco multicurvilinear com mola unilateral desenvolvida (Ponte 01 b) insere-se no quadro descritivo de fíbulas em «cotovelo» que apresentam um descanso em disco e uma mola lateral proeminente (...)” (Ponte, 2006:79-80). O exemplar mais completo, proveniente do Castro de Pirreitas, caracteriza-se por um “Arco curvilinear em cotovelo, secção semicircular, com uma fiada de anéis transversais e contínuos. Mola unilateral, de uma espiral gigante; pé alto unido ao descanso [disca] por um anel duplo. Fusilhão recto.” (Ponte, 2006:422, 81).
- Cronologia na Península Ibérica: Bronze Final; da primeira metade do século X a.C. aos inícios do século VIII a.C.
- Número de achados na Península Ibérica: 11 (10 possíveis importações, 01 de provável produção local). Gomá Rodríguez (2019:83) considera apenas 02 exemplares (essencialmente devido ao estado fragmentário das restantes peças), mas optámos pela versão mais abrangente de Salete da Ponte (2006: 71-92).
- Localização dos achados:
 - a) Castro de Pirreitas (Alcobaça, distrito de Leiria); x 01.
 - b) Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal, distrito de Setúbal); x 01.
 - c) Mondim da Beira (Tarouca, distrito de Viseu); x 03.
 - d) Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior, distrito de Santarém); x 01.
 - [e) Areias-Guincho (Cascais, distrito de Lisboa); x 01.]
 - f) Castelo de Arraiolos (Arraiolos, distrito de Évora); x 01.
 - g) Cerro del Berrueco (província de Salamanca); x 01.
 - h) Getafe (comunidade autónoma e província de Madrid); x 01.
 - i) La Mercadera (Rioseco de Soria, província de Soria); x 01.

- Local de produção dos achados: Difícil de identificar. Com exceção do exemplar de Areias-Guincho, que poderá ser uma produção local “inspirada”, graças ao seu arco compósito que não se insere em modelos itálicos, as restantes fíbulas não diferem drasticamente dos seus equivalentes italianos (Ponte, 2006:81). A do Castro de Pirreitas, a mais completa, poderá ser uma importação (Ponte, 2006:88), isto é, ter sido fabricada na Península Itálica (exatamente onde, não nos será possível afirmar). As restantes, mais incompletas, poderão ser igualmente importações ou imitações (locais ou não).
- Contexto dos achados: Variados (ao nível dos locais; os contextos específicos, dentro de cada local, são frequentemente desconhecidos).
- Cultura a que pertencem: Inserem-se nas culturas do Centro e Sul de Portugal e da Meseta espanhola (La Mercadera (Soria) poderá aproximar-se ligeiramente às do Nordeste peninsular) (contextualizadas no ponto 2.1. desta dissertação).
- Função: Utilitária e estética (alfinete para a roupa); quiçá espólio fúnebre. Talvez artigos de luxo usufruídos por elites.
- Equivalentes itálicos:
 - Classe XXXVII sistematizada por Lo Schiavo (2010:622-635, Tav. 377-387) – “Fibule serpeggianti con occhiello e staffa da spirale a disco”; Tipos 308 a 313 (Lo Schiavo, 2010:622-629, Tav. 377-382). O exemplar mais completo do Castro de Pirreitas, inserir-se-á com probabilidade no tipo 313, “Fibule serpeggianti con occhiello, spillone diritto, staffa da discospirale a disco intagliato e grande molla, tipo Cairano” (com a ressalva de que esta é uma tipologia meridional, existindo também tipos de origem e difusão mais setentrional e central); as restantes fíbulas serão mais difíceis de categorizar. Relembramos que o exemplar de Areias-Guincho não se inserirá em nenhum destes modelos.
 - Descrição: Como o seu nome indica, a Classe XXXVII inclui diversas tipologias de fíbulas que têm em comum os seus arcos curvilíneos, “occhielli” (“ilhós”, numa tradução literal, isto é, pequenas “argolas” formadas pelo “enrolar” do arco, para além da mola) e descansos em forma de espiral ou disco. Os tipos 308 a 313 caracterizam-se pelos

seus fusilhões retos e pela sua forma de cotovelo em mola. Especificamente, o tipo 313 define-se pela sua “grande molla” e pela ausência de decoração plástica (tipo 311) e de arco engrossado (tipo 312). Este género de fíbula é também “abundante na Itália Central” (Ponte, 2006:80) (onde, infelizmente, as fíbulas não se encontram devidamente sistematizadas) e frequente a Norte (Ponte, 2006:88); porém, não conseguimos obter informações satisfatórias sobre as peças desses territórios, pelo que não poderemos apontar características próprias.

- Origem: Dada a sua vasta distribuição em território italiano, não será fácil apontar uma zona de origem específica; é frequente supor-se, porém, que estas fíbulas serão originárias da “Itália Centro-Meridional” (Ponte, 2006:88). O tipo 313 (“tipo Cairano”) terá uma produção local (que parece focar-se na região mais interior da Campânia, onde se localiza esse concelho, e, talvez, na Basilicata), mas será difícil afirmar com certeza se a sua origem também o será (ou se, por outro lado, se baseia em modelos das regiões mais centrais).
- Locais de achado: Numerosos. A Sul, encontram-se em todas as regiões (Calábria, Campânia, Basilicata, Puglia), mas com uma certa concentração na Campânia (Capua, Cuma, Caggiano, Cairano, Sala Consilina, Pontecagnano; para exemplificar esta concentração, podemos afirmar que, das 56 fíbulas apresentadas por Fulvia Lo Schiavo (2010:622-629), 28 (metade) são campanas, 14 são lucanas (da Basilicata), 10 são calabresas e 04 são apulienses. Do tipo 313 e do seu subtipo 313 b, 13 exemplares são campanos, 11 são lucanos, 06 são calabreses e 01 é apuliense). No Centro, como referimos, será difícil conseguir precisar todos os locais de achado, mas poderemos pelo menos constatar a sua existência em Vetulonia (concelho de Castiglione della Pescaia, província de Grosseto, Toscana; antiga Etrúria setentrional) (Ponte, 2006:81). A Norte, onde também não conseguimos apurar os locais com exatidão, estas fíbulas possuem uma “(...) clara expressão no maciço central dos Alpes (...)” (Ponte, 2006:88) e encontram-se, por exemplo e entre vários outros locais, em Zanica (província de Bérgamo, Lombardia) e no povoado de Frattesina

(concelho de Fratta Polesine, província de Rovigo, Veneto) (Gomá Rodríguez, 2019:84).

- Locais de produção: Existiriam certamente locais de produção por toda a Itália (ou seja, não existiria um local único que produzisse estes objetos e, de seguida, os dispersasse pelo resto da península).
- Cronologia: No Sul, esta classe remontará, pelo menos, ao século XI a.C. (“Bronzo Finale 3”) e continuará até, no mínimo, ao século IX a.C. (o tipo 313 terá surgido em torno do século X a.C., inícios da I Idade do Ferro) (Lo Schiavo, 2010:622-629); no Centro e Norte, nada indica que as datações sejam muito distintas (talvez a sua origem seja ligeiramente posterior nas áreas setentrionais), mas não o podemos confirmar com certeza. Salete da Ponte (2006:81), com base na obra do século XIX de Oscar Montelius, chega a datar este género de fíbula dos Períodos III (1500-1325 a.C.) e IV (1325-1225 a.C.) sistematizados por esse autor, mas parece-nos bastante improvável um início tão recuado no tempo, já que as primeiras fíbulas (em arco de violino) terão surgido, segundo vários autores mais atuais, nos inícios do Bronze Recente (c. 1350/1300-1200 a.C.) (Lo Schiavo, 1994; Lo Schiavo, 2010:86).
- Contextos: Quando conhecidos, funerários.
- Função: Utilitária e estética (alfinete para a roupa); espólio fúnebre.
- Outras exportações desta tipologia, fora da Península Ibérica: Estas fíbulas não parecem encontrar-se na Sicília (Lo Schiavo, 2010:622-629). Na Sardenha, não se encontram igualmente, durante a I Idade do Ferro, peças inseríveis na classe e tipos que aqui interessam (Milletti, 2012:25-46), ainda que dois exemplares (de Palmavera (encontrado no interior de uma cabana) e de S’Adde ‘e S’Usini (encontrado num depósito)) (Milletti, 2012:29-30, Tav. II) apresentem uma estrutura semelhante, mas inserível numa tipologia completamente distinta, pela estrutura diversa do seu arco (mais pronunciado (“alto”) na parte do “ochiello” e mais direito e ligeiramente engrossado na parte que liga ao pé/descanso) e pela ausência do descanso em disco. Em França, conhecem-se algumas peças inseríveis nestes tipos (podemos destacar a completa fíbula centro-italica encontrada em “France” (sem contexto, portanto) apresentada por Duval *et al.* (1974:32-33), que,

apesar de não possuir um descanso em disco, apresenta uma estrutura de arco muito semelhante); mas, infelizmente, é plausível que muitas delas sejam problemáticas (peças de colecionador, adquiridas fora do país, ou falsificações; algo lamentavelmente comum no que se refere às fíbulas itálicas anteriores ao século VII a.C. “encontradas” em França), pelo que provavelmente não poderão ser tidas em conta, especialmente quando quase intactas (Guilaine e Verger, 2008:230-231).

- Bibliografia relevante:

- Duval *et al.*, 1974:32-33
- Gomá Rodríguez, 2019:81-84, 89
- Guilaine e Verger, 2008:230-232
- Lo Schiavo, 2010:622-629 (tipo 313 nas páginas 626-629), Tav. 377-382
- Lo Schiavo, 1994
- Matriz Net, n.d. a
- Milcent, 2006
- Milletti, 2012:25-46, Tav. I-VII
- Pare, 2008:83, Fig. 5.6., exemplar F.1
- Ponte, 2006:71-92, 422

- Imagens relevantes (diversas escalas):

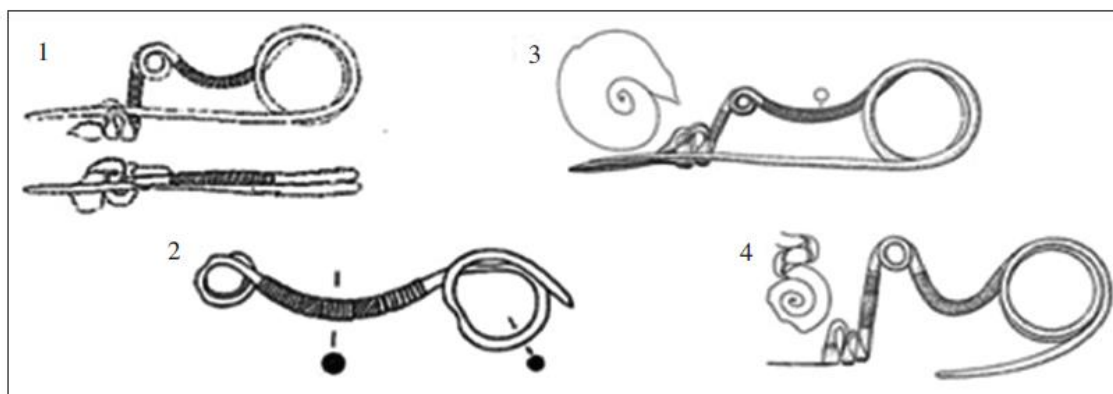


Figura 1.1.A – Representação de algumas fíbulas de tipo “Ponte 01 b” e de alguns paralelos italianos (1 – Castro de Pirreitas (Alcobaça); 2 – Necrópole do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal); 3 – Cairano (região da Campânia); 4 – Zanica (região da Lombardia)). (Imagem retirada de: Gomá Rodríguez, 2019:89.)

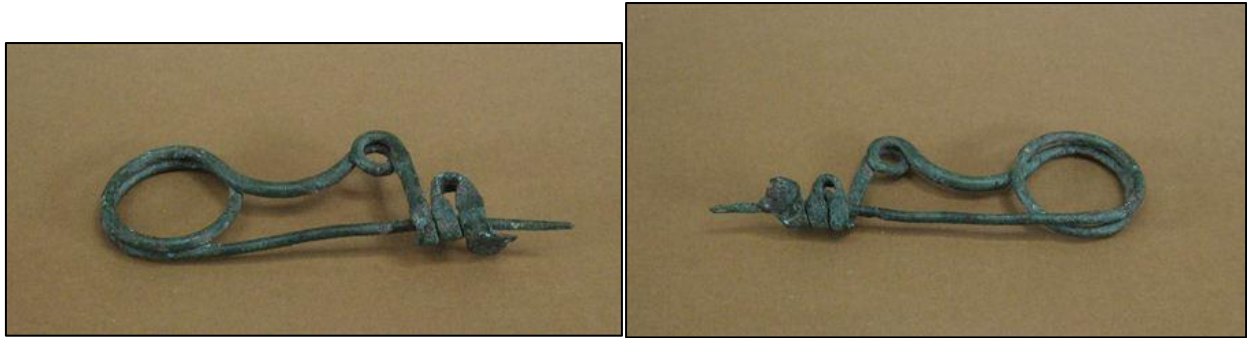


Figura 1.1.B – Fotografias do exemplar quase completo proveniente do Castro de Pirreitas (Alcobaca).
(Imagem retirada de: Matriz Net, n.d. a.)



Figura 1.1.C – Dispersão das fibulas de tipo “Ponte 01 b” na Península Ibérica (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”).

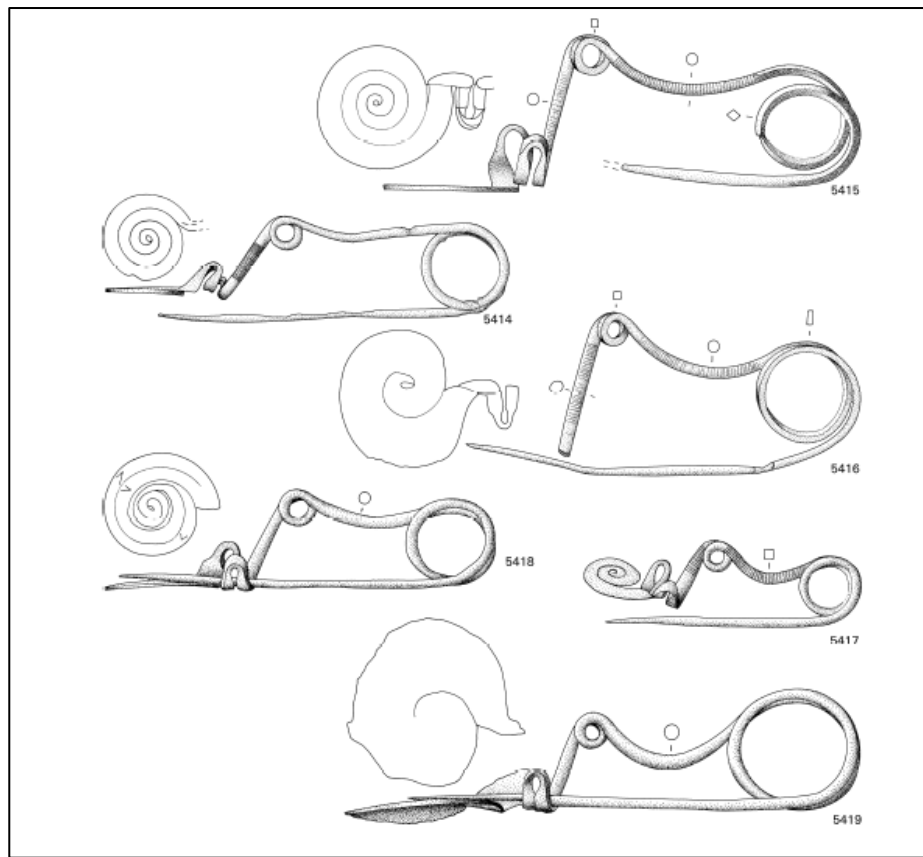


Figura 1.1.D – Representação de algumas fíbulas italianas de tipo 313 (5414 – Chiaromonte (região da Basilicata); 5415-5416 – “Capua” (região da Campânia); 5417-5419 – Cairano (região da Campânia)).
(Imagem retirada de: Lo Schiavo, 2010:Tav. 380.)

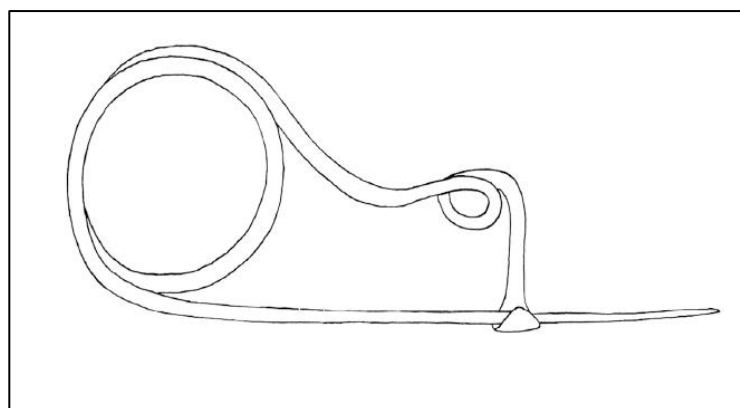


Figura 1.1.E – Representação de uma fíbula francesa (de “França”) semelhante às de tipo “Ponte 01 b”
(Imagem retirada de: Duval *et al.*, 1974:32).

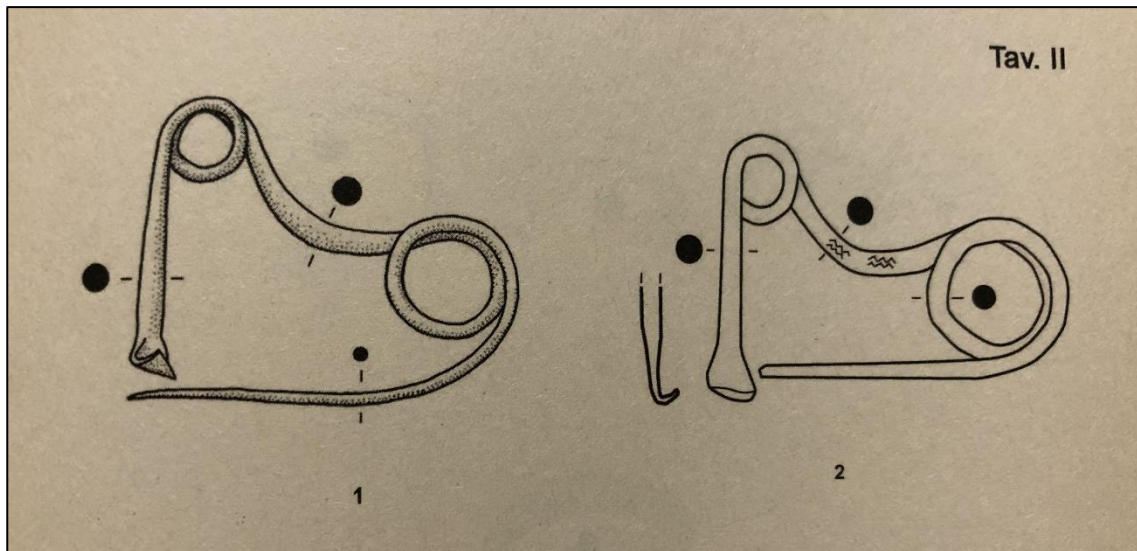


Figura 1.1.F– Representação das duas fíbulas sardas acima mencionadas (1 – Palmavera; 2 – S’Adde ‘e S’Uulumu). (Imagem retirada de: Miletta, 2012:Tav. II.)

1.2. Fíbulas de tipo “Ponte 06”, i. e., “fíbulas de arco pouco engrossado com descanso em disco”

- Descrição da tipologia: “Este grupo de fíbulas (...) caracteriza-se por um arco e secção, em regra, semicirculares; este aparece habitualmente decorado com uma conta volumosa, de pasta vítrea ou âmbar, ou com incisões anelares transversais ou oblíquas; a mola é unilateral, e em regra não tem mais de duas voltas; o descanso é discoidal, e quase sempre decorado com motivos geométricos; une-se ao pé por meio de um anel duplo. O exemplar do Castro de Pirreitas apresenta uma conta de âmbar (...)” (Ponte, 2006:121), mas o de Santa Luzia não.
- Cronologia na Península Ibérica: Bronze Final; da primeira metade do século IX a.C. aos inícios do VIII a.C.
- Número de achados na Península Ibérica: 02.
- Localização dos achados:
 - a) Castro de Santa Luzia (Viseu, distrito de Viseu), num “nível com muitas cinzas” (Ponte, 2006:122); x 01. Existem, no entanto, alguns investigadores que, dado o seu estado fragmentário, desconfiam da sua inserção nesta tipologia (Graells i Fabregat, 2022:142).
 - b) Castro de Pirreitas (Alcobaça, distrito de Leiria), sem informações mais específicas; x 01. Existem, também aqui, autores que desconfiam do seu achado neste povoado, dada a sua falta de contexto, ou, até, na Península Ibérica, dado o seu bom estado de conservação e cronologia “recuada” (Graells i Fabregat, 2022:136).
- Local de produção dos achados: Provavelmente na Itália Continental (dada a sua raridade na Península Ibérica e a inexistência de modelos endógenos semelhantes); ver os detalhes para os equivalentes.
- Contexto dos achados: Ambos foram encontrados em “castros” (povoados fortificados); o de Pirreitas não possui um contexto mais específico, o de Santa Luzia, encontrado num nível com cinzas, poderá, sem mais dados, ter várias interpretações.
- Cultura a que pertencem: Inserem-se nas culturas do Centro Portugal (contextualizadas no ponto 2.1. desta dissertação).
- Função: Utilitária e estética (alfinete para a roupa). Talvez artigos de luxo usufruídos por elites.

- Equivalentes itálicos:
 - Apesar de, na Península Ibérica, estas fíbulas se inserirem na mesma categoria, em Itália incluir-se-iam em duas classes e tipologias distintas, devido à conta de âmbar que reveste o exemplar do Castro de Pirreitas e que o introduz num outro grupo.
 - Exemplar do Castro de Santa Luzia: Classe XII sistematizada por Lo Schiavo (2010:176-194, Tav. 71-84) – “Fibule ad arco con staffa da spirale a disco” (tipos 67 a 77); não conseguimos obter informações suficientes sobre esta fíbula portuguesa para a inserir numa tipologia específica (mas poderemos pôr de parte, com uma certa certeza, os tipos 67 a 70, que apresentam pequenos descansos em espiral)
 - Descrição: Classe que incluiu diversos tipos de fíbulas com arco tendencialmente semicircular (com distintas características: engrossado e, ou, com decorações incisadas e, ou, “ribassato”, nastriforme, etc.) que têm em comum o facto de possuírem um descanso em disco (ou espiral).
 - Origem: Não existe um único local de origem para as distintas tipologias (algumas serão, por exemplo, claramente originárias da Etrúria ou dos seus territórios na Campânia, outras da Calábria). No geral, porém, são produções do centro e sul da Itália Continental, provavelmente tirrénicas. Gomá Rodríguez (2019:80) supõe, para esta classe de fíbulas, uma origem nas áreas (villanovianas campanas) de Pontecagnano e Sala Consilina, mas os dados atuais não permitem uma afirmação assim tão segura.
 - Locais de achado: Bastante diversos e, mais uma vez, dependentes dos tipos mais pormenorizados. Foram encontradas fíbulas com descanso em disco na Etrúria (em Veio, Tarquinia, Vulci, Populonia e Elba, entre outros locais), Lazio Antigo, Úmbria (Terni, por exemplo), Campânia (em, entre outros locais, Pontecagnano, Sala Consilina, Capua e Cuma) e Calábria (nomeadamente, em Torre Galli, Crichi, Nicotera, Canale e Torre Mordillo); em menor número, também nas atuais regiões da Emília-Romanha (Bolonha, Verucchio e Imola), Marche (Fermo),

Trentino (Trento) e na “costa nord-orientale dell’Adriatico” (Lo Schiavo, 2010:194).

- Locais de produção: Provavelmente os mesmos onde estas peças foram encontradas em número elevado.
 - Cronologia: Também muito variada e dependente da tipologia, indo do “protovillanoviano finale” (Lo Schiavo, 2010:180), isto é, do (discutido) final da Idade do Bronze (século X a.C., aproximadamente), ao Orientalizante. Parece existir, no entanto, um foco na Idade do Ferro.
 - Contextos: Quando conhecidos, funerários.
 - Função: Utilitária e estética (alfinete para a roupa); espólio fúnebre.
 - Outras exportações desta tipologia, fora da Península Ibérica: Não nos foi possível averiguar este ponto ao pormenor, mas poderemos afirmar que não se conhece nenhuma fíbula desta tipologia na Sardenha, durante a I Idade do Ferro (Milletti, 2012:25-46), ou na Sicília (Lo Schiavo, 2010:176-194). Em França, porém, conhecem-se algumas fíbulas inseríveis nesta classe (Duval et al., 1974:13-15); mas mais uma vez, lembrando os problemas acima expostos, também não deverão ser tidas em conta (Guilaine e Verger, 2008:230-231).
- Exemplar do Castro de Pirreitas: Classe XVII sistematizada por Lo Schiavo (2010:244-255, Tav. 106-121) – “Fibule ad arco rivestito con staffa da spirale a disco”; talvez inserível no tipo 104, “Fibule ad arco rivestito semicircolare, sezione quadrangolare e staffa a disco” (Lo Schiavo, 2010:248-249)
- Descrição: O tipo 104 apresenta um “Arco di verga sottile [costantemente semicircolare] a sezione quadrangolare con contorno curvo leggermente ribassato, nel quale sono infilati vaghi d’ambra a dischetto; la parte anteriore dell’arco si presenta in alcuni esemplari ingrossata, probabilmente per fungere da arresto ai vaghi del rivestimento. Staffa a disco senza intaglio, riccamente decorata sul bordo e al centro con motivi incisi, in prevalenza «a fiamma». Molla piccola, in quasi tutti i casi a due avvolgimenti.” (Lo Schiavo, 2010:248). A principal diferença para com a peça portuguesa será a forma da secção (semicircular no caso ibérico, quadrangular nos exemplares sul-italianos sistematizados por essa autora), mas, de entre as tipologias de fíbulas com arcos revestidos por contas de âmbar (tipos

99 a 105 de Lo Schiavo), continua a ser a mais adequada (os tipos 99 e 100 apresentam discos em espiral; os 101, 102 e 103 possuem uma “(...) barretta trasversale posta al di sopra dell’elemento di collegamento fra l’arco e la staffa (...)” (Lo Schiavo, 2010:245); o tipo 105, tal como o 103, possui um arco trapezoidal). Até as decorações incisivas são iguais às de muitas fíbulas itálicas desta tipologia (“(...) duas cruces gamadas e dois losangos preenchidos por traços oblíquos (...)” (Ponte, 2006:425) (Lo Schiavo, 2010:Tav. 107-108)).

- Origem: O tipo 104 (e as restantes tipologias de fíbulas com contas de âmbar) concentra-se nas áreas villanovianas da Campânia (Pontecagnano e Sala Consilina), pelo que poderá supor-se ser essa a sua origem; porém, não existindo uma catalogação e sistematização das fíbulas da Itália Central, é possível que existam alguns exemplares noutras regiões que alterem esta perspetiva. Ainda assim, será uma tipologia villanoviana e, provavelmente, originária do seu Sul.
- Locais de achado: O tipo 104, até à data, surge apenas em Pontecagnano e Sala Consilina, tal como as restantes tipologias. Poderemos mencionar ainda que o tipo 102 (“fibule ad arco rivestito semicircolare, sezione quadrangolare e staffa a disco intagliato con barretta trasversale”) também surge na Etrúria, em Veio e Tarquínia.
- Locais de produção: Provavelmente, os mesmos onde foram encontradas estas peças, na Campânia.
- Cronologia: O tipo 104 terá surgido ou, pelo menos, ter-se-á tornado mais visível a partir da segunda metade do século IX a.C., com uma continuação no século VIII a.C.
- Contextos: Quando conhecidos, funerários.
- Função: Utilitária e estética (alfinete para a roupa); espólio fúnebre.
- Outras exportações desta tipologia, fora da Península Ibérica: Não nos foi possível averiguar este ponto ao pormenor, mas poderemos afirmar que não se conhece nenhuma fíbula desta tipologia na Sardenha, durante a I Idade do Ferro (Milletti, 2012:25-46), na Sicília (Lo Schiavo, 2010: 244-249) ou, aparentemente, em França (Duval *et al.*, 1974; Milcent, 2006).

- Bibliografia relevante:
 - Arruda *et al.*, 2022:87
 - De Natale, 2016
 - Duval *et al.*, 1974:13-15
 - Gomá Rodríguez, 2019:80, 87
 - Graells i Fabregat, 2022
 - Guilaine e Verger, 2008:230-232
 - Lo Schiavo, 2010: 176-194, Tav. 71-84; 244-249 (tipo 104 nas páginas 248-249), Tav. 106-108
 - Matriz Net, n.d. b
 - Milcent, 2006
 - Milletti, 2012:25-46, Tav. I-VII
 - Ponte, 2006:120-125, 425

- Imagens relevantes (diversas escalas):

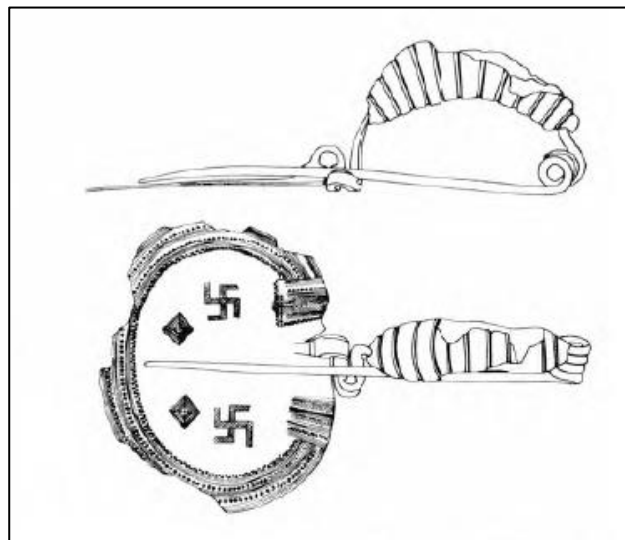


Figura 1.2.A – Representação da fíbula de tipo “Ponte 06” proveniente do Castro de Pirreitas (Alcobaça) (escala 2/3). (Imagem retirada de: Ponte, 1984:96.)



Figura 1.2.B – Fotografias do exemplar proveniente do Castro de Pirreitas (Alcobaca) (Imagem retirada de: Matriz Net, n.d. b.)

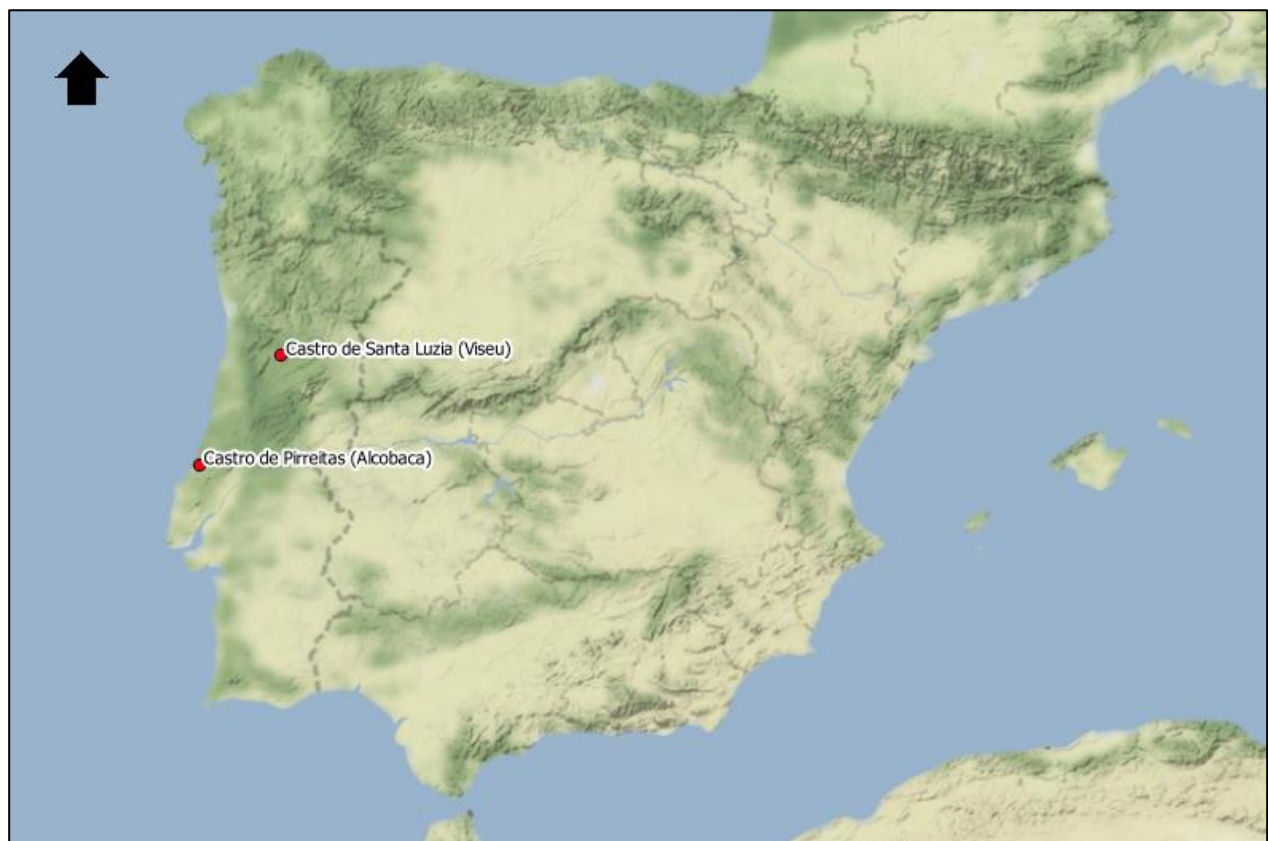


Figura 1.2.C – Dispersão das fibulas de tipo “Ponte 06” na Península Ibérica (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

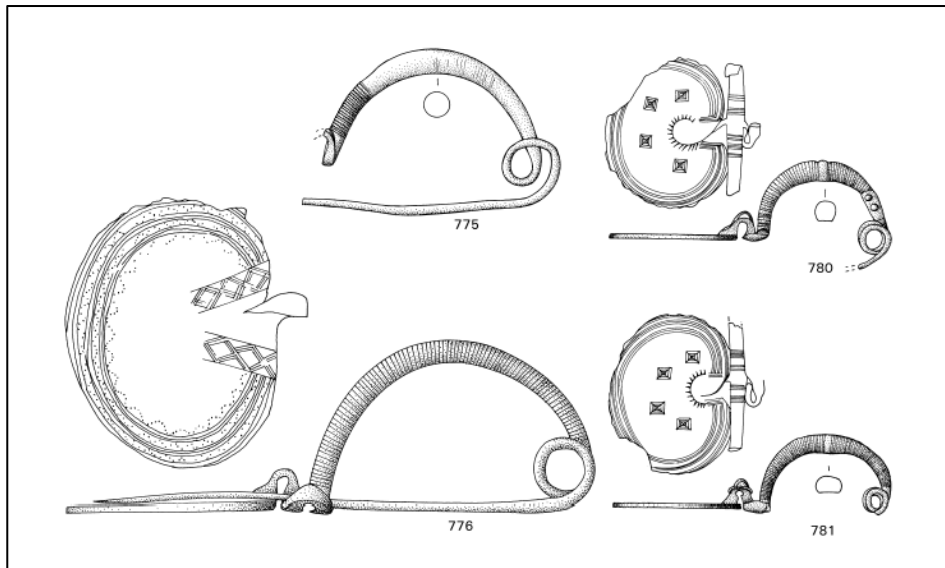


Figura 1.2.D – Representação de algumas fíbulas italianas do mesmo género das de tipo “Ponte 06” (775-776 – tipo 75; 780-781 – tipo 76; todas de Sala Consilina (região da Campânia)). (Imagem retirada de: Lo Schiavo, 2010:Tav. 83.)

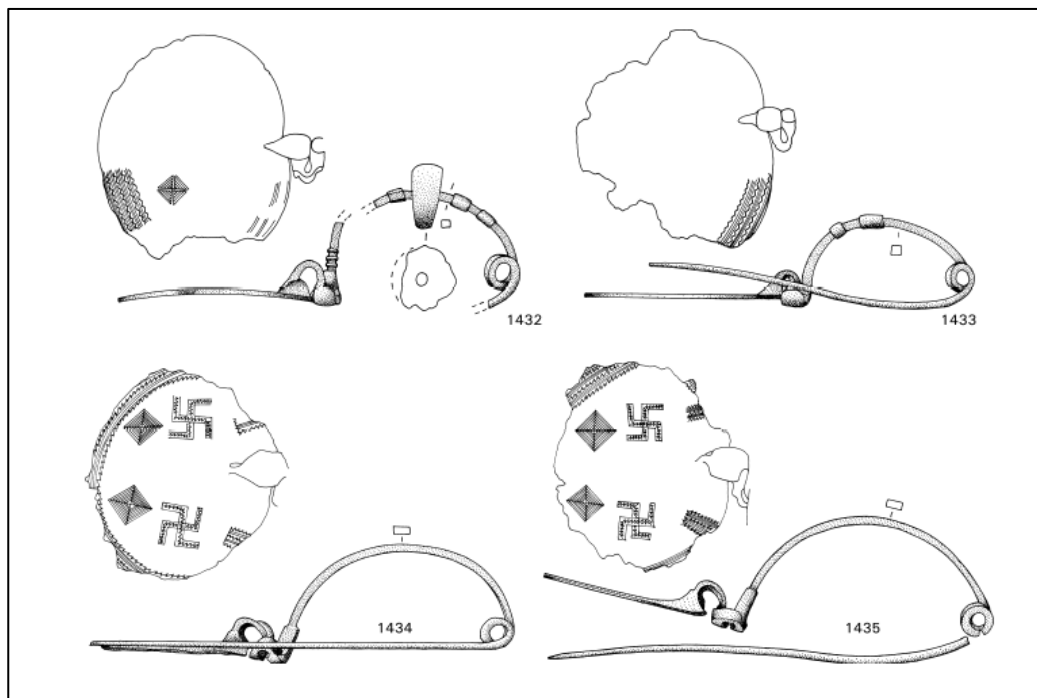


Figura 1.2.E – Representação de algumas fíbulas italianas de tipo 104 (1432-1433 – Sala Consilina (região da Campânia); 1434-1435 – Pontecagnano (região da Campânia)). (Imagem retirada de: Lo Schiavo, 2010:Tav. 107.)

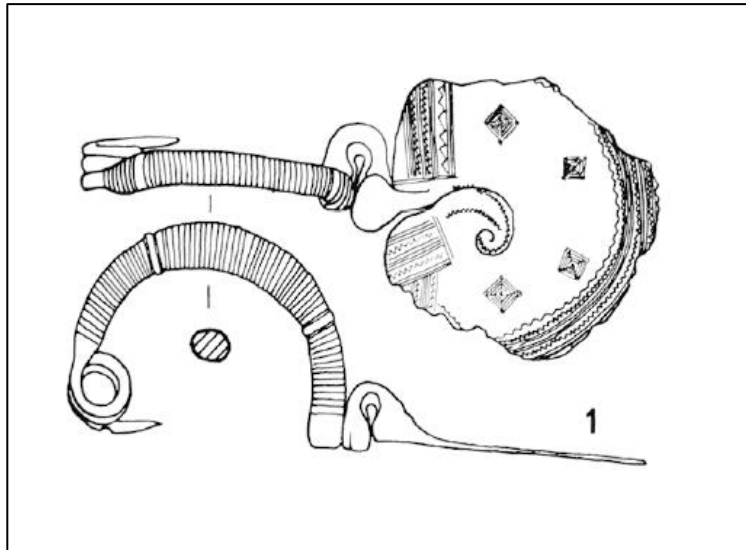


Figura 1.2.F – Representação de uma fíbula francesa semelhante às de tipo “Ponte 06”, proveniente de Gallargues-le-Montueux (Gard, Occitânia). (Imagem retirada de: Duval *et al.*, 1974:14.)

1.3. Fíbula de tipo “Ponte 05”, i.e., “fíbula de arco roliço ou de arco pleno”; em particular, fíbula de tipo “Ponte 05 b”, i.e., com “arco rebaixado ou abatido”

- Descrição da tipologia (peça): Esta fíbula, única do seu tipo na Península Ibérica, é uma “Peça quase completa. Carece de fusilhão. O arco é abatido, de secção semicircular e profusamente decorado; a mola unilateral consta de duas voltas; o descanso é curto, simétrico e de perfil triangular.” (Ponte, 2006:425).
- Cronologia na Península Ibérica: Bronze Final, talvez já I Idade do Ferro; meados do século IX a.C. à primeira metade do século VII a.C., provavelmente do século VIII a.C. (Ponte, 2006:118). A cronologia da tipologia poderá apontar para uma datação mais recuada, mas a do local de achado indicará antes uma datação mais recente.
- Número de achados na Península Ibérica: 01.
- Localização do achado:
 - Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal (distrito de Setúbal); x 01. Porém, alguns investigadores (Graells i Fabregat, 2022:136, 144-146) apresentam dúvidas e desconfianças acerca do seu achado nesta necrópole ou, até, na Península Ibérica (podendo tratar-se, portanto, de uma peça falsificada ou adquirida em época contemporânea, fora de Portugal), dado o seu bom estado de conservação, a sua cronologia “recuada” e a sua falta de um contexto preciso.
- Local de produção do achado: Dado ser uma única peça, sem bons paralelos na Península Ibérica, supomos tratar-se de uma importação, quiçá produzida na própria Península Itálica, nas suas regiões mais setentrionais (ou uma imitação realizada fora da mesma).
- Contexto do achado: Sem contexto. Poderá ser, com probabilidade, funerário, dado o local de achado (ainda que esta necrópole tenha uma cronologia quiçá posterior à da fíbula – séculos VII-IV a.C. (Arruda, 2012 b)), mas, tratando-se de um achado avulso (Ponte, 1985:137), não será possível assegurá-lo com certeza.
- Cultura a que pertence: Insere-se nas culturas do Sul de Portugal (contextualizadas no ponto 2.1. desta dissertação).
- Função: Utilitária e estética (alfinete para a roupa); quiçá espólio fúnebre. Talvez artigos de luxo usufruídos por elites.

- Equivalentes itálicos:

- De uma forma geral, esta peça insere-se no vasto grupo das “fibule ad arco ribassato e ingrossato”, grupo esse que é muito mais predominante a Norte. Não nos foi possível, no entanto, apurar uma tipologia mais específica. A Sul, inserir-se-á na Classe X sistematizada por Lo Schiavo (2010:160-174, Tav. 51-69) – “Fibule ad arco ingrossato dalla Campania”, Tipo 64 c – “Altre fibule ad arco ingrossato e ribassato, dalla Campania” (Lo Schiavo, 2010:174, Tav. 69); e na Classe XIII (Lo Schiavo, 2010:194-232, Tav. 84-101) – “Piccole fibule ad arco ingrossato”, Tipo 86 b – “Altre piccole fibule ad arco ingrossato” (Lo Schiavo, 2010:231-232, Tav. 101). Porém, todos os exemplares de arco abatido (n.ºs 675-677 e 1337-1340) são “raridades” nas regiões meridionais e possuem os melhores paralelos a Norte; as três peças mais semelhantes à portuguesa (677 (menos engrossada e decorada e com secção circular), 1337 (menos engrossada e com secção quadrangular) e 1338 (mais engrossada e com secção circular), que possuem, no entanto, um arco também quase “retangular” de tão abatido que é), de Cuma (677), Pontecagnano (1337) e de proveniência desconhecida (atualmente parte da coleção do Museo dell’Università di Palermo) (1338), são as únicas conhecidas a Sul (e possuem os melhores paralelos, no caso da peça 1337, no Veneto, Emília-Romanha (Bolonha), Marche e Etrúria setentrional e, no caso da 1338, igualmente no Veneto (Este)).
 - Descrição: Partindo novamente de uma perspetiva mais geral, estas tipologias unem-se e caracterizam-se pelos seus “archi ribassati” (por vezes, “fortemente ribassati”), ao ponto de aparentarem até um pouco “retangulares”, e “leggermente ingrossati”. Estes arcos apresentam frequentemente decorações incisas. Dependendo do tipo preciso, existirão diferenças ao nível, pelo menos, dos fusilhões, secções e descansos.
 - Origem: O foco destas tipologias de fíbula parece situar-se a Norte (definitivamente não a Sul), pelo que essa será a mais provável região de origem.
 - Locais de achado: Depende dos tipos específicos. Por exemplo, as “fibule ad arco leggermente ribassato e staffa simmetrica” não se encontram a Sul da área de Bolonha (Bietti Sestieri, 2018:217). No geral, aparentam concentrar-se a Norte (conhecendo-se vários

exemplares, nomeadamente, do Veneto). Surgem também algumas peças nas regiões centrais (como nas Marche e Etrúria setentrional, acima mencionadas, que, ainda assim, são zonas que contactam frequentemente com áreas mais setentrionais) e meridionais (conhecem-se, como referimos, dois exemplares com local de achado nomeado).

- Locais de produção: Não nos é possível confirmar se estas fíbulas seriam produzidas no Centro da Península Itálica, mas certamente sê-lo-iam a Norte. A Sul, as poucas evidências não suportam qualquer tipo de fabrico local; tratar-se-iam certamente de importações de regiões setentrionais.
- Cronologia: Estas tipologias aparentam inserir-se na I Idade do Ferro, tendo surgido em torno ao século IX a.C. e continuado durante o VIII a.C. e, quiçá, VII a.C. (Ponte, 2006:116-120).
- Contextos: Quando conhecidos, funerários.
- Função: Utilitária e estética (alfinete para a roupa); espólio fúnebre.
- Outras exportações desta tipologia, fora da Península Ibérica: Não se conhecem exemplares deste género na Sicília (Lo Schiavo, 2010), com exceção da peça acima mencionada que aí se encontra depositada, mas que não se sabe de onde provém realmente. Conhecem-se algumas fíbulas de arco abatido na Sardenha, mas apenas uma efetivamente semelhante (ainda que com um arco ligeiramente mais engrossado) à peça portuguesa e capaz de se inserir sem grandes dúvidas nas tipologias que nos interessam (pela sua decoração incisa, aparência setentrional e outras semelhanças visuais), a peça n.º 28 catalogada por Matteo Milletti (2012:32, Tav. VII.4); porém, infelizmente, não possui um contexto de proveniência exato (provirá de Posada, no Noroeste da ilha). Em França (nomeadamente nos Pirenéus Orientais), existem, mais uma vez, algumas fíbulas deste estilo (quiçá, Duval *et al.*, 1974:10-11; Ponte, 2006:116-120), que provavelmente não poderão ser devidamente tidas em conta (Guilaine e Verger, 2008:230-232).

- Bibliografia relevante:
 - Arruda, 2012 b
 - Arruda *et al.*, 2022:87
 - Bietti Sestieri, 2018:217
 - Duval *et al.*, 1974:10-11
 - Gomá Rodríguez, 2019:70-80, 86
 - Gomes, 2016
 - Graells i Fabregat, 2022
 - Guilaine e Verger, 2008:230-232
 - Lo Schiavo, 2010:231-232, Tav. 101
 - Matriz Net, n.d. c
 - Milcent, 2006
 - Milletti, 2012:25-46, Tav. I-VII (destaque para a página 32 e Tav. VII)
 - Ponte, 1985
 - Ponte, 2006:116-120, 425

- Imagens relevantes (diversas escalas):

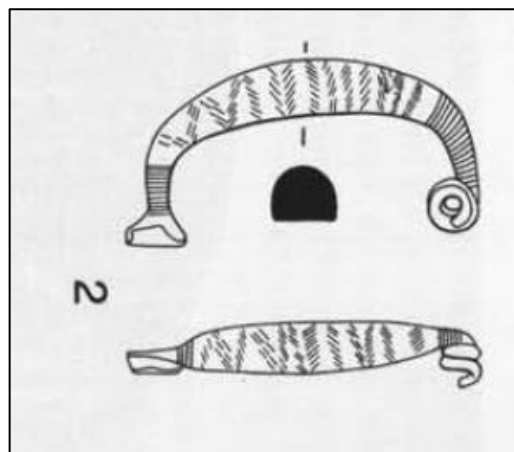


Figura 1.3.A – Representação da fibula de tipo “Ponte 05”. (Imagem retirada de: Ponte, 1985:150.)



Figura 1.3.B – Fotografia da fibula de tipo “Ponte 05”. (Imagem retirada de: Matriz Net, n.d. c.)



Figura 1.3.C – Local de achado da fibula de tipo “Ponte 05” na Península Ibérica (escala 1/9.000.000).
(Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas
obtidas no “Google Maps”.)

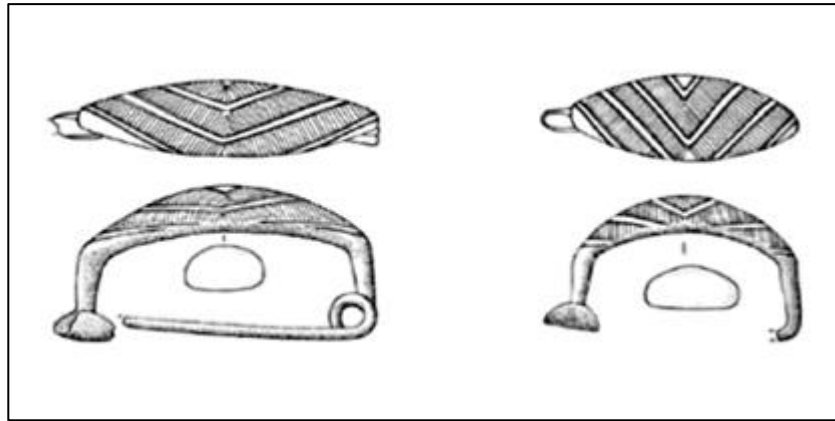


Figura 1.3.D – Representação de algumas fibulas italianas setentrionais semelhantes à de tipo “Ponte 05” (ambas de Pádua (região do Veneto)). (Imagem retirada de: Gomá Rodríguez, 2019:86.)

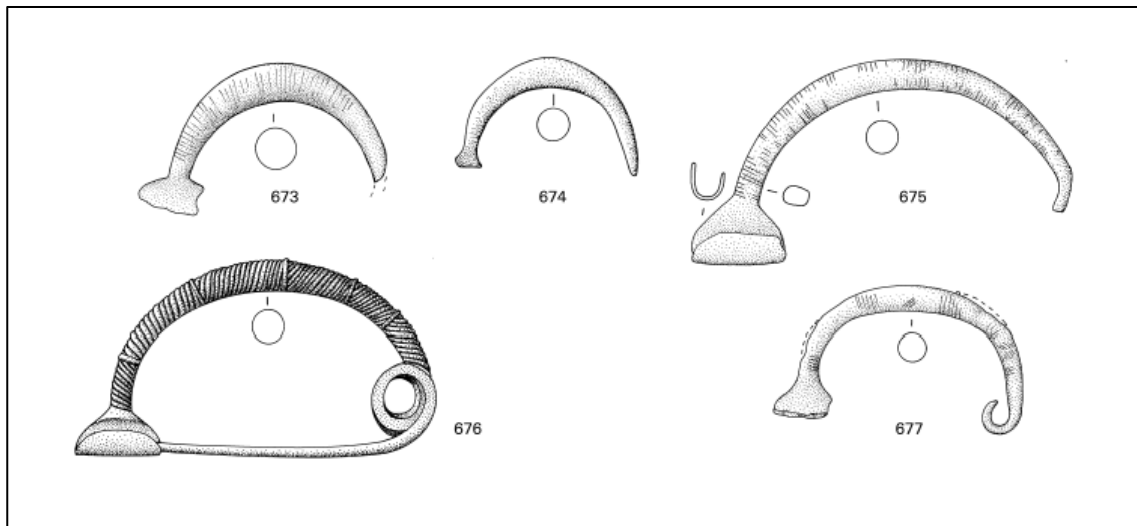


Figura 1.3.E – Representação das fibulas italianas de tipo 64 c (destacamos aqui o exemplar 677, de Cuma). (Imagem retirada de: Lo Schiavo, 2010:Tav. 69.)

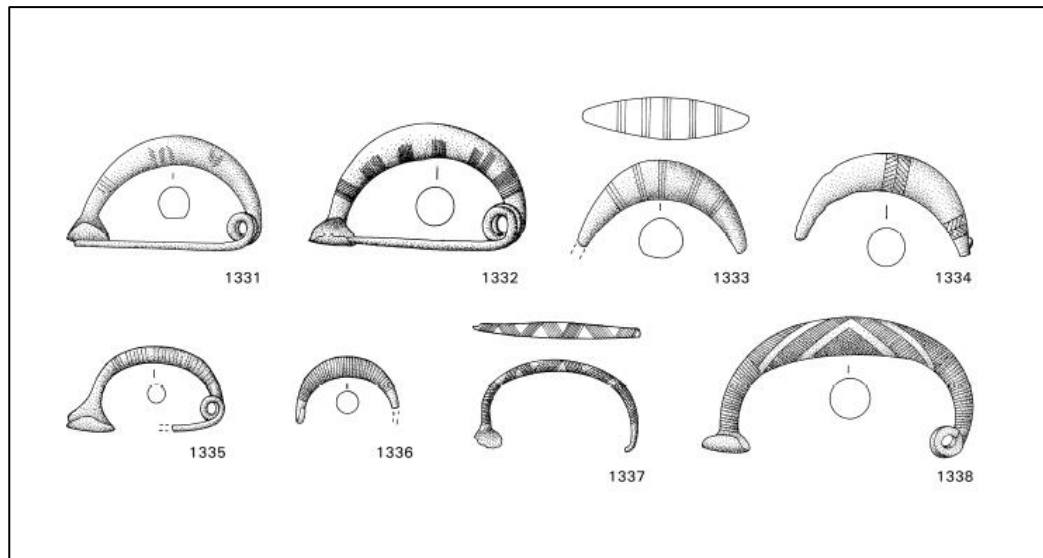


Figura 1.3.F – Representação de algumas fibulas italianas de tipo 86 b semelhantes à de tipo “Ponte 05” (destacamos aqui os exemplares 1337, de Pontecagnano, e 1338, sem contexto). (Imagem retirada de: Lo Schiavo, 2010: Tav. 101.)

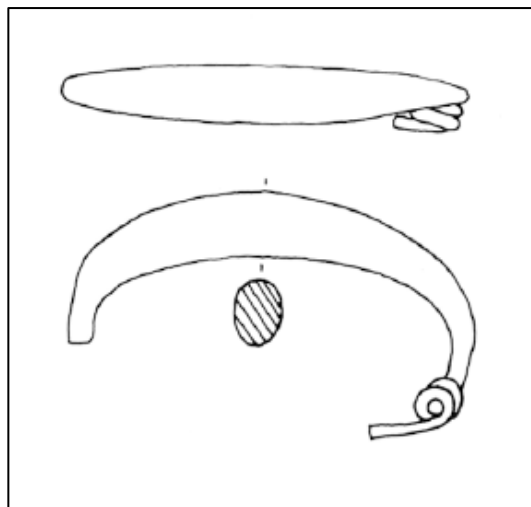


Figura 1.3.G – Representação de uma fibula francesa possivelmente semelhante à de tipo “Ponte 05” (provavelmente de Vieux-Port (departamento de Eure, região administrativa da Normandia)). (Imagem retirada de: Duval *et al.*, 1974:10).

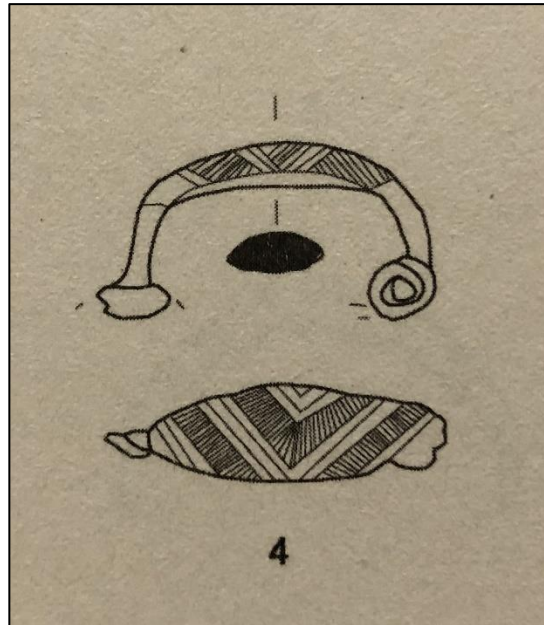


Figura 1.3.H – Representação de uma fibula sarda semelhante à de tipo “Ponte 05” (proveniente, em princípio, de Posada). (Imagem retirada de: Miletta, 2012:Tav. VII.)

1.4. Cerâmicas villanovianas de Huelva

- Descrição das tipologias (peças):
 - a) Peça com perfil em “S” e caneluras: “(...) coppa con profilo ad “S” [com o bordo ligeiramente saído] e profonde scanalature sulla vasca (...) [che potrà] essere considerata un’imitazione delle coppe baccellate con vasca lenticolare in metallo [algumas das quais páteras] ampiamente diffuse durante il periodo orientalizzante sul continente italico, di cui si conoscono anche riproduzioni in ceramica.” (Botto e Vives-Ferrándiz, 2006:118-119).
 - b) “Kantharos”: Apesar do nome escolhido pelos investigadores para a designar, esta peça cerâmica não se assemelha aos mais conhecidos *kántharoi* gregos, sendo muito mais arredondada (mais estreita e direita no bordo, mais larga e arredondada no bojo) e não apresentando as duas pegas características (teria provavelmente uma) dos exemplares helénicos. Possui “decorazione ad arco incisa” (Botto e Vives-Ferrándiz, 2006:119). Insere-se em tipologias do “(...) Tirreno centro-meridionale. (...) [Porém,] gli esemplari italici differiscono da quello spagnolo nel profilo del ventre, che risulta più rastremato verso il basso.” (Botto e Vives-Ferrándiz, 2006:119).
- Cronologia na Península Ibérica: Bronze Final, talvez já I Idade do Ferro; meados do século IX a meados do século VIII a.C.
- Número de achados na Península Ibérica: 02; a) x 01, b) x 01.
- Localização dos achados:
 - a) e b): Entre a Plaza de las Monjas, n.º 12, e a Calle Méndez Núñez, n.ºs 07-13, no centro de Huelva (Oeste da Andaluzia) (Gomá-Rodríguez, 2017:241).
- Local de produção dos achados: Tendo em conta a falta de paralelos ibéricos para estas peças e a sua clara associação, apesar de se tratar de peças incompletas, a tipologias itálicas (villanovianas (Lo Schiavo (2008:434) chega a perguntar-se se não serão protovillanovianas, mas não existem indícios que apoiem uma cronologia tão recuada)), estas poderão ter sido, com probabilidade (mas sem certezas absolutas), produzidas em Itália, quiçá na Etrúria meridional ou, pelo menos, em áreas de cultura villanoviana (Botto e Vives-Ferrándiz, 2006:118-120; Bernardini, 2016:19).
- Contexto dos achados: Sem contexto (estratigrafia muito alterada por razões naturais (“(...) la presencia de la falda freática (...) comprometió la estratificación en la zona

del hallazgo (...)” (Varenna, 2016:48)); achados em contexto de obra). Foram encontrados juntamente com peças fenícias, gregas, cipriotas e sardas.

- Cultura a que pertencem: Inserem-se na cultura (“tartéssica”) da segunda fase da Andaluzia Ocidental (contextualizada no ponto 2.1. desta dissertação).
- Função: Recipientes, provavelmente ligados ao ato de beber e, ou, de conter líquidos. Quiçá artigos de “luxo”. A peça a), apesar de não ser em metal, poderia partilhar com esses exemplares certas funções simbólicas (ainda que tal seja debatível, para este caso ibérico). A peça b) seria uma “tazza attingitoio” (Botto e Vives-Ferrándiz, 2006:119), isto é, um recipiente para “alcançar” e transportar líquidos, podendo servir igualmente para os consumir.

- Equivalentes itálicos:
 - Peça com perfil em “S” e caneluras: Imitações cerâmicas das “coppe baccellate con vasca lenticolare in metallo” (Botto e Vives-Ferrándiz, 2006:118-119)
 - Descrição: De uma forma geral, estas tipologias incluirão peças cerâmicas semelhantes ao exemplar espanhol (podendo existir, claro, ligeiras diferenças de exemplar para exemplar), que, como referido, imitam objetos metálicos (“coppe baccellate con vasca lenticolare in metallo”). É difícil, no entanto, associar a peça ibérica a um tipo itálico específico, dado ser anterior algumas décadas aos exemplares encontrados em solo italiano (não há nada suficientemente claro que aponte, porém, paralelos não itálicos para esta peça)). Supõe-se uma ligação às zonas villanovianas e aos seus tipos cerâmicos.
 - Origem: Península Itálica, ainda que, pelos motivos mencionados em cima, seja complicado apontar uma área específica.
 - Locais de achado: Idem.
 - Locais de produção: Idem.
 - Cronologia: “(...) terzo quarto dell’VIII sec. a.C. (...)” em diante, sendo comum durante o Período Orientalizante (Botto e Vives-Ferrándiz, 2006:119).
 - Contextos: Quando conhecidos, frequentemente funerários.
 - Função: Recipiente; espólio fúnebre.

- Outras exportações desta tipologia, fora da Península Ibérica: Não nos foi possível aprofundar este ponto. Poderá ser interessante mencionar, no entanto, que também se encontram objetos villanovianos (ainda que não tenhamos conseguido comprovar se peças deste estilo estariam entre eles) com cronologias idênticas em Utica (colónia fenícia na atual Tunísia) (Bernardini, 2016:19).
- “Kantharos”: “Tazze attingitoio” inseríveis em tipologias do Tirreno centro-meridional (Botto e Vives-Ferrándiz, 2006:119)
 - Descrição: As peças itálicas são em tudo semelhantes à espanhola, com exceção do perfil do bojo que, em Itália, é mais afunilado na direção do fundo (Botto e Vives-Ferrándiz, 2006:119).
 - Origem: Tirreno centro-meridional, ainda que seja complicado conseguir esmiuçar a sua região de origem ainda mais.
 - Locais de achado: Exemplares parecidos com a peça ibérica foram encontrados, nomeadamente, na Etrúria meridional (Veio), Lazio Antigo (Osteria dell’Osa e Roma) e Campânia (Pontecagnano) (Botto e Vives-Ferrándiz, 2006:119).
 - Locais de produção: Difíceis de precisar, mas é provável que existisse mais do que um.
 - Cronologia: Meados do século IX a.C. e século VIII a.C. (Botto e Vives-Ferrándiz, 2006:119; Lo Schiavo, 2010:45).
 - Contextos: Quando conhecidos, funerários.
 - Função: Recipientes; espólio fúnebre.
 - Outras exportações desta tipologia, fora da Península Ibérica: Não nos foi possível aprofundar este ponto. Remetemos, porém, para a menção apresentada em cima.
- Bibliografia relevante:
 - Bernardini, 2016:19
 - Botto e Vives-Ferrándiz, 2006:118-120, 174
 - Gomá-Rodríguez, 2017:241
 - González de Canales *et al.*, 2014
 - Lo Schiavo, 2008:434
 - Lo Schiavo, 2010:45

○ Varena, 2016:48

- Imagens relevantes (diversas escalas):

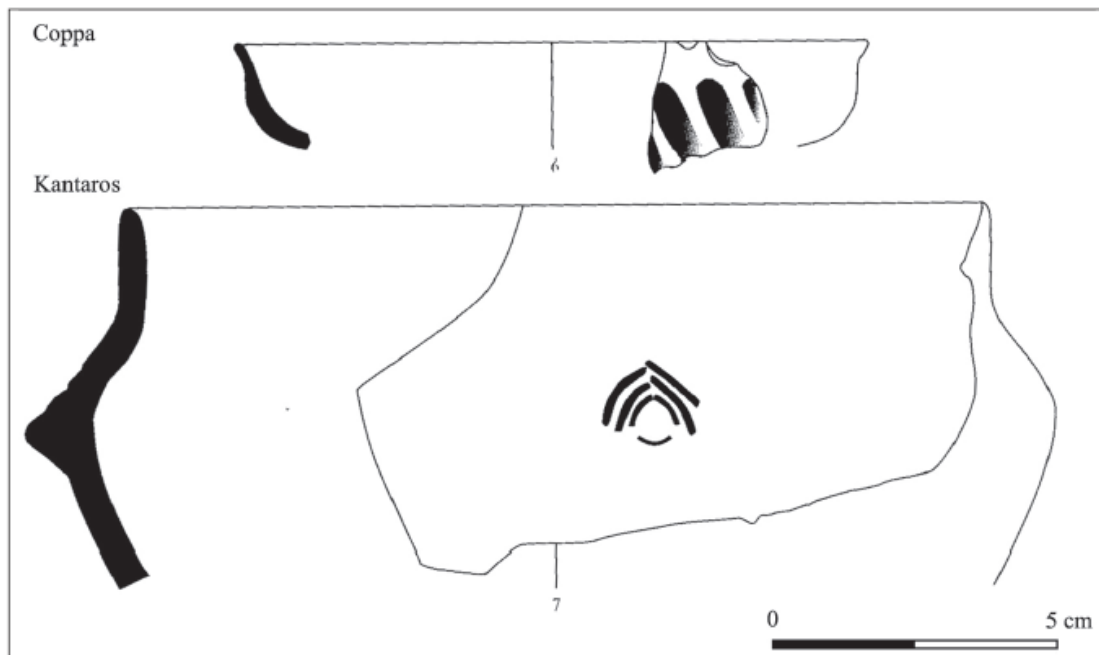


Figura 1.4.A – Representação das cerâmicas villanovianas encontradas em Huelva. (Imagem retirada de: Botto e Vives-Ferrández, 2006:174.)



Figura 1.4.B – Local de achado das cerâmicas villanovianas (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

1.5. Fíbulas de tipo “Ponte 04”, i.e., fíbulas de arco em sanguessuga

- Descrição da tipologia: Esta tipologia abarca fíbulas distintas que têm em comum os seus arcos em sanguessuga (isto é, arcos mais engrossados na sua parte central, lateralmente e em altura, que podem ser ocos, abertos ou fechados, ou possuir outro género de características distintivas); dado só incluir, até à data, dois exemplares publicados, poder-se-á afirmar também que possuem decorações incisas de cariz geométrico. A peça alentejana, quase completa, “(...) Carece de fuzilhão, pé e descanso. O arco é bojudo, oco, medianamente aberto, de recorte elevado, com decoração geométrica e compósita; a mola é unilateral, conservando uma volta.” (Ponte, 2006:424). A peça espanhola é bastante semelhante, diferindo ligeiramente ao nível da decoração (mais simples) e da mola (Nuñez-García, 2016:36).
- Cronologia na Península Ibérica: Bronze Final, I Idade do Ferro; inícios do século VIII a.C. ao século VII a.C.. A Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires datará dos séculos VII-IV a.C. (Arruda, 2012 b); o Castro de Alobre dos séculos VIII-IV a.C. (Nuñez-García, 2016:38).
- Número de achados na Península Ibérica: c. 05 ou 06; só teremos 03 delas em conta.
- Localização dos achados:
 - a) Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal (distrito de Setúbal); x 01. Existem alguns estudiosos (Graells i Fabregat, 2022:144) que desconfiam do seu achado nesta necrópole ou, até, na Península Ibérica, devido ao seu inusual excelente estado de conservação e à sua datação “demasiado recuada”.
 - b) Castro de Alobre, Vilagarcía de Arousa (comunidade autónoma da Galiza); x 01. Alguns autores consideram-na antes uma fíbula “a navicella” (Graells i Fabregat, 2022:141), mas, na prática, as diferenças morfológicas para com a peça a) não são significativas. Como este exemplar anterior, também existem alguns investigadores que põem em causa a autenticidade desta peça galega (Graells i Fabregat, 2022:144).
 - c) Meia Praia, Lagos (distrito de Faro); x 01. Encontra-se ainda inédita e existem algumas dúvidas relativamente à sua inserção nesta tipologia (Arruda *et al.*, 2022:87).
 - d) Sem um local de achado preciso, mas quiçá o povoado de Ampúrias, La Escala (comunidade autónoma da Cataluha); x 02. Dado não se conhecer o seu

local de achado (Graells i Fabregat (2022:142), bastante crítico no que se refere a outras peças, mas nunca as invalidando ou aos seus prováveis locais de achado, inclui estas duas nas “dubitanda”) e tendo em conta o tema desta dissertação, não iremos considerar estas fíbulas.

- e) A fíbula “Dubitanda 9” de Graells i Fabregat (2022:143) também se inclui nesta tipologia, mas não se conhece o seu local de achado, e nem sequer se suspeita de onde poderá ser ou se este se localizará realmente na Península Ibérica (o autor, no entanto, acha possível que o seja). Assim sendo, também não será aqui tida em conta.
- f) Existe no Museu Arqueológico de Sevilha um conjunto de sete (x 07) fíbulas com arco em sanguessuga e “navicella” que provirão, em teoria, do povoado de Los Alcores (Carmona, comunidade autónoma da Andaluzia). No entanto, este conjunto ainda não foi devidamente estudado e Graells i Fabregat (2022:137-138, 145) considera que é “claramente falseado” (por oposição às suas dúvidas relativas a outras peças), pelo que não as consideraremos igualmente neste estudo.
- Local de produção dos achados: As evidências não permitem concluir de forma satisfatória uma produção em solo ibérico (dado tratar-se de poucas peças, sem qualquer outro tipo de paralelo na Península Ibérica). O exemplar a), pela sua decoração mais orientalizante, “(...) reflecte mais o mundo mediterrânico, sobretudo o da Itália Meridional (...)” (Ponte, 2006:112); o exemplar b), também pela sua decoração (mais simples), poderá, talvez, associar-se antes às regiões italianas mais centrais e setentrionais. Seja como for, será provável, com as devidas reservas, um fabrico destas fíbulas na Península Italiana.
- Contexto dos achados: Sem contexto. O exemplar a), pelo seu local de achado, poderá ter, sem certezas, um contexto funerário.
- Cultura a que pertencem: Inserem-se nas culturas do Sul de Portugal e do Noroeste peninsular (contextualizadas no ponto 2.1. desta dissertação).
- Função: Utilitária e estética (alfinete para a roupa). Quiçá espólio fúnebre (exemplar da Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires). Talvez artigos de luxo usufruídos por elites.

- Equivalentes itálicos:
 - Existem inúmeras classes e tipologias de fíbulas com arco em sanguessuga, que se distinguem entre si, principalmente, pelo tipo de descanso. Ora, não possuindo os exemplares ibéricos considerados os respetivos descansos, ser-nos-á impossível apontar um tipo com um maior grau de certeza. Ainda assim, poderemos aqui sintetizar as alternativas: Classe XIX, “Fibule passanti alla sanguisuga e fibule a sanguisuga con staffa corta o a disco” (Lo Schiavo, 2010:260-279, Tav. 128-136; quiçá tipo 116, “fibule a sanguisuga con staffa corta e decorazione incisa”, variante B (que inclui fíbulas de maiores dimensões)); Classe XXI, “Fibule a sanguisuga con staffa allungata” (Lo Schiavo, 2010:286-305, Tav. 139-149; quiçá (semelhante ao) tipo 140, “fibula a navicella con staffa asimmetrica, da Pitecusa”); Classe XXIII, “Fibule a sanguisuga ed a navicella decorate con staffa lunga” (Lo Schiavo, 2010:334-358, Tav. 163-183; quiçá tipo 155, “fibule a sanguisuga con arco a sezione circolare decorato”); Classe XXVII, “Fibule a navicella ed a sanguisuga decorate, con staffa lunga, con e senza bottone terminale” (Lo Schiavo, 2010:473-497, Tav. 282-302; quiçá (semelhante ao) tipo 213, “fibula a navicella con decorazione a motivi angolari, da Montecorvino Rovella”, ou 215, “piccole fibule a navicella con decorazione incisa a bande trasversali con motivi a zig-zag inclusi”). Não esquecendo, mais uma vez, a existência de outras tipologias no Centro (onde também são comuns estas peças) e no Norte da Itália Continental.
 - Descrição: Uma descrição mais precisa dependerá, obviamente, das tipologias, que não podemos identificar com certeza. De uma forma geral, porém, trata-se de fíbulas com arco em sanguessuga, diversos tipos de descanso (curto, alongado, longo, também em disco), fusilhão geralmente reto e, nos casos que nos interessam, decoração incisa geométrica. Os modelos mais antigos caracterizam-se pela sua “(...) staffa corta e simmetrica e da una decorazione dorsale e ventrale analoga a quele delle fibule ad arco ingrossato.” (Conti, 2012:79), tornando-se progressivamente mais complexas.
 - Origem: Provavelmente da “zona entre a Itália Central e Setentrional”, constituindo um importante elemento material da cultura villanoviana (Ponte, 2006:115).

- Locais de achado: Dependerá de cada classe e tipo. Foram encontrados exemplares inseríveis nesta ampla categoria de “fíbulas com arco em sanguessuga” no Norte (nomeadamente, em Este (Veneto) e Chiavari (Ligúria) (Ponte, 2006:115)), Centro e Sul da Itália Continental. Por exemplo, os tipos acima expostos parecem concentrar-se na Campânia: foram encontrados em Sala Consilina (116, variante B); Pitecusa (140); Suessula (também na Campânia), Capua e Cuma (155); Montecorvino Rovella (igualmente uma localidade na Campânia) (213); novamente em Sala Consilina, Pitecusa, Suessula e, fora da península, na Sicília (na colónia grega de Megara Hyblaea) (215).
- Locais de produção: Dependerá também de cada classe e tipo. Não existiria, porém, um único centro produtivo; estas peças seriam produzidas em diversos locais (por vezes dando origem a tipologias distintas), igualmente dispersos, tal como no caso dos achados, por toda a península (ainda que, claro, fosse possível a concentração da sua produção em centros habitados específicos).
- Cronologia: No geral, as fíbulas italianas com arco em sanguessuga surgem “(...) nel primo quarto dell’VIII secolo a.C. (...)” (Conti, 2012:79) e continuam até ao século VI a.C.
- Contextos: Quando conhecidos, funerários ou depósitos.
- Função: Utilitária e estética (alfinete para a roupa); espólio fúnebre.
- Outras exportações desta tipologia, fora da Península Ibérica: Encontram-se fíbulas inseríveis nestes tipos na Sicília (nomeadamente, o exemplo apresentado em cima (Lo Schiavo, 2010:480, Tav. 292)) e na Sardenha (pelo menos duas peças, de Posada (mas sem local de achado conhecido) e de Sa Sedda ‘e Sos Carros, ambas no Nordeste/Este da ilha (Milletti, 2012:32, 34, Tav. VII)). Conhecem-se igualmente bastantes exemplares em França (pelo menos, 63 (Duval *et al.*, 1974:15-26), três dos quais, encontrados em regiões ocidentais, surgem na obra mais recente (e, por isso, mais fiável) de Pierre-Yves Milcent (2006:327)), que, apesar das dificuldades que temos sempre lembrado (Guilaine e Verger, 2008:230-232), provavelmente poderão ser tidas (parcialmente) em conta desta vez. Ter-se-ão

difundido também para regiões fora das nossas áreas de maior interesse (Ponte, 2006:116).

- Bibliografia relevante:

- Arruda *et al.*, 2022:87
- Conti, 2012
- Cortegoso Comesaña, 2000
- Duval *et al.*, 1974:15-26
- Gomá Rodríguez, 2019:70-80, 86
- Gomes, 2016
- Guilaine e Verger, 2008:230-232
- Lo Schiavo, 2010:260-279, Tav. 128-136; 286-305, Tav. 139-149; 334-358, Tav. 163-183; 473-497, Tav. 282-302
- Matriz Net, n.d. d
- Milcent, 2006:327
- Milletti, 2012:32, 34, Tav. VII
- Nuñez-García, 2016:35-36, 38
- Ponte, 1985
- Ponte, 2006:111-117, 424

- Imagens relevantes (diversas escalas):

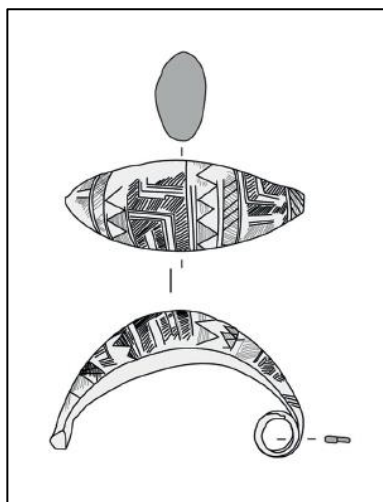


Figura 1.5.A – Representação do exemplar de tipo “Ponte 04” da Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). (Imagem retirada de: Arruda *et al.*, 2022:88.)



Figura 1.5.B – Fotografias do exemplar de tipo “Ponte 04” da Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). (Imagem retirada de: Matriz Net, n.d. d.)

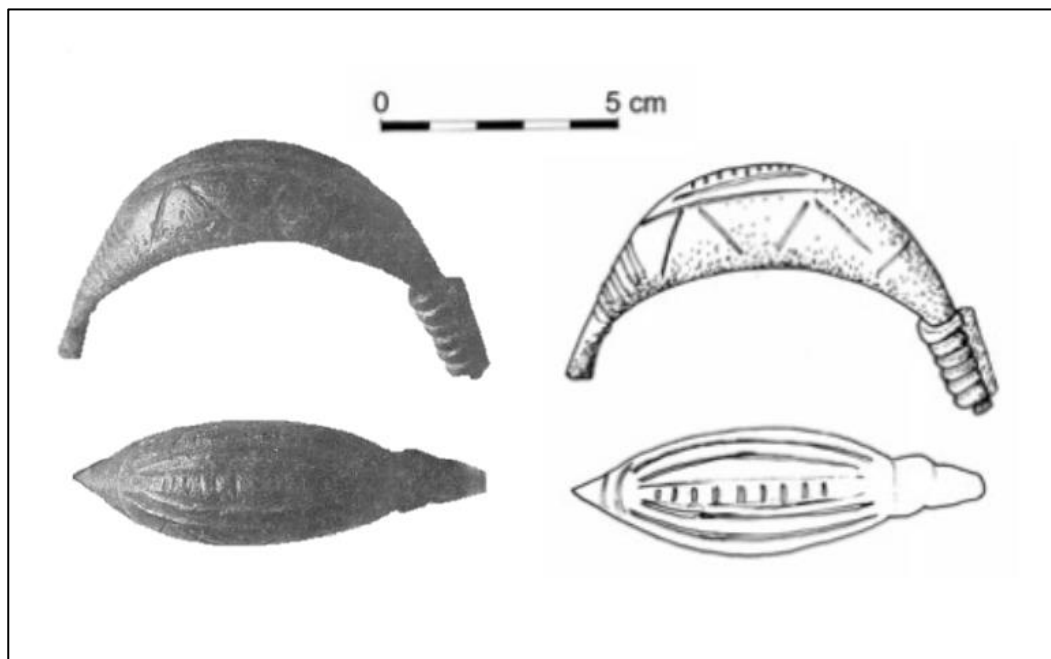


Figura 1.5.C – Fotografia e representação do exemplar de tipo “Ponte 04” do Castro de Alobre (Vilagarcía de Arousa). (Imagem retirada de: Nuñez-García, 2016:36.)

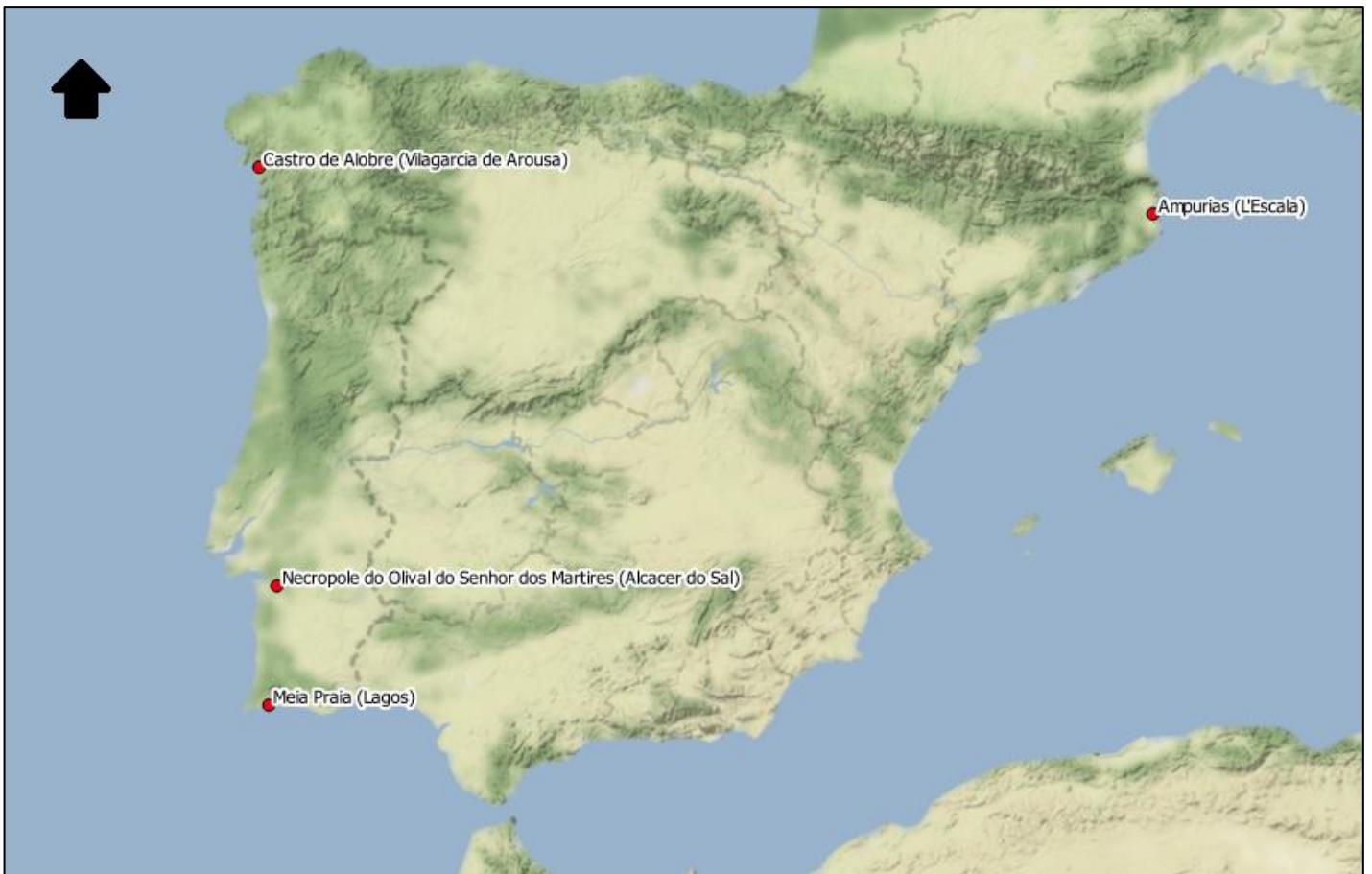
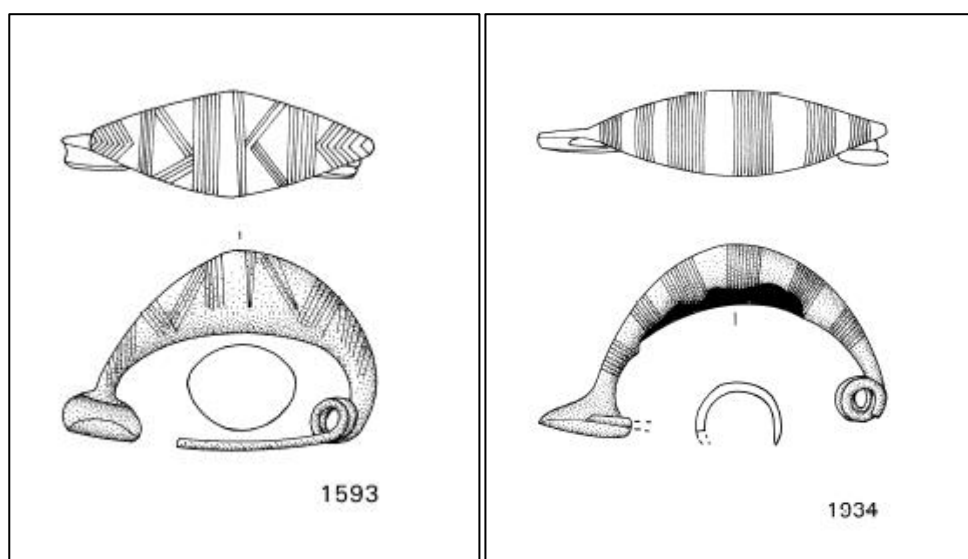


Figura 1.5.D – Dispersão das fibulas de tipo “Ponte 04” na Península Ibérica (Ampúrias não será considerada) (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)



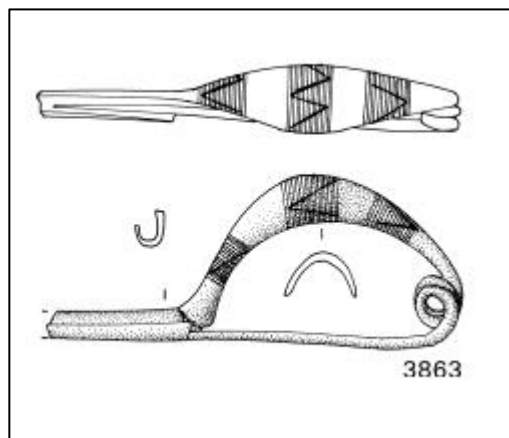
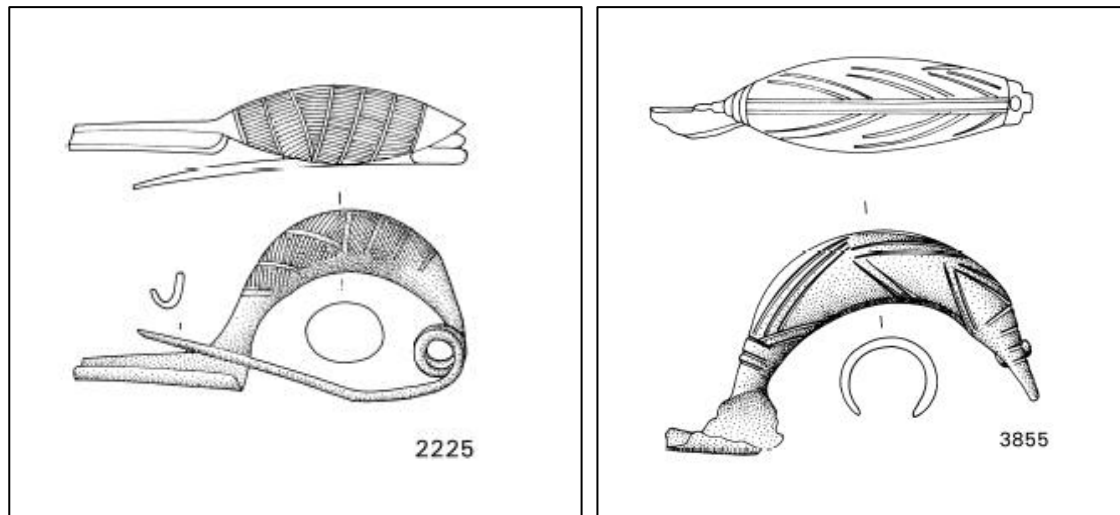


Figura 1.5.E – Representação de algumas fíbulas italianas dos tipos 116 (variante B) (1593), 140 (1934), 155 (2225), 213 (3855) e 215 (3863) de Lo Schiavo. (Imagem retirada de: Lo Schiavo, 2010:Tav. 130, Tav. 149, Tav. 165, Tav. 291.)

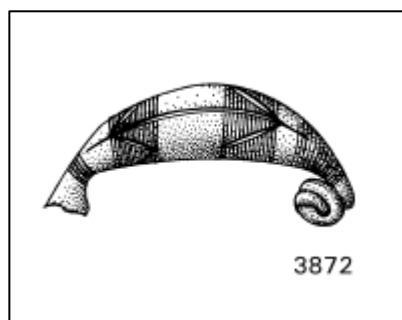


Figura 1.5.F – Representação da fíbula siciliana acima mencionada. (Imagem retirada de: Lo Schiavo, 2010:Tav. 292).

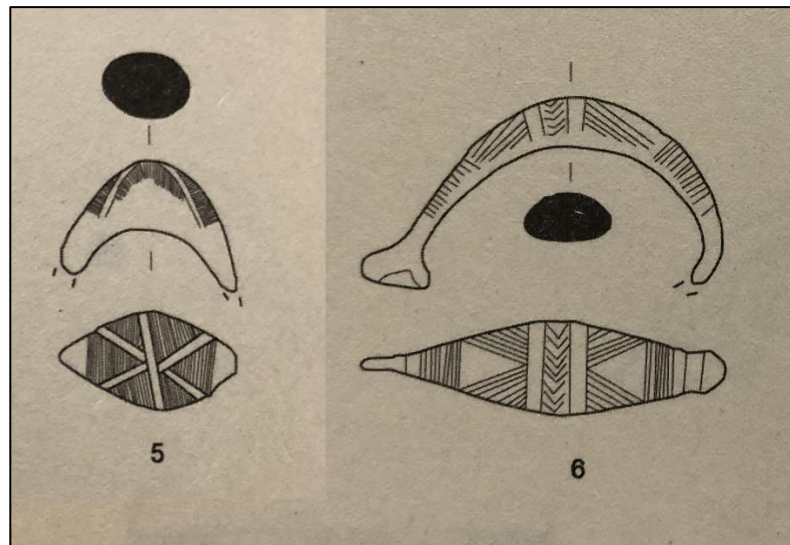


Figura 1.5.G – Representação das duas fíbulas sardas acima mencionadas (5 – Sa Sedda ‘e Sos Carros; 6 – Posada). (Imagem retirada de: Miletta, 2012:Tav. VII.)

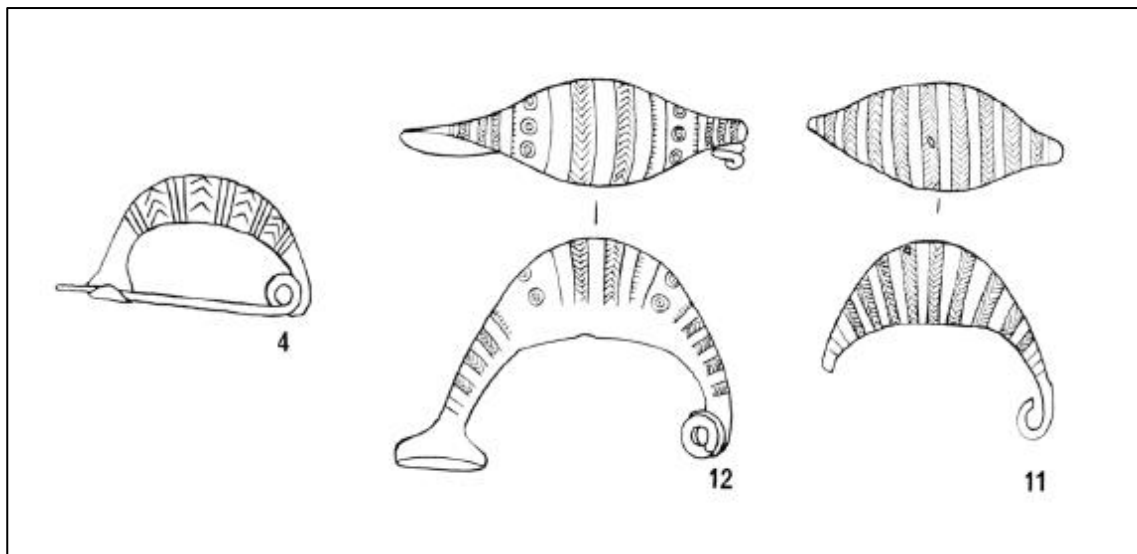


Figura 1.5.H – Representação de algumas fíbulas francesas semelhantes às de tipo “Ponte 04” (“4 – Genets (Manche); 11 – Paris (Seine); 12 – Agen, Lacombe (Lot-et-Garonne)”). (Imagem retirada de: Duval *et al.*, 1974:16.)

1.6. Possíveis importações itálicas na Península Ibérica mais incertas

1.6.1. Espada de tipo “Terontola”

- Descrição da peça: Esta “Espada bipartita completa; caracterizada por una espiga de empalme con la empuñadura y hoja pistiliforme de sección lenticular; [com] long. 42,5 cm; anch. 9,9 cm; esp. hoja 0,7 cm, [e] espiga 0,5 cm” (Brandherm, 2007:32), parece inserir-se devidamente no tipo “Terontola” (Brandherm, 2007:34) (que caracterizaremos melhor em diante), de origem norte-itálica.
- Cronologia na Península Ibérica: Bronze Final; finais do “Bronze D” centro-europeu ou inícios da fase de “Hallstat A” (Brandherm, 2007:33) (numa perspetiva mais abrangente, c. 1300-1100 a.C. (Giardino, 1995:282)).
- Número de achados na Península Ibérica: 01.
- Localização do achado:
 - Sem local de achado, mas será dos “Pirenéus catalães” (fará atualmente parte de uma coleção particular), o que, claro, levantará grandes dúvidas acerca da sua “veracidade”.
- Local de produção do achado: “(...) parece lícito (...) localizar su taller de origen en la zona al sur de los Alpes [isto é, no Norte de Itália].” (Brandherm, 2007:34).
- Contexto do achado: Sem contexto ou, sequer, circunstâncias de achado.
- Cultura a que pertence: Insere-se nas culturas do Nordeste peninsular (contextualizadas no ponto 2.1. desta dissertação).
- Função: Difícil de precisar sem se conhecer o seu contexto (poderá tratar-se de um objeto votivo? Espólio fúnebre?), mas seria, pelo menos, uma “verdadeira espada”, que poderia ser usada em situações bélicas (Brandherm, 2007:32).

- Equivalentes itálicos:
 - Espadas de tipo “Terontola”
 - Descrição: Esta tipologia de espadas caracteriza-se pelas suas longas linguetas, que não terminam em gancho (por oposição a outros tipos semelhantes) e possuem uma ponta ligeiramente engrossada (Jung, 2009:141; Maraner, 2013-2014:78). O fim da lingueta/início da lâmina não apresenta rebites ou orifícios para os mesmos e tem uma “forma

campanulata” (De Marinis, 2009:137). A lâmina “(...) è a sezione romboidale (...) [,] presenta spesso gradini lungo i tagli” e possui uma característica “(...) espansione verso la punta (...)” (Maraner, 2013-2014:78). No geral, são peças relativamente pequenas/curtas e leves (por comparação com outras tipologias da mesma “família”), existindo uma grande variedade entre os vários exemplares individuais (Maraner, 2013-2014:78).

- Origem: É provável que esta tipologia se inspire em modelos centro-europeus (como, em diante, o tipo “Monza”), mas terá uma origem na Itália Setentrional (nas regiões, portanto, onde estes achados são mais comuns).
- Locais de achado: Concentram-se de uma forma predominante no Norte de Itália (em particular nas atuais regiões da Lombardia (Oriental), Veneto e Trentino; e também, em menor quantidade, no Piemonte e na Ligúria), conhecendo-se igualmente alguns exemplares no Centro (nomeadamente, em Terontola (concelho de Cortona, província de Arezzo, região da Toscana), no Lago Trasimeno (província de Perúgia, região da Úmbria) e em Forlì (província de Forlì-Cesena, região da Emília-Romanha)).
- Locais de produção: Difícil de precisar, mas, dada a distribuição dos achados, será de supor que estes seriam produzidos a Norte (provavelmente em mais do que um local).
- Cronologia: Bronze Recente (c. 1350-1200 a.C.) e inícios do Bronze Final.
- Contextos: Quando conhecidos, maioritariamente depósitos (quicá votivos (principalmente em meio aquático), mas não só).
- Função: No geral, seriam mesmo armas, ou seja, poderiam ser utilizadas em atividades bélicas (dependendo os seus usos mais específicos, por exemplo, do seu tamanho). Teriam também, em certos casos, funções mais cerimoniais ou votivas.
- Outras exportações desta tipologia, fora da Península Ibérica: Encontram-se alguns exemplares na Suíça (De Marinis, 2009:137; Jung, 2009:141), Áustria (Brandherm, 2007:33) e um em Ugarit, na Síria (Palmucci, 2015:08-09). Não parecem existir peças claramente

inseríveis nesta tipologia nas áreas que interessam mais ao nosso estudo (Sardenha, Sicília, França).

- Bibliografia relevante:
 - Bianco Peroni, 1974:13
 - Brandherm, 2007:31-35, Lám. 02
 - De Marinis, 2009:137
 - Jung, 2009:141
 - Maraner, 2013-2014:78, 96
 - Palmucci, 2015:08-09
 - Ravaglia, 2009:265

- Imagens relevantes (diversas escalas):

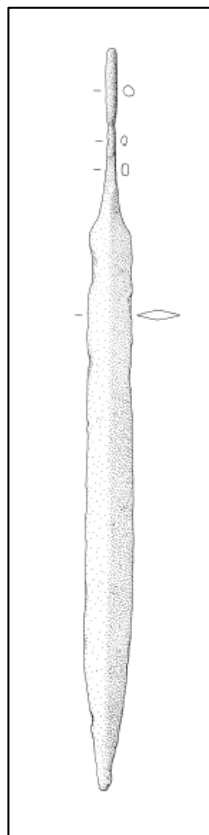


Figura 1.6.1.A – Representação da espada de tipo “Terontola” espanhola. (Imagem retirada de: Brandherm, 2007:Lám. 02.)

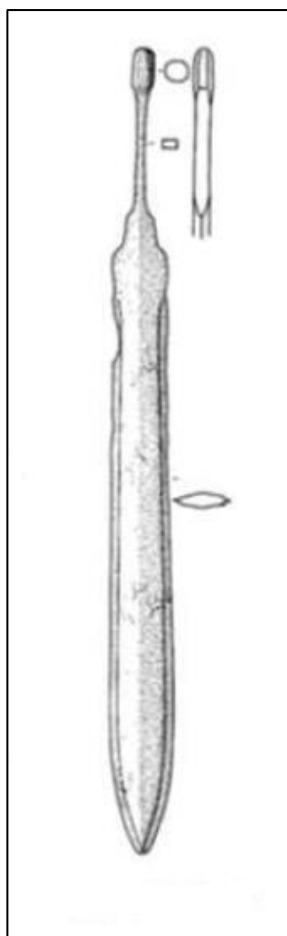


Figura 1.6.1.B – Representação de uma espada de tipo “Terontola” italiana (Imagem retirada de: Jung, 2009:141.)

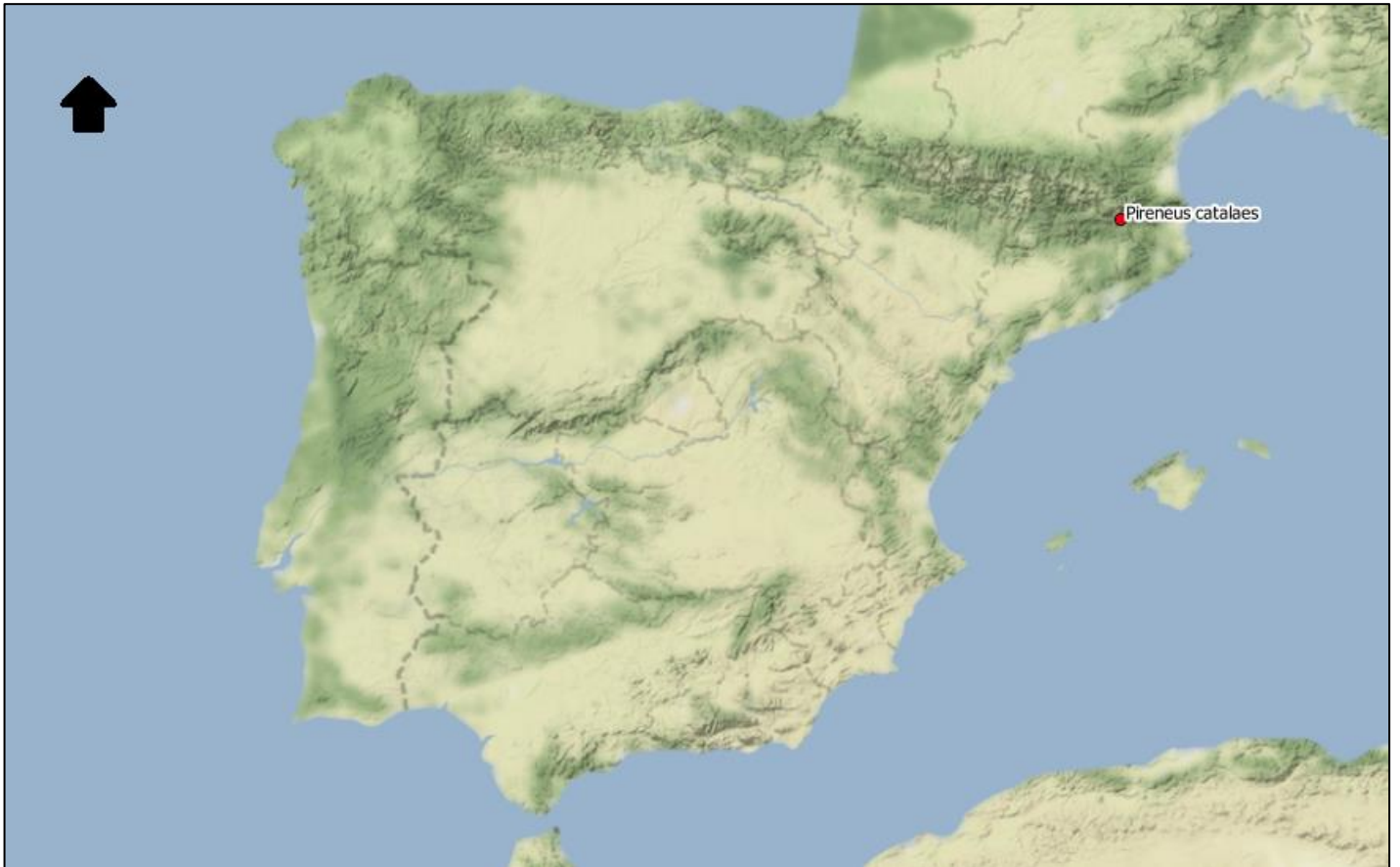


Figura 1.6.1.C – Local de achado indicativo (sem qualquer precisão) da espada de tipo “Terontola” na Península Ibérica (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

1.6.2. Faca de La Peneda

- Descrição da peça: Faca “à tranchant unique (...) [com a] soie perforée de deux trous de rivets” (Coffyn, 1985:178). A lâmina afunila na direção da “ponta”, que não é particularmente bicuda, e o seu “arco” não é muito marcado (mas também não chega a ter uma lâmina direita).
- Cronologia na Península Ibérica: Bronze Final (talvez); sem mais informações.
- Número de achados na Península Ibérica: 01.
- Localização do achado:
 - Castro de La Peneda (Redondela, província de Pontevedra, comunidade autónoma da Galiza).
- Local de produção do achado: Desconhecido. Poderá ser no Sul da Península Itálica (ver em diante) ou no próprio Egeu micénico. Também não se poderá excluir um fabrico ibérico ou, quiçá, noutra parte da Europa (alguns investigadores (Coffyn, 1985:178) defendem que esta faca se insere antes em modelos da Europa Continental, mas os paralelos mediterrânicos são geralmente mais bem aceites (Gomá Rodríguez, 2017:141-143)).
- Contexto do achado: Sem contexto.
- Cultura a que pertence: Insere-se nas culturas do Noroeste peninsular (contextualizadas no ponto 2.1. desta dissertação).
- Função: Culinária (Coffy, 1985:178) ou ritual (Gomá Rodríguez, 2017:142).
- Equivalentes itálicos:
 - Facas calabresas, em particular a de Spezzano Calabro
 - Descrição: A faca de Spezzano Calabro apresenta um só gume e três (ou dois?) furos de rebite, na lingueta. A sua lâmina afunila na direção da “ponta”, que é bicuda e se curva ligeiramente na direção do “topo”, e o “arco” que forma é relativamente marcado. A lingueta é mais estreita do que a lâmina em si, que, assim, apresenta uma evidente saliência (algo que não sucede nas peças micénicas).
 - Origem: Esta tipologia tem uma origem micénica, mas é possível e até provável que estas facas tenham sido idealizadas (dado serem ligeiramente distintas das micénicas, produzidas na zona do Egeu) ou,

pelo menos, fabricadas em solo itálico, quiçá na área adriática (Gomá Rodríguez, 2017:142-143).

- Locais de achado: Não nos foi possível aprofundar este ponto com o devido pormenor.
 - Spezzano Calabro (província de Cosenza, região da Calábria); x 01 (pelo menos).
 - Locais de produção: Será difícil sabê-lo com certeza, mas, como referido em cima, poderão ter sido produzidas na própria Península Itálica, talvez nas zonas adriáticas mais influenciadas pelos micénicos.
 - Cronologia: Meados do século X a.C. a meados do século IX a.C. (c. 950-850 a.C.), ou quiçá “tardo IX sec.” (Guzzo e Peroni, 1982) (portanto, já posterior à data tradicional da queda do sistema palaciano micénico).
 - Contextos: Desconhecido, mas provavelmente funerário.
 - Função: Mais prática ou mais simbólica; possivelmente espólio fúnebre.
 - Outras exportações desta tipologia, fora da Península Ibérica: Não nos foi possível aprofundar este ponto.
- Bibliografia relevante:
 - Coffyn, 1985:178, pl. XVIII
 - Gomá Rodríguez, 2017:141-143, 652
 - Guzzo e Peroni, 1982
 - Imagens relevantes (diversas escalas):

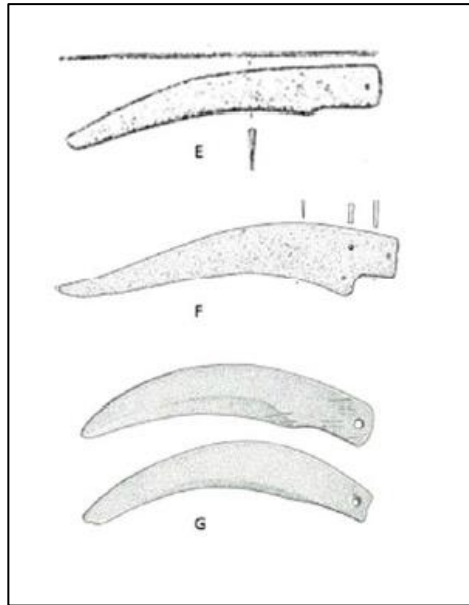


Figura 1.6.2.A – Representação das facas de La Peneda (Redondela) (E), Spezzano Calabro (F) e de alguns exemplares micênicos (G). (Imagem retirada de: Gomá Rodríguez, 2017:652.)

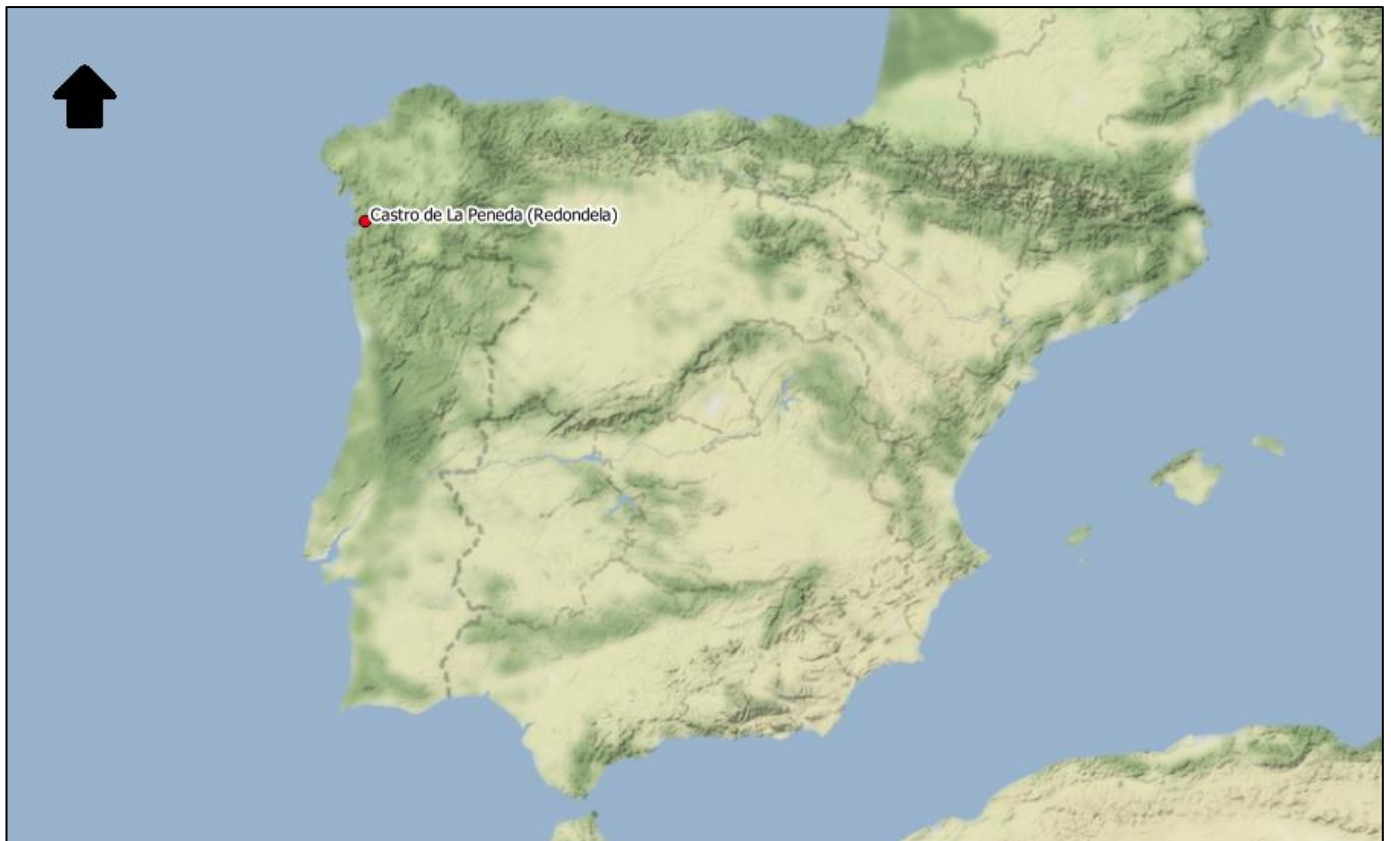


Figura 1.6.2.B – Local de achado da faca de La Peneda na Península Ibérica (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

1.6.3. “Capacete” de prata de Caudete de las Fuentes

- Descrição da peça: Peça de prata oca, com forma hemisférica (e não oval) e c. 18cm de diâmetro na sua parte mais larga (Graells i Fabregat e Lorrio Alvarado, 2013:158). O seu exterior encontra-se profusamente decorado: “Esta pieza presenta decoración geométrica. En los laterales se sitúan sendos motivos con forma de cuarto lunar aunque, atendiendo a la naturaleza del objeto, podría responder a la representación de cuernos.” (Faro Carballa, 2017:190).
- Cronologia na Península Ibérica: Bronze Final ou inícios da Idade do Ferro; provavelmente do século VIII a.C. (ainda que tal datação se baseie principalmente nos paralelos itálicos).
- Número de achados na Península Ibérica: 01.
- Localização do achado:
 - Nas proximidades do povoado de Los Villares, Caudete de las Fuentes (província de Valência, Comunidade Valenciana)
- Local de produção do achado: Desconhecido. Se se considerar itálico, terá sido numa área villanoviana (provavelmente na Etrúria meridional, quiçá em Tarquínia), mas tal associação é algo incerta.
- Contexto do achado: Sem contexto arqueológico preciso (foi encontrado por acaso, com outras peças, entretanto desaparecidas); poderá tratar-se, dado o provável local de achado, de uma deposição em meio húmido (Graells i Fabregat e Lorrio Alvarado, 2013:158).
- Cultura a que pertence: Insere-se nas culturas do “Bronze Final III” do Levante espanhol (contextualizadas no ponto 2.1. desta dissertação).
- Função: Capacete (objeto que, por sua vez, poderá ter diversas funções, provavelmente de cariz cerimonial/religioso ou um símbolo de prestígio; não seria, dado o seu material, um capacete utilizado em situações bélicas) ou tigela (com funções quiçá também “religiosas” ou cerimoniais) (o papel de capacete, porém, é geralmente mais bem aceite, ainda que sem certezas (Graells i Fabregat e Lorrio Alvarado, 2013:158)). Poderá tratar-se, de qualquer das formas, de um objeto votivo.

- Equivalentes itálicos:
 - Capacetes villanovianos decorados do tipo “a calotta senza apice”. Existem também outros capacetes deste tipo noutras regiões (por exemplo, na Lombardia), mas não possuem qualquer decoração (Martinelli, 2004:18).
 - Descrição: Tipologia que engloba capacetes de forma hemisférica, sem um “ápice” (“topo”, geralmente bicudo) proeminente e com uma decoração caracterizada por granulados e elementos salientes (num dos exemplares conhecidos (peça I)), a decoração pretende retratar um rosto humano; nos restantes, tal não será o caso. Nenhum apresenta, no entanto, possíveis elementos afins a “chifres” ou uma decoração tão profusa como a que ocorre na peça ibérica) (Martinelli, 2004:18). Todos estes capacetes são de bronze (e não de prata). Este tipo é, comparando com a alternativa com “ápice” e, igualmente, com outras formas de capacete, bastante raro (Martinelli, 2004:18).
 - Origem: Esta tipologia específica, dados os seus locais de achado, terá uma origem villanoviana. Porém, capacetes com este formato encontram-se também em muitas outras áreas europeias (“dall’Ungheria alla Francia oltre che nell’area egea” (Martinelli, 2004:18), ainda que não tenhamos conseguido obter informações satisfatórias acerca das suas decorações), podendo ser uma delas a região de origem desta morfologia.
 - Locais de achado: Os três exemplares conhecidos até à data provêm todos de Tarquínia (na Etrúria meridional).
 - I e II): Túmulo “II” da necrópole de Poggio dell’Impiccato (um capacete (I)) serviu de tampa à urna, o outro capacete, ou tigela (II), serviu de “base”).
 - III): Túmulo “Monterozzi 8” da necrópole delle Arcatelle (o exemplar serviu também de tampa à urna).
 - Locais de produção: Tendo em conta a sua (escassa) distribuição, poderá supor-se, sem garantias, uma produção local, no próprio povoado de Tarquínia.
 - Cronologia: Século VIII a.C., associando-se geralmente ao “Villanoviano II”, (c. 800-720 a.C.), isto é, ao final da I Idade do Ferro, ainda pré-orientalizante.

- Contextos: Funerários.
 - Função: Poderiam ter, em termos teóricos, uma função de cariz bélico; porém, na prática, trata-se de espólio fúnebre, com o claro objetivo de “humanizar” a urna de um indivíduo com um estatuto elevado (e, talvez, de “guerreiro”).
 - Outras exportações desta tipologia, fora da Península Ibérica: Não nos foi possível aprofundar este tópico. Porém, dada a sua escassez na própria Península Itálica, parece-nos improvável um elevado número de “exportações”.
- Bibliografia relevante:
 - Faro Carballa, 2017:190
 - González Prats, 1985:492-493
 - Graells i Fabregat e Lorrio Alvarado, 2013:158-159, 161-162
 - Iaia, 2006:263-264
 - Martinelli, 2004:15-34 (em particular, a página 18)
 - Imagens relevantes (diversas escalas):

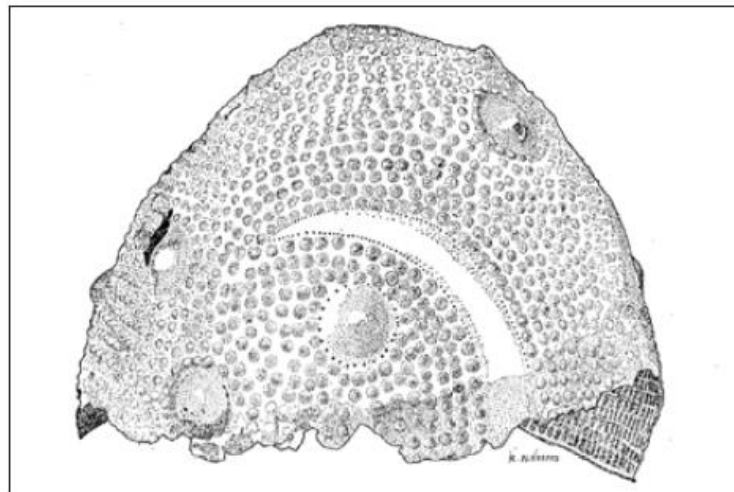


Figura 1.6.3.A – Representação do possível capacete de Caudete de las Fuentes. (Imagem retirada de: Faro Carballa, 2017:190.)

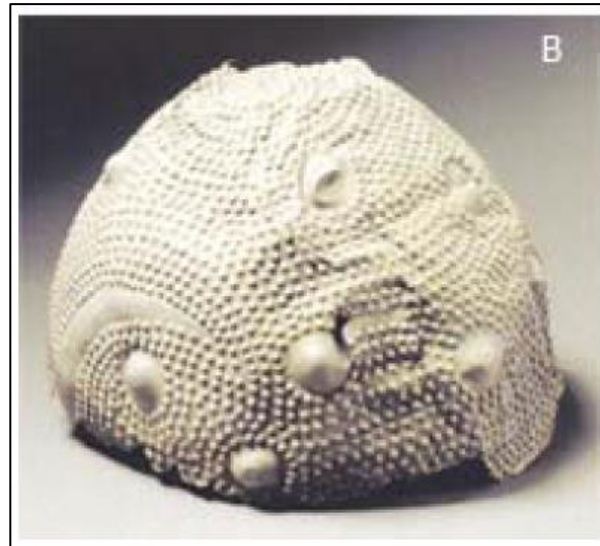


Figura 1.6.3.B – Fotografia do possível capacete de Caudete de las Fuentes. (Imagem retirada de: Graells i Fabregat e Lorrio Alvarado, 2013:158.)

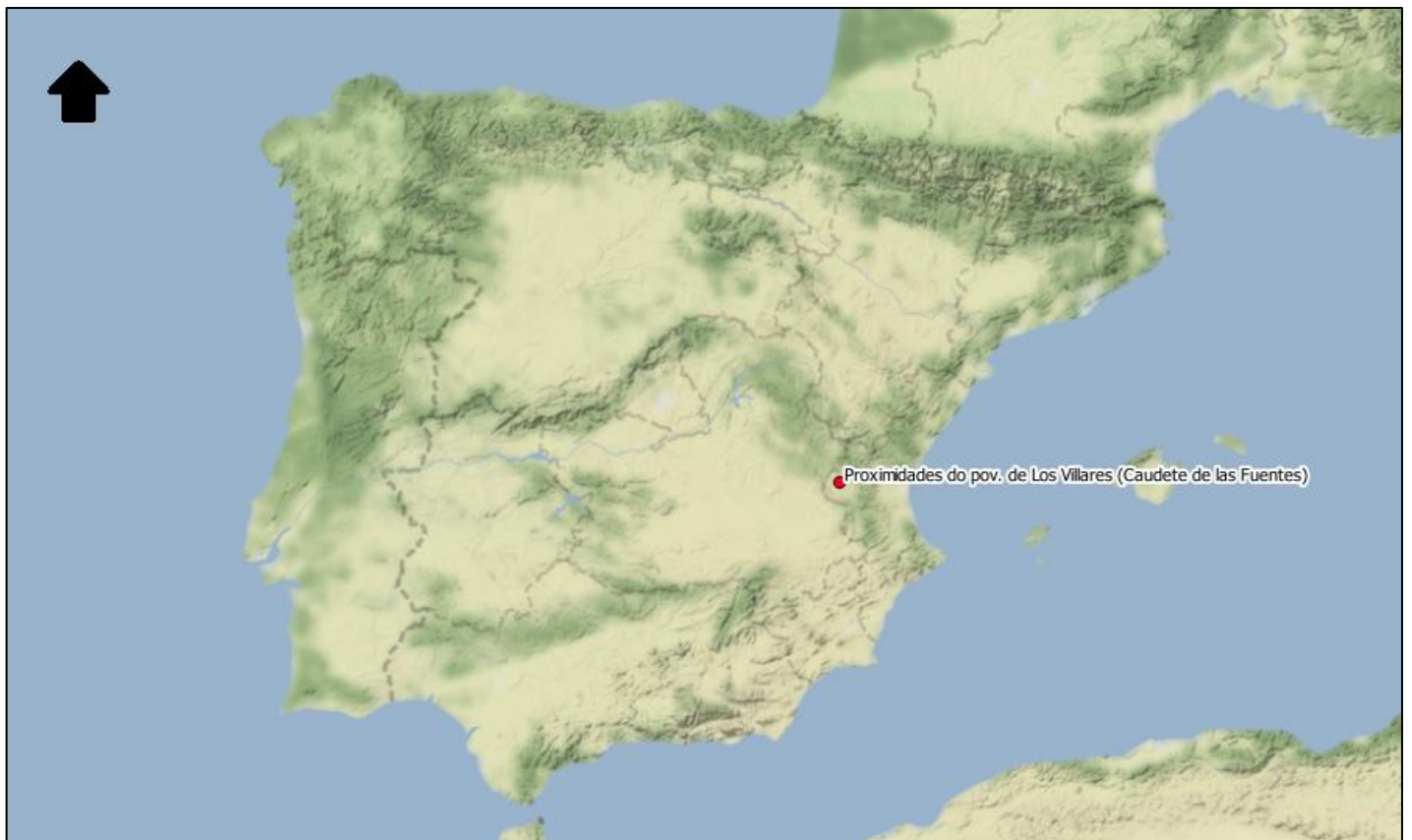


Figura 1.6.3.C – Local de achado do possível capacete de Caudete de las Fuentes na Península Ibérica (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

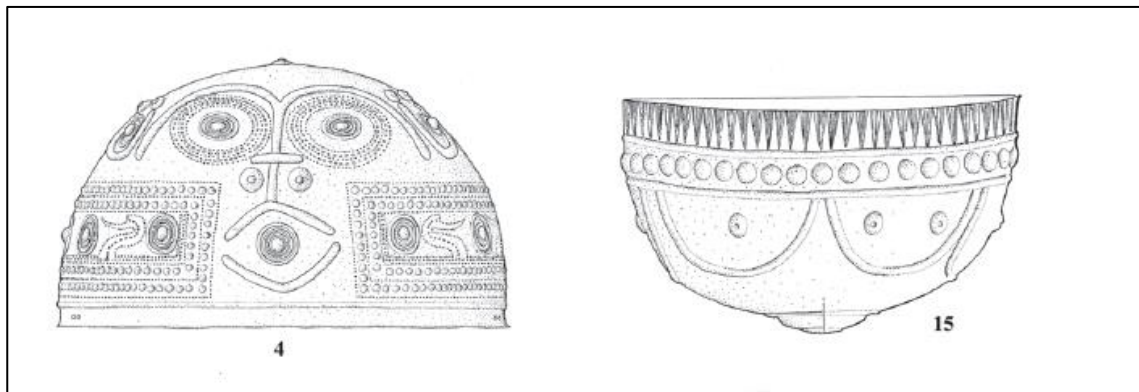


Figura 1.6.3.D – Representação das peças itálicas I (4) e II (15). (Imagem retirada de: Iaia, 2006:264.)

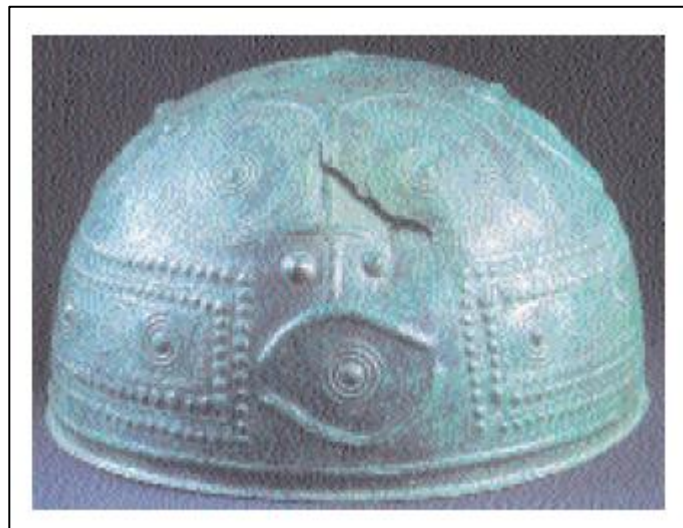


Figura 1.6.3.E – Fotografia da peça itálica I. (Imagem retirada de: Martinelli, 2004:18.)



Figura 1.6.3.F – Fotografia da peça itálica III). (Fotografia tirada pela autora no Museo Archeologico Nazionale di Tarquinia (03/07/2022).)

2. Materiais com possíveis influências originárias da Península Itálica

2.1. Espadas possivelmente inspiradas nas de “tipo Monza / Rixheim-Monza”

- Descrição das peças:
 - a) Espada de La Llacuna: Fragmentada em duas partes. “*Fragmento superior* – Parte superior de una espada de bronce com lengüeta corta en el arranque de la hoja y nervio semicircular adornado com filetes laterales; mide 18,50 cm de longitud por 3,60 de anchura, y pesa 158 gr. *Fragmento inferior* – Parte inferior de la misma espada, que mide 22 cm de longitud por 4 de anchura máxima, y presenta la punta poco pronunciada. Su sección es oval alargada. Pesa 194 gr.” (Giró e Masachs, 1968:207). É associada, entre outros, aos tipos Monza, Mantoche e Rosnöen (Meijide Cameselle, 1988:05); estas incertezas poderão, tal como nos casos seguintes, indiciar tratar-se antes de um modelo local “inspirado”, mas, dado estar incompleta (particularmente, ao nível da lingueta), não é possível ter quaisquer seguranças face à tipologia desta espada.
 - b) Espada de Carcabuey: Esta peça possui uma “(...) empuñadura de espiga (...). Falta un trozo de la hoja y hay evidentes señales de que fue serrada en la antigüedad, pues tanto parte de la hoja como las marcas de la sierra se han corroído ligeramente. Su estado de conservación es bueno, con una pátina oscura y lisa en toda ia superficie. Sus dimensiones son las siguientes: Longitud: 52 cm. Anchura: 3,4 cm. Espiga: longitud, 11,6 cm.; espesor máximo, 1 cm.; espesor mínimo, 0,55 cm. (...) La espada de Carcabuey tiene semejanzas com el tipo de Monza (...), si bien carece de remaches. Los rasgos comunes incluyen las proporciones generales de la hoja, el empleo de un vástago como empuñadura y la sección ovalada.” (Harrison, 1974:225-226), assim como “(...) la empuñadura de espiga y la decoración de los ricassos (...)” (Meijide Cameselle, 1988:05).
 - c) Espada da Ria de Huelva: “Otro tercer modelo de espada hallado en el depósito de Huelva lo constituye un tipo nacido del aprovechamiento de una espada de lengüeta rota por la empuñadura. Estudiando con detenimiento esta espada se ve como por la parte quebrada de la hoja se ha machacado el bronce hasta proporcionar un empalme que unía, por medio de tres clavos, la hoja a la empuñadura (...). Nuestra espada, a simple vista, parece pertenecer al tipo de

espadas de Monza-Rixheim, de Centro Europa (...), pero aquellos modelos, aunque tal vez tuvieron el mismo origen, eran mucho más perfectos que nuestro ejemplar, siendo imposible establecer directa dependencia.” (Almagro Basch, 1940:44).

- Cronologia na Península Ibérica: Bronze Final. Dada a falta de contexto das peças a) e b), estas são frequentemente datadas, com base nos seus possíveis paralelos europeus, de finais do segundo milénio a.C., isto é, de c. 1200-1000 a.C. (Meijide Cameselle, 1988:08, 100). O depósito da Ria de Huelva, onde foi encontrada a peça c), é geralmente datado da segunda metade do século XI a.C. a meados do século IX a.C. (Martín *et al*, 2011).
- Número de achados na Península Ibérica: 03.
- Localização dos achados:
 - a) Proximidades da gruta da Roca del Frare, La Llacuna (província de Barcelona, região autónoma da Catalunha); x 01.
 - b) Carcabuey (província de Córdoba, região autónoma da Andaluzia; atualmente no British Museum); x 01.
 - c) Depósito da ria de Huelva (província de Huelva, região autónoma da Andaluzia); x 01.
- Local de produção dos achados: Será difícil afirmar o que seja com certeza, mas, de momento, parece improvável a sua produção fora da Península Ibérica (ou, pelo menos, muito improvável a sua produção em Itália).
- Contexto dos achados: a) e b), sem contexto; c), um depósito em meio húmido, possivelmente ritual/votivo ou, dependendo dos autores, restos de um naufrágio (Martín *et al*, 2011).
- Cultura a que pertencem: Inserem-se nas culturas do Nordeste, da Andaluzia Oriental e da Andaluzia Ocidental (contextualizadas no ponto 2.1. desta dissertação).
- Função: Em princípio, seriam provavelmente verdadeiras armas (Brandherm, 2007:32), mas também poderiam ter funções cerimoniais. A peça c) poderá tratar-se de um objeto votivo.
- Paralelos itálicos:
 - Espadas de tipo “Monza”

- Descrição: O tipo “Rixheim-Monza” trata-se de uma “Variant on the early bronze Rixheim sword from Southern areas of central Europe where a hooked tang or a rod tang was cast above the blade to provide the means of attaching and securing the hilt.” (Darvill, 2008:388). Por sua vez, o mencionado tipo “Rixheim” é descrito como um “Distinctive type of early bronze sword from the Urnfield Period of central Europe, having a narrow blade and a tang for the attachment of a hilt using four or six rivets.” (Darvill, 2008:388). O tipo “Monza” em particular, apesar de partilhar com os anteriores diversas características, parece distinguir-se pelo prolongamento filiforme da sua lingueta (De Marinis, 1972:78; Jung, 2009:141) (que, portanto, não tem forma de gancho).
- Origem da tipologia: O tipo “Monza” é considerado uma produção de origem itálica setentrional (Jung, 2009:139). Porém, a morfologia base desta tipologia originará da Europa Central.
- Local de achado: Os exemplares inseríveis neste tipo parecem concentrar-se no Norte de Itália, em particular nas atuais regiões do Piemonte e Lombardia (Occidental), conhecendo-se também uma possível peça do Trentino-Alto Adige (De Marinis, 1972:97; Jung, 2009:141).
- Local de produção: Será difícil apontar sítios específicos, mas nada indica que se situem fora da principal zona de concentração dos achados (o Noroeste italiano).
- Cronologia: Finais do Bronze Médio e Bronze Recente (c. 1350-1200 a.C.) italianos; ou “Bronze D” centro-europeu (c. 1300-1200 a.C.) (De Marinis, 1972:84; Mejjide Cameselle, 1988:08).
- Contexto: Quando conhecido, ocasionalmente funerário.
- Função: Em teoria, a sua função poderia ser bélica ou cerimonial; espólio fúnebre.
- Outras possíveis exportações desta influência, fora da Península Ibérica: Conhecem-se alguns exemplares inseríveis nesta tipologia ou semelhantes a ela na Suíça (áreas mais centrais e ocidentais (em Bürglen, Gletterens e Genebra)) (Jung, 2009:141) e em França (conhecem-se pelo menos cerca de doze peças no país, inclusive nas

proximidades dos Pirenéus (Harrison, 1974:226; Brandherm, 2007:34)).

- Bibliografia relevante:

- Almagro Basch, 1940
- Brandherm, 2007:31-35, Lám. 02
- Darvill, 2008:388
- De Marinis, 1972
- Giró e Masachs, 1968
- Harrison, 1974
- Jung, 2009:139, 141
- Martín *et al.*, 2011
- Meijide Cameselle, 1988:05-08, 100, 103-104
- Neumaier, 1999:89
- Rafel i Fontanals, 1977-1978
- Rafel i Fontanals, *et al.*, 2008
- Rovira i Port, 1998

- Imagens relevantes (diversas escalas):

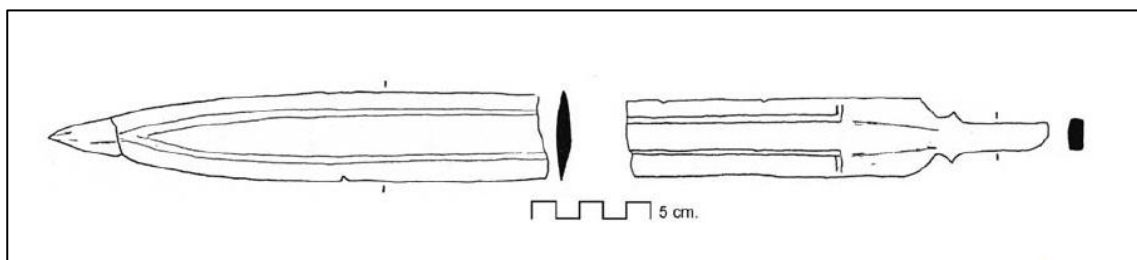


Figura 2.1.A – Representação da espada de La Llacuna. (Imagem retirada de: Rafel i Fontanals, *et al.*, 2008:249.)

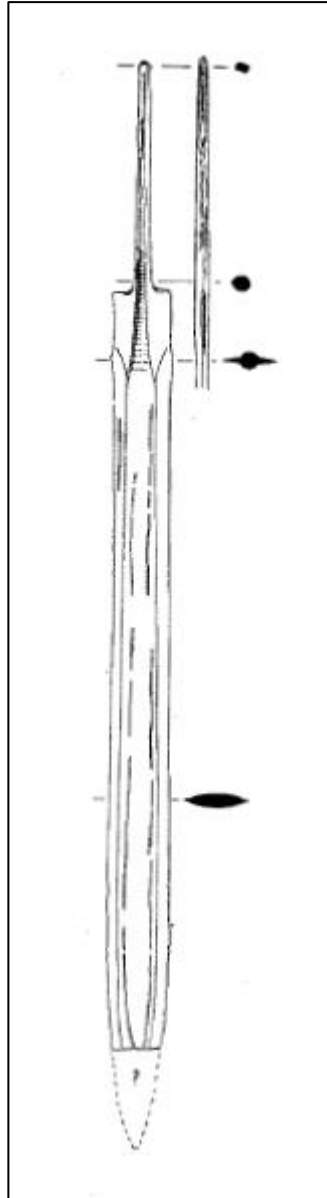


Figura 2.1.B – Representação da espada de Carcabuey. (Imagem retirada de: Harrison, 1974:227.)

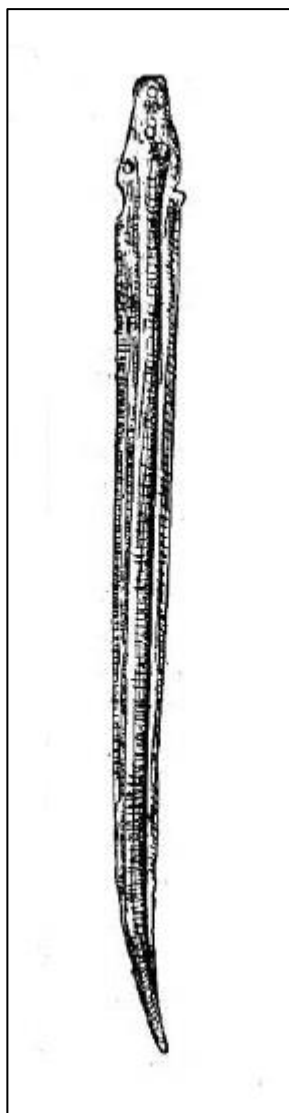


Figura 2.1.C – Representação da espada da Ria de Huelva. (Imagem retirada de: Almagro Basch, 1940:129.)

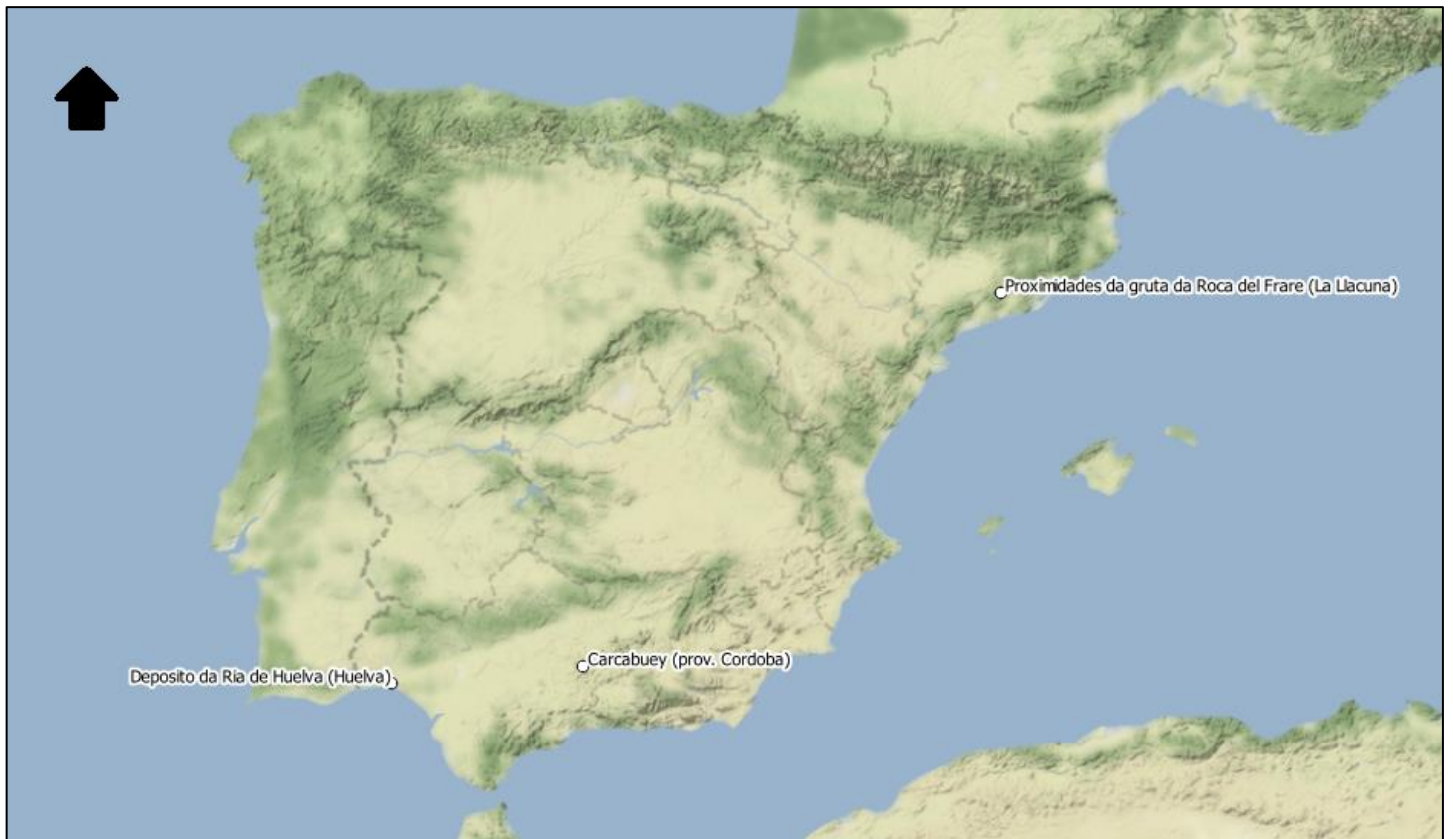


Figura 2.1.D – Dispersão das espadas possivelmente inspiradas nas de tipo “Monza” na Península Ibérica (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

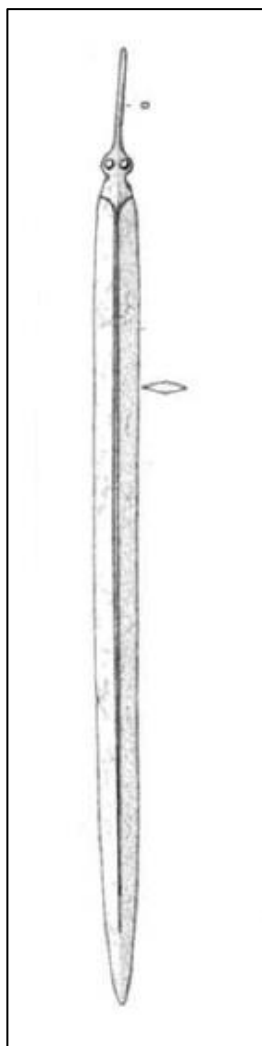


Figura 2.1.E – Representação de uma espada de tipo “Monza”. (Imagem retirada de: Jung, 2009:141.)

2.2. “Espada-punhal” da Gruta de la Font Major

- Descrição da peça: “El huso tiene la forma de una lengüeta maciza de contorno lanceolado que se ensancha en su término dibujando así un «frontón» muy estilizado. Carece tanto de calados como de agujeros para remaches. Muestra fuertes rebordes convexos que circundan la guarda prolongándose hasta el punto de conexión con la hoja. La guarda manifiesta un contorno que se desarrolla en forma de una V redondeada con hombros poco pronunciados. Carece de refuerzo y tiene dos orificios para remaches, siendo rectangular el uno y circular el outro. La hoja de bordes paralelos es muy estrecha, y tiene la sección romboidal en el arranque mientras que en el resto deja ver en cada cara un plano medio y dos vertientes. Falta la punta. La longitud total es de 27,20 centímetros, de los cuales 8,90 se reparten en el pomo. La guarda tiene una anchura de 3,30 centímetros. La hoja manifiesta una longitud de 18,30 centímetros y una anchura de 2,80 centímetros. El grosor es de unos 0,40 centímetros.” (Neumaier, 1999:84-85).
- Cronologia na Península Ibérica: Bronze Final. Por vezes datada do “Bronze IV de Déchelette” (c. 1300-900 a.C.) (Vilaseca, 1959:269; Corrêa, 1924:29), o que não reduz muito a cronologia. Foi encontrada com outros objetos que se poderão datar de c. 1200/1000-700 a.C. (Vilaseca, 1959:269, 273; Giardino, 1995:282).
- Número de achados na Península Ibérica: 01.
- Localização do achado:
 - Gruta de la Font Major, l’Espluga de Francolí (concelho de Conca de Barberá, província de Tarragona, comunidade autónoma da Catalunha); x 01.
- Local de produção do achado: Não existem certezas. Segundo alguns autores, poderá tratar-se de uma peça produzida no Sudeste francês (Graells i Fabregat *et al.*, 2008:63), mas um molde encontrado no povoado de El Regal de Pídola (San Esteban de Litera, província de Huesca, comunidade autónoma de Aragão; localizado a pouco mais de 100 km de l’Espluga de Francolí), que apresenta uma lingueta semelhante ao desta “espada-punhal” (Barril *et al.*, 1982:370), poderá indiciar um fabrico de peças deste estilo na própria Península Ibérica.
- Contexto dos achados: Depósito votivo, ainda que também já tenha sido considerado um depósito “propi d’alguna antiga «ferralleria»” (Graells i Fabregat *et al.*, 2008:47).
- Cultura a que pertencem: Insere-se nas culturas do Nordeste peninsular (contextualizadas no ponto 2.1. desta dissertação).

- Função: Objeto votivo; poderá ter tido funções mais utilitárias anteriores à sua deposição.

- Paralelos itálicos:
 - “Espada-punhal” de Manaccora (tipo “Sacile”)
 - Descrição: Esta “espada-punhal” (para alguns autores um punhal (Neumaier, 1999:85, 89), para outros, uma espada (Baccaini *et al.*, 1999:109, Tav. IV)) distingue-se do exemplar espanhol por “(...) tres detalles: primero en forma y repartición de los agujeros de remache. Así muestra dos orificios redondos en la guarda y outro más en la lengüeta. Luego, la guarda tiene los hombros más redondeados trazando un contorno de U. De la misma manera diverge la forma terminal de la lengüeta que en vez de acabar en un «frontón» estilizado, se desarrolla en forma de un ensanchamiento más simétrico. Mide 31,50 centímetros de largo.” (Neumaier, 1999:89). O tipo “Sacile”, que não conseguimos aprofundar ao pormenor, parece ter o início da lingueta (os “ombros”) regra geral um pouco mais largo/saliente do que o deste exemplar meridional e bastante mais largo/saliente do que o da peça catalã da Gruta de la Font Major (vejam-se os exemplos do *site Restituzioni – Tesori d’Arte Restaurati* (n.d), proveniente do túmulo 477 da necrópole dell’Olmo di Nogara (Verona, região do Veneto), e no artigo de Tunzi Sisto *et al.* (2003:425, Fig. 05, exemplar 01), de Trinitapoli (também na província de Foggia e Puglia)). Ainda assim, poderá considerar-se um paralelo aceitável, tratando-se apenas de uma “inspiração”.
 - Origem da tipologia: Novamente, não nos foi possível aprofundar este ponto. O tipo “Sacile” associa-se e, por vezes, até se confunde com o tipo “Sprockhoff Ia” da Europa Central (observável na Áustria, Suíça, Alemanha, República Checa, Eslováquia e Balcãs), concentrando-se ambos, em Itália, no seu Nordeste (Foltiny, 1964:251; Cazzella, 2009:161), o que poderá baralhar um pouco a questão do seu “nascimento”. Dada a necessidade de uma tipologia italiana particular,

poderemos supor que a sua origem seja efetivamente itálica (do seu Nordeste, frisamos), com base apenas em modelos exógenos.

- Local de achado:
 - Tipo “Sacile”: Encontram-se diversos exemplares no Sul da Península Itálica e, quiçá, noutras regiões, mas o seu foco parece ser a Norte (principalmente a Nordeste) (Cazzella, 2009:161).
 - “Espada-punhal”: Gruta (natural) da Manaccora, Peschici (província de Foggia, região da Puglia).
- Local de produção:
 - Tipo “Sacile”: Provavelmente existirá um foco na principal área de achado (Nordeste itálico), mas não se poderá excluir completamente (principalmente, relembramos, tendo em conta que não conseguimos encontrar informações suficientes) a existência de centros produtivos fora dessa região.
 - “Espada-punhal”: É possível que, apesar do seu local de achado meridional, tenha sido produzida no Nordeste de Itália (Cazzella, 2009:161). Porém, também não se poderá excluir completamente um fabrico mais local/regional, até porque este exemplar não é totalmente igual a alguns outros mais setentrionais (como o do *site* Restituzioni – Tesori d’Arte Restaurati (n.d.)).
- Cronologia: A “espada-punhal” poderá datar do “Bronze Médio II” (c. 1600-1500 a.C.) (Baccaini *et al.*, 1999:83), mas os contextos da gruta, apesar de várias dificuldades, poderão ser posteriores (séculos XIII-XII a.C.?) (Bietti Sestieri e Lo Schiavo, 1976:181). O tipo “Sacile” em si, que também terá surgido durante o Bronze Médio, continuará até ao Bronze Recente (c. 1350-1200 a.C.) (por exemplo, a peça de Restituzioni – Tesori d’Arte Restaurati (n.d.)).
- Contextos:
 - Tipo “Sacile”: Funerários e depósitos.
 - “Espada-punhal”: Funerário.

- Função: Em teoria, antes das suas deposições, a sua função poderia ser bélica ou cerimonial. Espólio fúnebre.
- Outras possíveis exportações desta influência, fora da Península Ibérica: Também não nos foi possível aprofundar este ponto ao pormenor. Porém, dadas as semelhanças do tipo “Sacile” com outros modelos europeus, provavelmente será difícil atribuir espadas encontradas fora de Itália a esta tipologia (e não a outras, mais locais).
- Espada longa de Manaccora (tipo “Montegiorgio”)
 - Descrição: Neste caso, não será apenas a espada achada na Puglia que constitui um bom paralelo (apresentando por Neumaier (1999:86-87)), mas sim o tipo na sua totalidade, dado, desta vez, a excelente inserção desta peça no mesmo. Sobre esta tipologia, que engloba espadas regularmente longas (e não punhais ou peças confundíveis com punhais, como nos casos anteriores), Vera Bianco Peroni (1974:14) afirma que “Nel definire del tipo si era osservato come nel suo ambito si potessero enucleare due varietà: la prima caratterizzata da una più accentuata sinuosità della lingua da presa e rotondità delle spalle, e da un incavo dell’immanicatura decisamente arrotondato; la seconda da contorni meno accentuatamente ricurvi, e da un’immanicatura con incavo ad arco rialzato.”. A espada de Manaccora “(...) is the largest found [nessa gruta]. The parallel edges of its blade widen slightly into a plate which is semi-elliptical. Along its raised edges are four rivets each side very close together. The bulging tang with three more rivets turns outward and ends in a semicircle fit for a pommel.” (Baumgartel, 1953:20).
 - Origem da tipologia: Não nos foi possível aprofundar este ponto. Porém, dadas as suas semelhanças com outras tipologias centro-europeias (por exemplo, com a espada “Hemigkofen” exposta por Joachim Neumaier (1999:86); que, porém, poderá ser uma tipologia mais tardia (Darvill, 2008:188)), talvez se possa supor, sem qualquer certeza, uma origem itálica mais setentrional e uma posterior difusão para Sul.
 - Local de achado:

- Tipo “Montegiorgio”: Norte (Trentino, Veneto), Centro (Marche, Toscana, Abruzzo, Lazio) e Sul (Puglia) da Península Itálica (Bianco Peroni, 1974:14; Maraner, 2013-2014:64).
- Espada: Gruta (natural) da Manaccora, Peschici (província de Foggia, região da Puglia).
- Local de produção:
 - Tipo “Montegiorgio”: Dada a sua ampla distribuição por toda a península, será complicado apontar um centro de produção específico; será mais provável existirem vários.
 - Espada: Difícil de precisar. Poderá ser local ou, pelo menos, meridional; mas poderá igualmente provir de outras regiões (quiçá áreas mais setentrionais igualmente junto ao Adriático?).
- Cronologia: Finais do Bronze Médio (o “Bronze Médio III” data aproximadamente de c. 1500-1350 a.C.) e Bronze Recente (c. 1350-1200 a.C.) (Baccaini *et al.*, 1999:83; Van Den Berg, 2018:280).
- Contexto:
 - Tipo “Montegiorgio”: Funerários e depósitos fluviais.
 - Espada: Funerário.
- Função: Em teoria, antes das suas deposições, a sua função poderia ser bélica ou cerimonial. Espólio fúnebre.
- Outras possíveis exportações desta influência, fora da Península Ibérica: Não nos foi possível aprofundar este ponto. Como no caso do tipo “Sacile”, as suas semelhanças a modelos centro-europeus poderão dificultar a inserção de espadas não italianas nesta tipologia.
- Punhal de Scoglio del Tonno (subtipo “Pertosa”, tipo “Peschiera”)
 - Descrição: “Dagger of the Pertosa type (...): dagger with flanged hilt and one circular rivet-hole at base; elongated blade, restored. L. 22 cm, W. 2.4 cm.” (Bietti Sestieri *et al.*, 2010:462). Porém, apesar de este punhal ser um bom paralelo, é muito mais debatível até que ponto a sua tipologia também o será, dado muitos exemplares a ela pertencentes não possuírem o início da lingueta mais alargado (tanto relativamente ao resto da mesma, como à lâmina), mas sim uma lâmina com uma forma mais ovalada e uma lingueta mais estreita (Silvestrini e

Pignocchi, 1997:160, Fig. 01, “Bronzo finale US 154-163”, exemplar 03; Ravaglia, 2009:276, Tav. 08, exemplar 07). Este subtipo possui “(...) just one nail at the base of the blade marked with two lateral ducts and with convex inclined shoulders (...)” (Silvestrini e Pignocchi, 1997:157).

- Origem da tipologia: O subtipo “Pertosa” (cujo nome deriva de um município na Campânia) aparenta ser uma variante do tipo “Peschiera” (Ravaglia, 2009:264; Jung, 2009:136), quiçá com uma origem (ou, pelo menos, foco) mais central/meridional (quando comparando com o tipo “Peschiera” no geral). Ainda assim, poderá originar igualmente a Norte, na mesma região que o seu tipo mais abrangente.
- Local de achado:
 - Subtipo “Pertosa”: Os seus achados concentram-se principalmente nos Apeninos, surgindo também noutras áreas do Centro e Sul de Itália (Jung, 2009:136-137; Blake, 2014:55). Conhecem-se igualmente bastantes exemplares em regiões mais setentrionais (não alpinas) (Jung, 2009:137; Van Bruggen, 2010-2011:04).
 - Punhal: Povoado de Scoglio del Tonno (concelho e província de Taranto, região da Puglia).
- Local de produção:
 - Subtipo “Pertosa”: Poderá ter sido produzido em todas as regiões onde foram encontrados exemplares nele inseríveis.
 - Punhal: Difícil de precisar. Dada a sua tipologia, poderá ter um fabrico itálico ou até, especificamente, meridional/local, mas há quem defenda também uma possível produção no Egeu (Bietti Sestieri *et al.*, 2010:465-466).
- Cronologia: Bronze Recente (c. 1350-1200 a.C.) e “inícios do Bronze Final”; o povoado terá sido ocupado até ao século XI a.C. (Bietti Sestieri *et al.*, 2010:459).
- Contexto: Provém de um povoado, mas sem informações estratigráficas precisas (Bietti Sestieri *et al.*, 2010:465).

- Função: Na prática, desconhecida. Em teoria, poderá ser bélica ou mais cerimonial.
 - Outras possíveis exportações desta influência, fora da Península Ibérica: Não nos foi possível aprofundar este ponto. Porém, o subtipo “Pertosa” (que, relembramos, poderá não ser um bom paralelo) surge também na Sicília (Van Bruggen, 2010-2011:04), assim como em regiões fora da nossa área de interesse (Grécia jónica, Egeu e Europa Central (Jung, 2009:136-137; Van Bruggen, 2010-2011:04; Jung, 2018:282)).
- Bibliografia relevante:
 - Baccaini *et al.*, 1999
 - Barril *et al.*, 1982
 - Baumgartel, 1951, 1953
 - Bianco Peroni, 1974:14
 - Bietti Sestieri e Lo Schiavo, 1976
 - Bietti Sestieri *et al.*, 2010
 - Blake, 2014
 - Brandherm, 2007:55-56
 - Cazzella, 2009:161
 - Dumont, 2021:75
 - Fiorentino, 2000:43-50
 - Graells i Fabregat *et al.*, 2008
 - Jung, 2009:136-137
 - Maraner, 2013-2014:63-64, 74, 93, 95
 - Neumaier, 1999
 - Ravaglia, 2009
 - Recchia e Tunzi Sisto, 2003
 - Restituzioni – Tesori d’Arte Restaurati, n.d. (as espadas em questão terão sido restauradas em 1995)
 - Tunzi Sisto *et al.*, 2003
 - Van Bruggen, 2010-2011
 - Van Den Berg, 2018:280
 - Vilaseca, 1959

- Imagens relevantes (diversas escalas):

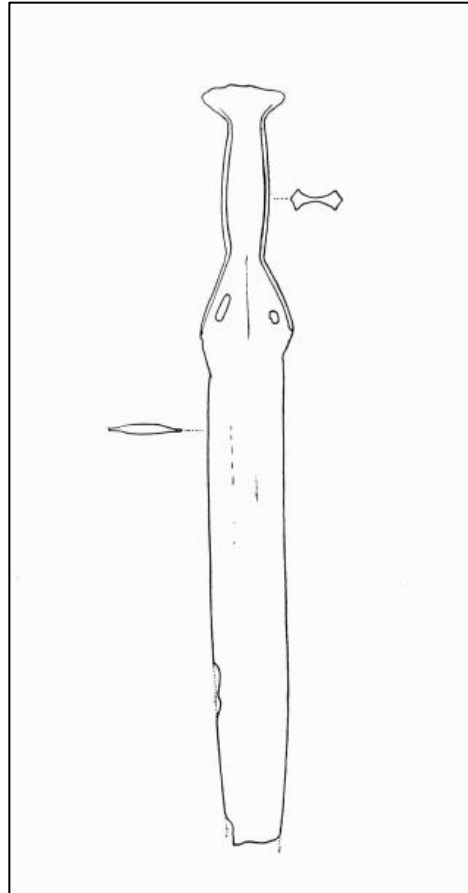


Figura 2.2.A – Representação da “espada-punhal” da Gruta de la Font Major. (Imagem retirada de: Vilaseca, 1959:272.)



Figura 2.2.B – Local de achado desta “espada-punhal” na Península Ibérica (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

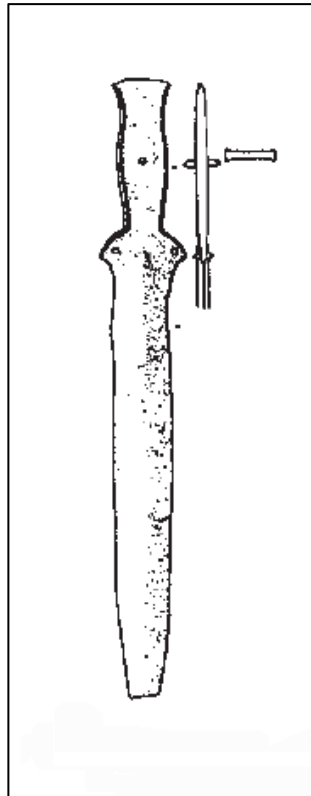


Figura 2.2.C – Representação da “espada-punhal” de Manaccora (tipo “Sacile”). (Imagem retirada de: Baccaini *et al.*, 1999:109.)

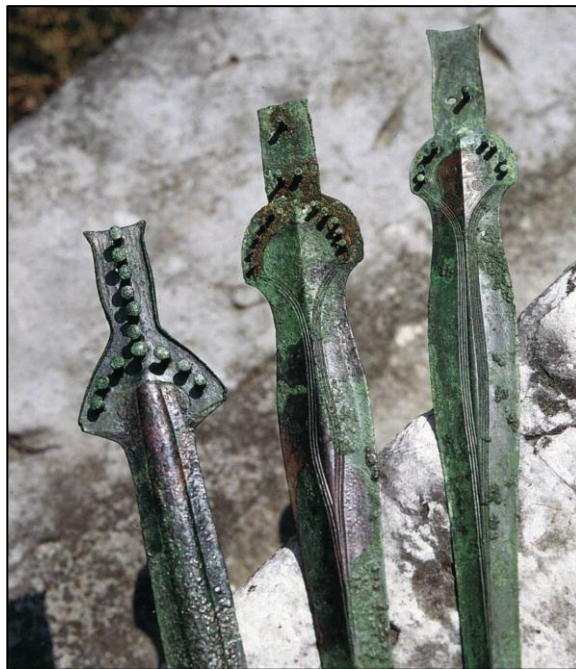


Figura 2.2.D – Fotografia de uma outra espada de tipo “Sacile”, do túmulo 477 da necrópole dell'Olmo di Nogara (a mais à esquerda). (Imagem retirada de: Restituzioni – Tesori d'Arte Restaurati, n.d.)

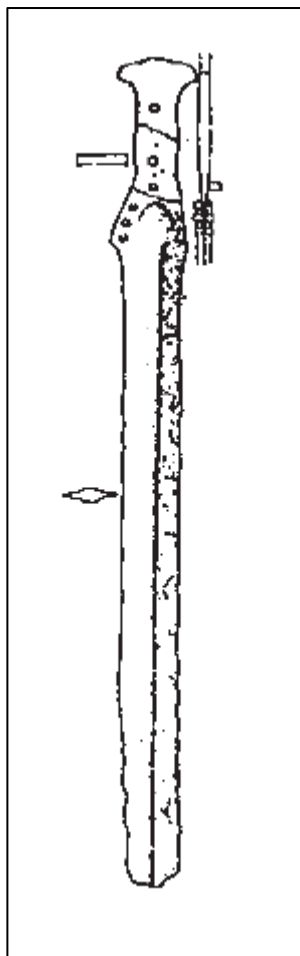


Figura 2.2.E – Representação da espada longa (tipo “Montegiorgio”) de Manaccora. (Imagem retirada de:
Baccaini *et al.*, 1999:109.)

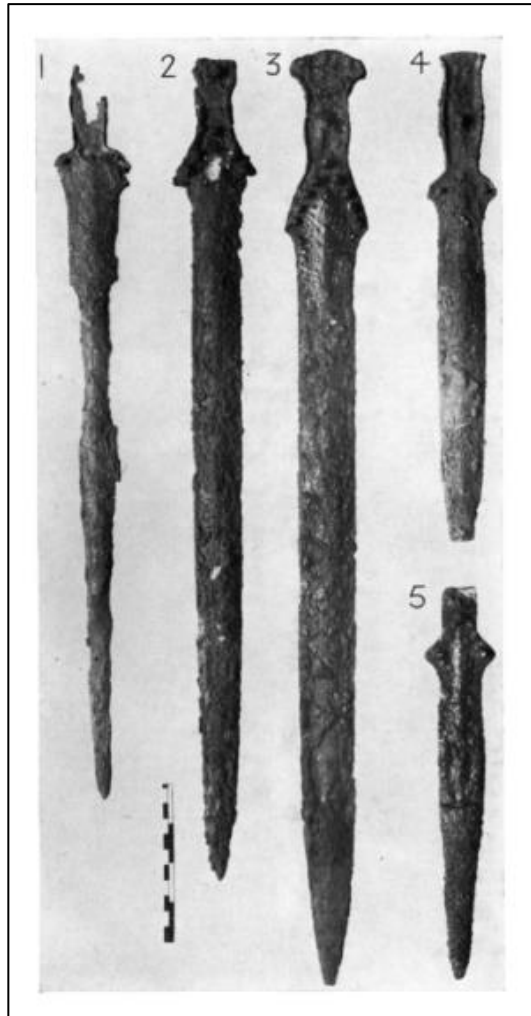


Figura 2.2.F – Fotografia das espadas de Manaccora (3 – a longa, de tipo “Montegiorgio”; 4 – a mais curta, de tipo “Sacile”). (Imagem retirada de: Baumgartel, 1953:Pl. VII.)

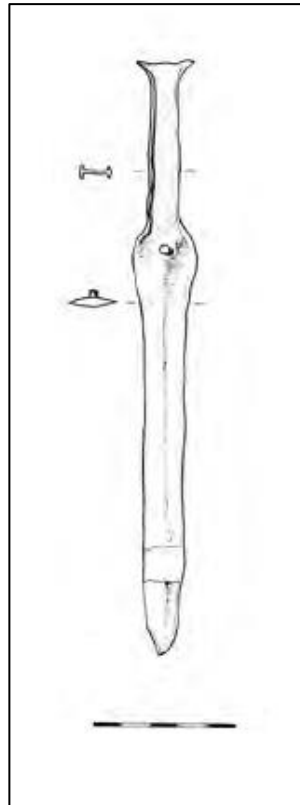


Figura 2.2.G – Representação do punhal de Scoglio del Tonno (subtipo “Pertosa”). (Imagem retirada de: Bietti Sestieri *et al.*, 2010:462.)

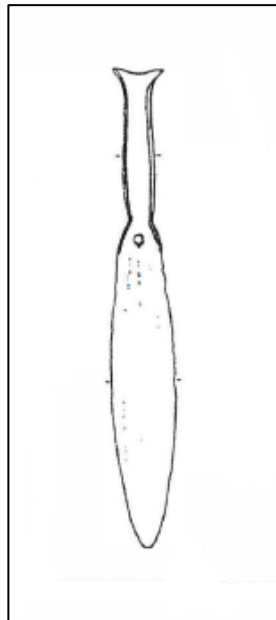


Figura 2.2.H – Representação de um outro punhal do subtipo “Pertosa”, de Moscosi-Cingoli (região das Marche). (Imagem retirada de: Silvestrini e Pignocchi, 1997:160.)

2.3. Punhais de tipo “Porto de Mós”

- Descrição da tipologia: Engloba armas curtas “(...) à deux tranchants, à lame de forma générale triangulaire mais ayant quelquefois de bords parallèles à sa partie supérieure, de coupe biconvexe (...) ou à renfort central (...). La languette bipartite, à bords solvante relevés par martelage, porte de deux à cinq trous rivets mais le plus solvante trois perforations en triangle (...)” (Coffyn, 1985:171).
- Cronologia na Península Ibérica: Bronze Final; finais do II milénio a.C. e inícios do I milénio a.C. (Vilaça *et al.*, 2014:130), provavelmente a partir dos séculos XII/XI a.C. até ao final deste período da Proto-História (c. século VIII a.C.).
- Número de achados na Península Ibérica: Não pretendemos aqui afirmar ter uma lista completa de todos estes achados; mas serão, pelo menos, 47 exemplares mais certos (e 07 mais incertos), a que se juntam no mínimo 05 outros encontrados fora da Península (pelo menos 04 em França e 01 na Sardenha).
- Localização dos achados:
 - Portugal (x 38)
 - a) Povoado de São Julião (concelho de Vila Verde, distrito de Braga); x 02. (Alarcão, *et al.*, 1996:177)
 - b) Museu de Guimarães, provirá do “Norte de Portugal” (localização imprecisa no “vallée du Tâmega, Douro litoral ou Minho” (Coffyn, 1985:390)); x 01. (Coffyn, 1985:390)
 - c) Depósito do Monte Crasto (Vila Cova de Perrinho, concelho de Vale de Cambra, distrito de Aveiro); x 02. (Coffyn, 1985:390; Fernández García, 1997; Bottaini e Rodrigues, 2011:30-31)
 - d) Castro de Nossa Senhora da Guia (Baiões, concelho de São Pedro do Sul, distrito de Viseu); x 01. (Coffyn, 1985:391)
 - e) Povoado de Figueiredo das Donas (concelho de Vouzela, distrito de Viseu); x 01. (Vilaça *et al.*, 2014:135)
 - f) Castro de Santa Luzia (concelho e distrito de Viseu); x 03. (Vilaça *et al.*, 2014:134)
 - g) Depósito de São Martinho de Orgens (concelho e distrito de Viseu); x 01. (Vilaça *et al.*, 2014)
 - h) Museu de Belém, possivelmente de Teixoso (concelho da Covilhã, distrito de Castelo Branco); x 01. (Fernández García, 1997)

- i) Povoado do Monte do Frade (concelho de Penamacor, distrito de Castelo Branco); x 01. (Bottaini e Rodrigues, 2011:31)
- j) Castro da Argemela (concelho do Fundão, distrito de Castelo Branco); x 01. (Vilaça *et al.*, 2011:442-444; Vilaça *et al.*, 2012:331)
- k) Depósito da Quinta do Ervedal (Alpedrinha, concelho do Fundão, distrito de Castelo Branco); x 01 (fragmento). (Ruiz-Gálvez Priego, 1982:256; Coffyn, 1985:391)
- l) Povoado da Moreirinha (Monsanto, concelho de Idanha-a-Nova, distrito de Castelo Branco); x 01. (Fernández García, 1997:115; Bottaini e Rodrigues, 2011:31)
- m) Alvaiázere (distrito de Leiria); x 01. (Fernández García, 1997)
- n) Depósito do Cabeço de Maria Candal ou de Freixianda (concelho de Ourém, distrito de Santarém); x 01. (Vilaça *et al.*, 2012)
- o) Depósito de Fonte de Marcos (concelho de Porto de Mós, distrito de Leiria); x 01. (Coffyn, 1985:391; Fernández García, 1997)
- p) Depósito de Porto do Concelho (concelho de Mação, distrito de Santarém); x 04. (Coffyn, 1985:391; Ávila de Melo, 2000:70)
- q) Cesareda (concelho de Óbidos, distrito de Leiria); x 03. (Coffyn, 1985:391; Fernández García, 1997)
- r) Habitat da Columbeira ou “Curral das Cabras” (concelho do Bombarral, distrito de Leiria); x 02. (Coffyn, 1985:391 (apresenta o concelho errado); Fernández García, 1997)
- s) Alto do Castelo/Cabeço (concelho de Alpiarça, distrito de Santarém); x 01. (Fernández García, 1997; Vilaça *et al.*, 2014:134)
- t) Castro de Pragança (concelho de Cadaval, distrito de Lisboa); x 01 (fragmento). (Coffyn, 1985:391; Fernández García, 1997)
- u) Gruta das Lapas (concelho de Cadaval, distrito de Lisboa); x 01. (Vilaça *et al.*, 2012:330; Gonçalves, 1990-1992:46, 59)
- v) Cabeço de Jardo (Maxial, concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa); x 01. (Coffyn, 1985:391; Fernández García, 1997)
- w) Moinho do Raposo (concelho de Alenquer, distrito de Lisboa); x 01. (Coffyn, 1985:391; Fernández García, 1997)
- x) Arraiolos (distrito de Évora); x 01. (Fernández García, 1997)

- y) Castro de Corôa do Frade (Valverde, concelho e distrito de Évora); x 01 (fragmento). (Coffyn, 1985:391; Fernández García, 1997)
- z) Povoado de Neves II (Santa Bárbara de Padrões, concelho de Castro Verde, distrito de Beja); x 02. (Alarcão, *et al.*, 1996:175)
- aa) Tavira (distrito de Faro); x 01. (Fernández García, 1997:100, Fig. 06; Garcia Pereira Maia e Gómez Toscano, 2012:332, 336, 340)
- Espanha (x 09)
 - bb) Hinojedo (Suances, província e comunidade autónoma da Cantábria); x 01. (Fernández García, 1997)
 - cc) Castro de Torroso (concelho e província de Pontevedra, comunidade autónoma da Galiza); x 01. (Fernández García, 1997)
 - dd) Huerta de Arriba (província de Burgos, comunidade autónoma de Castela e Leão); x 01. (Martínez Santa-Olalla, 1942:132, lám. VIII, 146-148; Gomá Rodríguez, 2017:94)
 - ee) Carmona (província de Sevilha, comunidade autónoma da Andaluzia); x 01. (Coffyn, 1985:391; Fernández García, 1997)
 - ff) Las Peñas (Huelva, província de Huelva, comunidade autónoma da Andaluzia); x 01. (Fernández García, 1997)
 - gg) Depósito da Ria de Huelva (província de Huelva, comunidade autónoma da Andaluzia); x 05. (Coffyn, 1985:391; Fernández García, 1997)
- Exemplos mais incertos (x 07)
 - hh) Boticas (distrito de Vila Real); x 01 (demasiado mal conservado). (Coffyn, 1985:391)
 - ii) Gruta da Lapa do Fumo (concelho de Sesimbra, distrito de Setúbal); x 01 (poderá ser anterior ao Bronze Final (Fernández García, 1997:102-103)). (Coffyn, 1985:391; Fernández García, 1997; Ávila de Melo, 2000:70)
 - jj) Castelo do Giraldo (Nossa Senhora de Guadalupe, concelho e distrito de Évora); x 01 (fragmento demasiado diminuto). (Coffyn, 1985:pl. XXXIX)
 - kk) Castro de Ratinhos (concelho de Moura, distrito de Beja); x 01 (fragmento demasiado pequeno). (Berrocal-Rangel e Silva, 2010:305, 310; Gomá Rodríguez, 2017:94)

- ll) Cancho Enamorado (Cerro de El Berrueco, concelho e província de Salamanca, comunidade autónoma de Castela e Leão); x 01 (não é considerado de tipo “Porto de Mós” por todos os autores; Coffyn (1985:391), por exemplo, não o considera). (Fernández García, 1997)
- mm) Mesa de Setefilla (Lora del Río, província de Sevilha, comunidade autónoma da Andaluzia); x 01 (debatível, dado não se observarem os “ombros”). (Aubert, 2009:86-87; Gomá Rodríguez, 2017:94)
- nn) El Oficio (Cuevas del Almanzora, província de Almeria, comunidade autónoma da Andaluzia); x 01 (não é considerado de tipo “Porto de Mós” por todos os autores; Coffyn (1985:391), por exemplo, não o considera; também poderá ser anterior ao Bronze Final (Fernández García, 1997:102-103)). (Ruiz-Gálvez Priego, 1982:256-257; Fernández García, 1997)
- Fora da Península Ibérica (pelo menos, x 05).
 - França (Gomá Rodríguez, 2017:94-95, 639):
 - Depósito de Étang (departamento do Indre-et-Loire, região do Centro-Vale do Loire); x 01 (?).
 - Depósito de Vénat (concelho de Saint-Yrieix-sur-Charente, departamento de Charente, região da Nova Aquitânia); x 01.
 - Lac du Bourget (departamento de Saboia, região da Auvérnia-Ródano-Alpes); x 01 (?).
 - St-Germain-d’Esteuil (departamento de Gironda, região da Nova Aquitânia); x 01 (?).
 - Sardenha:
 - Monte Sa Idda (Decimoputzu, Sul da ilha), x 01. (Fundoni, 2013:249, 541-542)
- Local de produção dos achados: Existe um claro foco dos achados no atual território português (em particular no seu Centro), onde certamente se produziriam estes punhais (e de onde provavelmente serão originários). Os achados fora dessa região poderão ser importações com origem na mesma (algo que se poderá supor, por exemplo, para as peças andaluzas) ou produções (imitações) locais. As peças extra Península Ibérica, pela sua raridade, terão sido fabricadas, com um elevado grau de certeza, na mesma (e não no exterior).

- Contextos dos achados: Quando conhecidos, bastante variados (funerários, depósitos, povoados (em zonas habitacionais ou produtivas?), etc.).
- Cultura a que pertencem: Insere-se nas culturas do Centro e Sul de Portugal, do Noroeste peninsular, da Andaluzia Ocidental e, quiçá, também da Andaluzia Oriental e Meseta espanhola (contextualizadas no ponto 2.1. desta dissertação).
- Função: Em princípio, armas (com todas as possíveis funções, mais bélicas e, ou, mais cerimoniais, a elas atribuídas).

- Paralelos itálicos:
 - Punhais de tipo “Peschiera”
 - Descrição: De uma forma geral, os punhais inseríveis nesta tipologia são “(...) caratterizzati da una lingua da presa a margini rialzati, (...) alla quale venivano fissate tramite ribattini delle guance in legno o in osso. A questo gruppo fanno riferimento, tra gli altri, i tipi Pertosa, Bertarina e Toscanella (...). Altre tipologie possono presentare un codolo più o meno sviluppato.” (Ravaglia, 2009:264). E, também dependendo do subtipo, poderão apresentar “(...) lengüeta de tendencia rectangular (...) con bordes convexos que pueden prolongarse en apéndices en su parte proximal (...) [ou] lengüeta ojival (...) con un perímetro inscribible en un óvalo, tendiendo los hombros a reducirse o a desaparecer, dibujando líneas convexas (...)” (Fernández García, 1997:109).
 - Origem da categoria: Terá surgido, tal como os outros elementos característicos da homónima e conhecida “metalurgia de Peschiera [del Garda]”, na região em torno desse atual concelho (que se localiza na província de Verona e região do Veneto (Ocidental, na fronteira com a Lombardia)) ou, de uma forma mais geral, nas áreas das “palafitas” e, talvez, “Terramare”. É possível até que tenha surgido especificamente nalgum dos povoados de Peschiera, mas tal será muito mais difícil de confirmar.
 - Local de achado: Um pouco por toda a Península Itálica, mas principalmente no seu Norte e Centro (Koerffy, 2010:94, Fig. 85).

- Local de produção: Poder-se-á supor uma produção na sua área de origem e posterior distribuição para outras regiões (italianas e não só); mas, sem mais informações, também será possível a existência de fabricos mais locais, inseríveis provavelmente noutros subtipos (afinal, Jung (2009:136) refere que os “*diversi tipi di questa famiglia si differenziano per la loro distribuzione*”).
 - Cronologia: Bronze Recente (c. 1350-1200 a.C.) e inícios do Bronze Final (quicá até c. 1100 a.C.) (Bietti Sestieri *et al.*, 2010:459; Koerffy, 2010:25).
 - Contextos: Quando conhecidos, variados (depósitos, povoados, etc.).
 - Função: Armas (com funções mais bélicas e, ou, mais cerimoniais) (Bietti Sestieri e Macnamara, 2007:21).
 - Outras possíveis exportações desta influência, fora da Península Ibérica: Não nos foi possível aprofundar este ponto com o detalhe desejado, mas podemos começar por afirmar que se conhecem exemplares inseríveis nesta tipologia, ou nos seus respetivos subtipos, na Sicília (Jung, 2009:137) e em França (por exemplo, na planície de Varenne, em Melun (departamento de Seine-et-Marne, região da Île-de-France) (Nallier e Simonin, 2016:590, 592-593), mas provavelmente também noutros locais). Este tipo de punhais encontra-se igualmente, de forma abundante, em diversas áreas fora das nossas zonas de interesse (Europa Centro-Oriental e Norte, Grécia continental, Egeu, etc.) (Fernández García, 1997:109; Koerffy, 2010:94, Fig. 85).
- Punhal de Gualdo Tadino
 - Descrição: “(...) puñal de filos paralelos, hoja ancha con nervio central y guías laterales, hombros muy marcados y de lengüeta rectangular bipartita, aunque muy larga, con tres perforaciones en línea (...)” (Gomá Rodríguez, 2017:95). Parece ser uma peça bastante única (no registo arqueológico atual) e a sua classificação tipológica não aparenta muito certa (talvez seja uma evolução do tipo “Peschiera”?); será importante mencionar, porém, que não deverá ser confundida com os punhais “tipo Gualdo Tadino” do Bronze Médio (abordados, por exemplo, no artigo de Tunzi Sisto *et al.* (2003:423, 425)).

- Origem da categoria (?): Sendo uma peça relativamente única, proveniente do depósito de um possível mercador itinerante, será muito difícil apontar uma origem, para além de “na Península Itálica”.
 - Local de achado: Concelho de Gualdo Tadino (província de Perúgia, atual região da Úmbria (fora da antiga Etrúria)).
 - Local de produção: Repetimos aqui as preocupações acima expostas para a sua origem. Infelizmente, também não nos será possível apontar um local de produção específico.
 - Cronologia: c. século XII a.C. (Bietti Sestieri, 1973:389).
 - Contextos: Depósito, provavelmente de um “artesão-mercador” (Bietti Sestieri, 1973:389).
 - Função: Terá sido inicialmente uma arma (com possíveis funções bélicas e, ou, cerimoniais); no depósito, a sua função será mais incerta (peça para refundição? Para venda?).
 - Outras possíveis exportações desta influência, fora da Península Ibérica: ---
- Bibliografia relevante:
 - Alarcão, *et al.*, 1996:175, 177
 - Aubet, 2009:86-87
 - Ávila de Melo, 2000:70
 - Berrocal-Rangel e Silva, 2010:305 (Fig. 143.25), 310
 - Bietti Sestieri, 1973:388-389
 - Bietti Sestieri e Macnamara, 2007:21
 - Bietti Sestieri *et al.*, 2010:459
 - Bottaini e Rodrigues, 2011:30-31
 - Martínez Santa-Olalla, 1942:132, lám. VIII, 146-148
 - Coffyn, 1985:171-174, 217-218, 390-391, pl. XXIX e XXXIX
 - Ruiz-Gálvez Priego, 1982:253-260
 - Fernández García, 1997
 - Fundoni, 2013:249, 541-542
 - Garcia Pereira Maia e Gómez Toscano, 2012:332, 336, 340
 - Gomá Rodríguez, 2017:94-96, 639
 - Gonçalves, 1990-1992:46, 59

- Koerffy, 2010:25, 94 (Fig. 85)
 - Nallier e Simonin, 2016:590, 592-593
 - Ravaglia, 2009:264
 - Van Bruggen, 2010-2011
 - Vilaça *et al.*, 2011:442-444
 - Vilaça *et al.*, 2012:317-318, 329-331, 343
 - Vilaça *et al.*, 2014
- Imagens relevantes (diversas escalas):

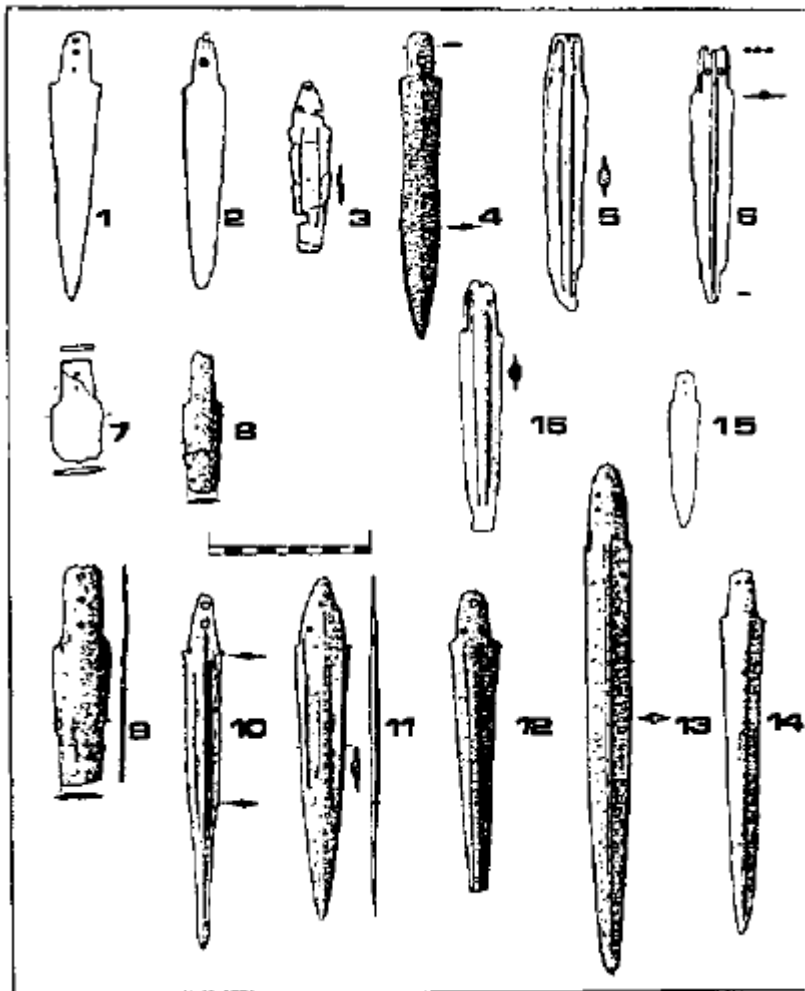


Figura 2.3.A – Representação de alguns punhais de tipo “Porto de Mós” (“1. Lapa do Fumo; 2. El Oficio; 3. Columbeira-A; 4. Huerta de Arriba; 5. Anaiolos; 6. Las Peñas; 7. Corta do Frade; 8. Porto do Concelho-C; 9. Porto do Concelho-B; 10. Huelva-D; II. Porto do Concelho-A; 12. Cabeço do Jardo; 13. Moinho do Raposo; 14. Columbeira-H; 15. Pragança-B; 16. Museo de Belém”). (Imagem retirada de: Fernández García, 1997:99.)



Figura 2.3.B – Distribuição destes punhais na Península Ibérica (escala 1/9.000.000) (legenda: a) Povoado de São Julião (concelho de Vila Verde, distrito de Braga); b) Museu de Guimarães, provirá do “Norte de Portugal” (localização imprecisa); c) Depósito do Monte Crasto (Vila Cova de Perrinho, concelho de Vale de Cambra, distrito de Aveiro); d) Castro de Nossa Senhora da Guia (Baiões, concelho de São Pedro do Sul, distrito de Viseu); e) Povoado de Figueiredo das Donas (concelho de Vouzela, distrito de Viseu); f) Castro de Santa Luzia (concelho e distrito de Viseu); g) Depósito de São Martinho de Orgens (concelho e distrito de Viseu); h) Museu de Belém, possivelmente de Teixoso (concelho da Covilhã, distrito de Castelo Branco); i) Povoado do Monte do Frade (concelho de Penamacor, distrito de Castelo Branco); j) Castro da Argemela (concelho do Fundão, distrito de Castelo Branco); k) Depósito da Quinta do Ervedal (Alpedrinha, concelho do Fundão, distrito de Castelo Branco); l) Povoado da Moreirinha (Monsanto, concelho de Idanha-a-Nova, distrito de Castelo Branco); m) Alvaiázere (distrito de Leiria); n) Depósito do Cabeço de Maria Candal ou de Freixianda (concelho de Ourém, distrito de Santarém); o) Depósito de Fonte de Marcos (concelho de Porto de Mós, distrito de Leiria); p) Depósito de Porto do Concelho (concelho de Mação, distrito de Santarém); q) Cesareda (concelho de Óbidos, distrito de Leiria); r) Habitat da Columbeira ou “Curral das Cabras” (concelho do Bombarral, distrito de Leiria); s) Alto do Castelo/Cabeço (concelho de Alpiarça, distrito de Santarém); t) Castro de Pragança (concelho de Cadaval, distrito de Lisboa); u) Gruta das Lapas (concelho de Cadaval,

distrito de Lisboa); v) Cabeço de Jardo (Maxial, concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa); w) Moinho do Raposo (concelho de Alenquer, distrito de Lisboa); x) Arraiolos (distrito de Évora); y) Castro de Corôa do Frade (Valverde, concelho e distrito de Évora); z) Povoado de Neves II (Santa Bárbara de Padrões, concelho de Castro Verde, distrito de Beja); aa) Tavira (distrito de Faro); bb) Hinojedo (Suances, província e comunidade autónoma da Cantábria); cc) Castro de Torroso (concelho e província de Pontevedra, comunidade autónoma da Galiza); dd) Huerta de Arriba (província de Burgos, comunidade autónoma de Castela e Leão); ee) Carmona (província de Sevilha, comunidade autónoma da Andaluzia); ff) Las Peñas (Huelva, província de Huelva, comunidade autónoma da Andaluzia); gg) Depósito da Ria de Huelva (província de Huelva, comunidade autónoma da Andaluzia); hh) Boticas (distrito de Vila Real); ii) Gruta da Lapa do Fumo (concelho de Sesimbra, distrito de Setúbal); jj) Castelo do Giraldo (Nossa Senhora de Guadalupe, concelho e distrito de Évora); kk) Castro de Ratinhos (concelho de Moura, distrito de Beja); ll) Cancho Enamorado (Cerro de El Berrueco, concelho e província de Salamanca, comunidade autónoma de Castela e Leão); mm) Mesa de Setefilla (Lora del Río, província de Sevilha, comunidade autónoma da Andaluzia); nn) El Oficio). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)



Figura 2.3.C – Distribuição destes punhais dentro (a branco) e fora (a verde) da Península Ibérica (escala 1/18.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

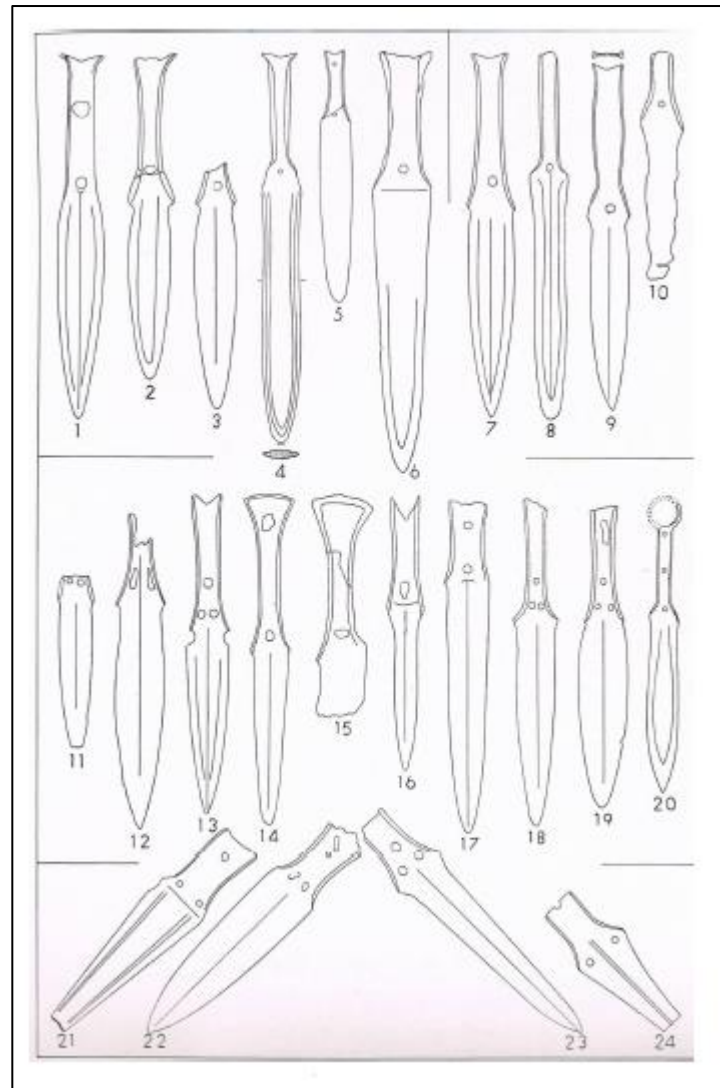


Figura 2.3.D – Representação de alguns punhais de tipo “Peschiera”. (Imagem retirada de: Van Bruggen, 2010-2011:02.)

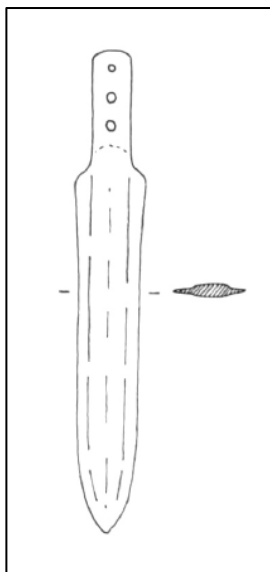


Figura 2.3.E – Representação do punhal de Gualdo Tadino. (Imagem retirada de: Bietti Sestieri, 1973:389.)

2.4. Machados de “enmangue directo” com possíveis inspirações itálicas

- Descrição das peças:
 - a) Machado de Muros: “El hacha es una pieza de bronce fabricada en molde bivalvo, pesa 860 gr y mide 180 mm de longitude, 90 mm de ancho máximo en el filo, 35mm de ancho mínimo en el cabezal, con un diámetro de la perforación comprendido entre los 32 y 22 mm. Posee una hoja com rebordes y los lados côncavos, un amplio filo curvo y un cabezal diferenciado que presenta una perforación circular algo achatada que se refuerza u ornamenta mediante un fino nervio central que alcanza la mitad de la hoja.” (Gomá Rodríguez, 2018:362).
 - b) Machado de Ripoll: “Se trata de una hacha de enmangue directo para pasar el astil por un amplio ojo de sección (...) [quadrangular]. Se aprecia que fue fundida con doble molde. Encima de la cabeza se ve una protuberancia procedente de una rebaba de la fundición; lo mismo se señala en uno de los costados de la hoja. Ésta ofrece acusado perfil de cuña y sección cuadrangular. Su corte es fino y de abierta forma curvada. Longitud máxima de la pieza, 16,8 cm.; anchura de enmangue, 50; anchura de la hoja en el corte, 58. Peso, 940 g.” (Almagro Basch, 1964-1965:228).
- Cronologia na Península Ibérica: Bronze Final. Tendo em conta as suas faltas de contexto e unicidade em território ibérico (o que dificulta a sua classificação tipológica), é bastante difícil conseguir uma cronologia mais precisa (Gomá Rodríguez, 2018:369). A peça b) é por vezes datada do século VIII a.C. (Almagro Basch, 1964-1965:228-229; sendo importante aqui salientar a antiguidade deste artigo e o facto de a datação se basear num autor que não conhecia este machado em particular) ou do “Bronze Final II e III” (c. 1000-700 a.C.) (Bourhis *et al.*, 1996:32).
- Número de achados na Península Ibérica: 02.
- Localização dos achados:
 - a) Muros (província de A Coruña, região autónoma da Galiza); x 01.
 - b) Ripoll (província de Gerona, região autónoma da Catalunha); x 01.
- Local de produção dos achados: Ambas serão produções locais/regionais/ibéricas (francesas?), quiçá com base em modelos ou “inspirações” itálicas e, ou, sicilianas (Giardino, 1995:222).

- Contexto dos achados: Ambas sem contexto. A peça b) poderá pertencer a um conhecido depósito de bronzes do mesmo concelho, mas não existem evidências suficientes para o afirmar (Almagro Basch, 1964-1965:226).
- Cultura a que pertencem: Insere-se nas culturas do Noroeste e Nordeste peninsulares (contextualizadas no ponto 2.1. desta dissertação).
- Função: Em teoria, machados de combate (ou, menos provável, pelo menos para o exemplar a), machados “ferramentas”); na prática, poderão não ter tido esse fim.

- Paralelos itálicos:
 - Machados “ad occhio” itálicos (dado as peças ibéricas não serem importações, será bastante difícil apontar paralelos específicos)
 - Descrição: Infelizmente, não nos foi possível obter informações suficientes para esmiuçar quais as tipologias específicas que nela se inserem, mas possuímos alguns dados para classificar esta “família” mais abrangente e distingui-la, à partida, da de origem siciliana (da qual deriva). Segundo Gomá Rodríguez (2018:363), “(...) en primer lugar aparecen las hachas «sicilianas», factiblemente también originarias de Sicilia, cuyas características elementales son los laterales cóncavos de la hoja, la perforación oval, la sección hexagonal y el perfil monovolumen, sin distinguir la hoja del cabezal (...). En segundo lugar, las hachas «itálicas», evolucionadas a partir de las anteriores y definidas por una hoja trapezoidal o recta, una perforación oval, hexagonal o circular, una sección cuadrangular y un perfil igualmente monovolumen, aunque se documentan casos de dos volúmenes en el que se diferencian con nitidez el cabezal de la hoja (...)”. A existência de um “nervo central” na lâmina também não se encaixará nas variantes itálicas (Gomá Rodríguez, 2018:368).
 - Origem da categoria: Os seus exemplares mais antigos parecem localizar-se a Sul (Gomá Rodríguez, 2018:367-368), de onde se poderá supor que seja originária esta categoria de machados, provavelmente inspirada pela variante siciliana (mais antiga (Giardino, 1995:220)).

- Local de achado: Parecem concentrar-se no Centro e Sul da Península Itálica, em particular na Calábria (Sannibale, 1998:97). Poderão existir alguns exemplares mais a Norte.
 - Local de produção: Dentro do Centro e Sul de Itália, é provável que existissem vários centros de produção (provavelmente acompanhando as distintas tipologias); fora dessas regiões, também não poderemos excluir, dada a nossa falta de dados, produções mais locais.
 - Cronologia: Datará c. dos séculos XIII/XII a.C. até pelo menos ao século VIII a.C. (Gomá Rodríguez, 2018:367-368; Giardino, 1995:222).
 - Contextos: Depósitos; alguns escassos exemplares surgem em necrópoles (em Cuma, na Campânia) (Sannibale, 1998:98).
 - Função: Em teoria, machados de combate (quijá também com funções cerimoniais) ou de trabalho.
 - Outras possíveis exportações desta influência, fora da Península Ibérica: Encontram-se dois machados inseríveis nesta categoria itálica na Sardenha, no seu Centro-Oeste, em Silanus e Flumenelongu (Milletti, 2012:49-50, 52, Tav. IX); porém, não se assemelham aos exemplares ibéricos. Em França, conhecem-se seis peças e alguns outros fragmentos inseríveis nesta categoria “ad ochio” (Giardino, 1995:224-225; Guilaine e Verger, 2008:228-229); são geralmente consideradas de “tipo siciliano”, mas alguns exemplares apresentam características semelhantes às “itálicas” (por exemplo, o de Périgueux e de Montrichard, nas áreas mais ocidentais desse país (Giardino, 1995:223, Fig. 107, exemplares 05 e 06)). Na Sicília será mais difícil perceber a distribuição deste género de peças peninsulares, até porque não parece existir ainda uma sistematização e síntese pormenorizada destes machados “ad ochio” (ou, pelo menos, não existia em 1995 (Giardino, 1995:222)).
- Bibliografia relevante:
 - Almagro Basch, 1964-1965
 - Bourhis *et al.*, 1996
 - Gomá Rodríguez, 2018

- Giardino, 1995:220-225
 - Guilaine e Verger, 2008:228-229
 - Milcent, 2006
 - Milletti, 2012:48-52, Tav. IX
 - Sannibale, 1998:97-98
-
- Imagens relevantes (diversas escalas):

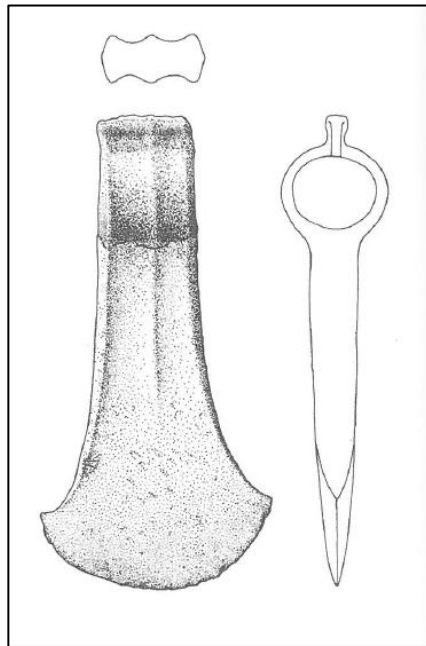


Figura 2.4.A – Representação do machado de Muros (Imagem retirada de: Gomá Rodríguez, 2018:362.)

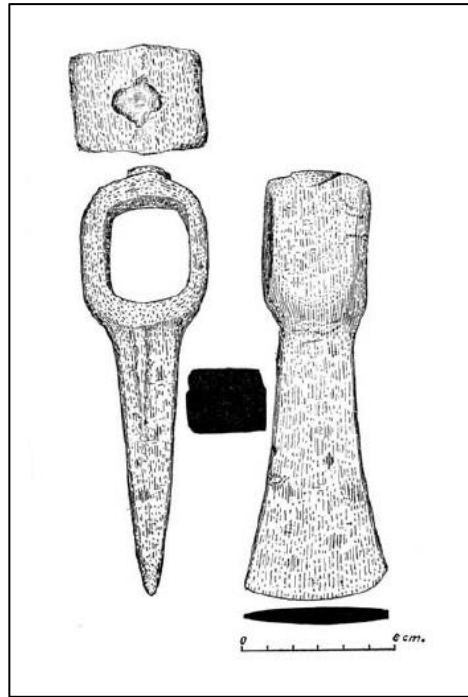


Figura 2.4.B – Representação do machado de Ripoll (Imagem retirada de: Almagro Basch, 1964-1965:227.)



Figura 2.4.C – Distribuição destes machados na Península Ibérica (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

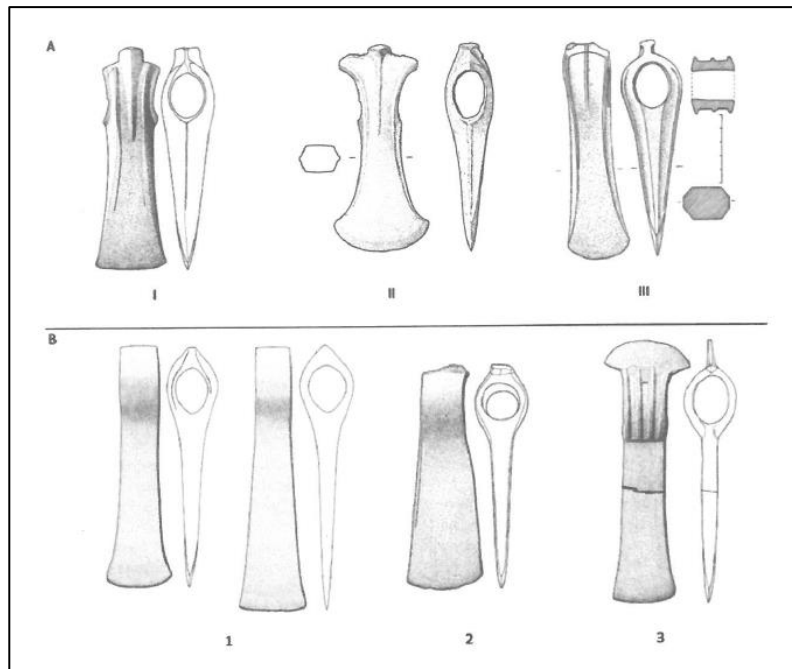


Figura 2.4.D – Representação de alguns machados “ad occhio” sicilianos (A, I-III) e itálicos (B, 1-3). (Imagem retirada de: Gomá Rodríguez, 2018:363.)

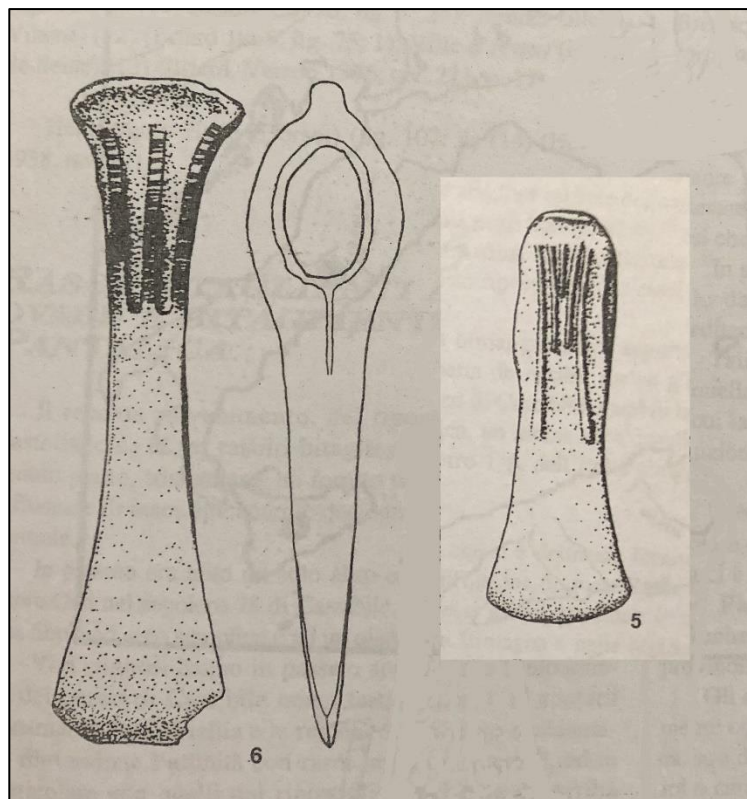


Figura 2.4.E – Representação de alguns dos machados franceses acima mencionados (5 – Périgueux, 6 – Montrichard). (Imagem retirada de: Giardino, 1995:223.)

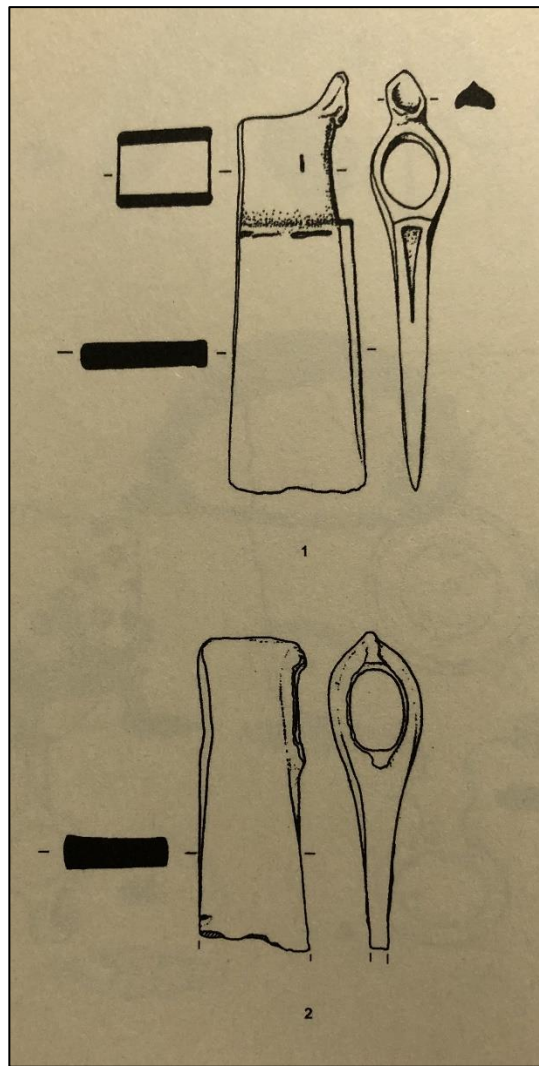


Figura 2.4.F – Representação dos machados sardos acima mencionados (1 – Silanus; 2 – Flumenelongu).
(Imagem retirada de: Milletti, 2012:Tav. IX.)

2.5. Carros de Baiões

- Descrição das peças:
 - Carro 01: “(...) reconstruido casi por completo a partir de fragmentos por los restauradores del Museo de Conímbriga empleando la rueda de Baiões 1. Este ejemplar tenía cuatro ruedas y un bastidor metálico rectangular casi cuadrado (6,5 x 5,5 cm). Soportes verticales en forma de barra decorados con bandas trenzadas llegaban hasta el bastidor, doblándose entonces hacia el interior para sujetar la copa plana. En la parte inferior, los soportes acaban en ojales redondos y se unen al eje de la rueda, que queda fijo gracias a ellos. Falta uno de los dos ejes, así como partes de la rueda conservada, cuyo cubo, en cambio, se ha conservado. En total hay doce barras de soporte. La copa tiene forma de casquete esférico y consta de tres frisos. El superior y el inferior están decorados con cordones y el intermedio presenta un esquema calado. Dieciséis triángulos invertidos se alternan en zigzag con los espacios correspondientes a otros tantos triángulos dispuestos idealmente con el vértice superior hacia arriba. Tanto en el friso superior como en el inferior, el segundo y el cuarto cordón adoptan la forma de cuerda trenzada; los demás son lisos. En el friso superior destaca la presencia de trece arandelas que cuelgan, a intervalos regulares, de otros tantos apliques dispuestos en la cara exterior de los cordones superiores. La copa presenta una abertura en el fondo.” (Schattner, 2011-2012:268).
 - Carro 02: “(...) bastidor de varas, ligeramente dobladas y dispuestas en diagonal, y láminas de metal, cuyos extremos exteriores terminan en ojales redondos. Se han conservado tres extremos exteriores y entre los ojales hay barras de soporte con refuerzos salientes en el centro. Dado que las láminas presentan la misma secuencia de cordones lisos y cordones decorados en forma de cuerda trenzada, como se describe más arriba, en el carro 1, y más abajo, en el carro 3, el fragmento pertenece a un carro com copa. La prueba la aportan los ojales, en los que encajan los ejes, exactamente igual que en el carro 1. Es posible que este fragmento corresponda a una vasija de asas verticales, de las que una se ha conservado entera. Hacia abajo sigue un friso calado, igual que en el carro 1. Su forma, en cambio, presenta largas brechas rectangulares dispuestas en diagonal a modo de costillas («cuenco de costillas»). Los

excavadores lo han reconstruído empleando la rueda de Baiões 2 (...)” (Schattner, 2011-2012:268-269).

- Carro 03: “(...) la reconstrucción de un tercer carro es el resultado de dos consideraciones. La primera se basa en el hecho de que el diámetro de la tercera rueda es distinto de los otros dos, y la segunda está inspirada por el fragmento circular de un recipiente, que por su perfil no encaja en la copa del carro de Baiões 2, según el dibujo de la publicación original. El recipiente es liso por fuera, mientras que por dentro está decorado con cordones. Hacia arriba y hacia abajo se han conservado restos lingüiformes, que sugieren la idea de un recipiente de costillas.” (Schattner, 2011-2012:269).
- Cronologia na Península Ibérica: Bronze Final (séculos X-VIII a.C. para a maior parte dos autores; século VII a.C. para Thomas Schattner (2011-2012)).
- Número de achados na Península Ibérica: 03.
- Localização dos achados:
 - Castro de Nossa Senhora da Guia (Baiões, concelho de São Pedro do Sul, distrito de Viseu); x 03.
- Local de produção dos achados: Especificamente, desconhecido; de uma forma geral, será local ou regional.
- Contexto dos achados: Possível depósito metálico (de fundidor? Votivo?); encontrados em contexto de obra.
- Cultura a que pertencem: Inserem-se nas culturas do Centro de Portugal (contextualizadas no ponto 2.1. desta dissertação).
- Função: Desconhecida, mas provavelmente ritual/cultural (seriam suportes? Incensários? Ofertas votivas? Estariam associados a rituais de comensalidade? Rituais fúnebres? Ações culturais realizadas em santuários?).
- Paralelos itálicos:
 - Carro de Ca’ Morta (não é um bom paralelo)
 - Descrição: Pequeno suporte em bronze (c. 25 cm de altura), de quatro rodas (com “cubo (...) engrosado” (Schattner, 2011-2012:290)), composto por uma tigela de tipo Colmar/Vetulonia B (tipologia de origem etrusca) sobre quatro barras de suporte diagonais, que se

- cruzam junto às rodas, unidas entre si por varetas (Schattner, 2011-2012:271). Foi encontrado bastante fragmentado, pelo que será difícil obter uma descrição mais pormenorizada ou, até, confirmar com certeza se esta estrutura bastante simples corresponderia à realidade.
- Origem da tipologia (?): Provavelmente local?
 - Local de achado: Necrópole de Ca' Morta (concelho e província de Como, região da Lombardia; Noroeste).
 - Local de produção: Especificamente, desconhecido; o seu recipiente (tigela de tipo Colmar/Vetulonia B) será forâneo (ou proveniente da Etrúria, ou da Europa Central); de uma forma geral, o carro em si será, com probabilidade, uma produção local.
 - Cronologia: Inícios do século VII a.C.
 - Contexto: Funerário (túmulo de um “guerreiro”).
 - Função: Espólio fúnebre; outras funções desconhecidas?
 - Outras possíveis exportações desta influência, fora da Península Ibérica: ---
- Carro de Bisenzio (poderá ser um ótimo paralelo, mas a sua cronologia prejudica bastante esta associação)
- Descrição: Pequeno suporte em bronze (c. 30 cm de altura), de quatro rodas, unidas aos pares por eixos metálicos. De cada uma das rodas, saem três barras de suporte diagonais (uma das quais, a central, mais grossa que as outras) que, no topo, se unem num aro metálico com decoração rendilhada, formando uma espécie de estrutura tronco-piramidal aberta. Este aro serve de base a um pequeno recipiente metálico; o recipiente em si fica “dentro” da estrutura do carro, mas possui uma aba mais larga que assenta sobre o aro. A base desta estrutura é composta por nove eixos metálicos (quatro no perímetro da estrutura; quatro na diagonal, ligando ao seu centro, onde se encontra um “nono eixo” de forma circular), e sobre os eixos não circulares encontram-se pequenas figuras plásticas, representando pessoas e animais, “(...) impegnate in scene narrative – caccia, aratura, duello, gruppo gentilizio, danza armata intorno a un animale totemico (...)” (Camporeale, 2015:337). Estas figuras, realizadas com a técnica da cera perdida, têm “(...) i riferimenti più precisi nella piccola plastica

cipriota (...)” (Bonamici, 2012:313) e, localmente, poderão ter paralelos em Vulci (Camporeale, 2015:338, Tav. 2). Apresenta vestígios de queimado (Camporeale, 2015:Tav. 2). Segundo Thomas Schattner (2011-2012:290), possui quatro “características mediterrânicas” (“barras de suporte verticales en las esquinas que terminan en ojales”, “láminas metálicas con calado”, cordón con relieve de cuerda trenzada” e “figuras”) e duas “centro-europeias” (“barras de soporte diagonales” e “cubo de rueda engrossado”).

- Origem da tipologia: Provavelmente “tardo-villanoviana” ou já etrusca (orientalizante) (com inspirações forâneas).
- Local de achado da peça: Necrópole do “Olmo Bello”, antigo povoado de Bisenzio (concelho de Capodimonte, província de Viterbo, região do Lazio; Etrúria meridional).
- Local de produção da peça: Especificamente, desconhecido; de uma forma geral, será provavelmente na Etrúria (quicá em Vulci, dados os paralelos relativos às figuras).
- Cronologia: Finais do século VIII a.C.
- Contexto: Funerário (túmulo feminino).
- Função: Espólio fúnebre; incensário (Camporeale, 2015:337, Tav. 02); outras funções desconhecidas?
- Outras possíveis exportações desta influência, fora da Península Ibérica:
 - Carro de Lucera (província de Foggia, Puglia); provável espólio fúnebre, datado dos séculos VIII-VII a.C. (Buccino, 2004).
 - Carro de Olímpia (Grécia) (de produção itálica, quicá etrusca); provável oferenda votiva, datado dos séculos VIII-VII a.C. (Baitinger, 2013:260-261).
 - No entanto, ambos os exemplares estão demasiado fragmentados para se poder retirar conclusões indiscutíveis, não sendo possível confirmar, por um lado, se possuem sequer uma estrutura tronco-piramidal e, por outro, se têm efetivamente origem em influências villanovianas/etruscas.

- Bibliografia relevante:
 - Armbruster, 2002-2003
 - Baitinger, 2013:260-261
 - Buccino, 2004
 - Camporeale, 2014:337-338, Tav. 02
 - Coffyn e Sion, 1993:289-290
 - De Marinis, 2014
 - Gomá Rodríguez, 2017:152-155
 - Mederos Martín e Harrison, 1996
 - Schattner, 2011-2012
 - Senna-Martínez *et al.*, 2011
 - Silva, Silva e Lopes, 1984
 - Valério, Araújo, Senna-Martinez e Vaz, 2006

- Imagens relevantes (diversas escalas):

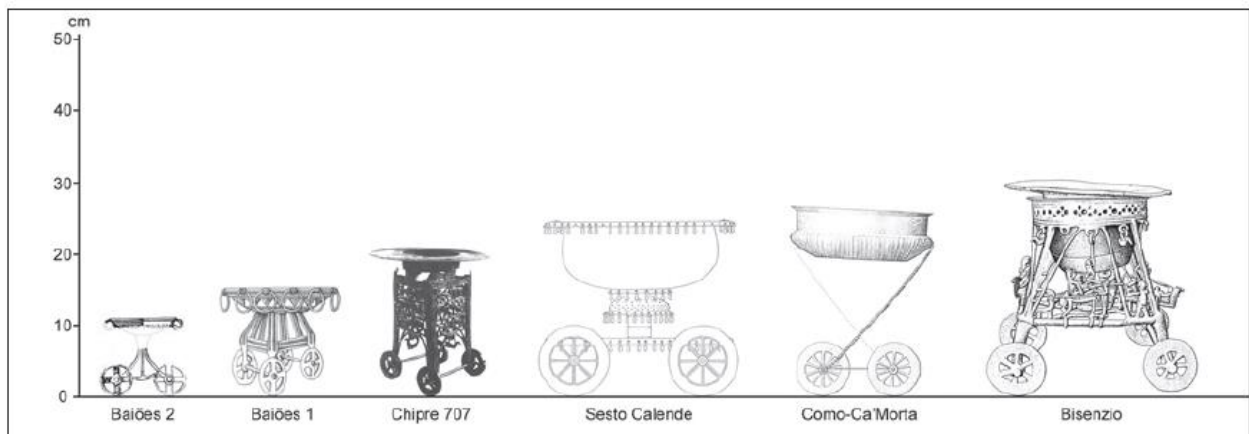


Figura 2.5.A – Representação dos carros de Baiões e dos seus possíveis paralelos itálicos. (Imagem retirada de: Schattner, 2011-2012:271.)

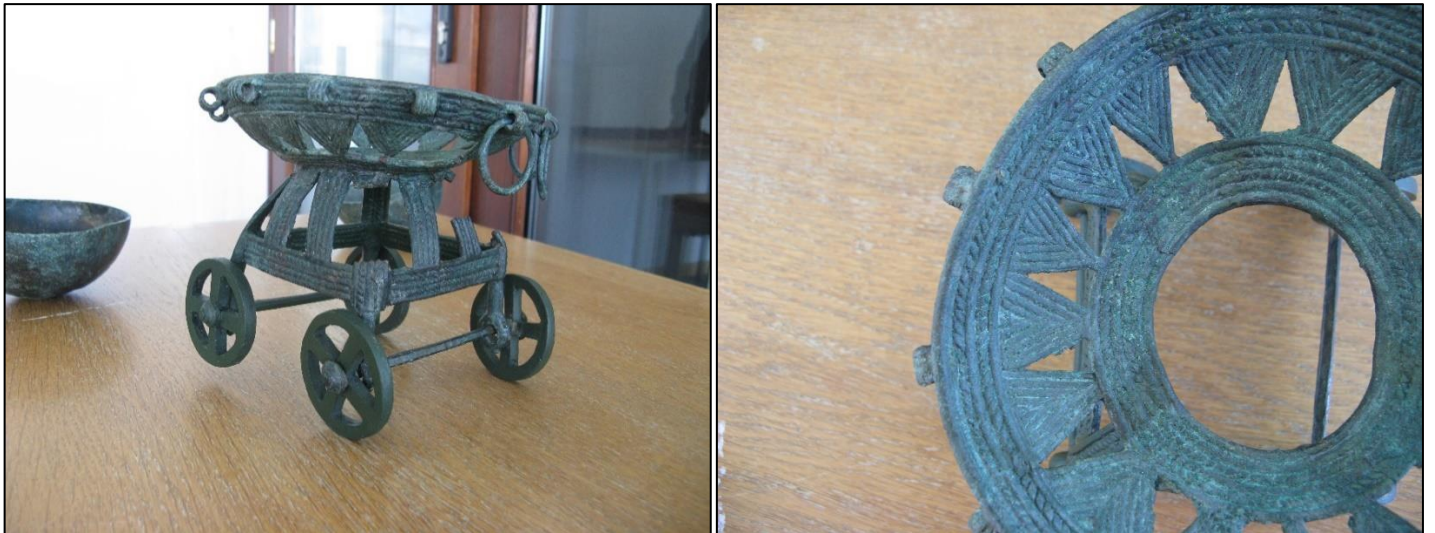


Figura 2.5.B – Fotografias do Carro 01 de Baiões. (Fotografias disponibilizadas pela Dr. Sara Almeida, que as tirou em 2008.)



Figura 2.5.C – Localização de achado destes carros na Península Ibérica (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)



Figura 2.5.D – Fotografia do carro de Bisenzio. (Fotografia tirada pela autora no Museo Nazionale Etrusco di Villa Giulia, em Roma (18/07/2021).)

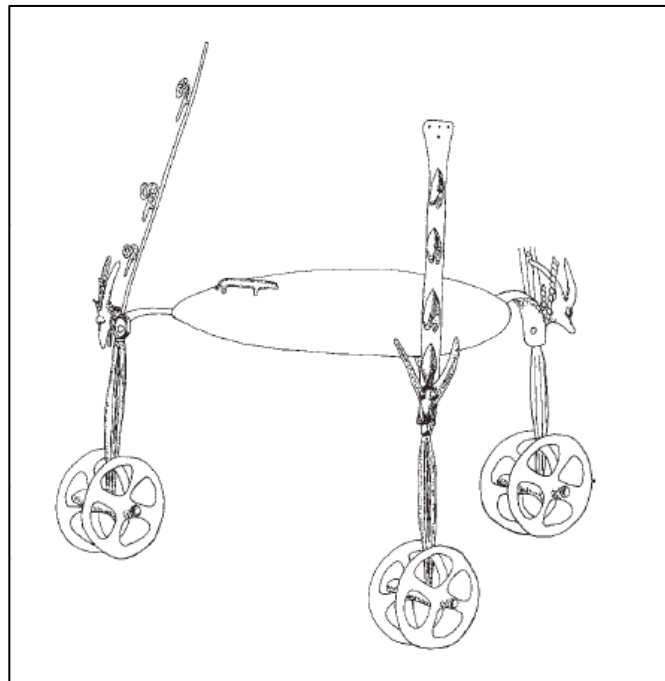


Figura 2.5.E – Representações do carro de Olímpia acima mencionado. (Imagem retirada de: Baitinger, 2013:261.)

2.6. Fíbulas de tipo “Ponte 02”, i.e., fíbulas sem mola

- Descrição da tipologia: Como o seu nome indica, esta tipologia define-se pela ausência de mola nas suas fíbulas. Com um maior pormenor, estes materiais “(...) Consiste[m] em dois fios de arame, [ambos] dobrados em «L», que, encaixando-se um no outro, formam um rombo ou um trapézio; um funcionava de fusilhão, geralmente de secção roliça, e o outro, de arco, com secção quadrada ou rectangular. O fusilhão dobrado em «L» invertido encaixa-se num olhal ou orifício vertical existente na cabeça ou na extremidade mais larga e plana do arco. Este [arco], ao dobrar-se em cotovelo [(descrevendo geralmente um ângulo quase recto)], forma, para além da cabeça, o pé longo [largo e de perfil triangular, em meia cana,] e o descanso longo e dilatado. (...) [Todos os exemplares] apresentam características estruturais comuns e uniformes, diferindo na maior ou menor sobriedade decorativa do arco, com destaque para o recorte morfológico da cabeça (...) [que pode desenhar] uma figura ovalada, com ou sem remates em espiral, romboidal e em ferradura. (...) [e consiste numa] placa espalmada e perfurada a meio por um olhal, onde se encaixa a extremidade superior do fuzilhão. Apresenta uma secção semelhante, mas de menor espessura que a parte intermédia do arco. (...)” (Ponte, 2006:91-92). A única fíbula completa provém de Conímbriga (Ponte, 2006:423).
- Cronologia na Península Ibérica: Bronze Final; meados do século IX a.C. ao século VIII a.C.
- Número de achados na Península Ibérica: 07.
- Localização dos achados:
 - a) Conimbriga (concelho de Condeixa-a-Nova, distrito de Coimbra); x 04.
 - b) Santa Olaia (concelho da Figueira da Foz, distrito de Coimbra); x 01.
 - c) Castro do Zambujal (concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa); x 01.
 - d) Écija (província de Sevilha, região autónoma da Andaluzia); x 01.
- Local de produção dos achados: Apesar da sua relativa raridade (que poderá dever-se à sua inadequação face às “exigências da indumentária” (Ponte, 2006:93)), esta tipologia precisa terá surgido na Península Ibérica, provavelmente na sua fachada atlântica (Ponte, 2006:94). Alguns autores defendem especificamente que terá surgido e sido produzido na “área tartéssica de Huelva-Cádiz” (Ponte, 2006:95), mas a falta de achados nessa região não nos permite afirmá-lo com certeza; outros preferem

apontar uma origem na zona de Coimbra e Conímbriga, dada a dispersão destes exemplares (Gomá Rodríguez, 2019:88).

- Contexto dos achados: Sem contexto. O exemplar mais completo de Conímbriga foi encontrado num “(...) nível estratigráfico de revolvimento, feito para enchimento das fundações da basílica augustana e reconstrução do fórum dos Flávios.” (Ponte, 2006:94).
- Cultura a que pertencem: Inserem-se nas culturas do Centro de Portugal e da Andaluzia Ocidental (contextualizadas no ponto 2.1. desta dissertação).
- Função: Utilitária e estética (alfinete para a roupa); quiçá artigos de luxo usufruídos por elites.

- Paralelos itálicos:
 - Fíbula “falisca”
 - Descrição: Fíbula, fabricada em bronze e ferro (Gomá Rodríguez, 2019:88), de perfil lateral trapezoidal, bastante semelhante ao dos exemplares ibéricos; é igualmente formada por dois aros em forma de «L», que se unem por meio da inserção do fusilhão no “furo” da cabeça do arco. A ponta do fusilhão, para além do orifício, encontra-se decorada por duas aparentes esferas ou contas. O seu descanso é em disco. Infelizmente, não conseguimos obter mais informações, para além daquelas adquiridas através da observação da imagem apresentada por Salete da Ponte (2006:93, Fig. 17, exemplar b). Fará parte dos materiais do Museo Nazionale Etrusco di Villa Giulia (Roma) (Ponte, 2006:94; Gomá Rodríguez, 2019:88), mas não aparenta estar em exposição (à data de 18 de julho de 2021).
 - Origem da tipologia (?): Não nos foi possível averiguá-lo com certeza, mas, dada a sua inexistência a Sul (Lo Schiavo, 2010) e dada a não apresentação de paralelos setentrionais por Salete da Ponte (que teve acesso ao catálogo de fíbulas realizado para essa região por Patrizia von Eles Masi (Ponte, 2006:5514)), poderemos supor que a origem desta possível tipologia, da qual conhecemos apenas um exemplar, se situa

- no Centro da Península Itálica (quicá na Etrúria (Gomá Rodríguez, 2019:88)).
- Local de achado: As informações são escassas e obscuras. Esta peça terá sido encontrada na área centro-itálica de cultura falisca, mas é apresentada como proveniente tanto do povoado de *Falerii Veteres* (concelho de Civita Castellana, província de Viterbo, região do Lazio) (Ponte, 2006:91, 94; Gomá Rodríguez, 2019:88), como do de Narce (povoado dividido entre os atuais concelhos de Calcata, Faleria e Mazzano Romano, na província de Viterbo e cidade metropolitana de Roma, região do Lazio) (Ponte, 2006:94).
 - Local de produção: Mais uma vez, não possuimos quaisquer certezas, mas provavelmente terá sido também no Centro de Itália, talvez até na área de cultura falisca (ou villanoviana/etrusca).
 - Cronologia: Idade do Ferro; c. 950-800 a.C. (Ponte, 2006:91).
 - Contexto: Para nós, desconhecido.
 - Função: Utilitária e estética (alfinete para a roupa); quicá artigos de luxo usufruídos por elites e, ou, espólio fúnebre.
 - Outras possíveis exportações desta influência, fora da Península Ibérica: Não nos foi possível aprofundar este ponto. Poderemos apenas afirmar que não foi encontrada nenhuma fíbula semelhante na Sardenha (Milletti, 2012:25-46, Tav. I-VII), Sicília (Lo Schiavo, 2010), nem, à partida, em França (Duval *et al.*, 1974).
- Algumas “Fibule serpeggianti a due pezzi con arco doppio” (Classe XXXIX de Lo Schiavo (2010:652-657, Tav. 402-409))
- Descrição: Esta tipologia não será um bom paralelo por si (a maior parte das peças possui um sistema de união entre o arco e o fusilhão semelhante, mas com o arco a formar três dos lados do “retângulo” ou “trapézio”); porém, alguns dos seus exemplares apresentam interessantes semelhanças com as peças ibéricas (nomeadamente, uma curvatura, mais ou menos suave, do lado do fusilhão).
 - I) Fíbula de Tarquínia (Ponte, 2006:93, Fig. 17, exemplar a): Peça com um perfil lateral triangular, formada por dois aros; o fusilhão forma um «L» e o arco é direito, apresentando, no topo e centro, dois pequenos elementos longitudinais e dois outros

transversais (que formam, assim, um pequeno “retângulo”). A ponta do fusilhão, para além do orifício que lhe permite unir-se ao arco, encontra-se decorada por uma aparente conta. O descanso é longo e bastante semelhante ao das peças ibéricas.

- II) Fíbula n.º 5562 de Lo Schiavo (2010:653-656, Tav. 408), de tipo 336 (“fibule serpeggianti a due pezzi con arco doppio massiccio, e staffa a disco, tipo S. Marzano”): Esta peça possui “(...) arco bifido e staffa a disco fusi in un sol pezzo (...) [,] spillone con grossa testa (...) [compósita e] dimensioni molto grandi (...) [(neste caso, c. 22,50 cm)]. (...) [O arco é constituído por uma] parte anteriore e posteriore, costituite rispettivamente da un elemento obliquo, e parte centrale, costituita da due elementi longitudinali e da due barrette trasversali sporgenti, alle estremità (...). [Esta fíbula, da “variedade D”,] ha sezione triangolare negli elementi longitudinali della parte centrale e sezione rettangolare nelle parti anteriore e posteriore (...).” (Lo Schiavo, 2010:653-654, 655). O seu perfil lateral poderá ser triangular ou, mais provavelmente (dado o tipo em que se insere), trapezoidal (a sua representação (Lo Schiavo, 2010:Tav. 408) não é totalmente clara). E será igualmente importante referir que, neste caso (e nos seguintes), é a parte do fusilhão, ligeiramente curvada para “cima” (quicá muito suavemente), que possui o orifício e a parte do arco que se insere nele.
- III) Fíbula n.º 5564 b de Lo Schiavo (2010:656, Tav. 409), de tipo 337 (“fibula serpeggiante a due pezzi con arco traforato e staffa a disco, dall’Incoronata”): “Una forma particolarissima, e finora documentata solo all’Incoronata tomba 165, presenta un arco a contorno trapezoidale, con le parti anteriore e posteriore a sezione quadrangolare e quella centrale a forma di losanga traforata. Tutto l’arco è modellato in un pezzo unico, con espansioni arrotondate in corrispondenza dei gomiti. La staffa, con un intaglio a V al centro e riccamente decorata, è fissata all’arco con un chiodino di ferro. Lo spillone è ricurvo

con testa discoidale.” (Lo Schiavo, 2010:656). Mais uma vez, o já conhecido “orifício” fica no aro do (ligeiramente curvado) fusilhão, que, para além dele, apresenta uma pequena conta decorativa (Lo Schiavo, 2010:Tav. 409).

- IV) Fíbula n.º 5565 de Lo Schiavo (2010:656-657, Tav. 408), de tipo 338 (“fibule serpeggianti a due pezzi con arco traforato e staffa a disco, da Capua”): Esta peça possui “(...) la parte centrale dell’arco traforata (...) [,] la staffa a disco fusa con l’arco (...) [e] una terza barretta trasversale al centro; manca la testa dello spillone e le varie parti dell’arco sono a sezione piano convessa.” (Lo Schiavo, 2010:656). O seu perfil lateral é trapezoidal e a parte do fusilhão, ligeiramente curva, é mais uma vez aquela que possui o orifício onde o arco se insere (Lo Schiavo, 2010:Tav. 408).
- Origem das tipologias:
 - I) Seguindo a mesma lógica utilizada para a fíbula falisca acima apresentada, iremos supor uma origem centro-itálica para esta peça e respetiva tipologia.
 - II) Será debatível, sem mais informações para o Centro da Península Itálica, se a origem primária desta morfologia é central ou meridional; porém, esta tipologia específica, que engloba em si onze ou doze exemplares, será provavelmente meridional (Lo Schiavo, 2010:653-656).
 - III) Dado este tipo incluir uma única peça, ser-nos-á bastante complicado apontar, sem qualquer dúvida, uma origem precisa. Poderá ser meridional ou central.
 - IV) Este tipo também inclui um número muito diminuto de exemplares (apenas dois, encontrados na mesma necrópole, ainda que em túmulos distintos), pelo que será igualmente difícil apresentar uma clara possível origem. Dada a ligação de Cápua à cultura villanoviana e à Etrúria, poder-se-á considerar esta tipologia como sendo originária de uma área mais central;

porém, reforçamos, não possuímos dados suficientes para excluir completamente uma origem meridional.

- Local de achado:
 - I) “Sopra Selciatelto” (Ponte, 2006:94), que supomos ser um erro ortográfico de “(Poggio) Selciatello di Sopra” (Camporeale, 2015:277, 279), uma das necrópoles villanovianas de Tarquínia (atual província de Viterbo e região do Lazio; antiga Etrúria meridional).
 - II) Túmulo 140 da Incoronata (concelho de Pisticci, província de Matera, região da Basilicata).
 - III) Túmulo 165 da Incoronata (concelho de Pisticci, província de Matera, região da Basilicata).
 - IV) Necrópole de Cápua (concelho de S. Maria Capua Vetere, província de Caserta, região da Campânia).
- Local de produção:
 - I) Difícil de precisar sem possuímos mais dados, mas poderemos supor um fabrico na Etrúria ou até no próprio povoado de Tarquínia.
 - II) Esta peça terá sido produzida a Sul, em torno do povoado de San Marzano sul Sarno (província de Salerno, região da Campânia) ou no próprio povoado da Incoronata (Lo Schiavo, 2010:655-656).
 - III) Repetindo aqui os problemas acima expostos na questão das origens, também não nos será possível apontar com certeza um local de fabrico. Esta fíbula poderá ter sido produzida a Sul, talvez até no povoado da Incoronata, onde foi encontrada, ou tratar-se de uma importação de alguma região do Centro.
 - IV) Mais uma vez, como no caso das origens, não conseguiremos identificar com precisão o local de produção desta fíbula. Poderá ser no Centro (quiçá na Etrúria villanoviana) ou no Sul (quiçá talvez até no próprio povoado de Cápua).

- Cronologia:
 - I) Idade do Ferro; c. 950-800 a.C. (Ponte, 2006:91).
 - II), III) e IV) Idade do Ferro; c. 900-820/810 a.C. (Lo Schiavo, 2010:44-46, 655-656).
 - Contexto: Quando conhecido, funerário.
 - Função: Utilitária e estética (alfinete para a roupa); quiçá artigos de luxo usufruídos por elites e, ou, espólio fúnebre.
 - Outras possíveis exportações desta influência, fora da Península Ibérica: Poderemos constatar, com as devidas reservas, que não foi encontrada nenhuma fíbula parecida na Sardenha (Milletti, 2012:25-46, Tav. I-VII), nem na Sicília (Lo Schiavo, 2010). Em França, conhece-se pelo menos uma peça semelhante (que, aliás, também apresenta antes o orifício no lado do arco e uma maior curvatura do fusilhão, como os exemplares ibéricos), que, sem contexto, terá sido encontrada no departamento da Jura (região da Borgonha-Franco-Condado) (Duval *et al.*, 1974:34-35). Porém, relembramos que esta fíbula poderá ser problemática (Guilaine e Verger, 2008:230-232).
-
- Bibliografia relevante:
 - Arruda *et al.*, 2022:97
 - Duval *et al.*, 1974:34-35
 - Gomá Rodríguez, 2019:86-88, 91
 - Guilaine e Verger, 2008:230-232
 - Lo Schiavo, 2010
 - Milletti, 2012:25-46, Tav. I-VII
 - Ponte, 2006:91-96, 423

 - Imagens relevantes (diversas escalas):

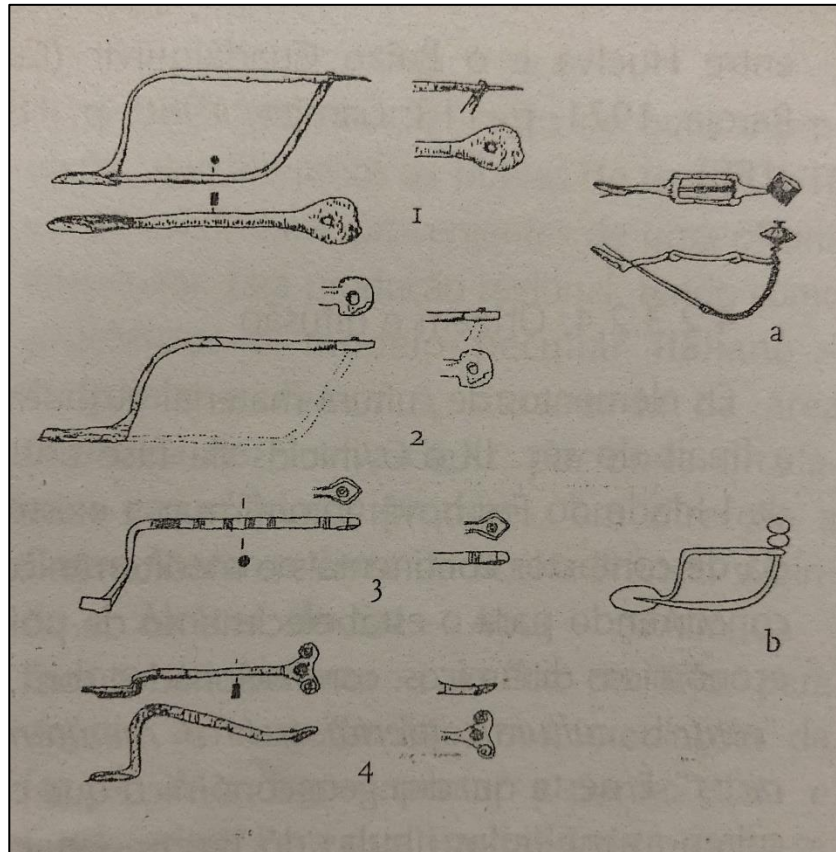


Figura 2.6.A – Representação de algumas fíbula de tipo “Ponte 02” e dos paralelos itálicos apontados por Salette da Ponte (1 e 2 – Conímbriga; 3 – Santa Olaia; 4- Écija; a – Tarquínia; b – fíbula falisca). (Imagem retirada de: Ponte, 2006:93.)

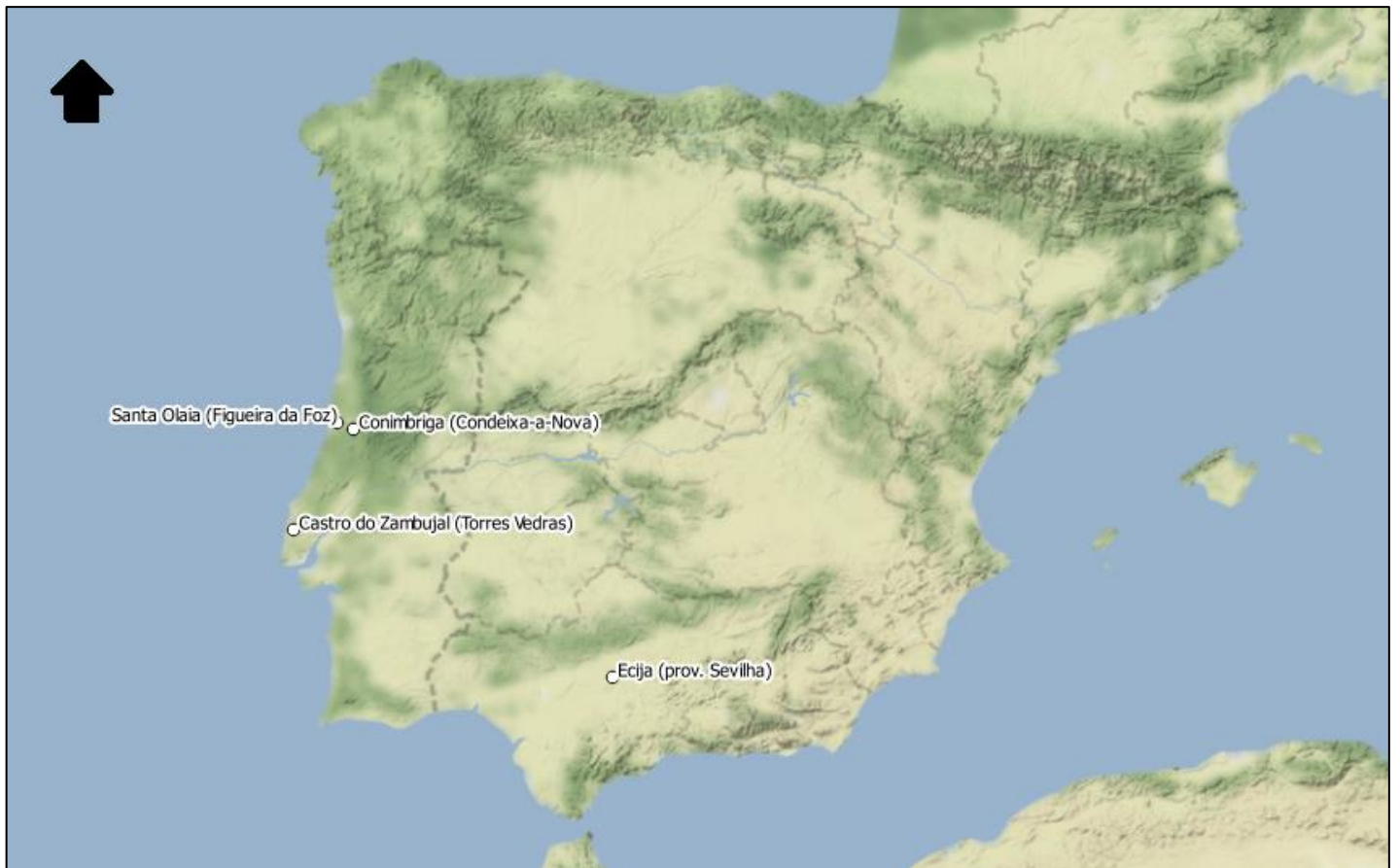


Figura 2.6.B – Distribuição destas fíbulas na Península Ibérica (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

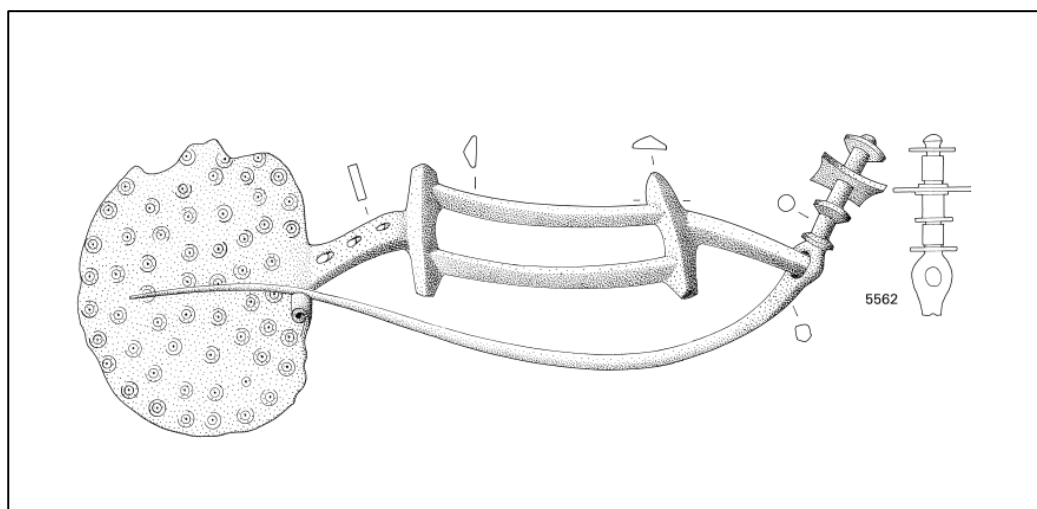


Figura 2.6.C – Representação da fíbula n.º 5562 de Lo Schiavo. (Imagem retirada de: Lo Schiavo, 2010:Tav. 408.)

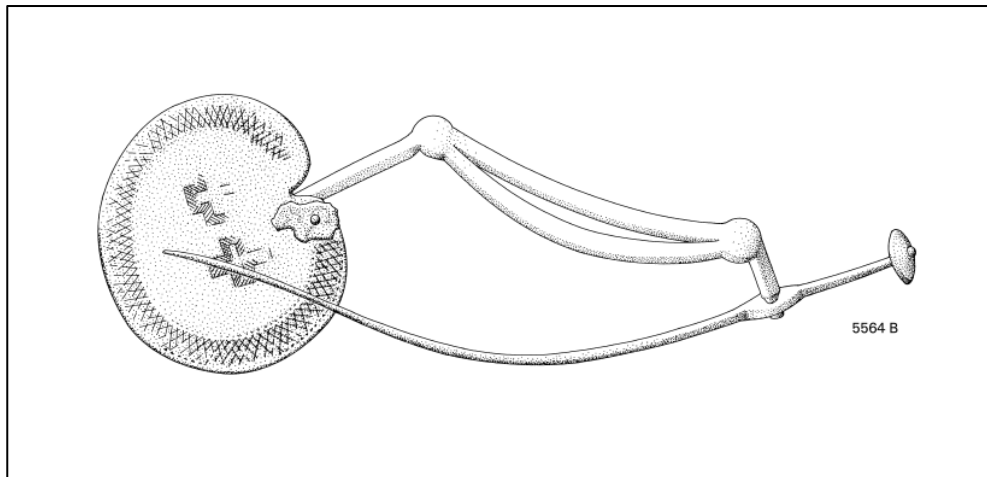


Figura 2.6.D – Representação da fíbula n.º 5564 b de Lo Schiavo. (Imagem retirada de: Lo Schiavo, 2010:Tav. 409.)

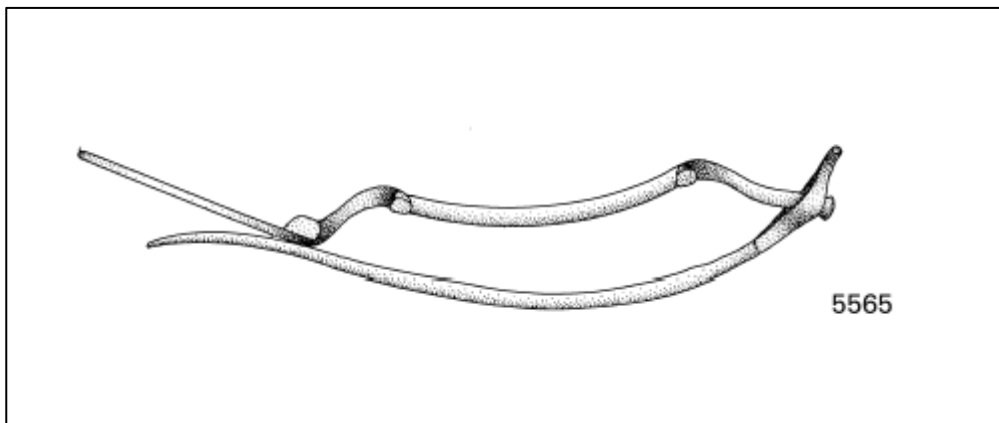


Figura 2.6.E – Representação da fíbula n.º 5565 de Lo Schiavo. (Imagem retirada de: Lo Schiavo, 2010:Tav. 408.)

2.8. Materiais com possíveis influências originárias da Península Itálica (ainda) mais incertas

2.8.1. Espada(s) do depósito do Montijo (Badajoz)

- Descrição da peça/tipologia: De entre todas as espadas encontradas neste depósito (que se supõem pertencer à mesma tipologia), apenas uma é conhecida devidamente (as restantes “desapareceram”). “La longitud total del fragmento de esta espada es de 197 mm., y sus compañeras, también fragmentadas, eran de un tamaño parecido. Se trata, pues, de puñales o espadas cortas de bronce, como otros ejemplares ya conocidos y estudiados por nosotros en outro lugar. La conservación de la empuñadura y la tendencia al engalle central que nos asegura una forma bastante pistiliforme de la hoja, hacen de este tipo un modelo nuevo y de gran interés entre la serie de armas semejantes que poseemos. La forma ovalada de la empuñadura, con dos apéndices o aletillas en la parte superior, es una variante dentro del tipo general de lengüetas. Además, ofrece un rehundido en todo el centro de la lengüeta, con un resalte en el empalme, para mejor incrustar el arma en el pomo de madera o cuerno que llevaría y que se ha perdido. Tres clavos en la lengüeta servían para la sujeción del mismo. Ninguno aparece en el empalme de la hoja, caso raro y prueba de una cierta modernidad, así como la tendencia a la forma ovalada de la lengüeta y los rehundidos para la incrustación, pero lo que nos denuncia una fecha avanzada dentro del tipo general europeo es, sobre todo, la forma pistiliforme de la hoja.” (Almagro Basch, 1943:277-278).
- Cronologia na Península Ibérica: Bronze Final; século IX a.C. a meados do século VIII a.C. (Almagro Basch, 1943:277-278; Fernández Castro, 1988:270-271).
- Número de achados na Península Ibérica: 04, conhecendo-se apenas 01.
- Localização dos achados:
 - Depósito do Montijo (província de Badajoz, comunidade autónoma da Estremadura), nas proximidades do rio Guadiana.
- Local de produção dos achados: Desconhecido, mas não parecem existir indícios suficientes para defender uma produção extra Península Ibérica.
- Contexto dos achados: Depósito, provavelmente votivo, em meio aquático; mas não se poderá excluir completamente um outro tipo de depósito (Almagro Basch, 1943:277-278).

- Cultura a que pertencem: Inserem-se nas culturas da Estremadura espanhola (contextualizadas no ponto 2.1. desta dissertação).
- Função: Provavelmente, objetos votivos; quiçá, antes da sua deposição, tivesse outras funções relacionadas com o serem espadas (bélicas, cerimoniais, etc.).

- Paralelos itálicos:
 - Espada “a manico pieno” de tipo “Casalgrasso”
 - Descrição: Peça única no panorama italiano (Del Lucchese e Gambari, 2006:193), com relevantes semelhanças ao tipo centro-europeu “Kirschgartshausen” (Del Lucchese e Gambari, 2006:193; Gambari e Venturino, 2019:107), característico do Vale do Reno (Ferrero, 2012:40); Gomá Rodríguez (2018:89) afirma tratar-se de uma tipologia atlântica (mas não obtivemos mais dados satisfatórios nesse sentido, podendo tratar-se até de uma outra tipologia). Não nos foi possível obter uma descrição detalhada da mesma (ou, até, uma sua imagem), mas, com base em breves comentários (Giardino, 1985:85; Gomá Rodríguez, 2018:89; Musée de Préhistoire des gorges du Verdon Quinson e Complesso Museale «Cav. G. Avena» Chiusa di Pesio, 2019:53), poderemos fazer algumas ilações: tratar-se-á de uma espada de bronze pistiliforme, de punho “fuso/pieno” com, possivelmente, alguns pregos na área da lingueta; a lâmina possuirá uma secção losangular e “gradino lungo il taglio” (Musée de Préhistoire des gorges du Verdon Quinson e Complesso Museale «Cav. G. Avena» Chiusa di Pesio, 2019:53). Não parecem conhecer-se peças claras que se insiram igualmente nesta tipologia, mas certos fragmentos poderão associar-se à mesma (Musée de Préhistoire des gorges du Verdon Quinson e Complesso Museale «Cav. G. Avena» Chiusa di Pesio, 2019:53).
 - Origem da tipologia: Provavelmente local (Gambari e Venturino, 2019:107) ou, pelo menos, da Itália Setentrional. A morfologia em que se baseia tem uma origem provável na região do Vale do Reno (Ferrero, 2012:40), que atravessa principalmente a Alemanha e partes da Áustria, Suíça, França e Países Baixos (onde desagua).

- Local de achado: No rio Po (durante trabalhos de drenagem da margem direita do mesmo), na área do concelho de Casalgrasso (província de Cuneo, região do Piemonte).
 - Local de produção: Será uma peça de fabrico local, apesar das suas influências transalpinas (Gambari e Venturino, 2019:107).
 - Cronologia: Bronze Final ou, mais provavelmente, I Idade do Ferro; séculos X-IX a.C.
 - Contexto: Com elevada probabilidade, um depósito votivo em meio húmido.
 - Função: Objeto votivo; quiçá, antes da sua deposição, tivesse outras funções (bélicas, cerimoniais, etc.).
 - Outras possíveis exportações desta influência, fora da Península Ibérica: ---
- Bibliografia relevante:
 - Almagro Basch, 1943:277-278, 280
 - Brandherm, 2007:37-38, 119
 - Del Lucchese e Gambari, 2006:193
 - Dumont, 2021:75
 - Faudino, 2005:24
 - Fernández Castro, 1988:270-271
 - Ferrero, 2012:40
 - Gambari e Venturino, 2019:107
 - Giardino, 1985:85
 - Gomá Rodríguez, 2018:89-90
 - Musée de Préhistoire des gorges du Verdon Quinson e Complesso Museale «Cav. G. Avena» Chiusa di Pesio, 2019:53
 - Rubat Borel, 2006:475
 - Imagens relevantes (diversas escalas):

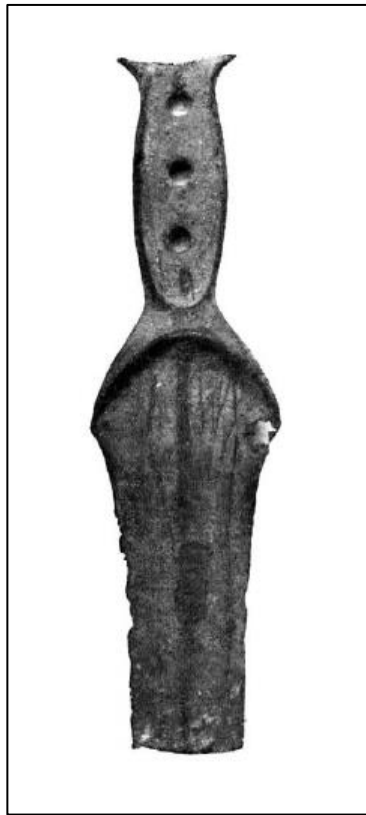


Figura 2.8.1.A – Fotografia (do topo) da espada do Montijo (Badajoz). (Imagem retirada de: Almagro Basch, 1943:280.)



Figura 2.8.1.B – Local de achado desta espada na Península Ibérica (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

2.8.2. Fíbulas de tipo “Ponte 03 a”, i.e., fíbulas de dupla mola com arco simples

- Descrição da tipologia: De uma forma geral, as peças inseríveis neste tipo apresentam um “Arco simples, filiforme, [e] de secção circular, pé recto (...) e fusilhão com curvatura pouco acentuada. Este subtipo apresenta pequenas variantes, quanto ao número de voltas das molas unilaterais – de seis a oito – e à dimensão do descanso – curto ou alongado.” (Ponte, 2006:106).
- Cronologia na Península Ibérica: Bronze Final, I Idade do Ferro; finais do século IX a.C. ou (mais provavelmente) inícios do VIII a.C. ao século VII a.C.
- Número de achados na Península Ibérica: Pelo menos, 80 exemplares (24 em Portugal; em Espanha não conseguimos averiguar os números, por isso supusemos um por local de achado (56)).
- Localização dos achados: (A negrito, peças que poderão incluir-se especificamente no Bronze Final, segundo Arruda *et al.* (2022:87), que se focaram somente em exemplares portugueses.)
 - Portugal (x 24) (Ponte, 2006:105, Arruda *et al.* 2022:87)
 - **a) Fraga dos Corvos (concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança); x 01.**
 - **b) Castro de Nossa Senhora da Guia (Baiões, concelho de São Pedro do Sul, distrito de Viseu); x 01.**
 - **c) Outeiro dos Castelos de Beijós (concelho de Carregal do Sal, distrito de Viseu); x 01.**
 - d) Santa Olaia (concelho da Figueira da Foz, distrito de Coimbra); x 01.
 - e) Conímbriga (concelho de Condeixa-a-Nova, distrito de Coimbra); x 03.
 - **f) Gruta do Medronhal (concelho de Condeixa-a-Nova, distrito de Coimbra); x 01.**
 - **g) Serra de Alvaiázere (concelho de Alvaiázere, distrito de Leiria); x 01.**
 - **h) Alto/Abrigo Grande das Bocas (concelho de Rio Maior, distrito de Santarém); x 01.**
 - i) Castro de Pragança (concelho de Cadaval, distrito de Lisboa); x 01.

- **j) Monte da Pena – Barro (concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa); x 01.**
- k) Cabeço de Vaiamonte (concelho de Monforte, distrito de Portalegre); x 01.
- **l) Bela Vista (concelho de Sintra, distrito de Lisboa); x 01.**
- **m) Quinta do Marcelo (concelho de Almada, distrito de Setúbal); x 01.**
- n) Quinta do Almaraz (concelho de Almada, distrito de Setúbal); x 02.
- **o) Castelo de Arraiolos (distrito de Évora); x 01.**
- **p) Coroa do Frade (concelho e distrito de Évora); x 01.**
- **q) Castro de Ratinhos (concelho de Moura, distrito de Beja); x 03.**
- r) Monte do Bolor 1-2 (concelho e distrito de Beja); x 01.
- s) Torre Velha 3 (concelho de Serpa, distrito de Beja); x 01.
- Espanha (x 56, pelo menos) (Ponte, 2006:110)
 - t) Lara de los Infantes (província de Burgos, comunidade autónoma de Castela e Leão);
 - u) Cortes de Navarra (comunidade foral de Navarra);
 - v) Castellvell de Solsona (concelho de Olius, província de Lérida, comunidade autónoma da Catalunha);
 - w) La Anseresa de Olius (província de Lérida, comunidade autónoma da Catalunha);
 - x) Necrópole de Agullana (província de Gerona, comunidade autónoma da Catalunha);
 - y) Ullastret (província de Gerona, comunidade autónoma da Catalunha);
 - z) Cova de San Sadurní (concelho de Bigas, província de Barcelona, comunidade autónoma da Catalunha);
 - aa) La Pedrera (província de Tarragona (Ponte, 2006:110) ou de Lérida (concelho de Vallfogona de Balaguer (Maluquer de Motes *et al.*, 1959)), comunidade autónoma da Catalunha);
 - bb) Necrópole de Can Canyis (Banyeres del Penedès, província de Tarragona, comunidade autónoma da Catalunha);
 - cc) Coll del Moro (província de Tarragona, comunidade autónoma da Catalunha);

- dd) La Tosseta (província de Tarragona, comunidade autónoma da Catalunha);
- ee) El Molá (província de Tarragona, comunidade autónoma da Catalunha);
- ff) La Oríola (Amposta, província de Tarragona, comunidade autónoma da Catalunha);
- gg) Altillo de Cerropozo (Atienza, província de Guadalajara, comunidade autónoma de Castela-Mancha);
- hh) Clares (província de Guadalajara, comunidade autónoma de Castela-Mancha);
- ii) Hijes (província de Guadalajara, comunidade autónoma de Castela-Mancha);
- jj) Atienza (província de Guadalajara, comunidade autónoma de Castela-Mancha);
- kk) La Olmeda (província de Guadalajara, comunidade autónoma de Castela-Mancha);
- ll) Aguilar de Anguita (província de Guadalajara, comunidade autónoma de Castela-Mancha);
- mm) La Hortezueta (província de Guadalajara, comunidade autónoma de Castela-Mancha);
- nn) Carabias (província de Guadalajara, comunidade autónoma de Castela-Mancha);
- oo) La Torresaviñán (província de Guadalajara, comunidade autónoma de Castela-Mancha);
- pp) Garbajosa (província de Guadalajara, comunidade autónoma de Castela-Mancha);
- qq) Valdenovillos (Alcolea de las Peñas, província de Guadalajara, comunidade autónoma de Castela-Mancha);
- rr) San Antonio de Calaceite (província de Teruel, comunidade autónoma de Aragão);
- ss) Tossal Redó (província de Teruel, comunidade autónoma de Aragão);
- tt) Carrascosa del Campo (província de Cuenca, comunidade autónoma de Castela-Mancha);

- uu) Las Madrigueras (província de Albacete, comunidade autónoma de Castela-Mancha);
- vv) El Macalón (concelho de Nerpio, província de Albacete, comunidade autónoma de Castela-Mancha);
- ww) La Solivelle (?, província de Castellón, Comunidade Valenciana);
- xx) Los Saladares (Orihuela, província de Alicante, Comunidade Valenciana);
- yy) Covalta (província de Valência, Comunidade Valenciana);
- zz) Bolbax (província de Múrcia, Região de Múrcia);
- aaa) Los Molinicos de Moratalla (província de Múrcia, Região de Múrcia);
- bbb) El Castellar de Librilla (província de Múrcia, Região de Múrcia);
- ccc) Colina de los Quemados (concelho e província de Córdoba, comunidade autónoma da Andaluzia);
- ddd) Castulo (concelho de Linares, província de Jaén, comunidade autónoma da Andaluzia);
- eee) El Castellar de Santistebán (província de Jaén, comunidade autónoma da Andaluzia);
- fff) Porcuna (província de Jaén, comunidade autónoma da Andaluzia);
- ggg) Los Castellones de Ceal (província de Jaén, comunidade autónoma da Andaluzia);
- hhh) Setefilla (província de Sevilha, comunidade autónoma da Andaluzia);
- iii) Carmona (província de Sevilha, comunidade autónoma da Andaluzia);
- jjj) Necrópole de Cruz del Negro (concelho de Carmona, província de Sevilha, comunidade autónoma da Andaluzia);
- kkk) El Carambolo (província de Sevilha, comunidade autónoma da Andaluzia);
- ll) Écija (província de Sevilha, comunidade autónoma da Andaluzia);
- mmm) Mairena del Alcor (província de Sevilha, comunidade autónoma da Andaluzia);
- nnn) Torres Alocaz (província de Sevilha, comunidade autónoma da Andaluzia);

- ooo) Los Alcores (província de Sevilha, comunidade autónoma da Andaluzia);
 - ppp) Cerro de la Mora (concelho de Moraleda de Zafayona, província de Granada, comunidade autónoma da Andaluzia);
 - qqq) Cerro de los Infantes (concelho de Pinos Puente, província de Granada, comunidade autónoma da Andaluzia);
 - rrr) Herrerías (província de Almeria, comunidade autónoma da Andaluzia);
 - sss) El Peñón de la Reina (concelho de Alboloduy, província de Almeria, comunidade autónoma da Andaluzia);
 - ttt) Trayamar (província de Málaga, comunidade autónoma da Andaluzia);
 - uuu) Chorreras (província de Málaga, comunidade autónoma da Andaluzia);
 - vvv) Frigiliana (província de Málaga, comunidade autónoma da Andaluzia);
 - www) Arcos de la Frontera (província de Cádiz, comunidade autónoma da Andaluzia).
- Será interessante mencionar que também se conhecem fíbulas inseríveis nesta tipologia (mas talvez não neste subtipo) fora da Península Ibérica (algumas já fora da cronologia que aqui abordamos (Aragón Núñez, 2020)). Não será, no entanto, possível confirmar se se tratará de produções locais ou de importações de origem ibérica (as discussões e dúvidas em torno da provável zona de origem deste tipo mantêm-se (Ponte, 2006:108-111)). Aparentam, porém, importações, no que se refere ao âmbito italiano (Giardino, 1985:242); e as peças francesas assemelham-se particularmente às catalãs (*idem*).
- França meridional (Duval, 1974:38-40; Giardino, 1985:242, 248; Gomá Rodríguez, 2019:85): pelo menos, em Mailhac (departamento de Aude, região da Occitânia), x 01; no naufrágio de Rochelongue (Agde, departamento de Hérault, região da Occitânia), x 03; em “Launac” (Fabrègues, departamento de Hérault, região da Occitânia), x 01 (?); e em La Pave (Argelès-sur-Mer, departamento dos Pirenéus Orientais, região administrativa da Occitânia), x 01 (?).

- Sardenha (Giardino, 1985:242, 248; Lo Schiavo, 2010:737; Gomá Rodríguez, 2019:85): pelo menos, na gruta de Piroso-Su Benatzu (Santadi, província do Sul da Sardenha), x 01; e na necrópole de Bithia (Domus de Maria, província do Sul da Sardenha), x 01.
 - Sicília (sendo que, no entanto, fíbulas deste género não surgem no catálogo de Fulvia Lo Schiavo (2010)), Norte de África e Egeu (Gomá Rodríguez, 2019:86): Sem informações mais precisas; serão, porém, escassos exemplares.
 - Itália meridional (Lo Schiavo, 2010:737, Tav. 522): Pithecusa (ilha de Ischia, Campânia), x 01. É a única fíbula deste tipo conhecida nesta região itálica.
 - Encontra-se também uma peça (x 01) exposta no Museo Nazionale Etrusco di Villa Giulia (Roma) (à data de 18 de julho de 2021), que, porém, não possui qualquer contexto (supor-se-á uma descoberta em área etrusca ou, pelo menos, na Itália Central, mas não existem quaisquer certezas).
- Local de produção dos achados: Certamente na Península Ibérica. Dada a sua dispersão, não parece ser possível defender a existência de um único centro produtivo; mas é defendido que esta tipologia terá uma origem andaluza (Ponte, 2006:108-109).
 - Contextos dos achados: Quando conhecidos, bastante variados (fúnebres, povoados, etc.).
 - Cultura a que pertencem: Inserem-se em todas as culturas peninsulares (contextualizadas no ponto 2.1. desta dissertação), com exceção das do Noroeste e da Estremadura espanhola.
 - Função: Utilitária e estética (alfinete para a roupa); nalguns casos, espólio fúnebre. Talvez artigos de luxo usufruídos por elites.
- Paralelos itálicos:
 - Será difícil apontar paralelos precisos (Ponte, 2006:109), mas, visualmente, as fíbulas que mais se assemelham às ibéricas de tipo “Ponte 03 a” são as “fibule serpeggianti (meridionali) con occhiello e spillone ricurvo” (Classe XLI de Lo Schiavo (2010:661-735, Tav. 416-522)) e as “fibule serpeggianti con occhielli

sull'arco" (Classe XLII de Lo Schiavo (2010:735-741, Tav. 522-524), sendo que poderemos destacar os tipos 360 e 361, que apresentam apenas dois "círculos", por oposição aos três dos restantes).

- Descrição: As classes acima referidas englobam diversas tipologias, com distintas características. De uma maneira geral, porém, interessam-nos aqui as fíbulas que apresentam dois "círculos" na parte superior do seu arco simples (dois "occhielli" ou um "occhiello" e uma mola; nunca, porém, duas molas, com exceção do exemplar acima mencionado), fusilhão com alguma curvatura e um perfil lateral semelhante ao das peças ibéricas (ligeiramente triangular, com dois lados mais retos e mais bem definidos (arco, incluindo a zona que liga ao descanso) e um lado completamente curvo (fusilhão)).
- Origem da morfologia: Não nos é possível averiguar este ponto ao certo. Diversas tipologias têm uma clara origem meridional (por exemplo, o tipo 341 da classe XLI será originário da Calábria (Lo Schiavo, 2010:675)) ou até siciliana, mas não nos foi possível confirmar se a morfologia em si também a terá (tal será bastante provável e quiçá a opção mais plausível, mas, afinal, a obra de Fulvia Lo Schiavo (2010) a que tivemos acesso e que aqui utilizamos abundantemente só cataloga as fíbulas itálicas meridionais e sicilianas, pelo que não possuímos uma visão completa dos achados peninsulares).
- Local de achado: Depende também bastante da tipologia. A Sul, este género de fíbulas encontra-se em todas as regiões (com um foco em certas áreas específicas para certos tipos; os 360 e 361 acima mencionados, por exemplo, concentram-se na Campânia, Calábria e, fora da península, na Sicília). Algumas peças de tipologia meridional encontram-se também no Lazio, na Etrúria e até em algumas áreas mais setentrionais (Ponte, 2006:82; Lo Schiavo, 2010:676, 693, 713, 720). É possível que existam tipos específicos não meridionais, mas não o conseguimos averiguar.
- Local de produção: Estas peças terão sido produzidas em diversos locais no Sul da Itália Continental (e na Sicília). No Centro e Norte, novamente, é-nos mais difícil apurar dados.

- Cronologia: I Idade do Ferro e, nalguns casos, Período Orientalizante; séculos X a.C. (final) a VIII/VII a.C.
 - Contexto: Quando conhecidos, frequentemente funerários.
 - Função: Utilitária e estética (alfinete para a roupa); espólio fúnebre. Talvez artigos de luxo usufruídos por elites.
 - Outras possíveis exportações desta influência, fora da Península Ibérica: Estas fíbulas são igualmente abundantes na Sicília (Lo Schiavo, 2010:661-741; existindo inclusivamente tipos sicilianos), e conhecem-se também na Sardenha (proveniente do depósito de S'Adde 'e S'Ulu, em Usini (província de Sassari, Noroeste da ilha) (Milletti, 2012:30, Tav. II) e, com as devidas reservas (Guilaine e Verger, 2008:230-232), em França (pelo menos três exemplares, sem contexto, mas quiçá provenientes de Amiens (departamento de Somme, região de Altos da França) (x 02) e de Vieille-Toulouse (departamento do Alto Garona, região administrativa da Occitânia) (x 01) (Duval *et al.*, 1974:32-33)).
- Bibliografia relevante:
 - Arruda *et al.*, 2022
 - Cuadraro Díaz, 1963:24
 - Duval *et al.*, 1974:32-33, 35, 38-40
 - Giardino, 1985:242, 245, 248-249
 - Gomá Rodríguez, 2019:85-86, 89
 - Guilaine e Verger, 2008:230-232
 - Lo Schiavo, 2010:661-735, Tav. 416-522, 735-741, Tav. 522-524
 - Milletti, 2012:30, Tav. II
 - Ponte, 2006:95-111, 423-424
 - Imagens relevantes (diversas escalas):

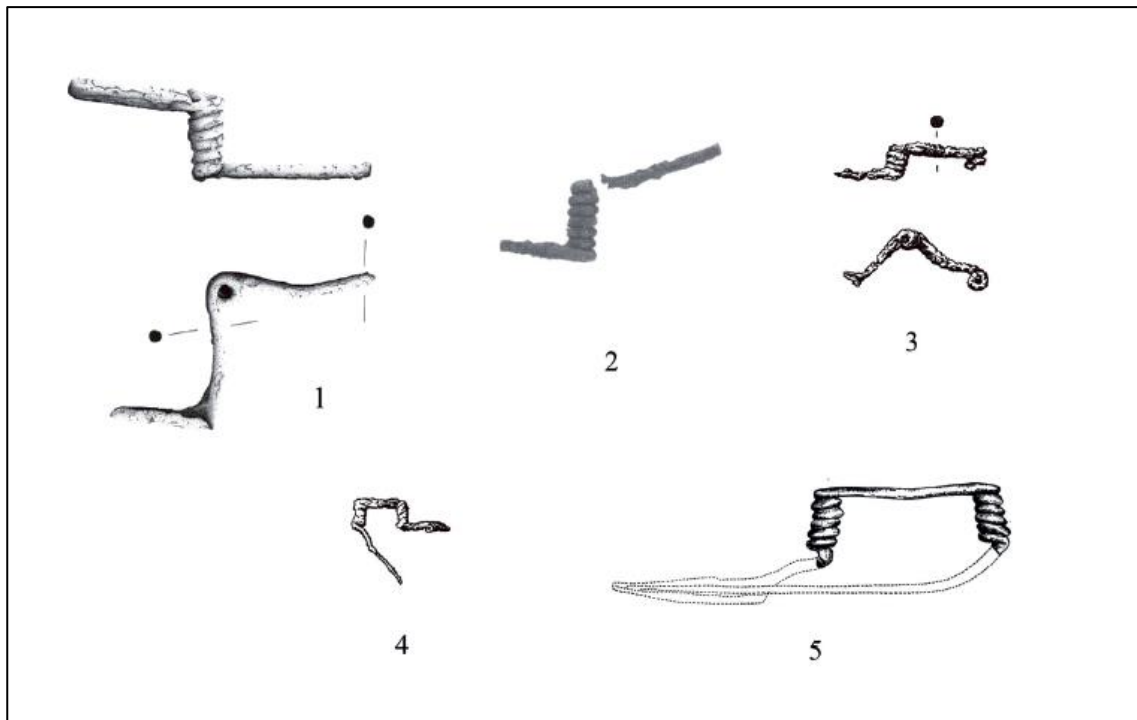


Figura 2.8.2.A – Representação de algumas fíbulas de tipo “Ponte 03 a” (1 – Torre Velha 3; 2 – Monte do Bolor 1-2; 3-4 – Quinta do Almaraz; 5 – Conímbriga). (Imagem retirada de: Arruda *et al.*, 2022:88.)



Figura 2.8.2.B – Fotografia de uma fíbula intacta de dupla mola exposta no Museo Nazionale Etrusco di Villa Giulia. (Fotografia tirada pela autora no referido museu (18/07/2021).)

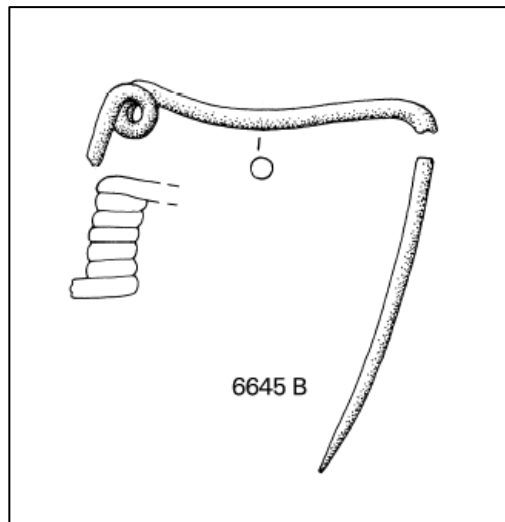


Figura 2.8.2.C – Representação de uma fíbula de dupla mola encontrada na colónia grega de Pitheculsa.
(Imagem retirada de: Lo Schiavo, 2010:Tav. 522.)



Figura 2.8.2.D – Distribuição das fíbulas de tipo “Ponte 03 a” acima referidas (com a mesma organização e legenda) na Península Ibérica (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”).

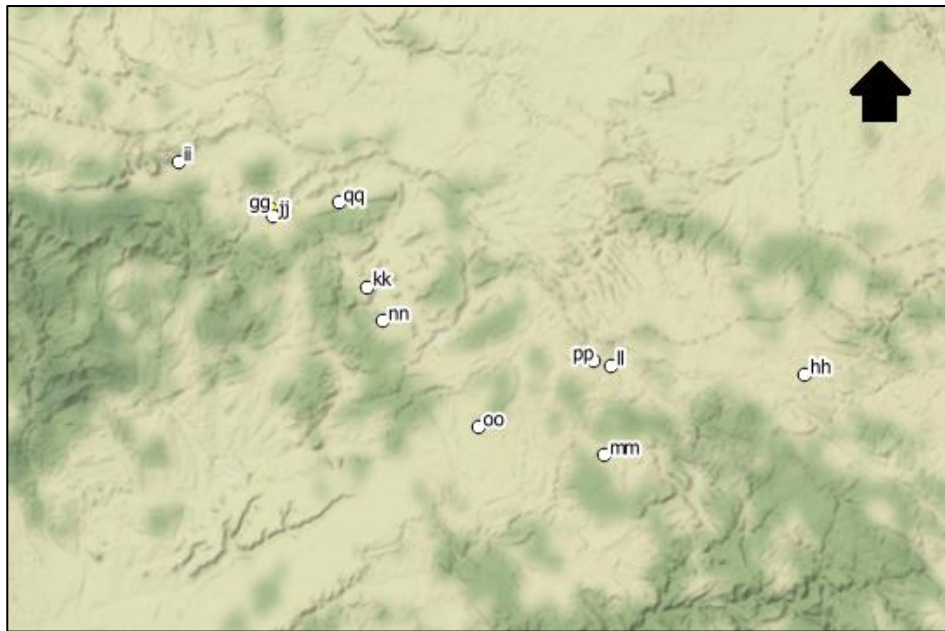


Figura 2.8.2.E – Aproximação às fibulas de tipo “Ponte 03 a” acima referidas da província de Guadalajara (onde se concentram vários exemplares, difíceis de ver na figura anterior) (escala 1/1.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)



Figura 2.8.2.F – Distribuição destas fíbulas dentro (a branco) e fora (a verde) da Península Ibérica (escala 1/17.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

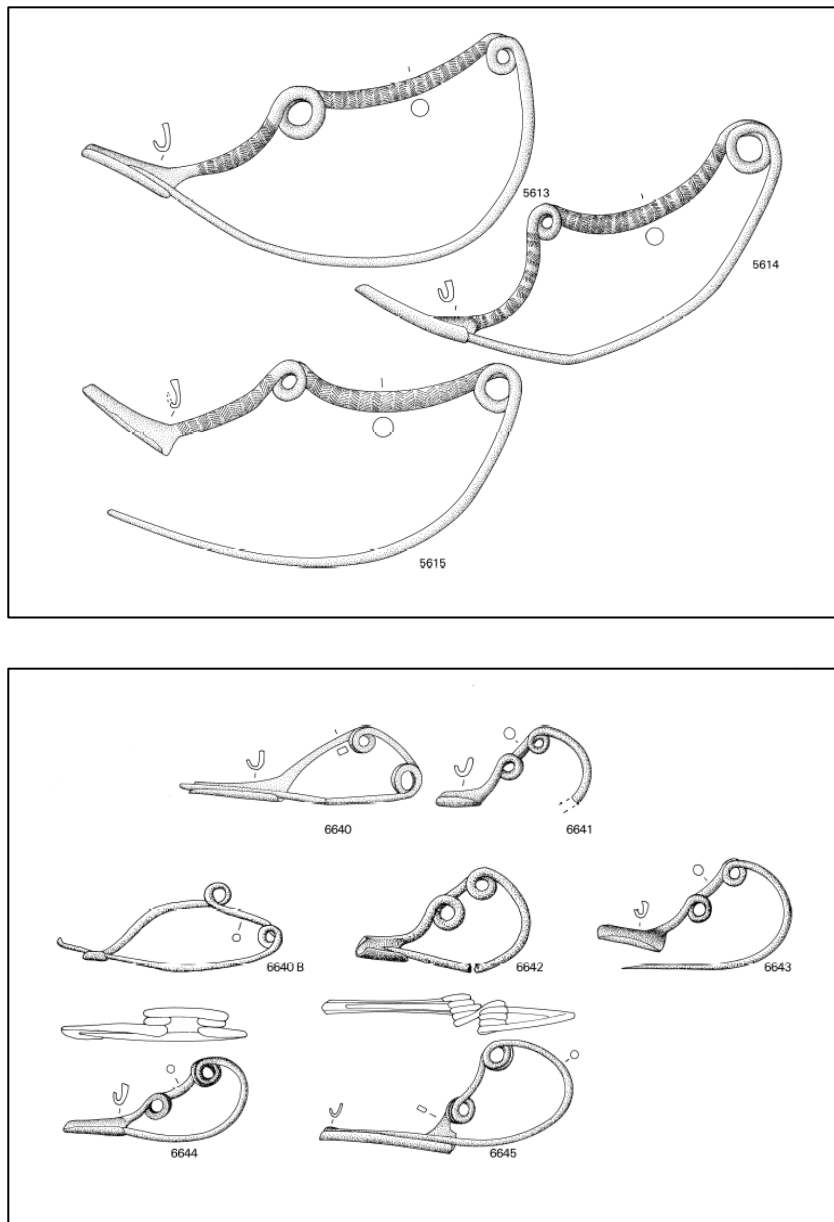


Figura 2.8.2.G – Representação de algumas fíbulas itálicas inseríveis nas Classes XLI (em cima) e XLII, tipos 360 e 361 (em baixo), de Lo Schiavo. (Imagem retirada de: Lo Schiavo, 2010:Tav. 417, Tav. 522.)

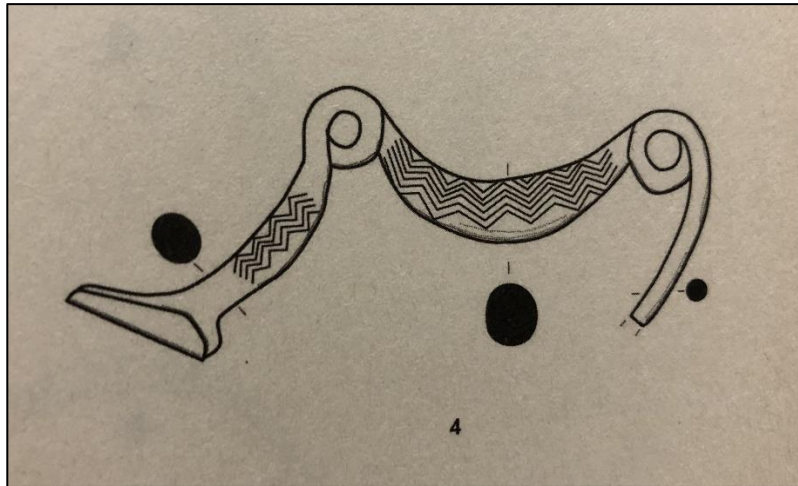


Figura 2.8.2.H – Representação da fíbula sarda acima mencionada (proveniente de S'Adde 'e S'Ullumu).
(Imagem retirada de: Milletti, 2012:Tav. II.)

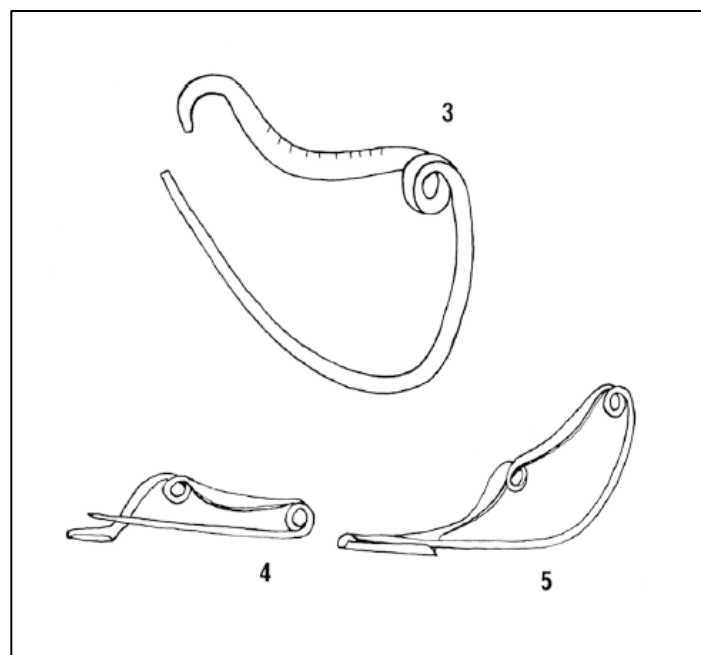


Figura 2.8.2.I – Representação das fíbulas francesas acima mencionadas (3 - Vieille-Toulouse (departamento do Alto Garona, região administrativa da Occitânia); 4 e 5 - Amiens (departamento de Somme, região de Altos da França)). (Imagem retirada: Duval *et al.*, 1974:32.)

Anexo II – Imagens referentes aos materiais não catalogados no Anexo I

1. Certos elementos decorativos em cerâmicas



Figura 1.A – Representação do vaso cerâmico de Agullana (província de Girona, comunidade autónoma da Catalunha) com possíveis “suásticas”. (Imagem retirada de: Neumaier, 2006:158.)



Figura 1.B – Fotografia de uma urna cinerária villanoviana decorada com suásticas e labirintos, proveniente de Tarquínia (província de Viterbo, região do Lazio). (Fotografia tirada pela autora no Museo Archeologico Nazionale di Tarquinia (03/07/2022).)



Figura 1.C – Área geral (e aproximada) de achado destes elementos decorativos na Península Ibérica (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

2. Representações em estelas e/ou petróglifos

2.1. Representações de “espelhos” em estelas e petróglifos

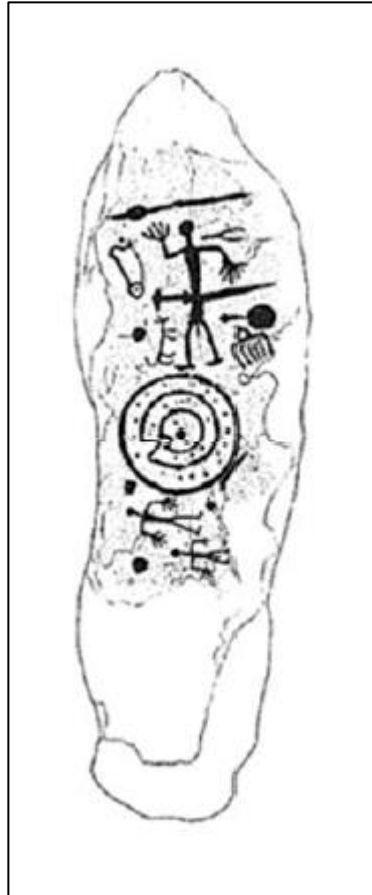


Figura 2.1.A – Representação da estela de Ervidel II, onde se pode observar a reprodução de um provável espelho. (Imagem retirada de: Gomá Rodríguez, 2017:lám. XXVIII.)

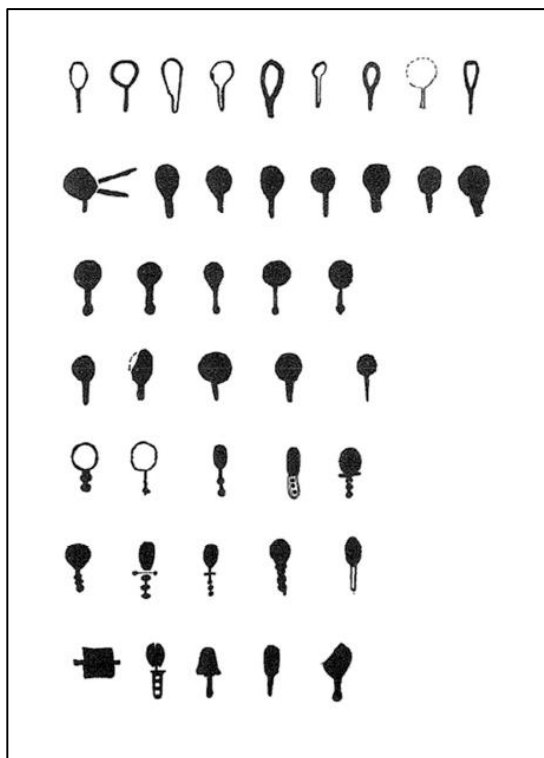


Figura 2.1.B – Representação de alguns possíveis “espelhos” em estelas ibéricas do Bronze Final (sem especificar o local de achado). (Imagem retirada de: Gomá Rodríguez, 2017:lám. lám. XXIX, que, por sua vez, a retirou de Richard Harrison (2004), *Symbols and Warriors*, p. 153.)

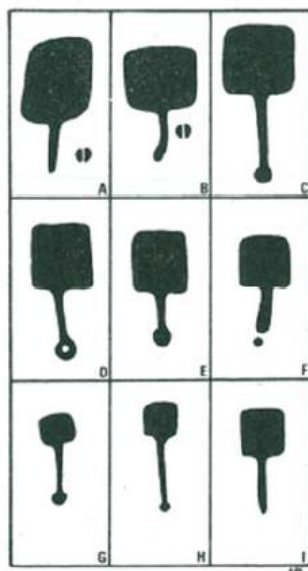


Figura 2.1.C – Representação de alguns possíveis “espelhos” quadrangulares em petróglifos ibéricos. (Imagem retirada de: Gomá Rodríguez, 2017:lám. XXXI).



Figura 2.1.D – Representação de alguns possíveis “espelhos” quadrangulares italianos, de Valcamonica (região da Lombardia). (Imagem retirada de: Gomá Rodríguez, 2017:lám. XXXI).



Figura 2.1.E – Localização (por vezes apenas aproximada e englobando vários exemplares num só ponto) das estelas (letras) e petróglifos (números) ibéricos mencionados nesta dissertação e relativos aos possíveis

“espelhos” (a) Baraçal II (Sabugal); b) Pedra da Atalaia I (Celorico da Beira); c) Ervidel II (Aljustrel); d) Robleda (prov. Salamanca); e) San Martin de Trevejo (prov. Cáceres); f) Puerto de Honduras (prov. Cáceres); g) Torrejon el Rubio I (prov. Cáceres); h) Solana de Cabanas (prov. Cáceres); i) Capilla II, IV e VIII (prov. Badajoz); j) Cabeza del Buey I e III (prov. Badajoz); k) Zarza Capilla I (prov. Badajoz); l) Esparragosa de Lares I (prov. Badajoz); m) Magacela (prov. Badajoz); n) Valdetorres I (prov. Badajoz); o) El Viso I, II, IV e VI (prov. Cordoba); p) Ategua (prov. Cordoba); q) Ecija I e II (prov. Sevilha); r) Aldea del Rey I (prov. Ciudad Real); 1) Portela de Laxe (prov. Pontevedra); 2) Matabois IV (prov. Pontevedra); 3) Ferraduras da Bemfeitas (Oliveira de Frades)) (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

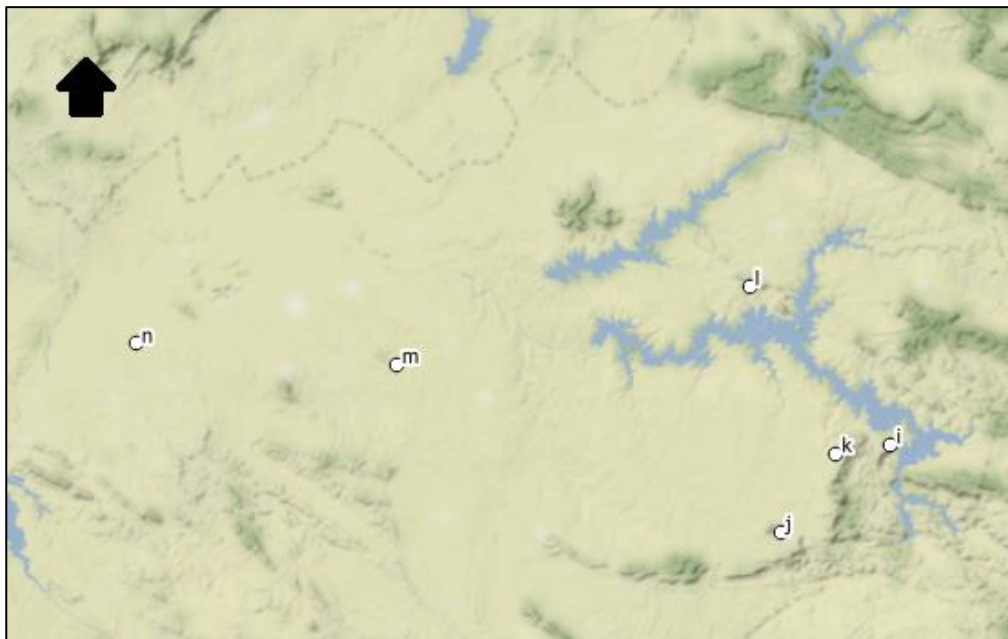


Figura 2.1.F – Aproximação às estelas com possíveis “espelhos” acima referidas da província de Badajoz (onde se concentram vários exemplares, difíceis de ver na figura anterior) (escala 1/1.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

2.2. Representações de “calcofones” em estelas

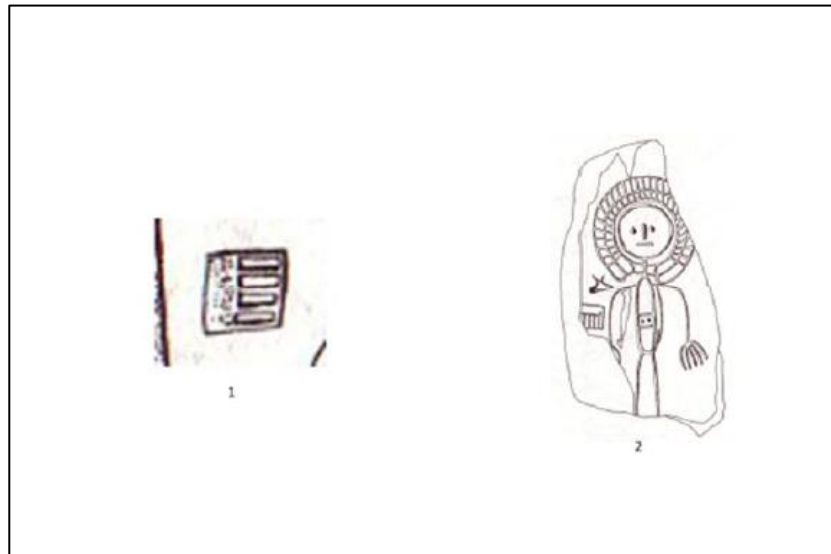


Figura 2.2.A – Representação de alguns possíveis “calcofones” em estelas ibéricas. (Imagem retirada de: Gomá Rodríguez, 2017:lám. L.)

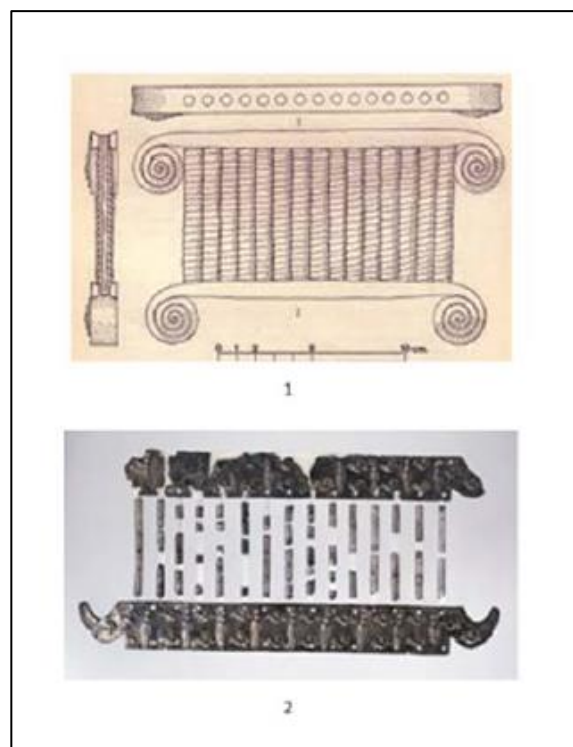


Figura 2.2.B – Representação de um calcofone encontrado em Francavilla Marittima (região da Calábria) e fotografia de um outro exemplar, proveniente de Palestrina (região do Lazio). (Imagem retirada de: Gomá Rodríguez, 2017:lám. LI.)



Figura 2.2.C – Localização (por vezes apenas aproximada e englobando vários exemplares num só ponto) das estelas ibéricas mencionadas nesta dissertação e relativas aos possíveis “calcofones” (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)

2.3. Representações de carros de Los Buitres

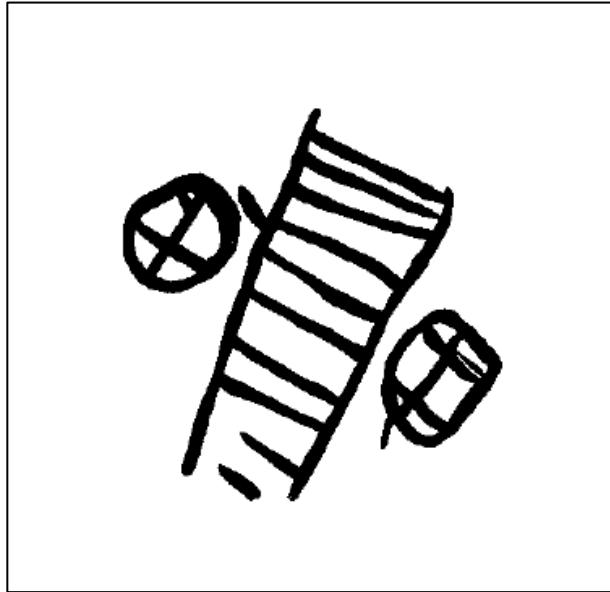


Figura 2.3.A – Representação de um dos carros dos “abrigos” de Los Buitres, cujas rodas se assemelham mais às italianas. (Imagem retirada de: Bécares Pérez, 1994:196.)



Figura 2.3.B – Reconstrução representativa das rodas de madeira encontradas em Mercurago. (Imagem retirada de: Mazzù, Gambari *et al.*, 2018:04.)



Figura 2.3.C – Localização aproximada das representações de carros de Los Buitres (escala 1/9.000.000).
(Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas
obtidas no “Google Maps”.)

2.4. Representações de couraças/protetores peitorais em estelas

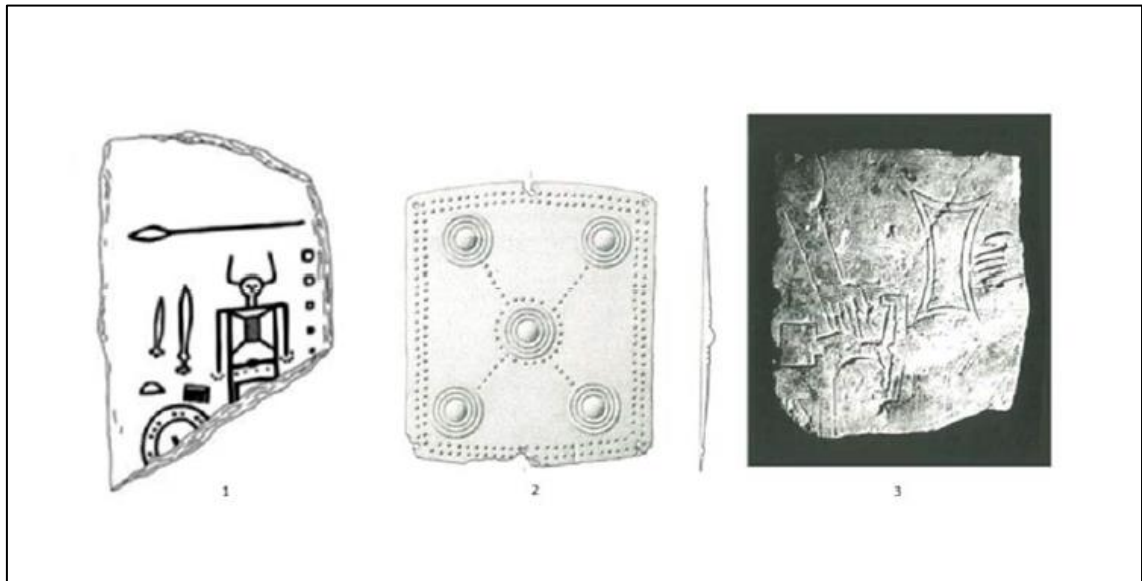


Figura 2.4.A – Representação do protetor peitoral quadrangular da estela Cortijo de la Reina II (1), de um protetor peitoral de Tarquinia (2) e de um protetor peitoral da estela “daunia” de Foggia (3). (Imagem retirada de: Gomá Rodríguez, 2017:lám. VI.)



Figura 2.4.B – Fotografia do protetor peitoral de Tarquinia, proveniente da “Tomba Monterozzi 9” da Necropoli delle Arcatelle. (Fotografia tirada pela autora no Museo Archeologico Nazionale di Tarquinia (03/07/2022).)



Figura 2.4.C – Localização aproximada das representações em estelas ibéricas dos possíveis protetores peitorais quadrangulares (escala 1/9.000.000). (Mapa realizado pela autora, no programa QGIS, com recurso a ficheiros raster do ESRI e a coordenadas obtidas no “Google Maps”.)